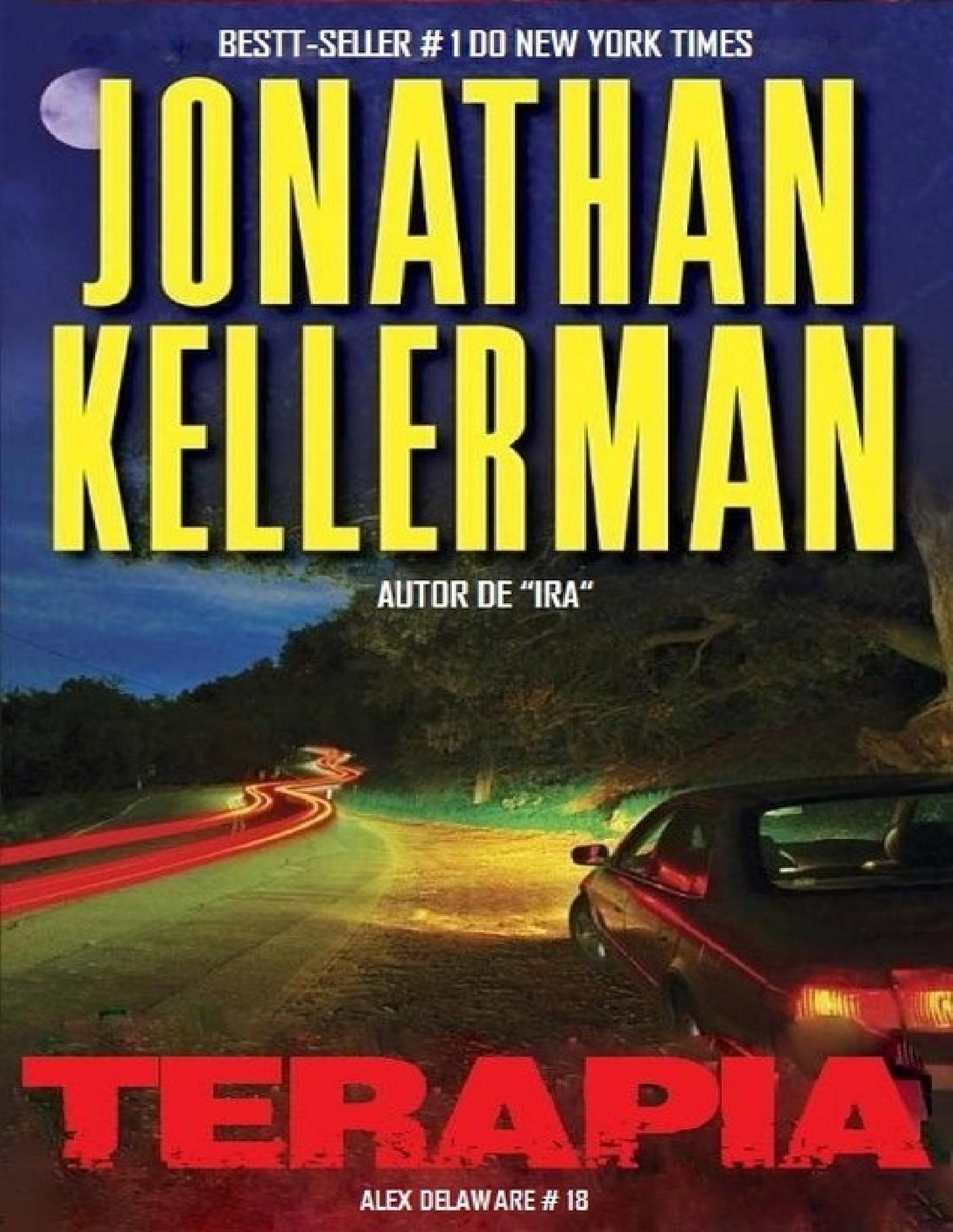


BESTT-SELLER # 1 DO NEW YORK TIMES

JONATHAN KELLERMAN

AUTOR DE "IRA"



TERAPIA

ALEX DELAWARE # 18

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JONATHAN KELLERMAN

1949

TERAPIA

Título original americano

THERAPY

2004

Tradução

Gilson B. Soares

Record, 2008

Jonathan Kellerman

Terapia

TRADUÇÃO DE

Gilson B. Soares

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Kellerman, Jonathan K38t Terapia / Jonathan Kellerman; tradução de Gilson Soares.

Rio de Janeiro. Record, 2008.

Tradução de Therapy

ISBN 978-85-0107730

CDD-813 08-1466 CDU-821.111(73)-3

Título original americano: THERAPY

Copyright © 2004 by Jonathan Kellerman

Capa Glenda Rubinstein

Composição de miolo. Glenda Rubinstein

Ilustrações Ricardo Cunha Lima

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 -Rio de Janeiro, RJ -20921-380-Tel: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

e ISBN 978-85-01-07730-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL PARA Caixa Postal 23.052 XX

Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

Orelhas

Jonathan Kellerman é considerado o grande nome do thriller psicológico. No mundo inteiro, os livros estrelados por Alex Delaware chegam sempre à lista de mais vendidos. Nesta nova aventura, o detetive e psicólogo está diante de uma investigação que o levará para um terreno do qual tem domínio absoluto: a psique humana e toda a sua complexidade e mistério.

“Faz um tempinho desde que tive um belo caso para resolver”, o detetive Milo Sturgis comenta com Alex Delaware. Entretanto, não há nada de belo atrás do cordão de isolamento que a dupla acaba de atravessar. Em uma rua deserta nas encostas de Los Angeles, um jovem casal é encontrado morto. Uma bala na testa de cada um, além de uma lança de metal cravada no peito da mulher. Avaliando o terrível cenário, Milo tem a certeza de estar diante da obra de um psicopata, o que o leva a desabafar com o colega: “Estamos entrando em seu território.” À medida que as investigações avançam, um mistério obstrui os trabalhos. A identidade da mulher permanece desconhecida. Ao que parece, a vítima não tinha amigos ou família. Já o companheiro é rapidamente identificado como Gavin Quick, rapaz com histórico familiar conturbado, motivo que o levou ao divã de um terapeuta. E é justamente nos consultórios que Alex Delaware pretende achar pistas para a solução do crime. Mas isso significa ficar cara a cara com a Dra. Mary Lou Koppel, psicóloga de celebridades e presença constante no rádio e na TV. Pelo visto, o trabalho de Delaware não será fácil.

Jonathan Kellerman é um dos mais populares autores de literatura policial dos EUA, com mais de vinte obras publicadas. A maioria dos seus livros alcançou a lista dos mais vendidos do *New York Times*. Dele, a Editora Record lançou *Duplo homicídio*, escrito a quatro mãos com a esposa, Faye Kellerman, *O livro do assassino* e *Um coração frio*. www.jonathankellerman.com

À memória de Warren Zevon

Agradecimentos especiais à Dra. Leah Ellenberg.

Capítulo 1

Alguns anos atrás um psicopata incendiou minha casa.

Na noite em que isso aconteceu, eu jantava fora com a mulher que projetou a casa e que vivia comigo. Voltávamos de carro por Beverly Glen quando as sirenes cortaram a escuridão, como os uivos de morte de um coiote.

O barulho morreu rapidamente, indicando que o incêndio era perto, mas não havia nenhuma razão para eu presumir o pior. A não ser que se seja do tipo agourento, o que se pensa é: “Alguma coisa ruim aconteceu com algum pobre-diabo.”

Naquela noite, descobri que não era bem assim.

Desde então, a sirene de uma ambulância ou carro de bombeiros agita alguma coisa dentro de mim — uma crispação nos ombros, um resfolegar, uma palpitação arritmica daquela coisa cor de ameixa que carrego no meu peito.

Pavlov estava certo.

Sou treinado como psicólogo clínico, podia fazer alguma coisa quanto a isso, mas preferi não fazer. As vezes a ansiedade me faz sentir vivo.

Quando as sirenes uivaram, eu e Milo estávamos jantando em um restaurante italiano no alto da Glen. Eram dez e meia de uma noite fresca de junho.

O restaurante fecha às onze, mas éramos os últimos clientes e o garçom parecia cansado. A mulher com quem eu estava na ocasião ministrava um curso noturno de psicologia na universidade e o companheiro de Milo, Rick Silverman, se encontrava ocupado na emergência do Cedars-Sinai, tentando salvar as cinco vítimas gravemente feridas de um engavetamento de dez carros na Auto-estrada Santa Monica.

Milo acabara de fechar o caso de um roubo seguido de múltiplos homicídios numa loja de bebidas em Pico Boulevard. A solução tinha exigido mais persistência do que trabalho cerebral. Sua posição permitia tocar os casos que já assumira, mas nenhum dos novos que cruzavam sua mesa.

Eu havia finalmente terminado de testemunhar nas audiências aparentemente intermináveis num processo de guarda empreendido por um famoso diretor de cinema e sua famosa esposa que era uma atriz. Eu começara a consulta com algum otimismo. O diretor já tinha sido ator, e tanto ele quanto a sua ex sabiam representar. Agora, três anos depois, duas crianças que tinham começado em muito boa forma estavam praticamente enlouquecendo após se mudarem para a França.

Milo e eu íamos encarando os pratos: focaccia com salada de minialcachofras, orecchiette recheados com espinafre, vitela moída. Nenhum de nós falava. Uma garrafa de vinho decente suavizava o silêncio. Ambos estávamos estranhamente contentes; a vida não era justa, mas fazíamos bem nosso trabalho.

Quando as sirenes soaram, mantive os olhos no meu prato. Milo parou de comer. O guardanapo que ele prendera no colarinho da camisa estava manchado com espinafre e azeite.

— Não se preocupe — disse ele, — Não é um incêndio.

— Quem está preocupado?

Ele afastou o cabelo da testa, pegou o garfo e a faca, espetou, mastigou, engoliu.

— Como é que você pode ter certeza? — perguntei.

— De que não é de bombeiro? Confie em mim. É da polícia. Conheço a frequência.

Uma segunda viatura passou uivando. Depois mais uma.

Ele puxou do bolso seu minúsculo celular e apertou um dos botoes. Um número salvo na memória foi chamado. Ergui as sobrancelhas.

— Só por curiosidade — ele explicou. A ligação foi atendida e ele falou. — Aqui é o tenente Sturgis. Que chamada acabou de sair das vizinhanças do alto Beverly Glen ? É, perto da Mulholland Drive.

Ele esperou, os olhos verdes com um tom castanho na luz fraca do restaurante. Sob o guardanapo manchado estava uma camisa pólo azul-bebê que realmente não combinava bem com sua complexão pálida. As cicatrizes de acne eram visíveis, suas papadas cheias como odres de vinho recém-enchidos. Longas costeletas brancas e crespas no rosto grande, um par de listras semelhantes ao de uma doninha brotava artificialmente de seu cabelo preto. Ele é um policial gay e meu melhor amigo.

— Então é isso — disse ele ao celular. — Algum detetive já foi designado? Certo, escute, por acaso estou nas proximidades, posso chegar em dez... não, quinze... digamos vinte minutos. Tá, tá, claro. Ele fechou o pequeno celular.

— Duplo homicídio, dois corpos num carro. Quando fecharmos a conta, vamos dar uma olhada. A cena do crime ainda está sendo isolada, e os técnicos ainda não chegaram lá, de modo que podemos pedir sobremesa. Que tal cannolli?

Dividimos a conta e ele se ofereceu para me levar até em casa, mas nenhum de nós levou isto a sério.

— Nesse caso — disse ele —, vamos pegar o Seville.

Dirigi rapidamente. A cena do crime ficava do lado oeste de um cruzamento entre Glen e Mulholland, seguindo uma estrada de granito estreita e maltratada, com uma placa na entrada dizendo PARTICULAR, que subia através de uma encosta coberta de sicômoros.

Uma radiopatrulha estava estacionada no início da estrada, Pendurado a uma árvore alta estava o letreiro À VENDA ostentando o logotipo de uma imobiliária de Westside. Milo mostrou o distintivo para o patrulheiro numa viatura e seguimos em frente.

No topo da estrada havia uma casa atrás de sebes altas escurecidas pela noite. Mais dois patrulheiros nos mandaram parar a dez metros dali. Estacionamos e continuamos a pé. O céu estava púrpura, o ar ainda acre com o rescaldo de dois incêndios na mata de início de verão, um perto de Camarillo, o outro para os lados de Tujunga. Os dois acabavam de ser debelados. Um havia sido causado por um bombeiro.

Por detrás das sebes estava uma pesada cerca de madeira. Portões duplos tinham sido deixados abertos. Os corpos estavam num Mustang vermelho conversível estacionado numa alameda para carros semicircular formada por lajes. A casa atrás da alameda era uma mansão desabitada, um estilo neo-hispânico, grande, que era provavelmente de uma alegre cor de pêssego à luz do dia. Aquela hora era de um cinza sombrio.

A alameda margeava um trecho do pátio da frente, sombreado por mais sicômoros — estes gigantescos. A casa parecia bem nova e a arquitetura havia sido arruinada por muitas janelas de formato esquisito, mas alguém tinha sido esperto o bastante para poupar as árvores.

A capota do pequeno carro vermelho estava arriada. Fiquei para trás e observei enquanto Milo se aproximava, tomando cuidado para não ultrapassar a fita. Não fez nada senão olhar. Momentos depois, dois peritos entraram na propriedade arrastando caixas num carrinho. Falaram com Milo brevemente, depois passaram por debaixo da fita.

Milo caminhou de volta ao Seville.

— Parece que houve ferimentos a bala nas duas cabeças, um cara e uma garota, jovens. Ele está no assento do motorista, ela junto dele. A braguilha do cara está aberta, e a camisa, semidesabotoada. A blusa dela foi tirada e jogada no banco de trás junto com o sutiã. Ela usava leggings pretas, que foram baixadas até os tornozelos, e as pernas estão abertas.

— Coisa de motel das estrelas? — perguntei.

— Casa vazia — disse ele. — Boa vizinhança. Provavelmente há uma linda vista a partir do pátio dos fundos. Dar umazinha à noite e tudo o mais? Claro.

— Se sabiam sobre a casa, poderiam morar na área.

— Ele parecia distinto, bem vestido. É, eu diria que vizinhos é uma aposta decente.

— Imagino por que o portão foi deixado aberto.

— Ou talvez não foi. E um deles tinha alguma ligação com a casa e o controle remoto para abrir o portão. Pelo que sabemos, a família de um dos dois construiu a casa. Os peritos farão o trabalho deles. Se a sorte ajudar, encontrarão as identidades nos bolsos. A placa do carro já está sendo verificada.

— Alguma arma à vista? — perguntei.

— Algo como assassinato seguido de suicídio? Não é provável. Ele esfregou o rosto. A mão foi até a boca, puxou para baixo o lábio inferior e o soltou de volta para cima. -Oque é?- falei.

— Dois tecos na cabeça e mais, Alex. Alguém enfiou o que parece ser uma lança curta ou uma flecha de besta no torso da garota. Aqui. — Ele tocou um ponto abaixo do seu esterno. — Pelo que pude ver, a flecha entrou direto através do corpo dela e está alojada no assento. O impacto sacudiu o corpo dela, ela está caída numa posição esquisita.

— Uma lança.

— Ela estava espetada, Alex. Uma bala no cérebro não foi o suficiente.

— Alguém queria ter certeza de sua morte — comentei. — Uma mensagem. Estavam realmente fazendo amor ou posicionados sexualmente?

Ele exibiu um sorriso assustador.

— Agora estamos entrando no seu território.

Capítulo 2

Os técnicos e o legista puseram luvas e fizeram seus trabalhos sob holofotes insensíveis. Milo falou com os patrulheiros que chegaram primeiro à cena do crime. Permaneci por ali.

Ele contornou um dos grandes sicômoros, disse alguma coisa para um aparente ouvinte, e um hispânico com ar nervoso, vestindo calças baggy, saiu de detrás do tronco. O homem falava gesticulando e parecia agitado. Milo ouviu um bocado. Tirou seu bloco e escreveu sem perder o contato visual. Quando terminou, permitiram ao hispânico deixar o local.

A lança cravada no peito da mulher parecia ser uma arma caseira confeccionada a partir de uma talisca de cerca de ferro batido. O legista que a manipulava, já solta, disse isto em voz alta enquanto carregava a peça para além do perímetro de fita amarela e a depositava num lençol para evidências.

Os patrulheiros vasculharam a propriedade à procura de uma cerca similar. Encontraram ferro em torno de uma piscina, mas era de diâmetro diferente.

O Departamento de Veículos Motorizados forneceu o registro do carro: o Mustang tinha um ano de uso e estava em nome de Jerome Allan Quick, de South Camden Drive, em Beverly Hills. Uma carteira no bolso da vítima masculina trazia uma licença de motorista que o confirmava como Gavin Ryan Quick. Haviam-se

passado dois meses desde o vigésimo aniversário do rapaz. Uma carteira de estudante o classificava como um segundanista de universidade, mas era de dois anos antes. Em outro bolso os técnicos encontraram um baseado enrolado e uma camisinha fechada. Outro preservativo, fora da embalagem mas intacto, foi encontrado no assoalho do Mustang.

Nem as calças legging pretas da garota nem sua blusa de seda dourada tinham bolsos. Nenhuma bolsa ou sacola de mão foram encontradas no carro ou em qualquer outro lugar. Loura, esguia, pálida,

bonita, ela continuava sem identificação. Mesmo depois que a lança foi removida, ela jazia contorcida, o peito perfurado ao céu noturno, pescoço torcido, olhos arregalados. Uma posição em estilo aranha que nenhuma criatura viva teria conseguido executar.

O legista não tinha como afirmar com certeza, mas acreditava, pelo borrico do sangue arterial, que ela estava viva enquanto era empalada.

Milo e eu seguimos para Beverly Hills. Mais uma vez ele se ofereceu para me deixar em casa; mais uma vez, eu ri. Allison deveria estar em casa àquela hora, mas não estávamos vivendo juntos, de modo que não havia razão para avisar a ela onde eu estava. Na época em que eu e Robin vivíamos juntos, eu avisava na maioria das vezes. Às vezes eu era negligente. O menor dos meus pecados.

— Quem era o cara que você interrogou? — perguntei.

O vigia noturno, empregado da imobiliária. Seu trabalho é fazer uma ronda no fim do dia, verificar as propriedades de alto preço, certificar-se de que tudo está seguro. A imobiliária dá a chave a seus corretores, e corretores de outras empresas podem obter cópias emprestadas. Supostamente um sistema seguro, mas as portas às vezes não são trancadas, janelas e portões são deixados abertos. Muito provavelmente o que aconteceu por aqui. A casa foi mostrada hoje por três corretores. Foi a última parada do vigia, que cobre todos os imóveis desde San Gabriel até a praia. Foi ele quem achou os corpos e telefonou.

— Mas você fez nele o teste residual, de qualquer modo.

— Fiz. Nenhum resíduo de disparo. Também irei checar os três corretores e os clientes.

Atravessei o Santa Monica Boulevard, dirigi para leste e segui rumo ao sul para Rodeo Drive. As lojas estavam fechadas, mas as fachadas reluziam. Um sem-teto empurrava um carrinho de supermercado diante da Gucci.

— Então você está assumindo o caso — comentei. Rodamos meio quarteirão antes de Milo responder.

— Já faz um bom tempo desde que tive um belo misteriozinho para decifrar. Bom para manter a forma.

Ele sempre alegou odiar casos misteriosos, mas não comentei nada. O último tinha sido algum tempo atrás, um assassino de sangue-frio que executava pessoas com talento artístico. No dia em que Milo arquivou seu relatório final, disse: “Estou pronto para alguns tiroteios de bar de baixo QI, bandidos empunhando armas fumegantes.”

— É isso aí, estou com ânsia por punição. Vamos esclarecer isto.

Jerome Allan Quick morava numa bela rua, um quarteirão e meio ao sul do Wilshire. Ficava a meio caminho de Beverly Hills, o que significava casas confortáveis em terrenos amplos que valiam entre um e dois milhões de dólares.

A residência Quick era uma casa branca tradicional de dois andares, aberta para a rua. Uma minivan branca e um Mercedes cinza-claro dividiam a alameda para carros. Luzes apagadas. Tudo parecia em paz. Isso iria mudar em breve.

Milo telefonou para o Departamento de Polícia de Beverly Hills para avisá-los de que tinha de fazer uma chamada de notificação, depois saltamos e caminhamos até a casa. Sua batida à porta evocou apenas silêncio. Seu toque de campainha atraiu passos e uma voz de mulher perguntando quem era.

— Polícia.

As luzes na entrada iluminaram o olho-mágico na porta, que se abriu e uma mulher disse:

— Polícia? O que está havendo?

Ela estava na casa dos 40 anos, em boa forma, mas tinha quadris largos. Usava um suéter aveludado, óculos pendurados numa correntinha e nada nos pés. O cabelo louro-acinzentado estava pintado de forma que demonstrasse um falso desleixo. Pelo menos quatro tons de louro que pude

distinguir na luz da entrada misturavam-se habilidosamente. As unhas estavam pintadas de prateado. A pele parecia cansada. Ela semicerrou os olhos e piscou. A casa estava em silêncio.

Não há nenhuma maneira boa de fazer o que Milo tinha de fazer. Ela se vergou e gritou, puxou os cabelos e o acusou de louco e de ser um maldito mentiroso. Depois seus olhos se arregalaram, a mão tapou a boca e um som de ânsia de vômito forçou caminho através dos lábios.

Fui o primeiro a segui-la até a cozinha, onde vomitou numa pia de aço inoxidável. Milo ficou parado no umbral da porta, parecendo infeliz, mas examinando o cômodo.

Enquanto a mulher vomitava convulsivamente, fiquei parado atrás dela, sem tocá-la. Quando terminou, entreguei-lhe uma toalha de papel.

— Obrigada, isto foi muito...

Ela esboçou um sorriso, depois viu-me como o estranho que eu era e começou a tremer incontrolavelmente.

Quando finalmente voltamos à sala de estar, ela permaneceu de pé e insistiu para que nos sentássemos. Eu e Milo nos acomodamos num sofá de brocado azul. A sala era bonita.

Ela nos fitou, os olhos injetados. Seu rosto tinha ficado pálido.

— Posso oferecer-lhes café e bolo?

— Não queremos incomodar, Sra. Quick — disse Milo.

— Podem me chamar de Sheila. — Ela se apressou de volta à cozinha. Milo fechava e abria as mãos. Meus olhos doíam. Olhei para uma reprodução de um quadro de Picasso retratando um velho guitarrista, para uma réplica em cerejeira de um carrilhão, flores rosadas de seda em um vaso de cristal, fotos de família. De Sheila Quick, de um homem grisalho, de uma garota de cabelo preto na casa dos anos, e do garoto no Mustang.

Ela retornou com duas canecas descombinadas de café instantâneo, uma jarra de leite em pó e um prato de biscoitos. Seus lábios estavam exangues.

— Lamento muito. Aqui está, talvez isto os faça se sentir melhor.

— Senhora... — começou Milo.

— Sheila. Meu marido está em Atlanta.

— A negócios?

— Jerry é um negociante de metais. Ele visita ferros-velhos, fundições, essas coisas. — Ela brincou com os cabelos. — Sirvam-se, por favor, são biscoitos Peperidye Farms.

Ao pegar um biscoito do prato, ela o deixou cair, tentou pegado, mas ele se esfarelou no carpete.

— Vejam só o que fiz! — Ela ergueu as mãos e chorou.

Milo foi gentil mas a interrogou, e ele e Sheila Quick entraram numa rotina: perguntas curtas dele, longas e evasivas respostas dela. Ela parecia hipnotizada pelo som da própria voz. Eu não queria pensar no que aconteceria depois que saíssemos.

Gavin Quick era o mais jovem dos dois filhos. Uma irmã de 23 anos chamada Kelly cursava direito na Universidade de Boston. Gavin era um garoto muito bom. Nada de drogas, nada de más companhias. A mãe não conseguia pensar em ninguém que quisesse fazer-lhe mal.

— É realmente uma pergunta bastante estúpida, detetive.

— E apenas uma coisa que tenho de perguntar, madame.

— Bem, isto não se aplica aqui. Ninguém desejaria fazer mal a Gavin, e ele já foi ferido o suficiente.

Milo esperou. Ela prosseguiu:

Ele esteve envolvido num terrível acidente de carro.

— Quando foi isso, madame?

— Há menos de um ano. Ele teve sorte de não ser... — Sua voz engasgou. Ela baixou a cabeça para as mãos, e as costas se arquearam e tremeram.

Levou um instante para exibir o rosto.

— Gavin tinha muitos amigos... colegas de faculdade, ele estava apenas terminando seu segundo ano na universidade, estudando economia. Ele se interessava por negócios... não nos negócios de Jerry Finanças, mercado imobiliário, coisas grandes.

— O que aconteceu?

— O que... ah, o acidente? Imprudência, imprudência absoluta, mas essa garotada ouviu alguém? Eles negam, mas estou certa de que andaram bebendo.

— Eles?

— O garoto que estava dirigindo... a companhia de seguros dele. Eles queriam reduzir sua responsabilidade. Obviamente. Um garoto de Whittier, Gavin o conhecia da escola. Ele foi morto, de modo que não podíamos incomodar seus pais, mas na hora em que a companhia de seguros assumiu para nos indenizar pelo tratamento médico de Gavin foi... vocês não precisam ouvir isto.

Ela pegou um lenço de papel e enxugou os olhos.

— O que exatamente aconteceu, Sra. Quick?

O que aconteceu? Seis deles colidiram com a droga de um pequeno Toyota e estavam a toda velocidade na Pacific Coast Highway. Tinham ido a um show em Ventura e voltavam para Los Angeles. O motorista... o rapaz que morreu, Lance Hernandez... perdeu a direção e avançou direto contra a montanha. Ele e o que estava no banco do carona morreram instantaneamente. Os dois rapazes no banco de trás junto com Gavin só se feriram leve mente. Gavin ficou espremido entre eles; ele era o mais magro, de modo que se sentava no meio, e não havia cinto de segurança. A Patrulha Rodoviária disse-nos que foi sorte dele estar tão espremido entre os dois, porque isto o impediu que saísse voando. Ele foi lançado à frente e bateu com a testa nas costas do assento do motorista. Seu ombro foi deslocado e alguns pequenos ossos nos seus pés quebraram, quando foram inclinados para trás. O engraçado é que não houve sangue, nenhuma contusão, apenas um pequeno inchaço na testa. Ele não ficou em coma nem nada, mas nos disseram que havia sofrido uma grave concussão. Ele teve uma perda de memória grave por alguns dias, realmente levou algumas semanas para sua cabeça voltar ao normal.

Quando o inchaço sarou, não havia nada de diferente. Mas sou mãe dele, sabia que havia alguma coisa.

— Diferente como, Sra. Quick?

— Mais quieto... isso importa? O que é que tem a ver?

— Reunindo antecedentes, madame.

— Bem, não vejo sentido nisso. Primeiro vocês chegam aqui e transformam minha vida em farrapos, depois vocês... desculpem, estou apenas descontando em vocês em vez de me matar. -Um sorriso enorme. — Primeiro meu filho é arremessado contra um banco de carro, agora vocês estão me dizendo que ele foi baleado por algum maníaco... onde aconteceu isto?

— Em Mulholland Drive, ao norte de Beverly Glen.

— Tão longe? Bem, eu não saberia dizer o que ele estava fazendo lá. — Ela nos olhou com um ceticismo recém-descoberto, como se esperando que estivéssemos errados sobre tudo.

— Ele estava dentro do carro dele junto com uma jovem mulher.

— Uma jovem... — A mão de Sheila amassou o lenço de papel.

— Loura, de boa aparência, bonita?

— Sim, madame.

— Kayla — disse ela. — Oh, meu Deus. Gavin e Kayla. Por que não me disseram que eram eles dois? Agora vou ter de contar a Paula e Stan... meu Deus, como é que vou...

— Kayla era namorada de Gavin?

— É... era. Não sei, eles eram alguma coisa. — Sheila pousou o lenço na almofada do sofá e sentou-se imóvel. O lenço de papel amarrado começou a se expandir, como se tivesse vontade própria,

e ela olhou para ele.

— Sra. Quick? — chamou Milo.

— Gavin e Kayla ficavam juntos de vez em quando — explicou ela. — Eles se conheceram na Beverly High. Depois do acidente, quando Gavin... — Ela sacudiu a cabeça. — Não tenho condições de contar aos pais dela, lamento... vocês contarão a eles?

— Claro. Qual é o sobrenome de Kayla e onde moram os pais dela?

— Vocês podem usar meu telefone da cozinha. Estou certa de que estão acordados, pelo menos Stan. Ele é uma criatura noturna. É músico, compõe jingles, temas de cinema. Faz muito sucesso. Eles moram nas Flats.

— O sobrenome, madame?

— Bartell. Costumava ser Bartelli ou algo italiano parecido. Kayla é loura, mas é italiana. Deve ser do norte da Itália. Pelo menos do lado de Stan, não sei onde Paula nasceu. Vocês acham que eu deveria ligar para meu marido em Atlanta? É realmente tarde lá, e tenho certeza de que ele teve um dia atarefado.

Milo fez mais algumas perguntas, não descobriu nada, conseguiu fazê-la beber um pouco do café instantâneo, descobriu o nome do médico da família, Barry Silver, e o acordou. O médico morava em Beverly Hills e disse que chegaria logo.

Milo pediu para ver o quarto de Gavin, e Sheila Quick levou-nos por uma escada acarpetada marrom, abriu a porta, deu um piparote num comutador de luz. O quarto era confortável e pintado de azul-claro e fedia a suor e podridão. Uma cama queen size estava desfeita, roupas amarrotadas empilhavam-se no chão, livros e jornais espalhavam-se ao acaso, pratos sujos e embalagens de hambúrgueres e batatas fritas enchiam os espaços vazios. Eu tinha visto a polícia deixar bocas de fumo mais organizadas após uma batida em busca de provas.

Sheila Quick comentou:

— Gavin costumava ser asseado. Antes do acidente. Eu tentei, mas desisti. — Ela deu de ombros. A vergonha coloriu sua face. Ela fechou a porta. — Algumas batalhas não merecem a luta. Vocês têm filhos?

Balançamos a cabeça negativamente.

Talvez tenham sorte.

Sheila insistiu para que saíssemos antes do médico chegar e quando Milo tentou argumentar, ela pressionou as mãos nas têmporas e fez uma careta, como se ele estivesse causando a sua grande dor.

— Deixem-me a sós com meus pensamentos. Por favor.

Claro, madame. — Ele conseguiu o endereço de Stan e Paula Bartell. A mesma rua, Camden Drive, a diversos quarteirões, mais de 1,5 km ao norte, do outro lado do distrito comercial.

— Nas Flats — reiterou Sheila. — Eles moram por ali.

Quando você vê tomadas de Beverly Hills nos filmes, é quase sempre nas Flats. Os diretores privilegiam ruas borradas de sol e orladas de palmeiras, como Foothill e Beverly, mas qualquer das amplas ruas encravadas entre Santa Monica e Sunset servirão quando a conotação é a riqueza original da Califórnia. Nas Flats, as cotações começavam em 2 milhões de dólares e camadas de estuque artificialmente aumentadas podem trazer mais que o triplo desta quantia.

Turistas do Leste costumam ter a mesma impressão da área: tão limpa, tão verde, e lotes tão mesquinhos. Casas que seriam favorecidas com uma área ampla em Greenwich, Scarsdale ou Shaker Heights são encaixotadas em retângulos de um quarto de hectare. O que não impede os residentes de erigir mansões imitando Newport de milhares de metros quadrados que acotovelam seus vizinhos.

A casa Bartell era uma dessas, um bolo de casamento volumoso de frente plana instalado atrás de um pátio deplorável que era principalmente um acesso circular para carros. Cercas brancas encimadas por remates dourados protegiam a propriedade. Um letreiro de segurança prometendo SEGURANÇA

ARMADA pendia perto do portão eletrificado. Através da cerca, portas duplas com vidro fosco estavam iluminadas por trás em um tom azul-esverdeado. Acima delas, uma portinhola gigante mostrava um lustre com cristais. Nenhum veículo à frente; uma garagem para quatro carros fornecia abrigo para bichinhos de estimação de quatro rodas.

Milo tomou fôlego.

— Mais uma vez com emoção — disse ele e saltamos. Carros zuniam pelo Sunset, mas a North Camden Drive estava tranquila.

Beverly Hills tinha uma preferência por árvores, e as que se perfilavam por Camden eram magnólias que adorariam a Carolina do Sul. Aqui elas ficavam tolhidas pela aridez e pela poluição, mas umas poucas estavam florindo e eu podia sentir a fragrância.

Milo apertou um botão na caixa do interfone. Um homem rosnou.

— Sim?

— Sr. Bartell?

— Quem é?

— Polícia.

— Sobre o quê?

— Poderíamos entrar, por favor?

— Do que se trata? Milo franziu o cenho.

— Sua filha, senhor.

— Minha... esperem aí.

Segundos depois, luzes inundaram a frente da casa. Reparei que as portas de vidro eram flanqueadas por laranjeiras plantadas em vasos. Uma estava envergando. As portas se abriram e um homem alto caminhou através do pátio. Parou a cinco metros de nós, protegeu os olhos com as mãos, deu mais três passos e entrou na luz dos refletores, como um artista.

— Do que se trata? — disse numa voz profunda e áspera.

Stan Bartell se aproximou. No final dos seus 50 anos, bronzeado de Palm Springs. Um homem grandão com ombros poderosos, um nariz de gavião, lábios finos, queixo protuberante. O cabelo branco engomado estava preso para trás num rabo-de-cavalo. Usava óculos de moldura preta, um fino cordão de ouro em volta do pescoço e um iridescente robe de veludo bordô que se arrastava pelo chão.

Milo mostrou seu distintivo, porém Bartell não chegou mais perto.

— O que há com minha filha?

— Senhor, acho que seria melhor entrarmos.

Bartell tirou os óculos e nos examinou. Seus olhos eram apertados escuros, analíticos.

— Vocês são da polícia de Beverly Hills?

— Los Angeles.

— Então o que estão fazendo aqui? Vou averiguar isto, e se for uma armação vocês foram avisados. — Ele voltou para a casa, fechando a porta atrás de si.

Esperamos na calçada. Faróis apareceram no lado sul do quarteirão, seguidos por sons graves de motor enquanto um Lincoln Navigator passava lentamente. Ao volante estava um garoto que não devia ter mais de 15 anos, o boné de beisebol surrado virado para trás, música hip hop fluindo dos alto-falantes. O carro prosseguiu para o Sunset, cruzando a Strip.

Cinco minutos se passaram sem qualquer palavra ou sinal de vida de Stan Bartell.

— Quantos detalhes o Departamento de Polícia de Beverly Hills dará a ele?

Quem sabe?

Esperamos mais dois minutos. Milo passou a mão ao longo das taliscas brancas da cerca. Olhou para o letreiro da segurança. Eu sabia o que ele estava pensando: todas as medidas de segurança do mundo.

O portão eletrificado se abriu. Stan Bartell saiu da casa, parou nos degraus da frente e acenou para entrarmos. Quando chegamos à porta, ele disse:

— A única coisa que eles sabem sobre o fato de a polícia de Los Angeles estar aqui é algo que chamam de notificação sobre um garoto que minha filha conhece. Deixe-me ver sua credencial, só para ter certeza.

Milo a mostrou.

— Você é o cara — disse Bartell. — E quanto ao tal de Gavin Quick?

— Você o conhece?

— Como eu disse, é minha filha que conhece o garoto. — Bartell enfiou as mãos nos bolsos do robe. — A notificação significa o que acho que seja?

— Gavin Quick foi assassinado — disse Milo.

— O que minha filha tem a ver com isso?

— Uma garota foi encontrada junto com Gavin. Jovem, loura...

— Besteira — disse Bartell. — Não era Kayla. — Onde está Kayla?

— Saiu. Liguei para ela do meu celular. Vamos, eu mostrarei a vocês.

Nós o seguimos. O vestíbulo de entrada tinha um pé-direito de quase sete metros de altura, pavimentado com mármore, bem maior do que a sala de estar dos Quick. A casa era uma orgia de bege, com exceção de flores de vidro cor de ametista espalhadas por toda parte. Enormes telas abstratas sem moldura eram pintadas em variações descompromissadas sobre o mesmo tom de terra.

Sem falar nem uma única palavra, Stan Bartell nos conduziu, passando por vários cômodos enormes, até um escritório nos fundos com piso de tábuas e teto de vigas. Um sofá, duas cadeiras dobráveis, um piano de cauda, um órgão elétrico, sintetizadores, mixadores, um saxofone sobre um apoio e, num estojo aberto, uma magnífica guitarra que reconheci como uma D'Aquisto de 50 mil dólares.

Nas paredes havia discos de ouro emoldurados.

Bartell desabou no sofá, apontou um dedo acusador para Milo e puxou um celular do bolso. Discou, pôs o fone junto ao ouvido, esperou.

Não houve resposta.

— Isto não quer dizer nada — disse ele. Depois sua face de bronze desmoronou e ele irrompeu em soluços.

Milo e eu ficamos ali, desamparados. Finalmente, Bartell disse:

— O que foi que aquele merdinha fez com ela?

— Gavin?

— Eu disse a Kaylie que ele era esquisito, para ficar longe dele. Principalmente depois do acidente... sabe sobre a porra do acidente, não sabe? Deve ter causado alguma lesão cerebral no escro...

— A mãe dele... Aquela puta louca.

— Você teve problemas com eles?

— Ela é pirada — afirmou Bartell.

— De que maneira?

— Simplesmente esquisita. Nunca sai de casa. O problema era o filho dela dando em cima do meu anjo. — Os punhos de Bartell eram enormes. Ele ergueu os olhos para o teto e oscilou. — Oh, meu Deus, isto é mau, é mau pra cacete! — Seus olhos faiscavam, em pânico.

— Minha mulher... ela está em Aspen. Ela não esquia, mas vai para lá no verão. Para fazer compras, respirar ar puro. Oh, merda, ela vai morrer, ela vai ter a porra de um colapso e morrer.

Bartell inclinou-se, agarrou os joelhos e oscilou um pouco mais

— Como uma coisa dessas pode acontecer? Milo disse:

— Por que acha que Gavin Quick iria machucar Kayla?

Porque ele era... o garoto era esquisito. Kaylie o conhecia da escola. Ela rompeu com ele um monte de vezes, mas ele continuou voltando, e ela continuou a desencorajá-lo, embora com delicadeza em excesso. O sacaninha aparecia, ficava fuçando até mesmo quando Kaylie não estava. Ficava me paparicando, como se puxar o saco do velho ajudasse em alguma coisa. Trabalho em casa, estou tentando completar algum trabalho, e o sacaninha fica me aporrinhando sobre música, tentando manter uma conversa como se entendesse alguma coisa. Faço um monte de jingles, tenho prazos a cumprir, você acha que quero discutir merda alternativa com um garoto babaca? Ele ficava sentado aí, nunca queria ir embora. Finalmente, disse à empregada para não deixá-lo mais entrar.

— Obsessivo, não? — comentei. Bartell pendeu a cabeça.

— Ele ficou mais obsessivo depois do acidente? — perguntou Milo. Bartell ergueu a vista.

— Quer dizer que foi ele.

— É improvável, Sr. Bartell. Nenhuma arma foi encontrada na cena, de modo que meu instinto me diz que ele foi apenas uma vítima.

— O que está dizendo? Que porra você está... Passos, passos leves, fizeram nós três nos virarmos.

Uma bela jovem, em jeans apertados de cintura baixa com brilho e uma blusa preta curta que expunha um abdome liso e bronzeado, estava parada à soleira da porta. Dois piercings na barriga, um deles com um pingente cor de turquesa. Sobre o ombro trazia uma bolsa de seda preta bordada com flores de seda. Ela estava maquiada demais, tinha nariz adunco e queixo forte. O cabelo era longo, liso, cor de palha nova. A blusa revelava seios luminosos. Um grande K” de ouro preso num cordão repousava na fenda do decote.

O bronzeado de Stan Bartell se transformou num bege borrado.

— O quê... — Ele bateu com a mão sobre o coração, depois foi com ambas as mãos estendidas na direção da garota. — Meu bebê! Meu bebê!

A garota franziu o cenho:

— O que foi, papai?

Capítulo 3

Onde diabos você esteve? — perguntou Stan Bartell.

Kayla Bartell olhou para o pai como se ele tivesse ficado louco.

— Saí.

— Com quem?

— Amigos.

— Liguei para o seu celular.

Kayla deu de ombros.

— Eu o deixei desligado. A boate estava barulhenta. Eu não poderia ouvir, de qualquer modo.

Bartell começou a dizer alguma coisa, depois a puxou para si e abraçou-a.

Ela olhou para nós, como se esperando ser resgatada.

— Pai...

— Graças a Deus — disse Bartell. — Obrigado, meu Deus!

— Quem são essas pessoas, papai?

Bartell soltou a filha e olhou afogueado para nós.

— Podem ir.

— Sr. Bartell... — começou Milo.

— Não! — gritou Bartell. — Fora. Agora.

— Quem são eles, pai?

— Eles não são ninguém.

Milo insistiu: — Quando for possível, eu gostaria de falar com Kayla.

— Só quando as galinhas tiverem dentes.

Quando chegamos à porta, Bartell ficou parado nos degraus da frente e acionou um controle remoto. Os portões deslizaram, abrindo-se. Milo e eu mal tivemos tempos de passar antes que se fechassem de novo.

Bartell bateu a porta. Milo disse: — O policial camarada da vizinhança. Fazendo amigos e espalhando alegria aonde quer que vá.

Enquanto nosso carro se afastava, Milo comentou: — Interessante como Bartell presumiu que Gavin tinha feito alguma coisa com Kayla. Você usou a palavra “obsessivo”.

— A hostilidade de Bartell poderia ser apenas ressentimento por ele ficar dando em cima do seu anjo. Mas o comportamento obsessivo pode ser efeito colateral da lesão cerebral.

— E quanto àquele quarto emporcalhado? A mãe do garoto alega que ele costumava ser asseado. Isto combina com lesão cerebral?

— Se você levar uma pancada forte nos lóbulos frontais, podem ocorrer todos os tipos de alterações.

— Permanentes?

— Depende da gravidade da lesão. Em muitos casos, são temporárias.

— Gavin sofreu o acidente dez meses atrás.

— Não é um bom sinal — repliquei. — Eu gostaria de saber como ele estava ultimamente, no geral. A carteira de estudante no bolso dele estava vencida há dois anos. Presumindo que abandonou os estudos, o que esteve fazendo desde então?

— Talvez se juntando ao lado mau das pessoas erradas — disse ele. -Tornando-se obsessivo. Terei outra conversa com Sheila. Bartell disse que ela é esquisita. Você percebeu alguma coisa?

— No contexto em que a vimos, qualquer coisa menor do que um colapso seria esquisita.

— É... irei conferir com o pai quando ele voltar de Atlanta. Adoro meu trabalho... o suficiente por uma noite. Deixe-me na Glen e boa noite.

Peguei o Sunset e cruzei a divisa em Holmby Hills.

— A grande pergunta agora é — disse Milo — quem é a garota. E por que foi empalada e Gavin não?

— Isto e a maneira como foi deixada indicam algo de sexual

— repliquei. — Elimine o homem e prossiga seu caminho com a mulher.

— Acha que o legista encontrará evidência de ataque sexual?

— Se estivermos lidando com um psicopata sexual, a empalação bastaria.

— Penetração alternativa? Assenti.

— Então talvez seja uma coisa desvirtuada — continuou ele. Nada a ver com as vítimas, apenas um casal de garotos que por acaso estava no lugar errado na hora errada.

— Eu seguiria este caminho — falei. Ele riu suavemente.

— E eu me ofereci para este caso.

— Quem melhor que você?

— Para... ?

— Para fazer um bom trabalho.

Ele não respondeu. Reduzi a velocidade por duas vezes, peguei uma reta e olhei para ele. A mais trivial desculpa para um sorriso se formou através de seus lábios,

— Isso é que é amigo — disse.

Na manhã seguinte tive um café da manhã antecipado com Allison Gwynn antes do primeiro paciente dela. O consultório ficava em Santa Monica, na Montana, a leste de Boutique Row, e nos encontramos numa cafeteria próxima. Eram 7h40 da manhã, e o lugar ainda não se enchera com gente ociosa. Allison usava um terninho de Unho branco e sandálias brancas que contrastavam com seu longo cabelo preto. Ela nunca sai sem se maquiar e usar um sortimento de joias autênticas.

Hoje era coral e ouro, peças que escolhêramos numa viagem recente a Santa Fé.

Quando cheguei, ela já estava na metade de uma xícara de café.

— Bom-dia. E não é que você está maravilhoso.

Beijei-a e me sentei.

— Bom-dia, linda.

Estávamos juntos por pouco mais de seis meses, ainda no estágio em que a pulsação acelerava e o corpo afogueava.

Pedimos pão-doce e começamos a engrenar uma conversa em tom coloquial. De início abobrinhas, depois troça sexual, por fim trabalho, um assunto que pode matar um relacionamento, mas até então eu estava gostando.

Ela continuou. Semana atarefada, classificando material para os cursos que ministrava, muitos pacientes, seu trabalho como voluntária em um hospício. Finalmente passamos a falar sobre a noite anterior. Allison tem interesse pelo que faço — mais do que simples interesse. Ela sente atração pelos aspectos mais feios do comportamento humano, e às vezes imagino se isto não faz parte da nossa argamassa. Talvez seja experiência de vida. Ela foi sexualmente humilhada na adolescência, enviuvou aos 20 e poucos anos, carrega uma arma na bolsa e adora atirar em alvos de papel com forma humana. Não penso muito sobre isso. Análise em excesso para uma vida tão curta.

Descrevi a cena do crime.

— Mulholland Drive. Quando eu estudava na Beverly, nós costumávamos ir até lá o tempo todo para namorar.

— Nós? Ela sorriu.

— Eu e as outras pretensas virgens.

— Uma experiência religiosa.

— Não naquele tempo, pode estar certo disso — replicou ela. Garotões e tudo mais... entusiasmo excessivo e nada de finesse,

Eu ri.

— Então era um ponto de transa bem conhecido.

— Que você perdeu, meu pobre garoto do Meio-Oeste. Muiholland era o lugar para se transar. Provavelmente ainda é, embora menos gente esteja indo lá porque a garotada agora tem permissão para trepar nos próprios quartos. Fico espantada com a quantidade de pacientes meus que estão nessa. Você conhece o fundamento lógico. É melhor saber onde eles estão.

— Neste exato momento há duas famílias que provavelmente pensavam desta maneira.

Ela colocou o cabelo para trás da orelha.

— Isto é trágico.

O pão doce chegou, quente, coberto com lascas de amêndoa. Ela disse:

— Uma casa vazia. Aquela criatividade que não tivemos. Eles provavelmente viram o letreiro À VENDA e o portão aberto, aproveitando a oportunidade. Pobres pais. Primeiro o acidente com o carro, agora isto. Você mencionou que ele tinha mudado. De que maneira?

— O quarto estava uma bagunça, e a mãe disse que ele sempre tinha sido asseado. Não falou mais muita coisa. Não era hora de pressioná-la.

— Não, claro que não.

— O pai da ex-namorada o descreveu como obsessivo.

— De que maneira?

— Aparecendo na casa da garota inesperadamente. Quando ela não estava, ele ficava por lá, incomodando o pai dela, fazendo perguntas. O pai também disse que Gavin tinha sido excessivamente persistente com sua filha. Sua primeira reação quando pensou que a filha estava morta foi de que Gavin havia feito alguma coisa com ela.

— Isto poderia ser mais uma reação de pai protetor.

— Poderia.

— Houve alguma síndrome pós-concussão? — perguntou ela. Perda de consciência, visão borrada, desorientação?

— Uma perda de memória transitória, foi tudo que a mãe mencionou.

— O acidente foi meses atrás. E a mãe ainda está falando sobre como ele mudou.

— Eu sei. O dano poderia ter sido permanente. Mas não estou certo de que qualquer coisa disso importe, Ally.

Locais de encontros amorosos atraem voyeurs ou coisa pior. Ou Gavin e a garota foram interrompidos no meio do coito, ou foram posicionados para parecer assim.

— Um psicopata. — Ela estudou o pão-doce, mas não tocou nele. Sorriu. — Para usar linguagem técnica.

— Ainda está um pouco cedo para tecnicidades — repliquei.

— Mulholland Drive — disse ela. — As coisas que fazemos quando achamos que somos imortais.

Caminhamos por três quarteirões até o consultório de Allison. A mão dela estava pousada em meu braço. Seus sapatos brancos abertos nas pontas tinham saltos bem altos, que faziam o topo de sua cabeça alinhar-se com meu lábio inferior. Um sopro de brisa oceânica agitou-lhe o cabelo e fios suaves tocaram minha face.

— Milo se ofereceu para este caso? — perguntou ela.

— Ele não precisou ser convencido.

— Imagino que faça sentido. Ele estava parecendo muito entediado ultimamente.

— Não tinha notado.

— Você o conhece melhor, mas ele me deixou esta impressão.

— Ele irá ganhar um bocado de estímulo neste caso.

— Bem como você.

— Como se eu precisasse. Ela riu.

— Vai ser bom para você também.

— Tenho aparentado tédio?

— Mais propriamente inquietação. Toda aquela energia de animal enjaulado.

Rosnei e bati no peito com a mão livre, soltando um berro de Tarzan em baixo volume. Duas mulheres que cruzavam nosso caminho rangeram os lábios e nos deram um amplo espaço enquanto passavam.

— Você acaba de ganhar seu dia — comentou Allison.

Milo, entediado. Ele se agarrava tanto ao estresse do trabalho, ao estresse pessoal, ao estado do mundo, qualquer coisa à mão, que jamais considerarei tal hipótese.

Quando Allison o vira pela última vez? Duas semanas atrás. Um jantar tarde da noite no Café Moghul, o restaurante indiano perto da delegacia que Milo usa como um segundo escritório. Os proprietários acreditam que sua presença assegura-lhes paz e segurança e o tratam como um marajá.

Naquela noite estavam Allison, eu e Rick. E o grandalhão foi tratado com um banquete de encher a pança. Allison e Milo por acaso sentaram-se lado a lado e terminaram conversando a maior parte da noite. Levou algum tempo para ele acostumar-se com ela. Com a noção de que eu estava de mulher nova.

Robin eu ficamos juntos por quase uma década, e Milo a adora. Robin havia encontrado a felicidade com outro homem. Eu achava que estava me saindo muito bem enquanto ela e eu tentávamos construir um novo tipo de amizade. Exceto quando isso não era verdade.

Eu esperava que Milo parasse de agir como uma criança em meio a uma disputa de guarda.

Na manhã seguinte ao jantar indiano, ele me ligou e disse:

— Você tem lá seus casos, mas quando se fixa em uma mulher, é pra valer.

No dia seguinte ao assassinato, ele telefonou:

— Nenhum sêmen na garota, nenhum sinal de estupro. A não ser que você incluía a lança. O mesmo calibre 22 foi usado para matar os dois, uma bala em cada um deles, direto na testa. Seu pistoleiro hostil ou descontrolado tenderia a esvaziar sua arma. O que significa que este era um cara confiante. Frio, talvez experiente.

— Confiante e cauteloso — falei. — E também não queria fazer muito barulho.

— Talvez. Embora, dado o local... a casa mais próxima fica a alguns hectares de distância... ele estava provavelmente à vontade para tirar proveito. Além disso, a arma teria feito apenas um pop pop, nenhum grande estampido.

Nenhum ferimento de saída, as balas ricochetearam no cérebro dos dois, causaram o dano esperado de um calibre 22.

— A garota foi identificada?

— Ainda não. As impressões digitais dela não parecem estar no sistema, embora eu não possa afirmar com certeza, porque o computador andou com problemas. Falei com os caras do Departamento de Pessoas Desaparecidas, que estão reunindo alguma papelada. Fiz um monte de ligações para outras delegacias, mas jovens louras não são um artigo raro no Pessoas Desaparecidas. Meu palpite é de que ela é provavelmente mais uma das amiguinhas de Beverly Hills de Gavin. Embora, se fosse, seria de esperar que alguém já estivesse dando pela falta dela. E ninguém em Beverly Hills ligou procurando uma garota desaparecida.

— Dormindo na casa de alguém — sugeri. — Hoje em dia os pais são mais brandos. E pais ricos costumam estar fora da cidade.

— Teria sido bom conversar com Kayla... enquanto isso, falei com o legista para bater algumas fotos pré-necropsia. Só para, quando voltar a procurá-los, ter pelo menos algo assustador para mostrar. Quase parece como se ela estivesse dormindo. Quero que os Quick deem uma olhada nisso, contando com a volta do pai, da irmã também. Liguei para eles, mas não atenderam, nada de secretária eletrônica.

— De luto.

— E agora vou interromper o processo. Quer se juntar a mim? Caso eu precise de ajuda no quesito sensibilidade?

Capítulo 4

Na luz do fim de tarde, a residência Quick era até mesmo mais bonita, bem cuidada, o gramado aparado, o pátio da frente orlado por canteiros de plantas. O estacionamento durante o dia era restrito aos proprietários. Milo havia colocado uma flâmula do Departamento de Polícia de Los Angeles em cima do seu para-lama, e entregou-me uma para o Seville. Na sua mão livre havia um envelope pardo.

Pus a flâmula no carro.

— Agora sou um policial.

— Hã-hã. Aqui vamos nós de novo. — Ele inclinou uma perna e flexionou o pescoço. Abrindo o envelope, extraiu uma foto da garota loura morta.

O rosto bonito era agora uma máscara pálida. Estudei os detalhes: nariz arrebitado, queixo com covinha, sobrancelhas perfuradas para piercing. Fios de cabelo amarelo que a câmera tornou esverdeado. A tonalidade esverdeada da pele é que era real. O buraco de bala era uma mancha preta de tamanho exagerado, inchada nas bordas, quase no centro da testa sem rugas. Contusões arroxeadas tinham se fixado em torno dos olhos — sangue que vazara do cérebro. Também resíduos de sangue sob o nariz. A boca estava levemente aberta. Os dentes eram retos e redondos.

Ao meu ver, nada parecido com “quase dormindo”.

Devolvi a foto e nos aproximamos da casa dos Quick.

Uma mulher de terninho preto atendeu. Mais jovem do que Sheila, ela era esguia, angulosa e morena, com feições e postura firmes. O cabelo escuro era curto, emplumado na frente, cheio de laquê

As mãos taparam os lábios.

— Desculpe, eu estava descansando. Milo mostrou seu distintivo.

— Isso não muda os fatos — disse ela.

— Sra...

— Eileen. Sou irmã de Sheila. Eis aqui minhas credenciais. — Ela tirou do bolso um cartão comercial de cor creme. O diamante em seu dedo era uma pera de três quilates.

Eileen Paxton

Vice-presidente sênior e Diretora financeira

Indústrias Digimorph

Simi Valley, Califórnia

— Digimorph — leu Milo.

— Realce computadorizado ultratecnológico. Fazemos trabalhos para filmes. Os maiores filmes. Milo sorriu para ela.

— Eis aqui um retrato, Sra. Paxton. — Ele mostrou a foto da necropsia.

O olhar de Eileen Paxton não se desviou, mas seus lábios funcionaram.

— Ela é a que foi encontrada com Gavin?

— Está reconhecendo-a, madame?

— Não, e nem teria como fazer isso. Pensei que Gavin tinha sido encontrado com a namorada dele. Aquela coisinha de nariz pontudo. É o que Sheila me contou.

— Sua irmã presumiu — informou Milo. — Uma presunção razoável, mas ela estava equivocada. É uma das razões por estarmos aqui.

Ele manteve a foto diante da visão de Eileen Paxton.

— Pode guardar essa coisa — pediu ela.

— O Sr. Quick já voltou de Atlanta?

— Ele está dormindo. Ambos estão.

— Quando acha que estarão disponíveis?

Como eu saberia? É um momento terrível para toda a família.

É sim, madame.

— Esta cidade. Este mundo.

— Tudo bem, então — disse Milo. — Verificaremos mais tarde. Viramo-nos para sair. Eileen Paxton começou a fechar a porta quando soou uma voz masculina:

— Quem está aí, Eileen?

Ela estava a meio caminho lá dentro e disse algo ininteligível. A voz de homem replicou. Mais alta. Milo e eu ficamos diante da casa. Um homem emergiu, de costas para nós, falando para o interior.

— Não preciso ser protegido, Eileen.

Resposta abafada. O homem fechou a porta, girou e olhou para nós.

— Sou Jerry Quick. Novidades sobre o assassino do meu filho? Alto, magro, ombros redondos, ele usava um suéter azul-marinho de gola rulê sobre calças caqui e tênis brancos. O cabelo grisalho rareando estava penteado com desleixo. O rosto era comprido, profundamente enrugado, queixo protuberante. Nódos azuladas marcavam a pele debaixo de olhos azuis encovados. As pálpebras estavam caídas, como se estivesse com dificuldade para manter-se acordado.

Voltamos aos degraus da frente. Milo estendeu a mão e Quick apertou-a brevemente, olhou para mim e disse:

— Já têm alguma coisa?

Receio que não. Se tiver algum tempo...

— Claro que tenho. — Os lábios de Quick se retorceram como se mastigasse algo ruim. — Minha cunhada executiva. Ela foi apresentada a Spielberg uma vez e pensa que caga cheiroso... Vamos entrar, mas minha mulher está totalmente desligada. Nosso médico deu-lhe Valium ou algo parecido. Mas eu estou bem. Ele queria me dopar também. Mas quero manter o foco.

Milo e eu nos sentamos no mesmo sofá azul. Jerome Quick se acomodou numa poltrona Chippendale restaurada. Estudei de novo as fotos da família, querendo imaginar Gavin como algo que não aquela coisa no Mustang.

Em vida ele tinha sido um garoto alto, de cabelos pretos e aparência agradável, com o rosto comprido e os olhos encovados, porém mais escuros que os do pai. Em algumas fotos anteriores ele usava óculos. Seu gosto para moda nunca mudou. Roupas elegantes, de grife. Cabelo sempre bem cortado, quer num corte rente conservador, quer aparado com cuidado e modelado com gel. Um garoto comum que sorria para a máquina fotográfica. Nem bonito, nem feio. Percorra qualquer rua dos subúrbios endinheirados, entre num shopping, num cinema multiplex ou num campus universitário, e você irá ver muitos tipos como ele. Sua irmã — a estudante de direito em Boston — tinha um ar sério e banal.

Quick pegou-me olhando as fotos.

— Aquele é Gav. — Sua voz falhou. Ele praguejou baixinho e disse: — Vamos ao trabalho.

Milo o preparou para a foto, depois mostrou-a. Quick a devolveu.

— Nunca a vi. — Os olhos dele baixaram para o carpete. — Minha esposa lhes contou sobre o acidente?

— Sim, senhor.

— Aquilo e agora isto. — Quick se levantou, andou até uma mesinha de centro, estudou uma caixa de cristal por algum tempo, depois abriu-a, extraiu um cigarro e acendeu-o com um isqueiro também de cristal.

A fumaça azul se elevou para o teto. Quick deu uma tragada profunda, sentou-se e riu asperamente.

— Larguei cinco anos atrás. Sheila acha que é elegante deixar estes cigarros aqui para as visitas, embora quase ninguém mais fume. Como nos bons e velhos dias em Hollywood, toda aquela merda. A irmã de Sheila conta-lhe sobre a merda de Hollywood... — Ele olhou para o cigarro, bateu a cinza no carpete e esmagou-a com o calcanhar. A marca preta borrada resultante pareceu dar-lhe satisfação.

— Gavin comentou sobre uma nova namorada? — perguntei.

— Nova?

— Depois de Kayla.

— Ela — disse Quick. — Eis aí uma panaca para vocês. Não, ele não comentava nada.

— Ele teria lhe contado?

— O que quer dizer?

— Ele se abria sobre sua vida pessoal?

— Se abria? — repetiu Quick. — Menos ainda que antes do acidente. Ele tendia a ficar confuso.

No começo, quero dizer. Como poderia não ficar confuso? Ele levou uma tremenda pancada bem aqui. — Quick tocou a própria testa.

O mesmo ponto onde a bala tinha entrado no crânio do filho. Ele não sabia. Nenhuma razão ainda para que soubesse.

— Confusão — comentei.

— Apenas temporária. Mas ele descobriu que não podia se concentrar nos estudos e parou de estudar.

Quick fumou e fez uma careta, como se doesse tragar.

— Ele foi atingido nos lobos ântero-frontais — continuou Quick.

— Disseram-nos que são os que controlam a personalidade. Então, obviamente...

— Gavin mudou — falei.

— Não uma mudança radical, mas claro que ocorreram alterações. Mas então ele melhorou, quase tudo melhorou. De qualquer modo, tenho certeza de que o acidente de Gav não teve nada a ver com isso.

Quick soltou algumas baforadas rapidamente, bateu mais cinzas.

— Precisamos descobrir quem fez isso. O escroto deixou alguma pista?

— Não temos nenhum suspeito e muito pouca informação — explicou Milo. — Nem sequer conseguimos identificar a garota.

— Bem, não sei quem é, e duvido que Sheila conheça. Nós conhecemos as mesmas pessoas.

— Existe alguma coisa que possa nos dizer sobre Gavin que seria útil?

— Gavin era um grande garoto. — Quick parecia nos desafiar a contestá-lo. — Tinha a cabeça no lugar. Um tremendo golfista. Nós dois adorávamos golfe. Ensinei a ele, que aprendeu rápido, até me superou... um handicap de sete, e estava ficando cada vez melhor. Isso foi antes do acidente. Depois ele perdeu a coordenação, mas ainda era bom. Sua concentração vagueava... às vezes ele queria dar a mesma tacada repetidamente... queria que saísse perfeita.

— Um perfeccionista — comentei.

— É, mas chega uma época em que se forma um grande engarrafamento nos arredores do campo, e precisamos parar. Em termos de interesses, ele gostava de negócios, tal como eu. — Jerry Quick baixou a voz. — Isso mudou também. Ele perdeu o interesse por negócios. Teve outras ideias. Mas imaginei que fosse temporário.

— Ideias sobre outras carreiras? — perguntei.

— Mais como fantasias de carreiras. Subitamente a economia entrou em baixa e ele estava querendo ser escritor.

— Que tipo de escritor?

— Ele brincava sobre escrever para os tabloides, contando os podres das celebridades.

— Apenas uma piada — falei. Quick cintilou.

— Ele riu, e eu ri junto. Como lhes digo, ele não conseguia se concentrar. Como poderia escrever para um jornal? Uma vez ele perguntou a Eileen se ela conhecia alguma celebridade que ele pudesse denegrir. Aí ele piscou para mim, mas Eileen levou a coisa a sério. Fez um grande discurso acerca das celebridades merecerem privacidade. A ideia de ofender algum figurão a assustava como o diabo. De qualquer modo, onde eu estava mesmo?... — Os olhos de Quick se embaçaram. Ele fumou.

— Gavin tornando-se um repórter investigativo

— Como eu disse, aquilo não era sério.

— Como Gavin preenchia o tempo depois que largou os estudos?

— Zanzava por aí. Eu estava preparado para que ele retomasse os estudos, mas parece que Gav não pensava da mesma maneira, portanto eu... foi uma fase difícil para mim, eu não queria forçar a barra. Imaginava que ele se matricularia de novo na primavera.

— Quaisquer outras mudanças? — perguntei.

Ele parou de arrumar o quarto. Na verdade deixou que virasse a maior bagunça. Ele nunca foi um garoto dos mais ordeiros, mas sempre foi bom quanto à arrumação pessoal. Agora às vezes tinha de ser lembrado sobre tomar banho, escovar os dentes e pentear o cabelo. Eu detestava ficar lembrando, porque ele se sentia envergonhado. Nunca discutia, nunca me dava sua opinião, apenas dizia “Desculpe, pai.” Como se soubesse que algo estava diferente e se sentisse mal sobre isso. Mas tudo estava melhorando, ele estava saindo da crise, entrando em forma... até recomeçou a correr. Ele era bom nisso, costumava correr de oito a dez quilômetros como se não fosse nada. O médico de Gav me disse que ele da ficar bom.

— Qual médico?

— Todos eles. Havia um neurologista, como era mesmo que se chamava?... — Quick deu uma tragada e bateu na face com a mão livre. — Um cara indiano. Barry Silver, nosso médico de família o recomendou. Um indiano, lá do Saint John’s. Singh, esse é o nome. Ele usa um turbante, deve ser um daqueles... vocês sabem. Barry é um amigo, além de médico da família. Jogo golfe com ele, por isso confiei na indicação. Singh fez alguns testes e nos disse que não via nada de errado com o cérebro de Gav. Disse que levaria tempo para se curar, mas que não podia especificar quanto tempo. Depois nos indicou uma terapeuta... uma psicóloga. Para ajudar Gav a se recuperar do trauma.

— Uma neuropsicóloga? — perguntei.

— Ela é uma terapeuta, é tudo que sei. Médica de cuca. Koppel, ela esteve na TV, no rádio.

— Mary Lou Koppel?

— Você a conhece?

— Ouvi falar dela — eu disse.

— No começo Gav era atendido por um dos sócios, mas não se chegou a uma conclusão, de modo que ele o passou para a Dra. Koppel.

— O que houve de errado com o primeiro terapeuta? Quick deu de ombros.

Foi todo o processo. Você paga para seu filho ir e conversar com alguém, é tudo sigiloso, não lhe permitem saber o que está acontecendo.

— Ele fazia o cigarro durar. — Gavin me disse que não se sentia à vontade com o cara e Koppel passaria a atendê-lo. O mesmo preço. Ambos cobravam duzentos paus por hora e não aceitavam plano de saúde.

— Isso foi útil?

— Quem sabe?

— Que posição a Dra. Koppel lhe deu?

— Nenhuma. Eu estava por fora de toda aquela coisa de terapia. Viajei um bocado. Demais, para resumir.

Ele fumou o cigarro até a ponta, pegou outro e o acendeu na guimba, depois apagou o primeiro entre o polegar e o indicador. Em cima do carpete.

Murmurou alguma coisa.

Como disse? — perguntou Milo.

O sorriso de Quick foi abrupto e desconfortável.

— Viajei o tempo todo, e isso é um inferno. Vocês conhecem as companhias aéreas, discípulas do demônio. Negócios com frequência deixam de ser feitos. Elas não estão nem aí. Desta vez, após Sheila me ligar sobre Gavin, eu lhes disse por que precisava voltar para casa, fui tratado como um rei. Eles me

registraram como consternado e tive prioridade por toda a viagem. Colocado na primeira classe, ninguém poderia fazer mais por mim.

Ele latiu o que poderia ser considerado uma risada. Tragou, tossiu, fumou de novo.

— Foi isso que arranjei. Foi o que arranjei ao ser tratado como um ser humano.

Milo perguntou-lhe sobre a filha e Quick disse:

— Eu disse a Kelly para permanecer em Boston. Ela está na faculdade de direito, que bem lhe faria vindo para cá? Se vocês liberarem o... liberarem Gavin para fazermos o funeral, então ela pode vir para casa. Quando será isso?

— E difícil dizer — respondeu Milo.

— Este parece ser o seu mantra. Milo sorriu.

— Kayla Bartell...

— Não a vejo faz algum tempo. Ela conheceu Gav no colégio e eles ficaram por uns tempos.

Ficaram?

— É como a garotada faz — disse Quick. — O pai dela é uma espécie de compositor. Eileen me disse que ele é importante.

Você nunca o encontrou?

— Por que o faria?

— Gavin e Kayla...

— Isso era assunto do Gav... para ser honesto, caras, não quero saber dessas perguntas. O que aconteceu não pode ter nada a ver com Gav. Ele foi a Mulholland com uma garota e um pervertido... algum maníaco sexual... tirou vantagem, certo? É óbvio, não é? Não é o que vocês estão pensando?

Antes que Milo pudesse responder, os olhos de Quick giraram para as escadas. Eileen Paxton desceu, ignorando-nos, e se dirigiu para a cozinha.

Uma torneira foi aberta. Depois um barulho de panelas. Momentos depois, Sheila Quick desceu as escadas, tateando, insegura. Parou no último degrau, estudou o assoalho, como se pouco confiante em prosseguir. Seus olhos estavam desfocados e ela agarrava o corrimão como apoio. Usava um chambre cor-de-rosa e parecia ter envelhecido dez anos da noite para o dia.

Ela nos viu e disse “olá” numa voz indistinta. Notou o cigarro na mão do marido e seus lábios mostraram desagrado.

Jerome Quick continuou fumando, desafiador.

— Não fique parada aí na escada, desça logo... e cuidado, você tomou Valium. — Ele não fez nenhum esforço para ajudá-la.

Ela continuou no mesmo lugar.

— Há alguma coisa... alguma novidade, detetive?

— Desculpe incomodá-la de novo, Sra. Qui...

— Não, não, não, vocês estão me ajudando... a nós dois. Vocês foram muito... gentis. A noite passada. Não pode ter sido fácil para vocês. Foram muito gentis. Não foi fácil para vocês, nem para mim.

— Sheila, volte para a cama — pediu Jerry Quick. — Você está...

— Eles foram gentis a noite passada, Jerry. É apenas educado que eu...

— Tenho certeza de que eles foram amáveis, mas...

— Jerry. Eu. Quero. Ser. Educada. — Sheila acabou de descer as escadas e sentou-se numa poltrona. — Olá — ela nos cumprimentou animadamente.

— Senhora — começou Milo, descobrimos que a garota que estava com Gavin não era Kayla Bartell.

— Você disse que era loura — retrucou Sheila. Jerome Quick interveio, irônico:

— Eis um artigo raro em Los Angeles.

— Tenho uma foto — informou Milo. — Não é uma fotografia agradável, é da necropsia, mas se pudesse dar uma olhada... se conseguirmos identificá-la, isto pode acelerar as coisas.

Sheila olhou para Milo, que lhe mostrou a foto.

— Ela parece tão... morta. Pobre menina. — Sacudindo a cabeça, ela arrancou a foto de Milo e examinou-a mais de perto. Seus dedos tremeram e os cantos oscilaram. — Estão mostrando fotos de Gavin iguais a esta para outras pessoas?

— Sheila — advertiu Quick.

— Não, madame — respondeu Milo. — Sabemos quem é Gavin. Ela examinou a foto.

— Gavin nunca disse que tinha uma namorada nova.

— Gavin tinha 20 anos — retrucou Jerome Quick. — Não precisava dar satisfações sobre sua vida social.

Sheila continuou a olhar para a foto. Finalmente a devolveu.

— Mais um.

— Como disse?

— Mais um bebê de alguém se foi.

Capítulo 5

Milo recebeu permissão por escrito para falar com os médicos de Gavin e lá fomos nós. Eram quase cinco da tarde, o céu era de um branco leitoso e venenoso, e nós dois estávamos desanimados e famintos. Fomos até uma deli em Santa Monica, pedimos sanduíches e café. O meu foi de rosbife com mostarda picante no pão de centeio integral. Milo optou por um monstro molhado de múltiplas camadas com pastrami, salada de repolho e pimentão, e algumas coisas que não consegui identificar, tudo espremido dentro de um pão-francês. Quando ele mordida, o recheio vazava. Isto parecia deixá-lo alegre.

Ele engoliu e disse:

— Família modelo, hã?

— Eles não têm nenhuma empatia para a vida doméstica — comentei —, mas o pai pode estar certo, e isso não importa.

— Um estranho pervertido mata seu filho. Isto por certo distancia o crime da família.

— Não vejo isto como um crime de família — retruquei. — O fato de os Quick não conhecerem a garota poderia significar que ela era do tipo que não se leva em casa para apresentar à mãe. O que pode nos levar a concluir que ela seria o alvo principal.

— Alguém com amigos errados.

O assassino a empalou e levou a bolsa dela. Poderia ter sido levada como troféu, mas e se o assassino não quisesse que ela fosse identificada rapidamente?

— O alvo principal para sexo, assassinato, ou as duas coisas?

— Não sei — falei. — Não houve nenhum ataque sexual, mas para mim a empalação dá uma certa característica sexual ao caso. Gavin foi baleado uma vez... despachado. Isso é consistente com a possibilidade de o assassino querê-lo fora do caminho de modo a cuidar do seu verdadeiro interesse.

— Se Gavin foi baleado primeiro. Não temos como afirmar uma coisa dessas.

— A lógica diz que foi ele — insisti. — A garota estava viva quando o assassino a empalou. É improvável que Gavin ficasse sentado passivamente enquanto isso acontecia. Ou que o assassino corresse o risco de lutar com um homem jovem e saudável. Ele despachou Gavin com um único tiro, depois voltou sua atenção para a garota. O tamanho e o medo dela, e a predominância esmagadora do assassino a subjugou. Talvez ele tenha prometido que não a machucaria se ela não resistisse. Algum indício de que resistiu?

Ele sacudiu a cabeça, negando, e continuei:

— Ela viu Gavin ser morto, ficou sentada lá, aterrorizada, e esperava pelo melhor. O assassino usou a lança nela, depois também a baleou. Para mim isto indica uma raiva acumulada. Com ambos mortos, ele teve tempo para inspecionar sua obra, embasbacado com a cena. A garota e Gavin já tinham começado uma cena de sexo, ou ele montou uma. Ou porque era um crime sexual, ou ele queria que assim parecesse.

Milo largou o sanduíche.

— Você está me oferecendo um monte de opções.

— Para que servem os amigos? — repliquei. — Já se deparou com outros assassinatos por empalação?

— Ainda não. — Milo pegou de novo o sanduíche e um enorme naco desapareceu no seu bucho.

— Você acha que a camisinha era de Gavin ou foi o assassino quem a trouxe?

— Estava no bolso dele, provavelmente era de Gavin.

— Então você acha que explorar a psique de Gavin é uma perda de tempo? Estive pensando que a terapeuta dele poderia ser útil. E você a conhece.

— Sei quem ela é.

— Por aparecer na tevê.

Aqui vamos nós. Escondi a boca atrás de minha xícara de café. Milo comentou:

— Você faz uma cara quando fala sobre ela...

— Ela não é alguém a quem eu recorreria — retruquei.

— Por que não?

— Não posso entrar em detalhes.

— Conte-me apenas o básico.

Cinco anos atrás, um juiz ponderado havia me pedido para avaliar uma garota de 7 anos de idade envolvida em um divórcio litigioso. Os pais eram conselheiros matrimoniais treinados. Isso deveria ter sido aviso mais que suficiente.

A mãe era uma mulher jovem, passiva, feições tensas, extremamente ansiosa, criada por pais alcoólatras e violentos, que havia mudado do trabalho com casais para tratar viciados em drogas numa clínica em Bellflower, financiada pelo condado. O ex-marido, vinte anos mais velho, era pomposo e psicopata, um recém-cunhado terapeuta sexual e uma espécie de guru, com um Ph.D. numa universidade de elite e um emprego novo em folha num instituto de ioga em Santa Barbara.

Os dois não se falavam há mais de um ano, mas ambos insistiam em guarda compartilhada. O arranjo era para ser simples: três dias numa casa, quatro dias na outra. Nenhum dos pais via problema em fazer uma criança de 7 anos viajar 150 km entre a casa de adobe do pai, localizada em seu retiro espiritual, e o triste apartamento mobiliado da mãe, em Glendale. O verdadeiro impasse do conflito era o calendário — quem tinha quatro dias, quem tinha três? E quanto aos feriados? Após dois meses de debate furioso, o tópico mudou para coordenar a dieta convencional adotada pela mãe com o regime vegetariano abraçado pelo pai.

O impasse real era o ódio mútuo, 2 mil dólares numa conta de investimento conjunta e a alegada voracidade sexual das quatro namoradas do pai.

Quando faço avaliações de guarda, considero importante consultar os terapeutas das pessoas envolvidas, e estes litigantes tinham cada um o seu. O do pai era um sivami indiano de 80 anos de idade que falava inglês com forte sotaque e tomava remédio para hipertensão. Fiz uma viagem até Santa Barbara, passei duas horas agradáveis com o sujeito barbudo e corpulento, inalando incenso e nada conseguindo de substancial. O pai não se consultava com seu avatar fazia seis meses.

— Está tudo bem com você? — perguntei ao swami.

Ele mudou sua posição de lótus e fez algo impossível com o corpo, piscou e sorriu.

— O que tiver de ser será.

— Há uma canção que diz isso.

— Doris Day — disse ele. — Uma tremenda cantora.

A terapeuta da mãe era Mary Lou Koppel, que se recusou a falar comigo.

Primeiro evitou-me por completo, ignorando meus telefonemas. Depois de minha quinta tentativa de contato, ela telefonou e explicou:

— Estou certa de que compreende, Dr. Delaware. Confidencialidade.

— A Dra. Wetmore deu permissão.

— Acho que isso não cabe a ela.

— E a quem cabe?

O telefone tocou. Ela disse:

— Estou falando de modo conceitual, não legalmente. Teresa Wetmore está numa posição bastante vulnerável. Thad é extremamente abusivo, como tenho certeza de que sabe.

— Fisicamente?

— Emocionalmente. E onde isto conta. Teresa e eu temos feito progresso, mas vai levar tempo.

Não posso correr o risco de desencadear demônios.

— Estou preocupado é com a criança.

— Você tem suas prioridades, eu tenho as minhas.

— Dra. Koppel, o que procuro é qualquer orientação que possa dar que me ajude a fazer recomendações à vara de família.

Silêncio na linha. Estática.

— Dra. Koppel?

— A única orientação que posso lhe dar, doutor, é evitar Thad Wetmore como se fosse a peste.

— Você teve problemas com ele.

— Nunca o conheci, doutor. E pretendo que continue assim. Escrevi para ela uma carta de acompanhamento que foi devolvida sem ser aberta. O caso da guarda se inflamou até que os Wetmores ficaram sem dinheiro e os advogados desistiram. O juiz seguiu minhas recomendações. Ambos precisavam passar por uma extensa fase de reeducação antes de que a guarda compartilhada tivesse alguma chance de funcionar. De qualquer modo, uma viagem de ida e volta semanal de 300 km não era nada interessante para a criança. Quando o juiz perguntou se eu queria ser o educador, respondi que lhe forneceria uma lista de nomes, então pensei a respeito de quem me aborrecera recentemente.

Três meses depois, Teresa e Thaddeus Wetmore fizeram queixas contra mim em separado a respeito de ética ao conselho de psicologia do estado. Levou algum tempo para eu sair dessa, mas finalmente as acusações foram descartadas como improcedentes. Pouco depois disso, a Dra. Mary Lou Koppel parecia estar fazendo o maior sucesso no seu programa na TV.

Uma especialista em comunicação entre casais.

Milo terminou o sanduíche.

— Parece ser uma pessoa adorável. Que papel ela representa para a mídia?

— Algo que ela quer ser.

— Especialista autoproclamada?

— Os talk shows estão sempre famintos por tapa-buracos — falei. — Se você disser que é um especialista, então você é.

Meu palpite é que Koppel contratou um assessor de imprensa e comprou um espaço na programação para divulgar sua clínica.

— Tão jovem e tão cínica.

— As duas coisas caem bem.

Ele sorriu, enxugou o molho do prato com o pão e terminou sua refeição mal cozida.

— Lesão cerebral é um tópico quente na mídia?

— Se está perguntando se Koppel é uma neuropsicóloga qualificada, não sei. O que foi exatamente o que Gavin precisou, pelo menos no começo. Alguém que pudesse descobrir o que realmente estava ocorrendo com o cérebro dele e fazer as recomendações específicas para a reabilitação.

— O neurologista disse que não poderia descobrir tudo.

— O máximo, então.

— Se eu tivesse que apostar, diria que Koppel nunca estudou neuropsiquiatria. É um campo pequeno que requer treinamento especializado. A maioria do pessoal do ramo não faz psicoterapia direta e vice-versa.

Os olhos dele semicerraram-se.

— Claire Argent estava nessa, certo?

A Dra. Claire Argent tinha sido uma das muitas vítimas de um monstro que caçamos dois anos atrás. Uma mulher tranquila, repleta de segredos, encontrada dividida ao meio e enfiada na mala do

próprio carro.

— Estava.

Ele inspirou profundamente. Fechou os olhos e massageou as pálpebras.

— Você está dizendo que Koppel pode ter oferecido um tratamento inadequado a Gavin?

— Ou estou errado e ele obteve um exame minucioso completo.

— Estava pensando que seria uma opção inteligente falar com Koppel. Mesmo se acontecer de Gavin não ser a vítima principal, talvez ele tivesse mencionado a loura à sua terapeuta, e nesse caso posso eliminar muitos procedimentos.

— Não prenda seu fôlego tentando acabar com isso. Dado o perfil de celebridade que ela possui, não creio que queira ser associada a um paciente assassinado.

— Consegui autorização por escrito dos pais.

— Isso permite a ela falar, mas não a obriga. Ela pode ser seletiva acerca do que contar a você.

Se contar alguma coisa.

— Você realmente não gosta dela.

— Ela foi obstrutiva quando não tinha de ser. O bem-estar de uma criança estava em jogo, e ela não se importou.

Ele sorriu.

— Na verdade, eu estava pensando que poderia pedir a você para falar com ela. De médico para médico. Isso me deixaria livre para cuidar do resto. Como falar com o Departamento de Pessoas Desaparecidas, talvez expandir as buscas para todo o estado, revisar os relatórios de necropsia e balística, checar as roupas da garota. Mas não esquentar. Cuidarei disso também.

Ele jogou dinheiro sobre a mesa e saímos da deli.

— Falarei com ela — anunciei.

Ele parou na calçada. Mulheres de Beverly Hills deslizavam a nossa volta, numa nuvem de perfume.

— Tem certeza?

— Por que não? Nada de telefone dessa vez. Cara a cara. Será interessante.

Capítulo 6

Minha casa, projetada para dois moradores, está situada entre pinheiros e empoleirada acima de uma trilha que serpenteia através de Beverly Glen. Altas paredes brancas, pisos de tábuas envernizados, claraboias em lugares interessantes e mobiliário não muito exagerado fazem-na parecer maior do que é. Um anúncio imobiliário a rotularia como “arejada, embora com bastante privacidade”. Quando chego em casa sozinho, ela pode ser uma massa de ecos e espaço negativo.

Esta noite ela parecia fria. Passei pela correspondência sobre a mesa da sala de jantar e segui para meu escritório. Ligando o computador, procurei Mary Koppel no diretório da Associação de Psicólogos Americanos e acessei algumas ferramentas de busca na internet.

Ela recebeu o seu Ph.D. na mesma universidade que eu. Era um ano mais velha, porém havia entrado na pós-graduação pouco depois de eu tê-la terminado. Sua tese sobre aleitamento e ansiedade em mães de primeira viagem tinha sido aceita cinco anos depois, e ela foi avaliada como interna num dos hospitais da universidade e num estágio pós-doutorado numa clínica de saúde mental em San Bernardino.

Sua licença era genuína, e o conselho estadual não relatava nenhuma ação disciplinar contra ela. Estava certo acerca de sua falta de treinamento ou certificado em neuropsicologia.

O nome dela surgiu em 432 sites, sendo que todas as referências eram trechos de entrevistas feitas em vários programas de TV e rádio. Uma busca mais detalhada revelou muita repetição, o que derrubava as referências reais para cerca de trinta.

Mary Lou Koppel havia falado com grande confiança sobre barreiras de comunicação entre homens e mulheres, identidade de gênero, distúrbios alimentares, estratégias para perda de peso, resolução de problemas empresariais, crise de meia-idade, adoção, incapacidades adquiridas, autismo, puberdade, rebeldia adolescente, síndrome pré-menstrual, menopausa, síndrome do pânico, fobias, depressão crônica, estresse pós-traumático, sexismo, racismo, senilidade, obesidade.

Um tópico de interesse dela era a reforma prisional. Ela concedera oito entrevistas no rádio no último ano, nas quais executou a mudança da reabilitação para punição. Em duas das entrevistas fizera-se acompanhar por um homem chamado Albin Larsen, listado como psicólogo e ativista dos direitos humanos.

As fotos que encontrei mostravam uma mulher de aspecto agradável, com cabelo cor de caramelo curto e emaranhado. O rosto era redondo com faces de esquilo e terminava num protuberante queixinho fora de prumo. O pescoço era gracioso, mas começava a se tornar flácido. Olhos escuros e vividos. Boca ampla, determinada. Dentes brilhantes, mas o sorriso parecia posado. Em todas as fotos ela vestia vermelho.

Agora eu sabia a quem procurar.

Saí para o consultório dela às 11h45 da manhã seguinte, imaginando que minha melhor chance era pegá-la na pausa para o almoço. O consultório ficava em Beverly Hills, mas não naquelas ruas da moda onde se concentravam os terapeutas mais caros.

A Dra. Mary Lou Koppel dava consultas num edifício de dois andares na esquina do Olympic Boulevard com Palm Drive — uma extensão de uso variado perto da cintilante fronteira sul da cidade, No quarteirão

abaixo havia uma franquia de pintura de automóveis e uma escola particular no que tinha sido um dia um duplex residencial. Mais além, localizava-se uma floricultura e uma farmácia que anunciava descontos para idosos. O tráfego na Olympic era incessante e ensurdecido como numa via expressa.

O prédio de Koppel tinha uma fachada sem janelas, com tijolos pintados da cor de areia molhada. Não apresentava nenhuma identificação além de números de plástico preto pequenos demais para se ler do outro lado da rua. A porta da frente estava trancada e um letreiro informava que a entrada era pelos fundos. Atrás do prédio havia um estacionamento para seis carros protegido por um beco. Três vagas marcadas com a inscrição RESERVADO eram ocupadas por pequenos sedãs Mercedes pretos, não muito diferentes do de Jerry Quick.

Andei um metro pela Palm Street e entrei.

O andar térreo era um corredor comprido e sombrio acarpetado de vermelho que corria ao longo do lado leste do prédio e tinha o cheiro de pipoca de um saguão de cinema. Um ocupante: um escritório chamado Charitable Planning. Uma seta pintada na parede direcionou-me para a escada e, quando cheguei lá, letras em imitação de bronze especificaram o que me aguardava no segundo andar.

PACIFICA-WEST SERVIÇOS PSICOLÓGICOS

Lá em cima havia melhor iluminação, carpete barato azul-acinzentado, paredes no mesmo tom. Ao contrário do primeiro andar, não havia nenhum corredor comprido. O caminho era interrompido por uma parede perpendicular de três metros. Uma única porta informava: RECEPÇÃO.

Tratava-se de uma grande sala de espera desocupada equipada com cadeiras forradas de tweed azul e mesinhas de centro com revistas empilhadas. Nenhuma janela, apenas uma porta e três letreiros: FRANCO R. GULL, PH.D., MARY LOU KOPPEL, PH.D., ALBIN A. LARSEN, PH.D.

Larsen era o ativista de direitos humanos com quem Koppel partilhara algumas de suas entrevistas sobre reforma prisional. Sustentando dois consultórios pelo preço de um.

Junto a cada leteiro havia um botão de chamada e uma pequena lâmpada. Um aviso instruía os pacientes a se anunciarem com um aperto de botão. A luz clara significava que o doutor estava livre, vermelha significava ocupado.

As luzes de Gull e Larsen estavam vermelhas, a de Koppel, não estava. Eu me anunciei.

Poucos momentos mais tarde, a porta se abriu e Mary Lou Koppel estava lá, usando uma blusa vermelha de cashmere com mangas curtas sobre calças brancas de Unho e sapatos vermelhos. Pessoalmente, os olhos escuros eram quase pretos, brilhantes e inquisitivos, e me fitavam. O cabelo era mais claro que nas fotos, ela só tinha umas poucas rugas, os braços nus eram suaves, sardentos, mais roliços do que o resto do corpo. Ostentava um anel de diamante amarelo vivo no indicador direito. Uma grande pedra cor de canário, rodeada por minúsculas safiras. Nenhuma aliança de casamento.

— Sim? — A voz era suave, num tom baixo e modulado. Voz de rádio.

Dei-lhe meu nome, passei a ela o cartão que informava que costume prestar consultoria à polícia. Ela leu.

— Delaware. — Devolveu o cartão, fitou-me nos olhos. — E um nome incomum... Já nos conhecemos?

— Alguns anos atrás, mas só por telefone.

— Acho que não estou entendendo.

— O divórcio dos Wetmore. Fui designado pela corte para fazer as recomendações sobre a guarda da criança. Você era a terapeuta de Teresa Wetmore.

Ela piscou. Sorriu.

— Se me lembro bem, não fui muito cooperativa, fui?

Dei de ombros.

— Infelizmente — disse ela. — O que não pude lhe contar à época, Dr. Delaware... e que provavelmente ainda não deveria contar... foi que Terry Wetmore atou minhas mãos. Ela não gostava nem um pouco de você. Não confiava em você e proibiu-me de lhe contar qualquer coisa. Isso me deixou sem alternativa.

— Posso imaginar.

Ela colocou uma das mãos sobre o meu ombro.

— Os rigores da nossa profissão. — A mão dela se demorou, percorreu a manga do meu paletó, desceu. — Então o que o traz aqui hoje... em que mais posso não cooperar com você?

— Gavin Quick.

— O que tem Gavin?

— Ele foi assassinado duas noites atrás.

— Nossa... oh, meu Deus. Oh, não... entre.

Ela me conduziu por um pequeno corredor, passando por uma copiadora e um bebedouro, até uma das três portas no fundo. Seu consultório era revestido com placas de bordo olho-de-pássaro, com carpete azul-escuro macio e mobiliado com uma mesa de tampo de vidro sobre uma base de granito preto, uma cadeira Lucite de tamanho exagerado, sofás de couro azul-bebê e encostos arranjados com a maestria de um designer. Teto forrado de cortiça — à prova de som. Não havia nada pregado nas paredes de madeira altamente adornadas. Os diplomas e uma licença de psicóloga estavam emoldurados e colocados numa cristaleira num dos cantos, juntamente com pesos para papel de cristal e o que parecia ser cerâmica dos índios pueblo. Cortinas verde-mar escondiam o que eu presumia que fossem janelas. A posição delas significava uma visão do estacionamento e do beco. A sala conseguia ser ampla embora aconchegante. Arejada embora com certa privacidade.

Mary Lou Koppel sentou-se atrás da mesa de vidro. Ocupei a cadeira macia mais próxima. Muito macia, por sinal. Afundei nela, sendo obrigado a fitar a doutora de baixo para cima.

— Isto é horrível — disse ela. — Acabei de ver Gavin na semana passada. Simplesmente não posso acreditar.

Assenti.

— O que aconteceu? — perguntou.

Dei-lhe os detalhes sem meias-palavras e terminei com a garota loura não-identificada.

— Pobre rapaz — comentou. — Já tinha passado por tanta coisa...

— O acidente.

Ela colocou as mãos no tampo da mesa. Os pulsos eram finos, os dedos, curtos mas delgados, as unhas cobertas por esmalte claro. Perto de sua mão direita havia uma caixa repleta de cartões de visitas, um par de óculos de leitura e um pequeno telefone celular prateado.

— A polícia tem alguma ideia do que aconteceu?

— Não. É por isso que estou aqui.

— Não estou certa do trabalho que você faz para eles.

— Às vezes o mesmo ocorre comigo — repliquei. — Desta vez me pediram para contactá-la porque somos pares.

— Pares — repetiu ela. — Eles acham que posso ajudar a solucionar um assassinato?

— Estamos falando com todo mundo.

— Bem, eu era a terapeuta de Gavin, mas não vejo como isso pode ser relevante, vocês não pensam que isto teve alguma coisa a ver com o tratamento de Gavin.

— A esta altura, ele é um livro aberto, Dra. Koppel.

— Mary Lou — corrigiu ela. — Bem, claro, posso entender essa lógica... em seu sentido abstrato. — Ela afofou o cabelo. — Antes de seguirmos adiante, talvez eu devesse ver algum tipo de material escrito. Estou ciente de que, com Gavin morto, não existe nenhuma confidencialidade legal. E certamente não quero ser vista como obstrutiva. Mais uma vez. Mas... você entende, não?

— Completamente. — Dei a ela a autorização que os Quick tinham assinado. Ela olhou de relance para o papel.

— Nunca é cuidado demais. Certo, o que gostaria de saber?

— Os pais de Gavin deram a entender que houve alterações de personalidade seguindo-se ao acidente. Um desleixo na higiene pessoal, o que soa como comportamento obsessivo.

— Está familiarizado com as sequelas de lesões na cabeça, Dr. Delaware?

— Não sou neuropsicólogo, mas me parece ser uma síndrome pós-concussiva e algumas mudanças de personalidade.

— Com lesões internas na cabeça tudo é possível... posso chamá-lo de Alex?

— Claro.

Ela exibiu os dentes magníficos. Voltou a ficar séria.

Este caso foi uma lesão no lobo pré-frontal, Alex. Você está ciente do papel dos pré-frontais em termos de reatividade emocional. Por tudo que sabemos, quando a cabeça de Gavin bateu nas costas do assento, ele teve uma lesão equivalente a uma pequena lobotomia.

— Isto foi há dez meses, e ele não ficou plenamente recuperado.

Sim... achei isso um tanto preocupante. Depois, novamente, o cérebro humano... em especial o cérebro humano jovem.. pode se recuperar maravilhosamente. Eu estava esperançosa,

— Pela plena recuperação? Ela deu de ombros.

— Plasticidade — eu disse. — Você é neuropsicóloga. Ela estudou-me por meio segundo.

— Mantenho-me atualizada com os ensaios médicos. Não houve nenhuma necessidade de apelarmos para a neuropsicologia porque os aspectos orgânicos estavam sendo tratados por um

neurologista. Ele e eu concordamos que não havia mais nada a descobrir submetendo Gavin a mais testes. O paciente precisava era de apoio emocional, e meu trabalho era fornecê-lo.

Peguei meu bloco de notas,

— Dr. Singh.

— Homem muito bom.

— Foi ele que encaminhou Gavin? Ela assentiu.

— Quando?

— Gavin esteve em tratamento por cerca de três meses.

— Sete meses após o acidente.

— Leva um bocadinho de tempo para as coisas se assentarem. Fingi ler o bloco.

— Ele foi encaminhado para a sua equipe, não para você diretamente,

— Como assim?

— Contaram-me que Gavin começou a terapia com um dos seus sócios, depois com você.

Ela cruzou as pernas. O pedestal de mármore negro bloqueava a maior parte do movimento, mas pude ver a ponta de um sapato vermelho.

Agora que você me refrescou a memória, foi exatamente o que aconteceu. Singh encaminhou Gavin para a minha equipe e Franco... o Dr. Gull... pegou o caso. Franco atendeu Gavin apenas duas vezes, depois eu assumi.

— Problemas entre Gavin e o Dr. Gull?

— Eu não chamaria de problemas. Na época... logo após o acidente... Gavin estava extremamente irritável. Quase sempre extrapolava. Você sabe como podem ser as coisas entre terapeutas e pacientes. Às vezes a gente engrena, outras vezes, não. Franco já tinha muitos pacientes.

Os olhos negros encontraram os meus.

— Como ocorreu com você e Teresa Wetmore. Estou certa de que a maioria de seus pacientes o adora e confia em você. Mas outros... A propósito, está na polícia em tempo integral ou ainda dá consultas?

— Faço consultas particulares de curto prazo.

— Nenhuma terapia?

— Não habitualmente.

— A clínica particular pode ser dura — disse ela. — Os planos de saúde e seus absurdos, como o fluxo reduzido de encaminhamentos de pacientes quando o dinheiro desses planos está curto. Suponho que trabalhar para a polícia possa fornecer uma renda melhor e mais constante.

— Não faço parte do efetivo da polícia. Para eles também faço consultas de curto prazo.

— Ah... — Ela sorriu. — De qualquer modo, Gavin tornou-se meu paciente e senti que estávamos fazendo progresso. — Ela descruzou as pernas e mudou de posição na cadeira. — Alex, não consigo pensar em nada que pudesse lhe contar que ajudaria numa investigação policial.

— E quanto ao comportamento obsessivo de Gavin?

— Eu não chamaria assim. Nada no nível de um distúrbio obsessivo-compulsivo plenamente desenvolvido. Gavin podia ser um pouco persistente, isso é tudo.

— Botar uma ideia na cabeça e não desistir dela? Ela sorriu.

— Você está fazendo a coisa parecer mais patológica do que realmente era. Ele podia ser um pouco... entusiástico.

— Os pais dele disseram que ele mudou as metas de carreira. De administração para jornalismo. Isso pareceu surpreendê-la, e imaginei o quão bem ela havia conhecido seu paciente.

— As pessoas mudam de ideia — disse ela. — Principalmente os jovens. Às vezes tragédias levam as pessoas a se voltarem para aquilo que realmente querem fazer.

— Foi o que aconteceu com Gavin? Ela fez um gesto sem se comprometer.

— Ele tinha planos de voltar a estudar?

— Foi difícil para ele manter a motivação, Alex. Um dos meus objetivos foi ajudá-lo a encontrar significado para sua vida. Mas isto tinha de ser gradual. Gavin ainda estava confrontando as mudanças.

— Então ele abrandou cognitivamente.

— Sim, mas de modo sutil. E, creio, exacerbado por estresse emocional. Estou curiosa, Alex.

Por que está tão interessado na personalidade dele?

— Estou interessado no comportamento obsessivo de Gavin porque a polícia está imaginando se isto poderia tê-lo metido em alguma encrenca.

— Como assim?

— Odiando a pessoa errada.

— A pessoa errada.

— Alguém capaz de reagir com violência. Ela tocou o lábio com um dos dedos.

— Eu ficaria surpresa com isso... Gavin se metendo com gente violenta. Ele era um bom garoto, um garoto convencional. Por certo nunca mencionou nada parecido para mim.

— Ele era muito comunicativo?

Os olhos negros ergueram-se para o teto.

— Como explicarei isso...? Bem, como muitos homens jovens, Gavin não era muito chegado à introspecção.

— Sobre o que ele falava?

— Eu estava tentando fazê-lo falar de seus sentimentos. Raiva por se sentir diferente. Culpa por sobreviver ao acidente. Dois amigos dele morreram, sabe?

Assenti e ela continuou:

— Minha sensação era de que Gavin sabia que tinha perdido alguma coisa... um certo discernimento, uma sutileza... mas ele tinha dificuldade de se expressar a respeito. Suponho que poderia ter sido afásico. Ou apenas falta de habilidade verbal de um homem pós-adolescente. De qualquer modo, sei que ele estava lutando com seus sentimentos. Eu não podia pressioná-lo demais, Alex. Uma vez, porém, ele se expressou de uma maneira que achei extremamente eloquente. Faz apenas umas poucas semanas. Ele chegou para a consulta parecendo deprimido. Esperei-o lá fora, e finalmente ele golpeou o braço do sofá... aquele sofá... e gritou: “Isto é foda, Dra. Koppel! Para todo mundo eu pareço bem, todos continuam me dizendo que estou bem, mas sei que não estou legal.” Então ele parou, ruborizado e com o peito arquejante, e quando voltou a falar foi tão baixo que mal pude ouvi-lo. O que ele disse foi: “É como um daqueles filmes de androides. Não sou mais eu mesmo, ainda continuo na caixa em que cheguei, mas alguém está me dando a porra de um choque elétrico.” Depois, continuou: “Realmente deixei de ser eu.” E por fim ele chorou. Pensei que era uma brecha, mas na semana seguinte ele cancelou a consulta, e também na outra semana. Desde então só tivemos mais um encontro, e foi como se nada tivesse acontecido. Tudo que ele queria falar era sobre carros e esportes. Era como se estivéssemos começando do zero. Mas é assim que ocorre com os jovens.

— Ele falou sobre sua vida social? — perguntei.

— Social em relação a namoro?

— Sim.

— Houve uma namorada, uma garota que ele conheceu no colégio. Mas já estava terminado.

— Por causa do acidente?

— Suponho que sim.

Mais uma vez eu precisava me concentrar nos tópicos pessoais.

— Gavin se resguardava acerca de sua vida.

— Muito.

— Ele mencionou outras garotas?

Ela sacudiu a cabeça negativamente.

— Você se importaria em dar uma olhada na foto da garota que foi morta junto com ele? É uma foto do necrotério.

Ela estremeceu.

— Não vejo qual a razão.

— Tudo bem.

— Não, pode me mostrar — ela mudou de ideia. — Preciso me inteirar de todo este infortúnio.

Pus a foto do cadáver sobre o tampo da mesa de vidro. Ela não tentou tocá-la, apenas olhou para a foto. A boca perdeu a determinação. Uma veia pulsou na têmpora. Pulsação acelerada.

— Você a conhece? — perguntei.

— Nunca a vi antes em minha vida. Estou apenas imaginando como deve ter sido para eles dois.

Capítulo 7

Mary Lou Koppel me conduziu até a sala de espera e ficou me observando descer as escadas. Quando parei para olhar de volta, ela sorriu e acenou.

De volta em casa, verifiquei minhas mensagens. Três ligações inconvenientes e Allison me avisando que tivera um cancelamento, dizendo que fazia muito tempo desde que fora ao cinema pela última vez. Eu teria tempo naquela noite? Liguei para ela, sugeri jantarmos primeiro e informei que estaria lá por volta das sete.

A seguir liguei o computador, fiz meu login no site MEDLINE e revisei artigos sobre lesões pré-frontais na cabeça. Nos casos de grave trauma cerebral, sangramento e lesões eram visíveis nas radiografias ou tomografias computadorizadas. Mas em casos menos dramáticos, a lesão era sutil e invisível, consequência de algo chamado "cisalhamento axonal" (*axonal shearing*) — uma lesão microscópica das fibras nervosas. Esses casos resistiam a testes neurológicos e podiam ser mais bem diagnosticados por avaliação neuropsicológica. Instrumentos como o teste Wisconsin de Classificação ou o teste de Figura Complexa Rey Osterreich revelavam problemas de atenção, reflexão e processamento de informação.

Pacientes com lesões pré-frontais às vezes apresentavam dificuldades para controlar o temperamento. E podiam ficar cada vez mais impulsivos e obsessivos.

Imprimi alguns artigos, vesti shorts e uma camiseta, calcei tênis e fui dar uma longa e vigorosa corrida, não querendo pensar sobre a curta e triste vida de Gavin Quick. Mesmo assim, não consegui tirar o assunto da cabeça e me concentrei numa apreciação de minha própria vida. Após uma ducha vesti novamente roupas formais e tentei achar Milo na delegacia. No momento em que disquei para o telefone de seu carro, repassei mentalmente a conversa com Mary Lou Koppel.

Ela havia cooperado, mas na verdade não me dissera muita coisa. Talvez ela não soubesse muito. Gavin estivera em terapia por três meses, e meu palpite era de que ele faltara a várias consultas. Combinando isto com a resistência dele e o fato de Koppel ter evitado os problemas cognitivos de Gavin, pude concluir que o tratamento não tinha sido de grande ajuda.

A abordagem de Mary Lou Koppel se resumiu ao que é conhecido no ramo como “terapia de apoio”. Não é necessariamente uma coisa ruim; às vezes tudo que um paciente necessita é de simpatia e

de um ombro para chorar. Mas às vezes fornecer “terapia de apoio” é uma desculpa para não fazer mais nada.

— Você quer dizer que ela estava só enrolando? — perguntou Milo.

— Talvez ela tenha dado o melhor de si. Ela sentava-se no consultório com Gavin, eu não.

— Cavalheiresco. Mas você ainda não gosta dela.

— Não tenho nada contra ela — afirmei.

— Devo ter entendido mal. Consegui saber por que ela criou barreiras naquela primeira vez?

— Ela foi direto ao ponto. Disse que a paciente me odiava, não confiava em mim e a proibiu de me contar qualquer coisa.

Puxando o seu tapete, parceiro?

— A paciente entrou com uma queixa ética contra mim.

— Epa — fez ele.

— A acusação foi descartada.

— Claro que foi — disse Milo. — O que ela era, uma esquisitona descontente?

— Algo desse tipo.

— Babacas. Terapia de apoio. Prossegui:

— De qualquer modo, isto tem a ver com o estado emocional de Gavin.

— Não tão esperto quanto costumava ser e obsessivo.

— Sabíamos disso antes.

— Ainda é interessante.

— Alguma novidade sobre a identidade da garota? — perguntei.

Nada. tampouco temos novas informações no que diz respeito à evidência física. As digitais de Gavin aparecem no volante, mas não há nada em qualquer das maçanetas, nem na dele nem na da garota. Alguém fez uma limpeza cuidadosa. O que significa uma mente organizada, certo? Fato que combina com um cenário montado. Há diversas marcas de pneus no acesso de carros. Infelizmente, um emaranhado completo delas, umas por cima das outras, de modo que os técnicos não puderam pegar boas impressões. Com corretores num entra-e-sai, era de se esperar. Nenhum dos vizinhos viu ou ouviu qualquer coisa, nenhum relato envolvendo figuras suspeitas ou carros estranhos. Pedi ao pessoal de Crimes Sexuais para dar uma olhada em seus arquivos, ver se algum voyeur assustador foi posto recentemente em liberdade condicional.

— Algo mais sobre a sequência da morte?

— O legista concorda com sua lógica acerca de Gavin ter sido baleado primeiro, mas ele não pode fazer uma declaração definitiva, pois não tem nenhuma evidência física para apoiar essa teoria. O borrifo de sangue diz que Gavin e a garota estavam sentados quando foram baleados, e o fato de haver todo aquele sangue no peito da garota e quase nada em torno do ferimento na cabeça diz que ela estava viva quando aquele espeto de ferro foi enfiado. Olhei em volta procurando locais em obras, para ver se descobria algum ferro batido faltando. Nada. Estou pensando num ataque de surpresa. Isso faz algum sentido?

— Faz total sentido — concordei. — O tarado segue os dois, observa, provavelmente estaciona em Mulholland e entra na propriedade a pé. Ele espera, vê alguma agarrção, fica com tesão.

Se a camisinha era de Gavin, ele e a garota já estavam prestes a consumir o ato. Nessa altura, surge das sombras e bum).

O elemento surpresa. Não havia nenhum sêmen na garota, muito embora ela estivesse com os peitos de fora, ainda vestia suas leggings, de modo que era de se esperar.

— Alguma coisa mais na necropsia?

— A última refeição dela foi um Big Mac, fritas e ketchup. A estimativa é de seis horas antes de ser morta. O estômago de Gavin deu espaguete com manjerição e pão de alho. A Sra. Quick confirma que

havia preparado o jantar. Ela e Gavin comeram juntos cinco horas antes do crime. Depois ele passou algum tempo em seu quarto, e Sheila foi para o dela ver televisão.

— Nenhum encontro para jantar — eu disse. — Gavin e a garota comeram separadamente, depois se encontraram. A que horas Gavin deixou a casa?

— Sheila não o ouviu sair... ficou na defensiva quanto a isso, afirmando que Gavin era adulto e ela não queria parecer protetora.

— Devido ao que ele tinha passado — opinei.

— É — disse Milo. — Mostrei de novo a foto da loura para ela, porque já não parecia tão drogada. A mesma resposta: uma estranha total.

— Talvez apenas uma transa — cogitei.

— Pensei nisso e designei um detetive para percorrer os inferninhos com as fotos dos dois. O legista preparou amostras de sangue e tecido para o processamento do DNA, mas a não ser que os dados físicos da garota estejam codificados em algum banco de dados oficial, este é provavelmente um beco sem saída. Até agora, ela não parece estar listada em qualquer um de nossos arquivos de Pessoas Desaparecidas. O que poderia significar uma fuga de outra cidade, ou que a fuga aconteceu há muitos anos. O legista está relutante em fazer uma estimativa de idade, mas dei uma olhada nela de perto e a garota parece um pouco mais velha do que Gavin, talvez de a 25 anos. E não parece uma fugitiva. As roupas eram boas e ela estava muito produzida: maquiagem, brincos, unhas feitas. Os dentes não eram lá essas coisas... faltavam alguns atrás. Mas a dentição visível estava correta. Cabelo tingido, mas era loura natural. O legista disse que podia sentir o perfume que ela usava, achou que era Armani.

Não o senti na cena do crime, e na hora em que entrei no necrotério ela estava com cheiro de outras coisas. Mas vou aceitar essa. O Dr. Quan tem um bom nariz.

— Produzida demais para uma prostituta? — arrisquei.

— Para uma de rua, sim. Vestida de modo conservador para a prostituta comum. Mas e se fosse uma prostituta de luxo? É uma possibilidade. Por quê?

— Nenhum encontro para jantar. Podia ter lá os motivos dela para estar se prostituindo.

— Você imagina um garoto como Gavin sabendo como arrumar uma profissional como essa? Ele estava vestido como um estudante, não foi como se pusesse um terno Zegna e percorresse os hotéis de Beverly Hills com um maço de dinheiro.

— Mas tendo crescido em Beverly Hills, ele poderia saber sobre os hotéis. Com dinheiro suficiente no bolso, ele estaria em posição de negociar.

— Encontramos trinta paus na carteira dele.

— E se ele já houvesse pago à garota e ela estivesse com o dinheiro? A bolsa dela não estava no carro. Se for assim, o roubo pode ter sido a cereja do bolo para o bandido.

— Uma garota de programa fazendo um biscate externo com um garoto de cérebro lesionado — comentou Milo.

— E o que acontece no caso de algumas lesões cerebrais. Os problemas podem ser sutis. A não ser que se soubesse como Gavin era antes, não daria para afirmar que ele tinha algum problema. Era apenas um garotão boa-pinta dirigindo um conversível vermelho descolado. Sabemos que ele podia ser impulsivo e compulsivo, e talvez tenha sido o que o levou a abordar uma profissional. Ele tinha suas necessidades... principalmente desde que o relacionamento com Kayla Bartell acabou.

— Koppel disse por que eles romperam?

— Ela presumiu que foi devido ao acidente. Não fiquei convencido de que ela soubesse muito a respeito de Gavin.

— Uma profissional — disse Milo. — Um cara jovem e cheio de tesão, sua garota rompe com ele, talvez sua confiança tenha escorregado... poderia ser.

— Ainda há mais coisa. Aquela conversa de Gavin acerca de escavar os podres das celebridades. E se ele realmente desse seguimento a esses sonhos de tabloide? Que melhor lugar para flagrar uma celebridade do que um hotel caro?

— Ele começa correndo atrás de estrelas de cinema e pega uma prostituta?

— Impulsividade juvenil intensificada pela lesão cerebral.

— Certo. Verificarei com os recepcionistas dos hotéis de transa de Beverly. Não que eles vão admitir que aceitam a presença de prostitutas. Também perguntarei ao Departamento de Polícia de Beverly Hills se eles a conhecem, bem como mostrar sua foto aos nossos colegas do setor de combate à prostituição. Enquanto isso, ela não passa de uma loura bem-vestida.

— Alguma coisa rastreável nas roupas?

— A blusa era DKNY, calcinhas Calvin Klein e sutiã de grife, nenhuma etiqueta nas leggings. Sapatos bons. Excelentes, na verdade... Jimmy Choo. Pelo que ouço, é um tremendo investimento. Há uma loja Jimmy Choo bem em Beverly Hills, na Little Santa Monica, portanto fui até lá. Estamos falando de quinhentos, seiscentos paus por um salto e uma tira. Ninguém a reconheceu como cliente, mas quando descrevi os sapatos, a vendedora logo soube do que eu estava falando. Eram de duas coleções atrás, podiam ter sido comprados com desconto na Neiman's, na Barneys, ou em alguma outra loja parecida.

— Sapatos caros — comentei. — Boa combinação. Você pensaria em alguém assim que estivesse desaparecido?

— Claro, mas se a garota morar sozinha, poderia levar algum tempo para alguém se dar conta de que desapareceu. Parece que vai ser um processo longo e arrastado. Obrigado por sua ajuda, Alex. Se descobrir alguma coisa o avisarei.

Peguei Allison na porta de seu consultório. O cabelo estava solto e ela entrelaçou os dedos nos meus, me beijando com firmeza. Nenhum de nós estava com fome, e optamos pelo cinema primeiro, comida depois. Um velho filme dos irmãos Coen, Gosto de sangue, estava passando no Aero, a algumas quadras da Montana.

Allison nunca o tinha visto. Eu já, mas o filme merecia uma segunda vez.

Sáimos do cinema pouco depois das nove e fomos até o Hakata, na Wilshire, onde ocupamos uma cabine, afastados dos pôsteres de astros do rock e dos bons acepipes do sushi bar, e pedimos, salada de tiras de salmão, bife teriyaki, sashimis sortidos e saquê.

Perguntei a Allison como ela teria tratado Gavin Quick.

— Quando trato lesões na cabeça, os pacientes geralmente já passaram por uma avaliação neuropsicológica — explicou ela. — Se não o fizeram, eu os encaminho. Se o teste apontar déficits, recomendo algum exame especial direcionado. Depois disso, me concentro em colocar em forma as forças do paciente.

— Terapia de apoio.

— Às vezes precisam de mais do que isso. O desafio é aprender a lidar com todo um mundo novo. Mas, claro, o apoio representa uma grande parte disso. Pode ser duro, Alex. Dois passos atrás para cada passo à frente, um monte de alterações de humor, e nunca se sabe qual será o resultado. Basicamente, você encara uma pessoa que sabe não ser mais o que costumava ser e sente-se incapaz de mudar.

— Gavin disse a sua terapeuta que esqueceu de como ser ele mesmo.

— Muito eloquente. Servi saque para nós dois.

— Nada como um belo namoro despretensioso, não é? Ela sorriu e tocou meu pulso. — Ainda estamos namorando? — Antes que eu pudesse responder, ela continuou. — Por que todas essas perguntas técnicas, meu bem? A morte está relacionada com o estado mental dele?

— O estado mental entrou em pauta porque Milo imaginou se Gavin poderia ter incomodado a pessoa errada. Mas meu palpite é de que a garota era o alvo, e Gavin apenas deu azar.

— Má sorte outra vez — comentou ela. Comemos.

Um momento mais tarde:

— Quem é o terapeuta?

— Uma mulher chamada Mary Lou Koppel. Ela afirmou que a meta era fazer com que o garoto se abrisse emocionalmente. Isso não soou como se estivesse indo muito bem.

Ela depositou o copo na mesa.

— Mary Lou.

Você a conhece? Ela assentiu e disse:

Muito estranho.

— O que é?

— Ela já teve um paciente assassinado antes.

Capítulo 8

Pus meu prato de lado. Allison prosseguiu:

— Encontrei-me com Mary Lou algumas vezes antes. Conferências, simpósios. Uma vez participamos de uma mesa-redonda. Quando eu ainda era tola o suficiente para participar deste tipo de coisa. O que me lembro dela mais vividamente são as roupas vermelhas e o sorriso... ela sempre sorria, mesmo quando não parecia adequado. Como se tivesse sido preparada por um consultor de mídia. Na mesa-redonda tinha um monte de coisas a dizer, mas nenhum dado para apoiá-las. Era óbvio que ela não havia se preparado, estava confiando no carisma.

— Você não é muito fã dela.

— Ela fez com que me deixassem completamente de lado durante o debate, Alex. Mas imaginei que eu estivesse apenas com inveja. Porque todos sabiam quão bem ela estava se saindo profissionalmente. Comentava-se que estava cobrando 50% a mais do que o resto de nós e estava recusando pacientes. O assassinato foi há mais de um ano. Eu estava na convenção da Associação Psicológica do Oeste, em Vegas, e Mary Lou estava escalada para dar uma palestra sobre psicologia e mídia, que foi cancelada em cima da hora. Eu não havia planejado assistir, mas um de meus amigos se inscrevera para ouvi-la... Hal Gottlieb.

Naquela noite eu jantava com Hal e alguns outros colegas e ele brincou que havia perdido dinheiro no cassino e que da processar Mary Lou por causa disso. Porque o cancelamento da palestra o deixara com tempo livre e ele fora jogar. Depois nos disse que ela cancelou porque um de seus pacientes tinha sido assassinado. Fez-se um longo silêncio; finalmente, alguém fez um comentário acerca de má publicidade, depois um outro contrapôs que para Mary Lou não havia esse negócio de má publicidade, que ela transformaria o fato em vantagem.

Garota popular — comentei.

— Nós, curadores de mentes, podemos ser tão maldosos quanto qualquer um. Se nossos pacientes soubessem...

Você se lembra de detalhes sobre o assassinato?

— Por alguma razão, me lembro que a vítima era uma mulher. Mas poderia estar enganada. Na verdade não tenho certeza, Alex.

— Mais de um ano atrás.

— Em abril do ano retrasado... depois da Páscoa, o que daria 14 meses.

— Nada sobre um assassinato veio à tona quando chequei o nome de Mary Lou nas ferramentas de busca — falei. — Mas ela começou a dar entrevistas acerca de reforma prisional mais ou menos por essa época, portanto talvez o crime tenha acendido seu interesse.

— Poderia ser.

— Em algumas das entrevistas ela se fez acompanhar de um de seus sócios, um cara chamado Albin Larsen. Conhece?

Ela sacudiu a cabeça e provou a salada com a ajuda dos pauzinhos.

— Dois assassinatos ligados a um mesmo consultório. Fico imaginando se a firma é grande o bastante, aí não seria de estranhar.

— E a de Mary Lou era grande. Foi o que ouvi.

— Bem — falei —, no mínimo é estimulante. Passarei esta informação para Milo. Obrigado.

— Fico sempre feliz em ajudar. — Ela afastou uma mecha de cabelo preto para longe do rosto e mordiscou o lábio inferior.

Inclinei-me através da mesa e a beijei. Ela pegou meu rosto com as duas mãos, pressionou minha boca contra a dela e me soltou.

Servi mais saquê.

— Isto é bom — disse ela.

— Marca premium — informei.

— Eu me referia a estar aqui com você.

— Ah. — Dei um tapa na testa.

Ela riu e tocou num dos brincos de diamante.

— Apesar de minha inclinação por coisas brilhantes, realmente não preciso muito. Estamos vivos e nossos cérebros estão funcionando muito bem... já é um bom começo, não é?

Na manhã seguinte, terminei um relatório de custódia e, querendo sair de casa, dirigi até o tribunal de West L. A. e entreguei os papéis no gabinete do juiz. A delegacia de polícia ficava perto e fui até lá. O recepcionista já me conhecia e acenou para que eu entrasse.

Subi as escadas e passei pela grande sala da Roubo e Homicídios, onde Milo uma vez trabalhara com todos os outros detetives, e continuei seguindo pelo corredor.

Ele havia passado 15 anos naquela sala e nunca se integrara por completo por causa de sua sexualidade e suas próprias tendências solitárias. No início houve um bocado de hostilidade, principalmente dos patrulheiros e dos chefes, mas havia tempo que isso não ocorria e os detetives nunca lhe ofereceram esse tipo de tratamento.

Detetives são brilhantes e ocupados demais para esses absurdos. Nos últimos anos, a alta taxa de casos solucionados por Milo lhe garantira um silencioso respeito.

Pouco mais de um ano atrás sua vida tinha mudado. A caçada a um perverso e frio assassino sexual de 21 anos tinha-o levado a revelar alguns dos segredos pessoais do chefe de polícia. O chefe, agora destituído, lhe havia oferecido uma solução: Milo, em troca de não prejudicar nenhum dos dois, seria promovido a tenente, mas seria poupado da burocracia que acompanhava o posto. Exilado em seu próprio espaço, longe dos outros detetives, ele seria uma exceção: com permissão de assumir os casos que desejasse, esperava-se que se portasse com discrição.

Se precisasse de ajuda, estava livre para convocar detetives novatos. Do contrário, ficaria por sua própria conta.

Manobrar e cooptar. É o tipo de coisa que o governo faz o tempo todo, Milo sabia que estava sendo manipulado, e detestava a ideia. Pensou em se demitir — por uns poucos momentos. Desviou-se da autodestruição e convenceu a si mesmo de que o isolamento poderia ser a liberdade. Ganhar um salário

melhor tampouco era ruim, e enquanto o chefe estivesse no cargo, sua segurança no emprego estava garantida.

Agora o chefe tinha ido embora e aguardava-se uma nova nomeação. Dez candidatos comunicaram suas intenções, incluindo um subchefe dos Serviços Comunitários que arriscou a própria reputação depois de uma entrevista a um jornal de São Francisco na qual ele saiu do armário depois de trinta anos e deu o nome de seu companheiro de longa data.

Perguntei a Milo se isto mudaria as coisas na polícia.

Ele riu.

— Quando o nome de Berger surgiu na lista, os comentários foram tantos que se podia ouvi-los até na China. A chance de Berger vencer a disputa é quase a mesma de me nascer um segundo pâncreas.

— Mesmo assim. O fato é que ele veio a público.

— Depende do que considerarmos como público. Todo mundo no departamento há anos sabia sobre ele.

— Oh — exclamei.

— As coisas mudaram desde quando eu comecei — disse ele. Ninguém olha, ninguém fala, ninguém deixa mensagens maldosas no meu armário. Mas o básico... a psicodinâmica... jamais vai mudar, não é? Do modo como vejo a coisa, o ser humano é assim, está em nosso DNA. Nós e eles, alguém vai estar dentro, alguém vai estar fora. A cada poucos anos temos de surrar outra pessoa para nos sentirmos bem com nós mesmos. Se a maior parte do mundo fosse igual a mim, os héteros seriam estigmatizados. Provavelmente alguma coisa irá evoluir, embora eu não consiga imaginá-la. Captou alguma sabedoria do que eu disse?

— Deixei as pílulas de sabedoria no carro.

Ele riu de novo, daquele jeito triste que aperfeiçoou.

— A selvageria reina. Nunca sentirei falta dela para trabalhar.

A porta do seu escritório estava aberta. Ele sentava-se a sua mesa, lendo uma pasta. O escritório não tinha janelas, quase não tinha espaço suficiente para ele, sem nada pendurado na parede e uma foto de Milo e Rick sobre a mesa, pescando, em algum lugar no Colorado. Ambos de camisas xadrez, pareciam uma dupla de apreciadores da vida ar livre. Na maior parte da viagem, Milo sofrera os efeitos da altitude.

O computador estava ligado e o protetor de tela era um tubarão caçando um mergulhador. A cada vez que as mandíbulas vorazes cutucavam as nadadeiras do homem, recebiam um chute no focinho. Uma legenda flutuante declarava: NENHUMA BOA AÇÃO FICA SEM PUNIÇÃO.

Bati no batente da porta.

— Hã — resmungou ele, sem erguer a vista.

— Bom-dia para você também. Acontece que Gavin Quick não é o primeiro paciente de Koppel a ter um fim prematuro.

Ele ergueu a vista, olhou-me como se não nos conhecêssemos. Seus olhos clarearam. A pasta era de Gavin. Ele a fechou.

— Como é que é? Expliquei.

Sentei-me na única cadeira extra. Nossos narizes estavam a menos de um metro de distância. Nenhuma das cigarrilhas de Milo estava à vista, mas suas roupas carregavam um ranço de tabaco mofado.

— Em abril do ano retrasado — disse ele.

— Allison pode não estar certa, mas ela acha que a vítima era mulher. Isto é tudo o que posso lhe dizer.

— Bem, adivinhe! O departamento finalmente se arrastou para a era digital. — Ele bateu no monitor do computador.

O tubarão e o mergulhador sumiram, dando a vez a diversos ícones, colocados aleatoriamente. A tela estava embaçada e rachada num dos cantos.

— Pelo menos, teoricamente. Este escrotinho costuma congelar... foi doado por algum colégio particular em Brentwood, porque os garotos não queriam mais usá-lo. — Ele começou a digitar. O computador fez uns ruídos de máquina de lavar e entrou em ação lentamente.

— Aqui estamos, meu garoto. Cada assassinato perverso sob a jurisdição do departamento nos últimos cinco anos, listados por vítima, data, divisão e posição. Provavelmente ninguém empalado, porque já fiz uma busca por empalação... vamos ver o que abril produz...

Ele foi em frente.

— Estou contando seis... sete mulheres. Cinco casos concluídos, dois em aberto. Vamos começar com os que aconteceram no Westside, porque é lá que Koppel tem consultório. Melhor ainda, posso andar uns poucos metros e pegar as pastas.

Dei uma olhada na tela.

— Pasta. Parece que só há uma ocorrência em West L.A.

— Não disse que iria ser fácil? Foi.

Flora Elizabeth Newsome, 31 anos de idade, mulata, 1,64 m, kg. Professora de terceira série na Escola Canfield, encontrada em seu apartamento em Palms num domingo de manhã, esfaqueada e baleada. Estava morta há pelo menos 12 horas.

A Dra. Mary Lou Koppel havia sido interrogada pelos detetives da segunda divisão, Alphonse McKinley e Lorraine Ogden em de abril. A Dra. Koppel nada teve a oferecer além do fato de que estivera tratando Flora Newsome devido a “ansiedade”.

Sem Solução.

Li o relatório da necrópsia. “Esfaqueada e baleada por um calibre 22. Não seria novidade se o laudo da balística confirmasse isso. E o esfaqueamento não ficou muito longe da empalação.”

Milo recostou-se na cadeira.

— Sempre posso contar com você para iluminar minha vida lamentavelmente triste.

— Considere isto como uma terapia — eu disse.

O detetive Alphonse McKinley havia sido transferido para o Esquadrão Metropolitano, no Parker Center. A detetive Lorraine Ogden estava bem abaixo no corredor, tentando entender a informação que seu computador despejava.

Tinha aproximadamente 35 anos, uma mulher de ombros largos, cabelo curto, escuro, com salpicos grisalhos e um queixo determinado. Usava uma blusa laranja-clara estampada, calças compridas marrons e sapatos creme sem saltos. Aliança com um brilhante de meio quilate em uma das mãos. Um anel de formatura do ensino médio na outra.

— Milo — disse ela, mal erguendo a vista. Sua tela encheu-se com fileiras de números. — Esta coisa me detesta.

— Acho que você acabou de quebrar um banco suíço.

— Não creio. Ainda não vi nenhuma suástica por aqui. O que você manda?

Milo nos apresentou.

— Eu o tenho visto por aí. Alguma coisa por aqui que não bate psicologicamente? — Lorraine Ogden perguntou.

— Como sempre. Mas desta vez Alex está aqui para tratar de negócios. — Milo contou-lhe sobre os assassinatos em Mulholland Drive e as semelhanças com o caso de Flora Newsome.

— A mesma médica de cuca — disse ela. — Acho que há uma ligação.

— Um calibre 22 foi usado em ambos os casos. Nossa vítima foi empalada, e a sua foi esfaqueada.

— Empalada como?

— Uma haste de ferro através do esterno.

— Flora foi cortada horrivelmente. A faca entrou com força no peito, também. — Ogden mordiscou os lábios com os dentes inferiores e o maxilar se ampliou. — Nunca fiz qualquer avanço no caso dela, seria bom se conseguisse alguma coisa.

— Olhei o arquivo, mas, se você tiver tempo, não me importaria de ouvir sobre isso, Lorraine. Ogden olhou para a luz do computador e desligou-o. O toque foi forte e a máquina estremeceu. Meu filho sempre me diz que um computador só deve ser desligado da maneira adequada, senão o sistema pode ser danificado. Mas a questão é que não há como estragar ainda mais esta máquina.

Ela se levantou, 1,80 m de altura em saltos baixos. Nós três saímos da sala e fomos para o corredor.

— Qual é a idade do seu filho? — perguntei.

— Dez anos. Parece 30. Adora matemática e toda essa parafernália tecnológica. Ele saberia o que fazer com essa porcaria abissal,

— Ela se virou para Milo: — Acho que a sala de interrogatório A está vaga. Vamos brincar de déjà vu.

Capítulo 9

A sala de interrogatório A era um espaço de pé-direito baixo, equipado com uma mesa e cadeiras dobráveis, tão excessivamente iluminado que me faria querer confessar qualquer coisa. Etiquetas de preço do Wal-Mart estavam grudadas nas costas das cadeiras. A mesa, repleta de caixas de pizza vazias. Milo as empurrou para um canto e sentou-se à cabeceira. Lorraine Ogden e eu a ladeamos.

Ela pegou a pasta Newsome, folheou-a, parou nas fotos da necropsia, e ficou observando um bocado de tempo uma lustrosa foto 10x15.

— Pobre Flora — comentou. — Esta foi a foto da formatura dela. Universidade da Califórnia em Los Angeles. Foi lá que obteve o diploma.

— Ela estava com 31 anos quando morreu — atestou Milo. — Foto antiga?

— Recente. Ela passou algum tempo fora, trabalhou como secretária entre a faculdade e a escola onde daria aulas. Tinha se formado apenas um ano antes. Estava terminando seu ano de estágio na escola. O diretor gostava dela, a garotada também. Ela seria convidada para ficar.

A unha de Lorraine Ogden deu um piparote na beirada da foto.

— A mãe dela nos deu isto, marcou um grande ponto ao nos dizer que podíamos ficar com ela... o tipo de coisa que me ligou com Al.

Uma dama requintada. Tinha fé em nós, nunca nos aporrinhou, só ligava de vez em quando para agradecer, dizer que estava certa de que resolveríamos o caso. — Suas narinas inflaram. — Deve fazer meio ano que não ouço falar dela. Pobre Sra. Newsome, Evelyn Newsome.

— Posso ver? — pedi e ela deslizou a pasta através da mesa. Em vida, Flora Newsome tinha sido atraente de uma maneira raquítica e não muito marcante. Rosto largo, cútis clara, cabelo preto caindo pelos ombros, olhos claros e brilhantes. Para a foto de formatura ela vestira um suéter branco felpudo e pusera um fino cordão de ouro com um crucifixo. Uma inscrição no verso da foto dizia Para mamãe e papai. Finalmente conseguiu! Tinta azul, bela caligrafia.

— Mamãe e papai — comentei.

— O pai morreu dois meses depois da formatura de Flora. A mãe também não da durar muito... artrite grave, 70 anos de idade, mas aparentando 75. Depois da morte de Flora, ela saiu de casa e foi para um asilo. Se isso não envelhecer a pessoa mais rápido... — Ela franziu o cenho. — Portanto, o que lhes posso dizer a respeito... o namorado de Flora da encontrá-la por volta das onze e meia da manhã, no domingo. Os dois tinham um encontro para um brunch no Bobby J's, na Marina. — Ela bufou. — Engraçado eu me lembrar disso. Nós verificamos, o restaurante confirmou a reserva. O namorado aparece, bate, ninguém atende. Continua tentando, finalmente usa o celular para chamar Flora. Nada ainda. Ele bate na janela, tenta olhar para dentro da casa, mas as cortinas estão fechadas. Então ele chama o zelador, que não quer deixá-lo entrar... ele já viu o namorado por ali, mas não o conhece de fato. O namorado ameaça chamar a polícia e o zelador concorda em dar uma breve olhada. Um minuto depois, o zelador está vomitando nos arbustos e o namorado liga para o 911 gritando por uma ambulância. Já não havia a menor chance. O legista disse que ela foi morta por volta de meia-noite

Lorraine Ogden pede a pasta. Eu a devolvo e ela a folheia de novo.

— Baleada e esfaqueada. Contamos 34 ferimentos... para lá de morta. Ah, sim, aqui está um, bem debaixo do esterno.

O legista disse que o assassino deu o máximo de si para revolver a faca. Muito sangue. Lâmina grande, de gume único, como uma faca de açougueiro. Flora tinha um cepo na cozinha, uma daquelas coisas feitas com um bloco de madeira com fendas para cada faca e a maior delas estava faltando. Imaginamos que o bandido a levou como souvenir ou apenas para esconder a evidência.

— O nosso cara deixou a peça na garota — informou Milo.

— Fascinante. E então, você está pensando que a psicanalista poderia ser um elo?

Milo deu de ombros.

— Dois pacientes na mesma clínica assassinados, algumas similaridades na técnica.

— O quê? Ambos encontraram o mesmo psicopata na sala de espera? — disse Lorraine Ogden.

Não é um roteiro ruim, Lorraine. Ogden brincou com sua aliança de casada.

— Gostaria de passar-lhe mais alguma informação sobre Flora, mas aquela garota estava fria no dia em que isto foi entregue. Uma vítima sem nenhuma esquisitice, todo mundo gostava dela, sem inimigos conhecidos. Isto me cheirava exatamente como o trabalho de um psicopata. Só que um psicopata cauteloso, esse era o problema. Havia impressões digitais na sala de estar. De Flora, do namorado, dos pais dela, do zelador... ele é um velhote de 80 anos que sofre de catarata, portanto não vá pensando nessa direção. E algumas de Flora no quarto, principalmente no armário e na área circundante. Porém nenhuma na cama ou perto dela. O mesmo no que se refere à cozinha ou ao banheiro. Os cômodos pareciam ter sido limpos, principalmente o banheiro. Nenhuma nódoa na pia, nenhum fio de cabelo na banheira ou no sabonete. Mandamos que os técnicos checassem os canos e sifões e, com toda certeza, encontraram vestígios do sangue de Flora. Com a ação do Luminol, o lugar parecia um matadouro, exibindo todos os tipos de marcas de limpeza no sangue, realizada, segundo o legista, por uma pessoa destra. Havia também uma fileira de copos de bebida na cozinha e um deles, em particular, estava completamente limpo como se houvesse passado pela lava-louças. Os técnicos confirmaram cristais da lavadora de pratos no fundo.

— Os caras maus fazem mesmo essas coisas, lavam louça, tomam um drinque.

— Metucioso — completou Ogden. — Não que houvesse qualquer finesse no modo como a tratou. Ele a baleou depois de morta, mas ela ainda estava viva por pelo menos uma parte do trabalho com a faca. Um monte de esguichos de sangue nos lençóis, você viu a foto. Ele a deixou deitada de costas com as pernas abertas. Nossa teoria é de que foi surpreendida enquanto dormia. Pelo menos assim espero. Imagine acordar para isso? Estar plenamente consciente? — Ela fechou a pasta.

— Todo aquele sangue e nada de pegadas — observou Milo.

— Nem uma única. Onde está o O.J. quando precisamos dele? Este sacana era cauteloso, caras. Chega da velha teoria de transferência. Achamos um fio de neoprene, ou seja, plástico preto, enfiado num

dos cantos da cômoda de Flora. Parecia a ponta rasgada de uma peça maior. Al e eu imaginamos que ele havia trazido sacos de lixo, ou algum tipo de lona. O laboratório diz que era consistente como material laminado industrial, do tipo usado em construção. Então talvez estivéssemos lidando com um construtor. Estávamos esperando por uma impressão deste fio, pelo menos parcial. — Ela sorriu. — Tal como na TV.

— Zunindo — disse Milo.

— Zunindo ao quadrado. Eu estava tão frustrada que até preenchi um daqueles formulários de perfil do FBI e mandei para Quantico. Quatro meses depois, recebi uma carta oficial do FBI. Homem branco, psicopata organizado, talvez entre 25 e 40 anos e, sim, o negocio de construção fazia sentido, mas eles não podiam ter certeza, não tinham certeza de nada disso.

— Os impostos que pagamos trabalhando por nós.

— Todos os dias.

— Uma cerca de ferro batido poderia restringir o negócio de construção.

— Assassino que trabalha com ferro. Ou ele apenas pegou o ferro num local de obra e o afiou.

No que se refere à médica de cuca

— Ogden olhou para mim —, perdão, a terapeuta a única razão para percebermos que Flora a estava consultando foram os cheques quinzenais sacados de sua conta.

Cem paus, o que pareceu exorbitante para quem levava para casa quatrocentos. Quando perguntamos à mãe dela sobre isso, ela ficou surpresa. Flora nunca lhe contou que estava fazendo algum tratamento. Al e eu ligamos para a doutora... como ela se chama?

— Koppel.

— Certo, Dra. Koppel. Falamos com ela por telefone, ela disse que só atendeu Flora umas poucas vezes, o que bate com o talão de cheques. Seis pagamentos em três meses. Ela não quis entrar em detalhes... confidencialidade entre terapeuta e paciente. Dissemos a ela que gente morta perde o privilégio. Ela respondeu que sabia disso, só que não havia nada para contar. Parecia muito abalada, disse que acabava de chegar de avião de uma conferência. Existe algo de suspeito em relação a ela?

— Não que eu saiba — respondeu Milo. — Como você disse, o assassino poderia ser outro paciente. Nenhuma ideia do motivo por que Newsome estava na terapia?

— Acho que Koppel falou em “questões de ajustamento”. Alguma coisa parecida. Sei que ela negou que houvesse qualquer coisa de esquisito acerca da personalidade de Flora. Perguntamos a ela sobre relacionamentos com esquisitos ou bandidos, e ela disse que Flora nunca comentou nada a respeito. Ela nos deu um diagnóstico... problemas de ajustamento...

— Distúrbio de ajustamento... tipo ansiedade? — perguntei.

— Soa correto. O que deu para entender foi que Flora tinha estado estressada... a pressão do seu ano de estágio na escola, percebendo que da ser uma professora e toda a responsabilidade que isso acarreta. Também passava por algumas dificuldades financeiras por causa dos anos que tivera de largar o trabalho para voltar a estudar.

— Dificuldades financeiras — comentou Milo —, mas ela torrava cem paus por quinzena com Koppel.

— Koppel disse que houve um desconto. Ela cortou os honorários pela metade e concordou em consultar Flora por quinzena em vez de semanalmente.

— Fazendo um favor a Flora.

Terapia 85

— Basicamente, sim — Ogden assentiu. — Koppel afirmou que uma vez por semana costumava ser o mínimo para o paciente ganhar os benefícios da terapia, mas ela abriu uma exceção para Flora. Isso é verdade, doutor? Existe um mínimo?

— Não.

Bem, essa era a maneira como Koppel via a coisa. — Uma das mãos de Ogden descansava em cima da outra. Uma mulher grande, mas com mãos delicadas de pianista. — Ela fez um circo em torno disso... como ela havia encaixado Flora. Lembro de ter pensado que ela falava principalmente sobre si mesma, não sobre sua paciente.

— Um pouquinho de ego — disse Milo. — Ela faz o circuito de programas de entrevistas radiofônicas.

— E mesmo? — replicou Ogden. — Tudo que ouço no rádio é The Wave, um programa maneiríssimo de jazz depois de um dia de sangue e maldade. Vocês já falaram com ela?

— O Dr. Delaware falou. Ela olhou para mim. Resumi a conversa.

— Parece que você também não conseguiu grande coisa — Ogden concluiu.

— Talvez tudo que ela conseguiu também não seja grande coisa

— disse Milo. — O Dr. Delaware imagina se talvez Koppel não foi um pouco relaxada com nossa vi... com a terapia. Seja como for, vamos procurá-la outra vez. A coincidência é grande demais. Algo mais que deveríamos saber sobre Flora?

— Nada me ocorre agora.

— O namorado nunca esteve em pauta?

— Chama-se Brian van Dyne — respondeu Ogden. — Professor na mesma escola, dois anos mais velho do que Flora. Na noite do crime ele foi ver um jogo dos Lakers com dois amigos, foram jantar, depois foram a dois bares. Tudo confirmado. Os amigos o deixaram em seu apartamento em Santa Monica após as duas da madrugada. Nunca o vi como o nosso homem, mas mesmo assim passou pelo polígrafo e pelo teste residual, só por segurança. Nenhum resíduo de pólvora em ambas as mãos, mas o teste não foi válido porque já havia passado muito tempo. Mas ele se saiu muito bem no polígrafo.

Jonathan Kellerman

Por que você não o vê como o nosso homem? — perguntei.

— Ele parecia arrasado com a morte de Flora, realmente esmagado. Seus amigos disseram que ele estava muito animado no jogo e depois. Todos com quem falamos disseram que ele e Flora se davam muito bem. Tudo isso continua não me dizendo nada, mas e o polígrafo? Não tem jeito. Não foi ele.

— Ele sabia alguma coisa sobre a terapia de Flora?

— Nada. Tal como a mãe de Flora, ele não fazia ideia de que ela estivesse em tratamento.

— Consultas quinzenais — falei. — Bastante fácil de ocultar.

— E Flora, definitivamente, estava ocultando. Nos dias de consulta ela dizia a ele que estava indo malhar. O que fazia sentido. Ela entrara para o Sports Depot, em Sepulveda. Aeróbica e não sei o que mais. Al e eu interrogamos pessoas que trabalhavam lá, imaginando se ela estaria transando com algum rato de academia... talvez um pilantra musculoso para contrabalançar o bondoso Brian. Mas não, Flora ficava na dela, só da lá para suar.

— Mantendo a terapia em segredo — acrescentei.

— Isso realmente não me surpreende, doutor. Quando um de nossos colegas aqui é encaminhado para um médico de cuca, eles ignoram isso. Ou, se vão, mantêm a coisa trancada a sete chaves.

— O estigma.

— Ainda existe. Flora estava firme com Brian van Dyne. Posso entender que ela não quisesse que ele ou o diretor da escola soubessem que estava tendo problemas.

— Há quanto tempo ela o namorava?

Seis meses.

— Não devia ser exatamente um relacionamento com uma comunicação aberta — eu comentei. — Mas você pode estar certa. Isto me faz especular, porém, se a razão que a levou para o tratamento era um estigma maior do que estresse profissional.

—Alguma esquisitice profunda e sombria em sua personalidade? Quem sabe? Talvez a Dra. Koppel tivesse desistido.

— Se nosso caso está relacionado ao seu, você poderia anotar isso, Lorraine. Algum lunático atendido pela Dra. Koppel viu Flora... e o nosso garoto Gavin... na sala de espera e farejou a Vítima.

— Vítima homem ou mulher? — perguntou Ogden. — E quanto à garota que morreu com sua vítima?

— Ainda não foi identificada. Ela franziu o cenho.

— Não era uma paciente de cuca?

— A Dra. Koppel negou conhecer a garota — declarei.

— Como se isso valesse alguma coisa — replicou Ogden.

— Você sacou algum indício de mentira?

— Nada tão forte, mas parece que ela foi evasiva com nós dois, e a coincidência está definitivamente cheirando mal. Mantenha-me a par depois que falar com ela. Algo mais?

— Lorraine — disse Milo —, eu estava pensando em interrogar novamente algumas de suas testemunhas, se você concordar. A mãe, o namorado, os colegas de trabalho de Flora.

— Fale com quem quiser, nossa principal intenção é concluir o caso de Flora. Você conhece Al McKinley.

— Um bom homem — elogiou Milo.

— Homem esperto. Um verdadeiro buldogue. — Ela respirou fundo. — Ele e eu realmente demos duro neste caso. Pesquisamos registros de estupradores, cruzamos com criminosos que trabalham no ramo de construção. É assustadora a quantidade de marginais que estão trabalhando em obras como diaristas. Mas isto tudo não deu em nada. Fiquei tão frustrada que me descobri esperando que algum outro assassino com a mesma assinatura pudesse aparecer, talvez assim houvesse algum material forense com que trabalhar. Incrível, não? Desejar que mais alguém morra. O neoprene... ele usa a faca dela mas chega preparado com plástico. Estamos falando de um predador. É daquele tipo que simplesmente não para. Certo, doutor?

Assenti.

— Talvez este não — disse Milo.

Capítulo 10

A Escola Canfield ocupava um quarteirão da avenida Airdrome, a três quarteirões ao sul da Pico e a leste da Doheni. Do outro lado da cerca de alambrado, garotos brincavam tendo, ao fundo, um mural. Paz, amor, harmonia. Crianças pequenas, os rostos resplandecentes de possibilidades.

O bairro era Baja Beverly Hills, a cinco minutos do consultório de Mary Lou Koppel na Olympic. Se Flora Newsome costumasse ir de carro para a terapia do seu apartamento em Palms, a viagem teria sido mais longa, porém não muito. Vinte minutos se o tráfego estivesse congestionado.

A vice-diretora era uma negra chamada Lavinia Robson, com doutorado em pedagogia e modos agradáveis.

Ela verificou nossas credenciais, fez as perguntas certas e chamou Brian van Dyne pelo interfone.

— Café? — perguntou.

— Não, obrigado.

— Flora era um doce de pessoa, ficamos todos muito tristes. Há alguma nova evidência?

— Infelizmente não, Dra. Robson. Às vezes ajuda dar uma outra olhada.

— Isso também é verdade em pedagogia... ah, aí está Brian.

O ex-namorado de Flora Newsome era um homem alto e de ombros estreitos em meados da casa dos 30 anos, com cabelo louro rareando e um bigode fino rareando. A tonalidade de sua pele indicava uma aversão à luz do sol. Usava uma camisa verde, calças caqui, uma gravata marrom de lã e sapatos com sola de borracha. Óculos de lentes grossas davam a seus olhos um brilho atordoante. Acrescente-se a isso seu choque genuíno com nossa presença, e ele parecia um homem que havia pousado em outro planeta.

— Flora? — disse ele. — Depois de todo esse tempo? — A voz saiu sussurrada, anêmica.

O telefone de Lavinia Robson tocou.

— Brian, Pat está de folga hoje. Por que não leva os cavalheiros para o gabinete dela?

Patricia Rohatyn era a coordenadora pedagógica da escola. Seu gabinete era apertado, com piso de linóleo, repleto de livros e jogos. O ventilador do ar-condicionado chocalhava. O gabinete cheirava a borracha de apagar.

Duas cadeiras de tamanho infantil estavam diante de uma escrivaninha apinhada. Brian van Dyne nos mandou sentar e saiu para buscar outra cadeira. Ele voltou, acomodou-se à nossa frente numa poltrona grande. Nenhuma tentativa de dominação. Ele afundou na poltrona, procurando ficar ao nosso nível.

— E tão estranho ter vocês aqui hoje — comentou ele. — Acabei de ficar noivo ontem.

— Parabéns — disse Milo.

— Por um longo tempo depois de Flora, fiquei sem namorar. Finalmente concordei em deixar minha irmã me arrumar um encontro. — Seu sorriso foi ansioso. — Karen, minha noiva, não conhece os detalhes do que aconteceu com Flora. Só sabe que ela morreu.

— Não há necessidade de ela saber.

— Exatamente — Van Dyne concordou. — Ainda tenho problemas com isso. Sempre lembro. Fui eu quem a encontrou... Por que estão aqui? Finalmente acharam um suspeito?

Milo cruzou as pernas, sentindo dor ao chutar uma pilha de caixas de jogos.

— Estamos revisando o caso. Há alguma coisa que lhe ocorreu depois que os primeiros detetives o interrogaram?

— Deixe ver se eu me lembro — disse Van Dyne, sem expressão alguma no rosto. — Não, nada.

— Ele esfregou o nariz. — Por que o caso foi reaberto?

— Ele nunca foi encerrado.

— Oh. Sim, é claro. — Os joelhos de Van Dyne bateram um no outro.

A cadeira pequena me dava câibras nas costas, por isso me estiquei. Aquilo devia estar sendo uma agonia para Milo, mas ele parecia bem.

Ele disse:

— Uma coisa que me ocorreu em nossa revisão foi que a Srta. Newsome estava se consultando com uma psicoterapeuta. A detetive Ogden me disse que foi uma surpresa para você.

— Foi uma surpresa total. Flora nunca me contou. O que é estranho, porque fiz terapia e contei a ela. — Van Dyne brincou com os óculos. — Pensei que tivéssemos um relacionamento sem segredos.

— Você também fez terapia — repetiu Milo. Van Dyne sorriu.

— Nada de loucura, tenente. Fui casado por três anos, me divorciei seis meses antes de conhecer Flora. Minha esposa me abandonou por outro cara, e eu passava por uma fase ruim. Para ser honesto, eu estava muito deprimido. Procurei um psicólogo, que me aconselhou e me encaminhou a um psiquiatra para uma curta etapa de antidepressivos. Depois de três meses, me senti bem melhor e parei com os remédios. Mais dois meses de terapia e fiquei pronto para cuidar da minha vida. Foi o que me capacitou a começar um relacionamento com Flora. Portanto eu seria a última pessoa a esnoabar uma terapia. Mas acho que Flora não pensava assim.

— Acha que ela estava envergonhada? Van Dyne assentiu e Milo continuou:

— Faz alguma ideia do por que ela procurou tratamento?

— Nenhuma. E, pode crer, como pensei sobre isso...

— Ela estava normal?

Eu achava que estava.

— Tem dúvidas agora?

Apenas presumo que ela foi procurar ajuda porque havia algum tipo de problema, alguma coisa que Flora via como séria. Ela não era do tipo de falar só por falar.

— Alguma coisa séria...

— Séria na mente dela.

— Vocês dois se conheceram aqui na escola? — perguntou Milo.

— No primeiro dia de aula. Eu acabara de ser transferido do Valley, e Flora estava começando seu ano de estágio. Ela foi designada como assistente de outro professor, mas fui eu que acabei sendo seu orientador. Uma coisa levou a outra.

Milo pegou seu bloco e escreveu algo. Mantendo os olhos na página, ele indagou:

— Alguma ideia de quem poderia querer ferir a Srta. Newsome?

— Algum louco — disse Van Dyne. — Nenhuma pessoa racional faria aquilo que eu vi. Era... de revirar o estômago.

— Flora algum dia falou que tinha medo de alguém? Alguém perturbando-a, seguindo-a, esse tipo de coisa? — Milo chegou o corpo enorme para mais perto de Van Dyne, Usou o primeiro nome da Srta. Newsome.

— Nunca. Mas como ela mantinha a terapia em segredo, não posso ter certeza se escondia mais alguma coisa.

— Ela algum dia pareceu assustada ou excessivamente nervosa?

— O estágio era um pouco estressante. Quem gosta de ser avaliado? Mas ela estava indo bem, definitivamente seria aprovada. Ensinar significava muito para ela, tenente. Ela me contou tudo sobre os empregos anteriores, mas o ensino era a sua vocação.

— Que outros empregos ela teve? — perguntei.

— Trabalho de escritório, principalmente, Foi arquivista numa firma de advocacia, trabalhou num escritório de condicional, então consegui um emprego numa firma de software que faliu. Durante a noite estudava para obter seu diploma.

— O escritório de condicional no centro da cidade? — indagou Milo.

— Ela nunca disse onde era, mas falava que não gostava de lá. Muitos sujeitos esquisitos entrando e saindo. Achei que poderia ser importante e mencionei isto para os primeiros detetives, mas eles pareceram não concordar porque Flora não tinha trabalhado lá por muito tempo.

— Sujeitos esquisitos.

— Palavras dela. Flora não quis entrar em detalhes. — Van Dyne enlaçou as mãos sobre o peito, como se estivesse protegendo seu coração. — A coisa que vocês precisam entender sobre Flora é que ela não era uma pessoa de falar muito. Não era muito expansiva ou passional aparentemente. — Ele lambeu os lábios. — Ela era muito... tradicional, mais como alguém da geração da minha mãe.

— Conservadora.

— Muito. É por isso que fiquei tão surpreso ao descobrir que ela esteve fazendo terapia.

— E você não fazia nenhuma ideia do que a estava incomodando — concluiu Milo.

— Ela parecia feliz — explicou Van Dyne. — Realmente parecia.

— Sobre o fato de se casar?

— Acerca de tudo. Ela era uma pessoa reservada, tenente. Uma garota à moda antiga. — Os dedos de Van Dyne se separaram, mas ele manteve a mão no peito. — Vocês falaram com a terapeuta dela? Dra. Mary Lou Koppel, ela é uma daquelas celebridades do rádio. Pelo que sei, foi assim que Flora a descobriu, por tê-la ouvido no rádio.

— Flora faria algo assim? — falei. — Ouvir um programa de rádio e marcar uma consulta?

Van Dyne pensou a respeito.

— Não é o que eu teria previsto, mas quem sabe? O que foi que a doutora disse sobre o tratamento de Flora?

— Ainda não falamos com ela — respondeu Milo.

— Vocês talvez tenham mais sorte com ela do que comigo. — As mãos de Van Dyne caíram no colo. — Liguei para a doutora poucas semanas após o assassinato, quando descobri que Flora se consultava com ela. Não tinha certeza do que queria. Alguma lembrança de Flora, acho.

Talvez alguma simpatia, foi uma época horrenda. Mas quebrei a cara. Ela foi tudo menos simpática. Disse que a confidencialidade entre médico e paciente a impedia de falar comigo e desligou. Curta e grossa. Nem um pouquinho terapêutica.

Dirigindo de volta da escola, Milo franziu o cenho e acendeu uma cigarrilha.

— Rapaz sensível.

— Ele o incomodou de alguma maneira?

— Não no sentido criminal, mas não gostaria de desfilar por aí com ele. Delicado demais. — Ele franziu o cenho. — Trabalhando num escritório de condicional onde os condenados a deixavam nervosa. Um novo interrogatório e vamos conseguir informações que não constavam nas anotações de Lorraine.

— Lorraine e McKinley não se impressionaram com o emprego no escritório de condicional porque já se passara um ano.

— Pois eu estou muito impressionado.

Voltamos à delegacia, onde acessamos os registros de emprego de Flora Newsome e localizamos o escritório de condicional onde ela trabalhara por cinco meses. Não era no centro da cidade. Ficava em North Hollywood, a apenas meia hora de carro da cena do crime.

Dei minha opinião:

— Um condenado repara nela, segue-a até sua casa, fica de tocaia no apartamento. Invadi-lo não seria um grande desafio para um profissional.

O velho fracasso na reabilitação — acrescentou Milo. — Fico imaginando o que a Dra. Koppel pensa sobre isso. — Ele se levantou, se espreguiçou e sentou-se pesadamente.

— Há outra possibilidade — falei. — O condenado não seguiu Flora até em casa, ela já o conhecia. E por isso que não há nenhum sinal de arrombamento. O motivo pelo qual ele não precisou levar uma faca. Talvez o que levou Flora à terapia fosse mais do que problemas de ajustamento.

— Beleza, uma garota à moda antiga transando com um inferior?

— Ela escondeu o tratamento do namorado, poderia ter outros segredos.

— Transando com um condenado. Prazeres proibidos. O sentimento de culpa a levou à Dra. Koppel. — Milo olhou para mim. — Você teceu uma trama e tanto.

Ele me conduziu através da delegacia até a rua, olhou para seu Timex.

— Acho que terei de procurar a Dra. Koppel. Sozinho, para ver como vocês dois obtêm casos.

— Casos. — Sorri.

— Ei, estou só dançando conforme a música.

Mais tarde naquela noite, Milo me ligou e disse:

— Você sabia que psicólogos não mantêm arquivos?

— Quer dizer que Koppel não tem nenhum registro do tratamento de Flora Newsome?

— Direto para o lixo um mês depois que Newsome morreu. Koppel diz que isto é rotina.

Qualquer caso encerrado vai para o lixo. Se não fizer isso, vai acabar tendo “problemas de armazenagem”. E também alega que ajuda a salvaguardar o sigilo, porque alguém é capaz de encontrar a ficha de um paciente.

— Ela lembrou de alguma coisa sobre Newsome?

— Menos até do que lembrou durante o interrogatório realizado por Ogden. “Eu trato muitos pacientes, tenente”, foi o que disse.

— Mas esta paciente foi assassinada. A mesma indiferença.

— Quer dizer que passou maus momentos com ela.

Até que não. Ela foi superamistosa, um belo sorriso, maneiras finas. Mandou-lhe lembranças, aliás. Diz que você é um perfeito cavalheiro.

— Sinto-me envaidecido. Ela lhe deu alguma coisa com que trabalhar?

— Ela disse que não poderia ter certeza, mas achou que Newsome a tinha procurado por “ansiedade”. Decidi ser direto e levantei a possibilidade de um namorado condenado. Nenhuma reação. Se ela estava escondendo alguma coisa, merece um Oscar.

— O que ela teve a dizer acerca de ter dois pacientes assassinados em 14 meses?

— Pareceu um pouco abalada quando expus a coisa de modo tão direto, mas disse que nunca pensou nisso dessa maneira, que o número de pacientes que tem é tão grande que na verdade isto não significa coisa alguma. Minha impressão é de que a dama leva uma vida muito ocupada, não perde muito tempo focada numa única coisa, incluindo seus pacientes. O interrogatório como um todo foi muito apressado. Alcancei-a deixando o prédio e segui com ela até seu Mercedes. Tinha hora marcada para gravar um programa e o celular não parava de tocar. Um de seus sócios, um cara chamado Gull, acabara de estacionar o Mercedes dele e se aproximou para dar um oi. Ela o esnobou e a expressão dele dizia que já estava acostumado com isso.

— Dois assassinatos no mesmo consultório é rotina?

— Eu a pressionei, Alex. Ela ficou irritada, me deu o troco perguntando se a evidência apontava para qualquer ligação entre Gavin e Flora. Eu não podia entrar em detalhes, por isso disse a ela que não. E ela replicou: “Aí está. Dado o número de pacientes é uma sutileza estatística.” Mas não tenho certeza se ela acreditava nisso. Suas mãos estavam no volante, e os nós dos dedos embranquecidos. Ficaram mais brancos ainda quando perguntei se vinha tratando algum criminoso notório. Ela disse que não, claro que não, seus pacientes eram todos gente honesta. Mas talvez eu tenha provocado você sabe o quê... a

consciência dela... e a doutora irá pensar em alguma coisa. Teremos outro encontro dentro de alguns dias, e gostaria que você fosse junto.

— Com tudo.

— No ponto em que estamos, quanto mais melhor. Quero bagunçar o coreto dela. Antes, porém, vou falar com os caras da condicional, ver o que eles lembram de Flora. Também consegui o endereço e o telefone da mãe dela.

Eu realmente apreciaria se você arranjasse tempo para vê-la. Preciso me certificar de que não estou me concentrando por completo na Newsome e negligenciando Gavin e a loura.

— Tentarei amanhã.

— Obrigado. — Ele leu o número de Evelyn Newsome e um endereço na rua Ethel, em Sherman Oaks. — Ela não está mais num asilo, mudou-se seis meses atrás e está morando numa casa de verdade. Talvez alguém tenha conseguido uma cura milagrosa para artrite.

— Algo em especial que você queira que eu investigue?

— Os recessos profundos e sombrios do estado mental da filha antes que fosse morta e quaisquer namorados que Flora teve antes de Van Dyne. Depois disso, siga o rumo que lhe pareça adequado.

— Soa como um plano.

— Ou um fac-símile razoável. Aquele programa que Koppel estava se preparando para gravar.

Adivinha qual era o assunto?

— Comunicação. Silêncio.

— Como é que sabe?

— Um palpite feliz.

— Você me assusta.

Capítulo 11

Telefonei para Evelyn Newsome às dez da manhã. Uma mulher com voz vigilante atendeu. Quando eu lhe informei quem era, ela suavizou o tom.

— A polícia tem sido muito gentil. Há algo de novo?

— Eu gostaria de passar aí para conversar, Sra. Newsome. Estamos revisando um caso antigo, mas...

— Um psicólogo?

— Estamos examinando o caso de Flora por todos os ângulos.

— Isso é ótimo. Estou sempre disposta a falar sobre a minha Flora.

A rua Ethel, logo ao sul da Magnolia, ficava a vinte minutos pela Glen, passando pelo Ventura Boulevard e pelo coração de Sherman Oaks. Este lado da montanha estava dez graus mais quente que a cidade, e seco o bastante para fazer minhas narinas coçarem. A neblina se dissipara, deixando o Valley com um céu azul.

O quarteirão de Evelyn Newsome era alinhado com casas térreas modestas e bem conservadas, a maioria delas feita às pressas para o retorno dos veteranos da II Guerra Mundial. Laranjeiras e damasqueiros antigos elevavam-se acima das cerca de sequoia.

Olmos enormes e carregados, pinheiros frondosos e amoreiras sem poda sombreavam algumas das propriedades. Outras árvores ondulavam, nuas, à luz implacável do Valley.

A nova casa de Evelyn Newsome era um bangalô de estuque verde-ervilha com um telhado de madeira novo em folha. O gramado era plano, eriçado e de um verde brilhante. Aves-do-paraíso ladeavam os degraus da frente. Um balanço de varanda pendia, imóvel, no ar quente e modorrento.

Uma porta de tela cobria a entrada, mas a porta de madeira tinha sido deixada aberta, oferecendo uma visão plena de uma sala de estar escura de teto baixo. A filha de Evelyn Newsome tinha sido assassinada dois anos atrás, e sua voz fraca ao telefone soou cautelosa, mas ela ainda tinha esperança.

Antes que eu pudesse tocar a campainha, um homem alto de cabelos brancos, na casa dos 70 anos, apareceu e abriu a tela.

— Doutor? Sou Walt McKitchen. Evelyn está lá nos fundos a sua espera. — Ele mantinha os ombros empinados, tinha um rosto corado em torno de um nariz de repolho roxo e boca fina. Apesar do calor, usava uma camisa de flanela azul e cinza abotoada até o pescoço em cima de ceroulas de lã cinzenta de plissado triplo.

Trocamos um aperto de mãos. Seus dedos pareciam salsichas cobertas de calos. Quando me conduzia aos fundos da casa reparei que ele mancava, e notei que um de seus sapatos tinha uma sola ortopédica de sete centímetros.

Passamos por um pequeno e bem-arrumado quarto de dormir e entramos num recinto anexo igualmente pequeno, com as paredes cobertas de ripas de pinho nodoso, com um sofá verde esfiapado, estantes pré-fabricadas cheias de livros de bolso e uma TV widescreen. O ar-condicionado na janela estava em silêncio. Duas fotografias em preto-e-branco pendiam das paredes. Retrato de um batalhão militar. Um jovem casal parado diante daquela mesma casa, o gramado ainda era apenas terra batida. A direita do homem estava um Plymouth dos anos 1930 com capota tipo bolha. A mulher segurava uma placa de VENDIDO.

Evelyn Newsome estava sentada no sofá, rotunda e arqueada, cabelo branco arrumado com gel e olhos azuis amáveis.

Sobre a mesa de sequoia nodosa em frente a ela estava um bule de chá enrolado num abafador e duas xícaras sobre pires.

— Doutor — disse ela, meio se erguendo —, espero que não goste de café. — Ela bateu na almofada do sofá a sua direita e sentei-me. Ela usava uma blusa branca com gola peter pan sobre calças compridas tipo stretch de cor marrom. Ela era troncuda com pernas finas; sobrava pano na calça stretch.

— Chá está ótimo, obrigado, Sra. Newsome.

Ela serviu. As xícaras eram gravadas com HARRAH'S CASINO, RENO, NEVADA.

Açúcar? Limão? Leite?

— Puro, por favor.

Walt McKitchen olhou-me de cima, despediu-se e saiu.

— Estamos em lua-de-mel — ela sorriu. — O Sr. McKitchen costumava visitar a esposa no asilo onde eu vivia. Ela faleceu e nos tornamos amigos.

— Parabéns — falei.

Obrigada. Nunca pensei que sairia daquele lugar. Artrite. Nada de osteoporose, que todo mundo acaba tendo quando chega à minha idade. A minha era do tipo reumatoide, é hereditário. Passei a vida inteira dolorida. Depois que Flora se foi, não tenho mais nada senão dor. Agora que arranjei um companheiro e meu médico descobriu um novo medicamento, estou me sentindo ótima. Portanto fique sabendo: as coisas podem melhorar. — Ela flexionou os dedos e escovou o cabelo.

O chá estava morno e insípido, mas ela fechou os olhos com prazer. Pousando a xícara na mesa, disse:

— Estou esperando por alguma boa notícia a respeito de minha Flora.

— Estamos apenas começando a reexaminar o caso. Ela bateu na minha mão.

— Sei disso, meu caro. Eu quis dizer a longo prazo. Bem, em que posso ajudá-lo?

— Há alguma coisa que possa lembrar desde que os primeiros detetives...

— Eles não eram maus — ela me interrompeu. — Um homem e uma mulher, e ele era negro.

Eram bem-intencionados.

De início tive esperança, depois não. Pelo menos foram honestos. Disseram que não tinham chegado a lugar nenhum. A razão foi porque minha Flora era muito boa, não sofria más influências. Portanto tinha de ser alguém que ela não conhecesse, o que dificultava as coisas. Pelo menos foi o que disseram.

— A senhora discorda?

— Não sobre Flora ter sido boa, mas houve uma coisa que me incomodou. Pouco antes que acontecesse, Flora tinha trabalhado num escritório de condicional. Desde o começo ela detestou o emprego e quando lhe perguntei por que, ela disse que não se importava com as pessoas com quem tinha de lidar. Então sugeri que saísse de lá. Ela falou: “Mãe, é apenas temporário, até eu obter meu diploma, e o salário é bom. Está difícil arranjar bons empregos.” Mencionei isso para os detetives e eles disseram que iam conferir, mas duvidavam que fosse importante porque Flora trabalhou menos de um ano lá.

— O que Flora dizia sobre as pessoas com quem lidava?

— Nada mais do que isso e, quando eu perguntava, ela mudava de assunto. Não queria que eu ficasse preocupada, suponho. Flora sempre foi protetora em relação a mim. Eu tinha meus altos e baixos, por causa da saúde. — Seus olhos azuis se aguçaram. — Acha que poderia haver uma ligação com aquele lugar? É por isso que está aqui? — Suas mãos tremeram. — Os primeiros detetives pareciam certos de que não era importante, mas você sabe, isso me incomodava.

— Não há nenhuma evidência de uma ligação, mas está sendo apurado.

— Então você já sabe sobre isso.

— Brian van Dyne nos contou.

— Brian. — Ela sorriu. Passou o dedo sobre a logomarca do cassino na xícara.

— Algum problema entre ele e Flora?

— Brian? — Ela deu uma risadinha. — Aqueles dois pareciam já estar casados. Ambos eram muito conservadores, sabe? Flora gostava muito dele, e Brian a adorava.

— Conservadores de que maneira?

— Velhos para a idade que tinham. Flora sempre foi assim, ela cresceu rápido. Então, quando conheceu Brian, eu disse para mim mesma: “Flora conseguiu sua cara-metade.” O pai de Flora foi um tipo machão. Tal como o Sr. McKitchen. Esse é o meu tipo, mas Flora... -Ela deu de ombros. — Não estou sendo amável com Brian, ele é um ótimo rapaz. Minha teoria é que Flora se aproximou dele por ser tão diferente do último namorado dela. Bem, aquele era bastante machão, mas tinha outros problemas. Mas você já deve saber sobre isso.

— Por que a senhora se refere a esse rapaz como “aquele”?

— Os primeiros detetives ficaram de olho nele depois que lhes contei sobre seu temperamento. Disseram que ele não estava sob nenhuma suspeita de qualquer tipo.

Na pasta do caso não havia qualquer menção a um ex-namorado.

— Não revisei todas as páginas do processo, Sra. Newsome. De que tipo de problemas de temperamento estamos falando?

— Roy pode ser um ótimo rapaz, mas ele perde as estribeiras. Flora costumava dizer às vezes que tinha de ficar pisando em ovos quando Roy estava alterado. Não que ele machucasse Flora, jamais houve um indício disso, ele nunca elevava a voz. Era a quietude dele que a incomodava... ela me contou que ele caía nesses longos e frios silêncios onde ela não conseguia alcançá-lo.

— Rabugento opinei.

— Não creio que Roy tenha qualquer coisa a ver com o que aconteceu com Flora. Era complicado, claro, mas ele e Flora possuíam uma relação amigável e conheço a família dele desde

sempre. — Ela piscou. — Verdade seja dita, Roy não tinha nenhum motivo para ficar chateado com Flora. Foi ele quem terminou o namoro. Terminou por causa de outra mulher, do tipo vulgar, se quer saber. Agora estão se divorciando, e isso não vai ser uma parada nada fácil.

— Ainda mantém contato com Roy, não é?

— O pessoal dele era nosso vizinho quando morávamos em Culver City. Roy e Flora cresceram juntos, como irmão e irmã. A família de Roy era dona de... uma daquelas lojas que vendem peixes. Roy não gosta de animais, isto não é engraçado? Não o vi mais por algum tempo; os parentes é que vez por outra falavam com ele.

Sua mãe falou-me sobre o divórcio. Acho que o que ela realmente queria dizer era que Roy deveria ter sido esperto e ficado com Flora.

— Qual é o nome completo de Roy?

— Roy Nichols Jr. Foi o que dei aos outros detetives, deveria estar nos registros.

— Flora gostava de animais? Ela sacudiu a cabeça.

— Ela e Roy eram iguais nisso. Asseados, os dois. Tudo tinha de estar bem arrumado. Com tudo isto, você pensaria que Roy arranjaría um trabalho mais limpo.

— O que ele faz?

— E carpinteiro, prepara armação de casas. Suponho que é um serviço mais limpo do que o de encanador.

— Ele trabalha com construção — falei,

— Isso mesmo.

Passei mais 15 minutos no recinto com as paredes cobertas por ripas de pinho, não descobri mais nada, agradei a ela e saí.

Alcansei Milo ainda em sua mesa de trabalho e contei-lhe sobre Roy Nichols.

— Temperamento complicado, não gosta de animais, trabalha em construção — repetiu ele. —

Mais uma coisa que Lorraine e Al não pensaram em incluir.

— Evelyn Newsome disse que falaram com ele e que o inocentaram.

— E... deixe-me checá-lo no banco de dados do condado só por garantia... Consegui um Roy Dean Nichols com uma data de nascimento que daria a ele a idade exata... e veja isto: dois antecedentes. Uma autuação por dirigir intoxicado no ano passado e uma no ano anterior. Dois meses depois que Flora foi morta.

— Perturbação da ordem pode significar alguma coisa — concluí.

— Quanto à autuação no trânsito, provavelmente teve a ver com álcool.

— Vou puxar o prontuário dele no Departamento de Veículos Motorizados enquanto conversamos... e lá vamos nós, um endereço na rua Harter.

Fica em Culver City, não é longe da residência de Flora em Palms. Está no seu caminho de volta para a suposta cidade? Posso encontrar você na delegacia, e faremos uma visita a esse engraçadinho.

— O escritório de fianças no Valley não fica longe da casa de Evelyn Newsome. Eu da passar direto, mas talvez entre para dar uma olhada.

— Não perca seu tempo. Flora só trabalhou lá por três dias antes que a transferissem para uma filial temporária na Sepulveda e Venice. Um daqueles conjuntos financiados por subvenção federal. Pequenos escritórios em lojas no térreo. Eles abriram meia dúzia por toda cidade. Distância mais curta para os condenados percorrermos. Deus nos livre de onerar as pobres almas. A esperança era de que os bandidos fossem mais complacentes em se apresentar para a verificação.

— Você está falando no tempo passado — observei.

— Acertou. A apresentação dos condenados não melhorou. Uns poucos milhões desceram pelo ralo, os escritórios foram fechados. Flora ficou até que a verba secou, portanto ela não detestava o emprego tanto assim para largá-lo. Tampouco causava uma grande impressão. Seu supervisor lembra

dela como uma moça calada, disse que sua função era principalmente arquivar e atender ao telefone. Ele duvida que tivesse se envolvido com um condenado.

— Por quê?

— Ele disse que ela se mantinha reservada e que a maioria dos condenados não dava as caras.

— Davam as caras o suficiente para serem capazes de incomodá-la — falei. — E Sepulveda e Venice ficam realmente perto do apartamento dela. Eu gostaria de saber quantos dos condenados designados para aquele escritório tinham histórico de crimes sexuais.

— Boa sorte. A condicional é pura burocracia. Órgão estadual, tudo filtrado através de Sacramento, e, agora que os satélites foram desativados, os registros estão em alguma parte do espaço sideral. Mas se mesmo assim você conseguir descobrir alguma coisa, começarei a escavar mais alguma informação. Enquanto isso, a casa de Roy Nichols também fica perto, e ele tem um registro que nos informa que ele possui dificuldade para controlar os próprios impulsos.

E não são vocês que fazem o maior alarde acerca de psicopatas não gostarem de animais?

— Crueldade com animais — comentei. — A mãe de Flora disse que Nichols é um esquisitão asseado.

— E lá vamos nós, mais uma evasiva. Simplesmente o tipo que limpa por completo uma cena de crime. Ele merece uma conferida, certo? Vejo você às... o quê, dez, dez e meia?

— Por que você não se manda logo?

Capítulo 12

O carro particular de Milo encostou no meio-fio, diante da delegacia. Ele estava ao volante, fumando e tamborilando com os dedos.

Dirigi até chegar junto à janela do motorista. Ele me deu uma permissão de funcionário e levei o carro para o estacionamento do outro lado da rua. Quando voltei, a porta do carona estava aberta. Seguimos em direção ao sul antes mesmo que eu a fechasse.

— Que pressa!

— Puxei o prontuário de Nichols. O artigo 415 não foi só alguma quebra de vidros por bêbados. Embora você esteja certo acerca do excesso de álcool. Nichols agrediu um cara num bar em Inglewood, sapateou em cima dele, quebrou alguns ossos. O relatório diz que Nichols achou que o cara estava paquerando a garota dele, uma tal de Lisa Jenrette. Trocaram palavrões, e uma coisa levou à outra. O que livrou Nichols de uma acusação por agressão foi que vários outros clientes juraram que o outro cara dera o primeiro soco e que tinha dado em cima da garota que estava com ele. Um daqueles babacas de sempre, que passam o tempo todo procurando briga. Nichols pagou parte de suas despesas médicas e apelou, afirmando que possuía um distúrbio mental. Ele não ficou em cana, prometeu manter-se longe do bar e entrou num grupo de apoio de controle da raiva.

Ele disparou por ruas transversais para o parque Olympic, virou à esquerda e dirigiu para a Sepulveda.

— Um grave problema de ciúme poderia levar ao tipo de assassinato brutal que encontraram no quarto de Flora.

— Evelyn Newsome contou que foi Nichols quem acabou com o relacionamento.

Então talvez ele tivesse mudado de ideia, tornando-se possessivo. Alex, li o relatório médico sobre o cara que ele agrediu. Ossos do rosto esfacelados, ombro deslocado. Uma testemunha disse que Nichols da transformar a cabeça dele em carne moída quando conseguiram afastá-lo.

Rodamos em silêncio por algum tempo, então ele disse:

— Um grupo de apoio para o controle da raiva. Você acha que essa coisa funciona?

— Talvez, em certos casos.

— Eis aí um firme endosso para você.

— Acho que é preciso mais que algumas preleções compulsórias para alterar um comportamento básico.

— O paciente tem que querer mudar.

Pode apostar.

— Mais dinheiro do contribuinte jogado fora. Como aqueles escritórios de condicional por satélite.

— Provavelmente.

— Bem — disse ele —, isso realmente me deixa puto.

A casa de Roy Nichols era ligeiramente maior, uma versão branca quase idêntica do bangalô de Evelyn Newsome, que exibia símbolos de ostentação, mas benfeitorias erradas: persianas pretas excessivamente largas, mais adequadas a uma casa colonial de dois andares, duas colunas dóricas sustentando uma minúscula varanda, um telhado estilo espanhol, as telhas matizadas e caras empilhadas alto demais, uma faixa de quase um metro de ardósia adornava a base da fachada. O gramado era luxuriante, imaculado, com o verde brilhante de um desfile no dia de São Patrício.

Sagueiras de um metro e meio flanqueavam os degraus — 500 dólares gastos em vegetação. Juníperos-anões orlavam a frente, bem aparados junto ao solo com uma precisão de jardinagem bonsai.

Na entrada para carros alguma coisa se avultava sob uma capa preta imaculada. Milo ergueu uma ponta da capa e viu uma reluzente picape Ford preta com o para-choque recém-cromado. Suspensão elevada, rodas da moda. Um adesivo dizia: Como eu estou dirigindo? Ligue para 0-800-FODA-SE.

Caminhamos até a porta da frente. Uma etiqueta da firma de segurança estava bem no meio da porta escura de laca. A campainha me fez lembrar de carrilhões. Ei, ei, adivinha só quem é?

Espere! — Uma mulher veio abrir a porta. Alta, jovem, bonita, mas já desgastada. Tinha um rosto em forma de coração, usava uma camiseta preta transparente e short branco de tecido felpudo. Nada de sutiã, descalça. Pernas compridas, um talho de depilação em um queixo lustroso. O cabelo era louro-claro sem nenhum brilho, preso descuidadamente no alto da cabeça. Esmalte cor-de-rosa nas unhas mal-aparadas. Esmalte mais escuro nas unhas dos pés, ainda em pior estado. Atrás dela estava um cômodo repleto de caixas de papelão. Caixas novas com beiradas amassadas, lacradas com fita adesiva marrom e com a inscrição CONTEÚDO seguida por três linhas em branco.

Ela cruzou os braços sobre os seios grandes e macios.

— Pois não?

Milo exibiu o distintivo.

— É a Sra. Nichols?

— Não sou mais. Estão aqui por causa de Roy?

— Sim, madame.

Ela suspirou e nos acenou para entrarmos. Mas, após dar alguns passos porta adentro, concluímos que todo o cômodo estava abarrotado com caixas de mudança. Um colchão infantil estava apoiado contra um saco de lixo amarrado.

— De mudança?

— Tão logo o caminhão da empresa de mudanças apareça. Eles dizem que é para amanhã, mas já deixaram furo uma vez. A casa já está vendida. Tenho que entregá-la vazia na próxima semana. O que

Roy fez?

— Está presumindo que ele fez alguma coisa.

— Vocês estão aqui, não é? Eu não fiz nada, e nem a Lorelei. Minha filha. Ela tem 4 anos e, se acordar da soneca, vou ter que despachar vocês.

— Como se chama, madame?

— Madame — repetiu ela, divertida. — Meu nome é Lisa. Nichols, por enquanto. Provavelmente voltarei ao meu sobrenome de solteira, que é Jenrette. Sempre o achei bem mais bonito do que Nichols. Agora mesmo já arranjei outras coisas para me manter ocupada. E então, o que foi que ele fez?

— Talvez nada. Só queremos falar com ele.

— Então devem ir até o seu local de trabalho. Ele está trabalhando em Inglewood. Na Manchester, perto do fórum. Estão reformando um edifício comercial. Sei que ele está ganhando um bom dinheiro, mas vá tentar arrancar um tostão dele. Graças a Deus seus pais são legais. Querem que Lorelei tenha uma vida decente, muito embora ela não seja sua neta biológica. Disse a eles que ficaria em Los Angeles, e que poderiam visitá-la se facilitassem as coisas para mim. Do contrário, voltarei para Tucson, onde vive minha família.

— Roy é mão-fechada com dinheiro?

— Roy é como um velho sovina, exceto quando está envolvido em seus projetos.

— Que tipos de projetos?

— Sua picape, sua coleção de uísque, reformando a casa. Se vissem esta casa... ele nunca parou de embromar com ela. Se não houvesse tantos caixotes, eu lhes mostraria todo o revestimento em madeira que ele fez nos fundos. De jacarandá, coisa cara, nos três quartos. Tornou tudo escuro como uma agência funerária, mas ele alegava que isto ajudaria no valor da revenda.

Acontece que pusemos a casa à venda, conseguimos um comprador e a primeira coisa que ele disse que da fazer era retirar o revestimento.

— O que não deixaria Roy feliz — comentei.

— Roy não é feliz a respeito de nada.

— Mal-humorado.

Ela virou-se para mim.

— Parece até que o conhecia.

— Nunca o vi.

— Sorte sua.

Milo perguntou se ela o vira recentemente.

— Faz mais de um mês. Ele está morando com os pais, a quatro quarteirões daqui. Era de pensar que ele apareceria para ver Lorelei.

— Nem uma única visita?

— Levo Lorelei lá uma vez por semana. Às vezes Roy está presente, mas, mesmo se estiver, ele não brinca com ela. Para ele o que importa é que ela não seja dele. — Os olhos se enevoaram. Ela mudou de posição, descruzou os braços, olhou para o carpete. — Ouçam, preciso dar uns telefonemas. Por que não me contam o que ele fez? Quero dizer, se ele é perigoso, eu não deveria saber?

— Você o vê como potencialmente perigoso?

— O que são vocês? — perguntou Lisa Nichols. — Algum tipo de médicos de cuca? Nós fomos consultar um, por causa do divórcio. O juiz nos obrigou. E o que ele fez... o psicanalista? Só fez perguntas em vez de dar respostas.

— Roy não fez nada. Queremos apenas falar com ele a respeito de uma ex-namorada.

— Aquela que foi assassinada? Flora?

— Você sabe sobre ela.

— Só o que Roy me contou. — Levou a mão à boca. — Não estão me dizendo...

— Não, madame. Estamos revisando o caso e falando com todos que a conheceram.

— Tenho uma filha de 4 anos — disse Lisa. — Vocês têm que ser diretos comigo.

— Você tem medo de Roy — comentei.

— Tenho medo do temperamento dele. Não que algum dia ele tenha me feito alguma coisa. Mas do jeito que ele fica... fechado dentro de si mesmo.

— O que ele lhe disse sobre Flora Newsome?

— Que ela era... — Ela prendeu o lábio superior entre os dentes. — Isto vai parecer...

— O quê, madame?

— Ele disse que ela era fria. Na cama. Não era boa sexualmente. Disse que era bem provável que ela tenha conhecido algum cara, não agradou e foi isso que aconteceu com ela.

É essa a teoria dele?

— Roy enxerga tudo em termos de sexo. Se agradasse a ele... Sua cabeça se desviou de nós. — Preciso acabar de embalar as coisas. Lori já vai acordar e vou ficar de mãos atadas.

Ela nos deu o endereço e o telefone dos pais de Roy. Milo ligou, falou com a mãe, mentiu sobre ser um empreiteiro procurando por armações e conseguiu o endereço do atual emprego de Roy.

Enquanto seguíamos rumo ao sul pela Sepulveda em direção a Inglewood, ele disse:

— Meu palpite é que Flora não correspondeu o suficiente a Nichols, e por isso ele a chutou.

Segundo a teoria dele. Ou ele estava... como vocês psicanalistas chamam isso, quando alguém descarrega sua própria merda em cima de outra pessoa?

— Projetando — falei. — Nenhuma entrada à força no apartamento de Flora é consistente com alguém que ela não conhecesse. O assassinato combina com um bocado de raiva reprimida, e a posição sexual sugere a fonte da raiva.

— Um pilar de uma cerca de ferro. Conseguido em um daqueles canteiros de obra próximos. Mais do que nunca quero saber onde este sacana estava na noite em que Gavin e a loura foram mortos. Por falar nisso, mandei dois detetives percorrerem os hotéis chiques, depois eles falaram com o Departamento de Polícia de Beverly Hills, e ninguém sabe nada sobre a nossa garota Jimmy Choo.

Os hotéis provavelmente estão mentindo, mas os tiras de Beverly Hills mantêm um arquivo de garotas de programa de luxo, e a fulana não consta nele. É só uma questão de tempo. Alguém vai dar pela falta dela.

Capítulo 13

O supervisor de Roy Nichols era um homem robusto de meia idade chamado Art Rodriguez, com a barba ficando grisalha e o quociente de excitabilidade de um Buda de pedra. Um adesivo que indicava DODGER BLUE adornava seu capacete sobre um decalque da bandeira americana. Ele usava uma camiseta da Disneylândia de tamanho extra-grande sob uma camisa de cambraia, jeans sujos e botas de trabalho empoeiradas, e segurava numa das mãos um programa de turfe dobrado.

Ficamos de pé sob o sol e a poeira, dentro da cerca de alambrado do canteiro da obra. O trabalho era construir um anexo ao lado de um feio prédio comercial de dois andares com fachada de tijolos. A estrutura original estava semidestruída e sem janelas, mas um letreiro — GOLDEN AGE INVESTIMENTOS — permanecia em cima do olho mágico da porta.

O novo espaço estava em fase de armação, e Roy Nichols era um dos armadores. Rodriguez apontou para ele — agachado no segundo piso, manejando uma furadeira O ar recendia a madeira bruta, pesticida e enxofre.

— Querem que eu o traga aqui? — ofereceu Art Rodriguez. — Ou vocês podem colocar capacetes e subir até lá.

— Pode trazê-lo — respondeu Milo. — Você não parece surpreso por quereremos falar com ele. Rodriguez deu uma risada misturada com tabaco.

— Neste ramo? Todos os meus peões são condenados, e um bando inteiro das outras construtoras também.

— Nichols não é um condenado.

— Condenado, condenado em potencial, qual a diferença? Todo mundo merece uma segunda chance. É isso que faz a grandeza deste país.

— Nichols lhe parece um condenado em potencial?

— Não me envolvo na vida pessoal deles. Primeiro passo, eles aparecem; segundo passo, eles fazem um trabalho caprichado. Consigo isso de alguns deles com certa regularidade. Sou um cara feliz.

— Nichols é confiável?

— Ele é um dos melhores. Parece relógio, nunca se atrasa... uma espécie de perfeccionista, na verdade.

— Perfeccionista — repetiu Milo.

— Isso mesmo — confirmou Rodriguez. — Exigente, meticoloso, detalhista. Tudo tem que estar como manda o figurino. Ele lembra a minha mulher.

— Exigente como?

— Ele quer sua marmita longe da poeira, fica puto quando os caras misturam suas ferramentas ou não aparecem na hora. Qualquer mudança na rotina o aborrece. Ele dobra a jaqueta, pelo amor de Deus!

— Perfeccionista.

— Teve alguma encrenca com ele?

— Ainda não — disse Rodriguez. — Ele não falta, faz um trabalho decente.

Roy Nichols tinha bem 1,90 m de altura, pesava fácil uns 110 quilos, com uma barriga dura e protuberante, braços de saco de farinha e coxas de tronco de árvore. Sob o capacete estava uma cabeça pelada. Os pêlos eriçados que cobriam a face dele eram louros, tal como as sobrancelhas. Ele usava uma camiseta cor de terra, estava empapada de suor sob o macacão de brim azul e tinha uma rosa tatuada no biceps direito.

O rosto era quadrado e queimado de sol, apoiado num queixo duplo, marcado por rugas profundas que o faziam parecer mais velho do que seus 30 anos.

Rodriguez apontou para nós. Nichols avultou à frente dele e caminhou arrogante em nossa direção.

— Cara parrudo — murmurou Milo.

— Polícia? Por quê? — A voz de Nichols era fina e chocantemente alta. Aposto que muita gente já o confundiu com a mãe ao telefone. Aposto que Roy Nichols nunca se acostumaria com isso.

Milo estendeu a mão.

Nichols exibiu-nos a palma da mão empoeirada e baixou-o ao lado do corpo. Girou o pescoço.

— O que vocês querem?

— Falar sobre Flora Newsome.

Agora? Estou trabalhando.

— Gostaríamos que nos desse alguns minutos, Sr. Nichols.

— Sobre o quê? — Um rubor subiu do pescoço taurino de Nichols até as bochechas.

— Estamos dando uma nova olhada no caso e conversando com todo mundo que a conheceu.

— Eu a conheci, certo, mas não sei quem a matou. Já falei sobre essa merda com outros tiras... estou no trabalho, caras, e sou pago por hora. Eles são uns nazistas. Se eu demorar no banheiro, sou descontado. Se fosse um emprego sindicalizado, eles não poderiam fazer isso, mas não é por isso, vamos parar por aqui.

— Ajeitarei tudo com o Sr. Rodriguez.

— Certo — Nichols chutou a terra com a ponta do pé, girou o pescoço um pouco mais.

— Só alguns minutos. Nichols praguejou baixinho.

— Pelo menos vamos sair da porra desse sol.

Caminhamos para um canto sombreado por dois banheiros químicos. Estavam com defeito e o fedor era agressivo. As narinas de Nichols se dilataram.

— Que fedor. Perfeito. Isso tudo é uma babaquice.

— Você se irrita com muita facilidade — observou Milo.

— Você também se irritaria, se o seu tempo significasse dinheiro e alguém o desperdiçasse. —

Nichols desatou o protetor de couro de seu relógio de pulso e deu uma olhada no mostrador. — Aqueles primeiros tiras passaram dias comigo. Que saco. Eu podia dizer de cara que eles achavam que eu era suspeito pelo modo como eles jogaram comigo.

— Jogaram?

— Um era legal, o outro, um babaca. Um homem e uma mulher. Ele fingia ser o bonzinho. Já vi muitos filmes na TV para conhecer o jogo. — Ele passou a mão pela cabeça raspada. — Agora, vocês. Já conseguiram tempo de sobra. Estão tentando esticá-lo?

Milo olhou para ele. Nichols continuou:

— Eles não disseram a vocês que tive um álibi perfeito quando Flora foi morta? Vi o jogo na TV de um bar, depois joguei sinuca, atirei alguns dardos e tomei um porre. Um colega me deu carona até em casa pouco depois de meia-noite, e vomitei tudo no sofá da sala de estar. Minha mulher me pôs na cama e não me deu merda nenhuma até me acordar, duas horas mais tarde, depois de ficar remoendo sobre isso, e então me deu um esporro. Portanto estou limpo, certo? Uma pá de gente já checkou isso e vocês, caras, estão sabendo.

Milo relanceou para mim. Ambos pensando a mesma coisa. A mulher de Nichols não havia mencionado este episódio.

— Tem alguma teoria acerca de quem matou Flora?

— Não.

— Nenhuma mesmo? Nichols lambeu os lábios.

— Por que eu deveria?

— Ouvimos dizer que você tem uma teoria.

Não sei do que estão falando.

— O ímpeto sexual de Flora. Ou a falta dele.

— Merda — praguejou Nichols. — Vocês estiveram falando com Lisa. O que esperavam que ela dissesse? Estamos nos divorciando. Aquela mulher me odeia. Ela não lhes disse que eu estava em casa naquela noite? Merda, ela não disse. Estão vendo? ela me odeia.

— E quanto à sua teoria?

— É, é, eu disse isso a ela, mas falei por falar... como você fala com sua mulher, sabe.

Milo sorriu.

— Elas precisam que a gente fale — explicou Nichols. — As mulheres... — Ele abriu e fechou a mão várias vezes, imitando tagarelice.

— Você chega em casa após um duro dia de trabalho, só pensando em relaxar, e elas querem conversar fiado, nhém-nhém-nhém-nhém. Aí a gente acaba dizendo o que elas querem ouvir.

— Lisa queria ouvir sobre o ímpeto sexual de Flora?

— Lisa queria me ouvir dizer que ela era quente, mais quente do que qualquer outra que conheci na vida. — Nichols resmungou. É disso que se trata.

Milo se aproximou dele.

— Você agradou Lisa rebaixando Flora? Alguma razão especial para escolher Flora como o mau exemplo?

Nichols recuou.

— Flora tinha problemas sexuais, Roy?

— Se você chamar de problemas não ser capaz de fazer as paradas — respondeu Nichols.

— Ela não podia ter relações sexuais?

— Ela não conseguia gozar Ela não tinha nenhuma sensação lá embaixo, costumava deitar como um... um carpete. Ela não gostava da coisa. Não chegava ao ponto de dizer isso, mas tinha um meio de deixar a gente saber.

— E que meio era esse?

— Eu tocava nela e ela ficava com um... aspecto perturbado. Como se ela... como se eu a tivesse machucado.

— Não parece ter sido um relacionamento agradável. Nichols não respondeu.

— Ainda assim você ficou com ela por... um ano? — Milo perguntou.

— Menos do que isso. — Os olhos de Nichols se ampliaram. Sei onde está querendo chegar.

— Aonde, Roy?

117

— Que fiquei puto com ela porque não queria transar, mas não foi assim. Nós não brigamos. Nunca fiz nada além de ser legal com ela. Levava-a ao cinema, para jantar, isso tudo. Gastei dinheiro com ela, cara, e não estava recebendo nada de volta.

— Uma troca injusta.

— Isto é o que me faz parecer mau. — Nichols flexionou os ombros carnudos. Sorriu. — Grande coisa como eu pareço. Tenho um alibi mais do que bom, portanto vocês podem pensar o que quiserem.

— Você rompeu com Flora por causa dos problemas sexuais dela, Roy?

— Isso teve alguma influência. Não seria assim com qualquer pessoa normal? Mas não é como se estivéssemos realmente ficando juntos. Éramos vizinhos, crescemos juntos. Nossos pais se davam bem, fazíamos churrasco juntos, tudo isso nos aproximava, entende o que quero dizer?

— Um namoro arranjado pelos pais — sugeri. Ele olhou para mim, grato.

— É, exatamente. “Flora é uma boa garota”, “Flora daria uma ótima mãe”. E ela me agradava, definitivamente agradava. Por que não? Ela não tinha má aparência, poderia ter sido quente se soubesse como se vestir. E como trepar. Mas a gente ficava mais em casa do que saía, sabe? Mesmo assim, gastei dinheiro com ela, um monte de jantares com lagosta. Quando terminamos, tudo ficou numa boa.

— Ela não ficou chateada?

— Claro que sim, mas não houve nenhuma grande cena histórica, sabem o que quero dizer? Ela chorou um pouco, eu disse que seríamos bons amigos, e assim foi.

— Vocês continuaram amigos? — perguntei.

— Não houve nenhuma... animosidade.

— Vocês continuaram se vendo?

— Não — Nichols me olhou, cauteloso. Ele cobriu a cabeça pelada com a mão enorme e arrancou um floco de pele queimada de sol. — Eu a via na casa de minha família. Não havia nenhum ressentimento.

— Aqueles jantares de lagosta. Algum lugar em especial? — indagou Milo.

Nichols olhou para ele.

— Posso comer lagosta em qualquer lugar, mas Flora preferia aquele restaurante na Marina, à beira-mar.

— O Bobby J's.

— Esse mesmo. Flora gostava de olhar para os barcos. Mas então uma vez sugeri um passeio de barco em torno da marina, e ela disse que ficava enjoada. Flora era assim. Cheia de conversa.

— Flora tinha reserva para o brunch no Bobby's na manhã seguinte ao dia em que foi assassinada. Para ela e o novo namorado.

— E daí?

Milo deu de ombros.

— Novo namorado? — repetiu Nichols. — Ora, eu deveria saber disso? Não faça parecer como se eu fosse o antigo namorado em que ela deu um fora e que ficou puto, porque isso é uma tremenda babaquice.

— Roy — disse Milo. — Problemas de Flora à parte, posso presumir que você e ela dormiram juntos?

— Bem que tentei. Mas Flora conseguia grudar as pernas como se houvesse passado cola. E era sempre como se a estivesse machucando. Quer saber minha opinião? Foi assim que ela se ferrou. — O queixo de Nichols se projetou desafiadoramente. — E se ela arranhou algum cara e depois não quis ir até o fim? Um cara não tão compreensivo quanto eu? Por tudo que sei, aquele namorado dela foi fundo. Ele parecia um maricas, mas não é sempre assim com esses quietinhos?

— Você o encontrou?

— Só uma vez. Flora o levou à casa de meus pais. Dia de Ação de Graças, era noitinha, depois de nos enchermos de empadão. Eu estava refestelado no sofá. Quando como demais, mal consigo me mexer. Lisa e minha mãe lavavam a louça e meu pai e eu estávamos alegremente vendo TV quando a campainha tocou. Era Flora, toda produzida, de braço dado com seu maricas de rosto pálido e aquele bigodinho de veado. Ele parecia pouco à vontade, tipo: que porra estou fazendo aqui? Ela alegou que tinha ido visitar meus pais, mas sei que foi lá para me mostrar que estava se virando muito bem sem mim.

É assim que as mulheres são.

Nichols bateu de leve com os dentes superiores sobre os inferiores.

— Como se o Sr. Professor pudesse me impressionar. Vocês o investigaram?

— Você não tem Van Dyne em alta conta.

— Não tenho nada contra ele. Estava feliz por a ter conquistado, talvez ele conseguisse lidar com Flora. — Nichols sorriu. — Ou talvez não. É problema de vocês descobrir. E agora? Estou liberado para ganhar alguma grana?

— Onde você estava na noite de segunda-feira, mais ou menos entre sete e onze da noite?

— Segunda? Por quê? O que aconteceu na segunda-feira? Milo chegou mais perto. Ele e Nichols estavam ao nível do olho,

os narizes, a centímetros de distância. O queixo de Nichols continuava a se projetar, mas os olhos tremularam e ele recuou.

— Responda à pergunta, por favor, Roy.

— Segunda-feira... estava com meus pais. — A admissão fez Nichols enrubescer de novo. Desta vez a cor alcançou a testa. — Estou morando lá até arranjar um outro lugar.

Você tem certeza de que estava lá na segunda à noite?

— Sim, tenho certeza. Levanto todo dia às quatro e meia da manhã para ter tempo de fazer minhas necessidades, tomar banho, comer um bom café-da-manhã e estar no trabalho às seis e meia. Ralo o dia inteiro no trabalho, chego em casa, me exercito um pouco, como, vejo TV e vou dormir às oito e meia. Essa é a rotina de minha vida e acho legal, certo? O que não acho legal é vocês virem aqui me

importunar sem nenhum motivo. Não tenho obrigação de falar com vocês, portanto vou voltar ao meu trabalho.

Nós o vimos girar e se afastar. Comentei:

— Eis nosso primeiro indicado para o concurso de Senhor Simpatia...

— Pavio curto — concluiu Milo.

— Você o vê como o nosso homem mau?

— Se seus álibis não conferissem, eu estaria definitivamente interessado.

— Flora foi morta entre a meia-noite e as duas. Ele alega que um colega o deixou em casa pouco depois da meia-noite, e que a esposa o acordou às duas. Soa tremendamente preciso, e não vi qualquer menção a isto na pasta no caso.

— E se ele chegou em casa um pouco mais cedo e Lisa o acordou mais perto de uma hora? Ela o espinafrou, desabafou tudo que tinha guardado no peito e foi para a cama. Isso o deixou furioso e frustrado, incapaz de voltar a dormir. Ele saiu da cama, deixou a casa e foi procurar outra pessoa que o houvesse frustrado. O alto índice de estresse é um detonador para assassinos sexuais. E um monte de tipos organizados mantêm casamentos aparentemente estáveis e brutalizam outras mulheres.

— Têm uma desavença com a mulher e vão descarregar na ex.

— Ele parece estar sob um bocado de estresse agora — falei. — Um cara com uma carga sexual imensa voltando a morar com os pais.

— Gavin e a loura. Um casal a ponto de gozar o deixa excitado porque ele está todo reprimido sexualmente.

— Seu álibi para Gavin e a loura é até mais frágil porque ele e os pais não dividem o mesmo quarto. Ele poderia ter se esgueirado facilmente sem que eles tomassem conhecimento. Mesmo se alegarem o contrário, bem, eles são pais do cara.

Nichols continuava seguindo para a obra sem olhar para trás. Nós o observamos subir para o segundo piso, prender o cinto de ferramentas, esticá-lo e pegar a furadeira. Ele deu outra esticada — simulando indiferença antes de pressionar a furadeira numa viga.

Snap snap snap.

— Vamos embora daqui — sugeriu Milo.

Retornamos para o carro. Ele pegou o Sepulveda e dirigiu para o norte, rumo a Los Angeles. O bulevar estava congestionado e lento. O ar quente e abafado parecia pressionar a carroceria do carro. Diversos olhares. Todo mundo sabia que aquela era uma viatura disfarçada. Mesmo que estivéssemos num Fusca, os olhos inquietos de Milo o teriam denunciado.

Ele disse:

— O que eu gostaria de saber é por que Lorraine e Al não tiveram o cuidado de incluir Nichols nos registros do homicídio.

— Vai perguntar a ela?

— Esse é o meu jeito, parceiro. Aberto, honesto, sincero.

— Isso seria divertido.

— Ei — replicou ele. — Serei delicado.

Ele ligou o rádio da polícia, ouviu as chamadas de crime por alguns momentos e resmungou:

— Adoro esta cidade. — E baixou o volume. Repliquei:

— Mesmo se Nichols for inocente, ele nos deu informações úteis.

— Os problemas sexuais de Flora?

— Talvez a razão pela qual ela procurou terapia. Isso explicaria ela não ter contado a Van Dyne. Agora que estou pensando a respeito, ele também a descreveu como uma mulher aparentemente pouco passional. O timing combina. Ela começou o tratamento após ser chutada por Nichols e antes de conhecer

Van Dyne. Nichols alega ter sido cavalheiresco, mas estou certo de que foi brutalmente claro acerca do motivo por que estava terminando o relacionamento.

— O Sr. Cheio de Tato — comentou ele. — “Ei, sua puta, desgrude as pernas ou vou cair fora daqui.”

— Uma vez superada a mágoa, talvez Flora houvesse decidido que tinha um problema. Procurar uma terapeuta por um problema sexual faz sentido.

— Koppel também faz terapia sexual?

— Parece haver pouquíssimas coisas que ela não faça.

O sinal ficou vermelho e Milo parou o carro. Um Jumbo voava baixo em sua aproximação para pousar no aeroporto de Los Angeles. Quando o barulho diminuiu, continuei:

— Presumindo que o álibi de Nichols confira, você tem estômago para outra teoria?

— A esta altura, apelo até para a astrologia.

— Como parte do tratamento, Koppel encorajou Flora a ser mais agressiva e a se aventurar mais, e ela começou a assumir riscos. É o procedimento operacional padrão em casos como o dela.

— Que tipo de riscos?

— Conversar com estranhos, talvez até mesmo indo para a cama com algum deles. E ela pegou o cara errado. O que poderia nos levar de volta ao escritório de condicional. E se Flora se ligou a um condenado? Alguém agressivo e supermachão... alguém como Roy Nichols, mas sem nenhuma história de terem crescido juntos para refreá-lo? O assassinato poderia ter sido uma escapada sexual que foi longe demais. Ou Flora mudou de ideia e pagou por isso horrivelmente.

— Uma paquera de bar — disse ele. — Essa garota era uma professora, também... mas era solteira, tinha uma vida secreta. Flora estava comprometida com Van Dyne. E o estava namorando quando foi assassinada. Está dizendo que a Sra. Certinha estava saindo com um criminoso?

— Se era um criminoso, ela o conheceu antes de começar a sair com Van Dyne. Estou dizendo que ela poderia ter mantido outro homem de reserva.

— Vidas secretas.

— Ou talvez Flora tenha rompido com o condenado depois que conheceu Van Dyne, mas ele não estava disposto a aceitar. Não havia nenhum sinal de entrada forçada. Isso poderia significar alguém que Flora conhecia ou um arrombador experiente. Ou as duas coisas.

— Flora disse à mãe e a Van Dyne que detestava o trabalho no escritório de condicional por causa dos condenados. Acha que estava mentindo?

— As pessoas dividem suas vidas em compartimentos.

O sinal ficou verde e seguimos em frente com o tráfego congestionado. O céu estava castanho no horizonte, sangrando entre as nuvens onde o sol abria caminho. Milo ligou de novo o rádio, ouviu mais chamadas policiais, abaixou o volume,

— Enganando Van Dyne com o Sr. Bandidão — disse ele. — Ou talvez Van Dyne descobriu alguma coisa que não devia e ficou puto. Diabo, por tudo que sabemos, Van Dyne não é tão inocente quanto aparenta.

Pensei a respeito.

— A mãe de Flora deu a entender que Van Dyne não era lá muito másculo. Poderia ter sabido disso por Flora. E ocorre que o álibi dele não é melhor que o de Roy.

Assim talvez os problemas sexuais não se limitassem a ela. E se o velho Brian não desse no couro? Isto deixaria um rapaz pacato cheio de frustração. — Ele aumentou o volume do rádio. Parecia acalmar-se com a infundável tagarelice das ocorrências policiais. O tráfego engarrafado levou-nos mais alguns metros à frente e ele mudou abruptamente para uma rádio AM. Sintonizando num programa de entrevistas, ouviu o apresentador censurar um ouvinte por admirar o presidente. Baixou o volume de novo.

— Ogden e Al McKinley não incluíram Nichols nos arquivos do caso, mas passaram dois dias interrogando-o. O doce e velho Brian nem sequer mereceu essa atenção... mas, que diabo, este nem mesmo é um caso meu. A não ser que esteja ligado a Gavin e à loura.

Ele voltou ao programa de entrevistas. O apresentador censurava uma ouvinte por não assumir responsabilidade pessoal por sua obesidade. Ele a tirou do ar e entrou um comercial de um chá para perda de peso.

— O que acha desses programas? — perguntou ele.

— A exuberância da liberdade de expressão. E das baixarias. Você gosta?

— Não. Já tenho baixaria de sobra no meu trabalho. Mas pelo que li no jornal hoje, nossa garota, Mary Lou, está escalada para entrar no ar daqui a uma hora.

— Não brinca. Você vai ouvir?

— Eu acredito em educação continuada.

Capítulo 14

Milo foi falar com Lorraine Ogden enquanto eu me sentava à mesa para revisar os arquivos do assassinato de Gavin Quick. Nada de novo. Voltei à pasta de Flora Newsome.

Nenhum progresso também. Milo retornou cinco minutos depois, rosto afogueado, sacudindo a cabeça.

Liberei sua cadeira, mas ele se empoleirou na beirada da mesa, esticou as pernas, afrouxou a gravata.

— Minha sensibilidade fracassou. Abordei o assunto Nichols e Ogden disse que havia trabalhado horrores naquele caso e que eu não tinha nada que inquiri-la pela segunda vez. Sugeri que eu me concentrasse no meu próprio caso e que quanto mais pensava nisso, via que os assassinatos não eram similares, afinal. E ainda pediu que eu a deixasse fora disso. Depois jogou essa coisa na minha cara.

Ele me entregou um pedaço de papel amarrotado que alisei. Era o relatório de balística com carimbo de PRIORIDADE e iniciado pela detetive L.L. Ogden. Comparações entre o calibre 22 usado para matar Gavin e a loura e a arma que acabara com a vida de Flora. Um perito chamado Nishiyama havia assinado o laudo.

Armas similares, provavelmente baratas, semi-automáticas importadas, mas, segundo o teste, não eram a mesma.

— Com uma arma barata — conclui —, você poderia usar uma, livrar-se dela, e arranjar outra.

— Qualquer coisa é possível, mas se a arma fosse a mesma, seria tremendamente melhor. Agora levei um esporro de uma colega e ainda estou longe de uma solução.

— Ela é detetive, você é um tenente. Pensava que a hierarquia fosse mais clara.

— Só no título. Minha falta de encargos administrativos corta ambos os meios, todo mundo sabe que não consegui nenhuma influência. — Ele verificou suas mensagens. — Parece que ainda nenhuma sorte com a loura... — Seus olhos voltaram-se para o Timex.

— A Koppel está no ar.

Ligou o rádio de mesa e sintonizou na emissora de entrevistas. Outro apresentador, o mesmo nível de escárnio. Um discurso bombástico sobre perfis raciais; este cara detestava isso.

Milo comentou:

— Claro, vamos inspecionar os sapatos da vovó no aeroporto enquanto o Sr. Hamas valseia por aí.

— Muito bem, amigos, aqui é Tom Curlie em cima da hora começou o apresentador. — Vamos ter uma convidada quente chegando a qualquer minuto. A renomada psiquiatra Dra. Mary Lou Koppel, e qualquer ouvinte fiel ao programa sabe que ela já esteve aqui antes e sabe que ela é esperta... e para quem não nos ouve sempre, bem, quem é que precisa de vocês, he-he? Hoje vamos falar sobre... como é que é? Meu assistente, o sempre carismático Gary, está me informando que a Dra. Koppel está atrasada... é melhor fazer algo a respeito da pontualidade, doutora. Talvez consultar um psiquiatra, he-he. Enquanto isso vamos falar sobre seguro automotivo. Alguma vez você já recebeu uma batida na traseira por um desses lunáticos que parecem estar em toda parte como invasores do espaço? Você sabe do que estamos falando: invasores do espaço, viciados em telefone celular, e barbeiros ao volante. Algum deles amassou seu para-lama? Ou pior? Então você sabe o valor de um bom seguro, e a Low-Ball Insurance é a melhor seguradora...

Milo comentou:

— Koppel é psicóloga, não psiquiatra.

— Por que permitir que os fatos atrapalhem?

Tom Curlie encerrou seu discurso e prosseguiu com um comercial pré-gravado de faça-você-mesmo seus formulários legais. Depois uma mulher com voz abafada falou sobre o tempo e o tráfego nas estradas.

Veio outro comercial com Tom Curlie tecendo elogios a uma coisa chamada Divine Mochalicious, que podia ser encontrada em qualquer filial da rede Café--Café. Depois disse:

— O enigmático embora prosaico Gary está me informando que a Dra. Mary Lou Koppel, nossa convidada psiquiatra, ainda não chegou ao estúdio e que não pode ser contactada no seu celular. Uma pena, Mary Lou, você agora está oficialmente fora do rol privilegiado que promove os convidados ao programa Tom Curlie, porque Tom Curlie exige pontualidade, responsabilidade e todas as outras virtudes que engrandeceram este país. Muito embora este país, por um lapso de discernimento, tenha eleito um presidente que não fala bem... ora, mas quem é que precisa da doutora? Vamos falar sobre psiquiatras e por que eles próprios são tão pirados. Quero dizer, é apenas minha imaginação, ou todos eles são um pouquinho doidos? Então do que se trata tudo isso, pessoal? Alguém se tornando médico de cuca porque a própria cuca não está regulando muito bem? Ou é uma questão de infância problemática, hein? He, he, he. O que vocês acham? Vamos lá, liguem para o 1-888 TOM CURLIE e me digam. Aqui vamos nós, já estamos recebendo várias ligações e minha primeira chamada é de Fred, de Downey. Oi, Fred. Teve sua cuca espremida ultimamente?

— Oi, Tom. Antes de mais nada quero lhe dizer que ouço seu programa todo dia, e que você é realmente dem...

— Excelente julgamento, Fred, mas e quanto a esses psiquiatras... os médicos de cabeça, esses praticantes de vodu, esses espreme-cucas? Acha que eles estão remando contra a maré, piscando com apenas um dos olhos, sofrendo de congelamento cerebral, dançando com vultos na galeria dos espelhos? E em que se resume isso, Fred? Eles se tornam médicos de cuca porque precisam tratar das próprias cucas?

— Bem, Tom, na verdade, Tom, sei quem são essas pessoas. Apenas 12 anos atrás, eu estava sentado sob as estrelas, pensando na vida, quando eles me abduziram e implantaram uns eletrodos no meu...

Milo desligou o rádio.

A civilização e seus insatisfeitos — comentei.

— Revoltados soaria melhor. Talvez Lorraine esteja certa e eu devesse me manter focado em Gavin. Vou ligar para os garotos que sofreram o acidente com ele e ver se é possível extrair algo útil. E

também ver se posso me encontrar com a namorada, Kayla Bartell, sem que o velho dela esteja por perto.

— Ainda planejando interrogar a Dra. Koppel mais uma vez?

— Isso também. — Ele acomodou-se na cadeira. — Ela obviamente não está no consultório, ou aquele idiota do rádio a teria contactado. Deixe-me fazer umas ligações primeiro. Depois, que tal nos encontrarmos dentro de duas horas? Ou mais tarde, se não for incômodo para você?

— Em duas horas está bom. Quer que eu tente falar com Kayla?

— Se você a encontrar na rua por acaso, seria ótimo — disse ele.

— Mas em se tratando de Beverly Hills e com aquele pai tão estressado, seria melhor seguirmos o protocolo.

— Visitas limitadas à presença de um oficial de polícia.

— E isso aí.

Dirigi para casa ouvindo o programa de Tom Curlie. Mary Lou Koppel acabou não aparecendo e Curlie não voltou a mencioná-la. Ele alternou entre comerciais e ligações de ouvintes tristes e furiosos, depois chamou o próximo convidado, um advogado especializado em processar redes de lanchonetes por discriminação racial e por servir café quente demais.

Curlie dizia:

— Não entendo nada do assunto, Bill, mas pelo que consegui entender, você pode metê-los em cana só por servir comida ruim.

Em vez de ir para casa, continuei até Beverly Hills e passei pela casa dos Quick. A mesma minivan branca ocupava a entrada de carros, mas o Mercedes novinho se fora.

As cortinas estavam cerradas e a correspondência do dia havia sido deixada no degrau da frente. Um jardineiro podava uma cerca viva. Uma mulher anoréxica passeava com um chow chow preto preso pela coleira. O cachorro parecia dopado. Um quarteirão e meio acima, o tráfego disparava no Wilshire Boulevard. Uma família havia sido dilacerada, mas o mundo continuava a girar.

Dei a volta com o Seville, segui para o norte através da zona comercial, entrei nos Flats, passei pela mansão Bartell. A luz do dia, a casa parecia ainda maior, quadrada e branca como uma barra de sabão de coco. A cerca parecia uma barreira de presídio. A porta da garagem para quatro carros estava fechada, mas um jeep Grand Cherokee vermelho estava com o motor ligado dentro dos portões elétricos.

Estacionei e olhei ao longo da rua enquanto os portões se abriam e Kayla passava por eles. Ela estava ao telefone celular e dobrou à direita sem verificar o tráfego e disparou rumo ao Santa Monica Boulevard. Ela falava animadamente e sem parar, não fazendo a menor ideia de que eu a seguia até o semáforo que dava para a rua Elevado, e atravessava rumo à Carmelita. Sem ligar a seta, fez uma arriscada curva à esquerda no Santa Monica e continuou rumo leste, uma das mãos ainda agarrando o celular. A outra dirigia, e às vezes ela a retirava do volante para gesticular e guinava para outras pistas. Na maior parte do tempo os motoristas mantinham-se longe dela, até que outra jovem ao volante de um Porsche Boxster buzinou e ultrapassou-a.

Kayla a ignorou, continuou tagarelando, costurou seu caminho para Canon Drive, seguiu para o sul e estacionou na alameda atrás do salão de cabeleireiro Umberto. Um manobrista abriu a porta e Kayla saltou, usando um top que deixava a barriga exposta, calças pretas de couro e botas de salto alto. Na cabeça usava um velho boné prateado de lamê. O rabo-de-cavalo louro se projetava através de uma fita.

Nenhuma gorjeta para o manobrista, apenas um sorriso. Alguém lhe dissera que isso bastava.

Entrou no salão de beleza rebolando.

— Duzentos paus por um corte de cabelo — comentou Milo. Ah, essa juventude!

Estávamos no Seville e eu dirigia para leste no Olympic Boulevard, rumo ao consultório de Mary Lou Koppel.

— Você falou com os garotos que estiveram no acidente? — perguntei.

— Com os dois. E eles sustentaram o que Quick nos contou. Gavin estava atrás, imprensado entre eles. Quando o carro bateu na montanha, eles estavam com o cinto de segurança e foram arremessados de um lado para o outro. Mas o impacto lançou Gavin para a frente e ele bateu com a cabeça no assento do motorista. Ele disparou feito uma banana expelida da casca, foi como um deles descreveu. Ambos disseram que Gavin era um cara legal mas que havia mudado muito. Deixou de ser sociável, afastou-se deles. Perguntei se Gavin ficara mentalmente perturbado e eles hesitaram, não querendo rebaixá-lo. Quando insisti, admitiram que ele tinha ficado apático. Já não era o mesmo cara.

— Alguma coisa sobre comportamento obsessivo?

— Não, mas eles passaram algum tempo sem vê-lo. Ficaram bastante chocados com o assassinato. Não tinham nenhuma pista de alguém que quisesse fazer mal a Gavin, e não sabiam de nenhuma loura que ele estivesse namorando, a não ser Kayla, que um deles chamou de “bruxinha mimada”.

A loura anônima — comentei.

— Liguei para as emissoras de TV e perguntei se eles exibiriam a foto da necropsia. Eles disseram que não, que era muito assustadora. Mas se eu arranjasse uma versão desenhada que amenizasse a cena poderiam veicular, se houver uma brecha na programação. Mandeí uma cópia da foto para um dos nossos desenhistas. Veremos. Talvez os jornais publiquem a foto real, dando à pobre garota seus segundos de fama.

— Muito assustador — eu repeti. — Eles estão assistindo à mesma TV que eu?

Ele riu.

— A mídia fala muito em serviço de utilidade pública, mas o que eles querem é vender o tempo dos comerciais. Alex, seria como jogar uma história para algum babaca do showbiz.

Tudo bem, aqui estamos. Por que não damos a volta até os fundos, para ver se o Mercedes de Mary Lou está lá?

Não estava, mas estacionamos assim mesmo e entramos no prédio.

A porta da Pacific-West Serviços Psicológicos não estava trancada. Desta vez, a sala de espera não se encontrava vazia. Uma mulher alta na casa dos 40 anos andava de um lado para o outro torcendo as mãos. Usava uma camiseta regata cinza, meias esportivas brancas, tênis Nike igualmente brancos. Tinha pernas compridas, um torso magro, cabelo preto e curto penteado para a frente. Os olhos eram azuis, encovados, embolsados e brilhantes demais. O rosto, lustroso e rosado, da cor de salmão em lata. A pele descarnava no contorno do couro cabeludo e nas orelhas, indício de tratamento de pele recente. Sua expressão dizia que estava acostumada a ser maltratada, mas começava a se ressentir disso. Ela nos ignorou e continuou a medir os próprios passos.

Todas as três luzes acima das portas estavam vermelhas.

Os doutores Gull, Koppel e Larsen curavam almas.

— Imagino a que horas a sessão dela vai acabar — Milo comentou.

A mulher de cabelo preto, sem parar de andar, disse:

— Se está falando da Dra. Koppel, pegue uma senha. Minha consulta deveria ter começado vinte minutos atrás. — Ela atravessou a sala duas vezes, coçou o couro cabeludo, parou para examinar as revistas sobre uma mesa. Escolheu Modem Health, folheou-a, manteve-a dobrada debaixo do braço e andou mais um pouco. — Já são minutos de atraso. Espero que ela esteja atendendo a uma emergência!

— Ela costuma ser muito pontual — disse Milo.

A mulher parou e se voltou para nós. O rosto estava enrijecido, apesar de repuxado. O medo escaldava seus olhos, como se tivesse olhado para um eclipse.

— Vocês não são pacientes.

— Não somos? — Milo manteve a voz suave.

— Não, não, não. Vocês parecem... por que estão aqui? Ele encolheu os ombros, desabotoou o paletó.

— Estamos apenas esperando para falar com a Dra. Koppel, nada...

— Bem, vocês não podem! — gritou a mulher. — Sou a próxima! Preciso vê-la!

Milo olhou para mim, pedindo ajuda.

— Não tem problema — falei. — É a sua vez. Iremos embora e voltaremos mais tarde.

Não! — exclamou ela. — Quero dizer... não precisam fazer isso, não sou dona deste lugar, não estou autorizada a me impor a este nível. — Ela piscou para reprimir lágrimas. — Só quero garantir minha vez. Minha própria consulta. Não é excesso de narcisismo, é?

— De modo algum.

Meu ex-marido diz que sou uma narcisista incurável.

— Esses ex... — comentei.

Ela olhou para mim, testando minha sinceridade. Devo ter passado no teste, porque ela sorriu.

— E melhor vocês sentarem. Obedecemos.

A sala de espera permaneceu em silêncio por mais 15 minutos. Nos primeiros cinco, a mulher leu a revista. Depois disse que se chamava Bridget. Tornou a olhar para as páginas, mas sem muita animação. Suas têmporas latejaram de forma tão nítida que fui capaz de perceber do outro lado da sala. Disparando. As mãos dela se abriam se fechavam e a cabeça da da revista para as luzes vermelhas. Por fim, ela disse:

Não entendo!

— Vamos ligar para ela — sugeri. — Podemos falar com um de seus assistentes e talvez ele nos diga se está numa emergência.

— Sim — concordou Bridget. — Sim, é uma boa ideia.

Milo sacou seu telefone, Bridget ditou o número e ele discou. Que equipe!

— Dra. Koppel, por favor... — Milo disse. — Sr. Sturgis, ela me conhece... o quê? Tem certeza? Porque estou bem aqui na sala de espera da doutora, e a luz do painel está acesa...

Ele desligou.

— O que houve, o quê? — perguntou Bridget.

— O assistente disse que ela não apareceu no escritório esta manhã, como costuma fazer, e eles não têm ideia de onde esteja. A doutora tinha dois pacientes cedo, antes da entrevista no rádio, e faltou também às consultas.

Bridget gritou:

— Que se dane essa mulher! Isso é uma porra de narcisismo! Pegou a bolsa e disparou para a porta batendo-a atrás de si. O silêncio que ela deixou pairando no ar era amargo.

— Acho que prefiro meu trabalho ao seu — concluiu Milo.

Cinco minutos depois, ele estava batendo à porta dos consultórios. Uma voz abafada de homem disse algo que parecia “Espere!” e a porta se entreabriu. Os olhos que nos fitaram eram de um tom castanho pálido e inclinados para baixo por trás de lentes bifocais octogonais. Analíticos. Nada divertidos.

— O que está acontecendo? — Voz bem-modulada, matizada por uma inflexão nórdica. O que pude ver do rosto era liso e rosado, o queixo fundia em camadas de carne macia, coberto por um cavanhaque louro-grisalho, encimado por uma boca estreita e rígida.

— Polícia — informou Milo. — Estamos procurando pela Dra. Koppel.

— Polícia? Por isso bateu à porta? — Voz calma, quase divertida, apesar da irritação.

— Você é...

— Dr. Larsen. Estou no meio de uma consulta e preferiria que fossem embora. Por que procuram Mary Lou?

— Eu acharia melhor não discutir isso, doutor. Albin Larsen piscou.

— Como queira. — Ele começou a fechar a porta. Milo impediu.

— Policial...

— A luz dela está acesa — disse Milo —, mas ela não está na sala. A porta se abriu mais e Larsen saiu. Era um cinquentão com 1,75m de altura, com excesso de peso de uns sete quilos, usava o cabelo que embranquecia cortado à escovinha.

Um jaleco verde sem mangas, bordado à mão, cobria uma camisa azul-claro abotoada. As calças caqui estavam passadas e plissadas, os sapatos de cor marrom impecavelmente engraxados.

Ele passou um longo momento olhando para nós.

— Não está? Como saberiam disso?

Milo contou a respeito de sua conversa com o assistente da doutora.

— Ah — Larsen sorriu. — Isso não significa nada. A Dra. Koppel poderia ter sido procurada no consultório por causa de um paciente em crise e esquecido de avisar ao assistente.

— Uma crise aqui no consultório?

— Nossa profissão vive lidando com crises.

— Com frequência?

— Bastante frequência — confirmou Larsen. — Bem, sugiro que a melhor maneira de lidarmos com esta situação é vocês deixarem um telefone de contato e tentarei...

Você a viu hoje, doutor?

— Não poderia. Estou com a agenda lotada desde as oito da manhã. Bem como Franco... o Dr. Gull. Nós todos temos agendas cheias e tentamos escalonar nossos pacientes a fim de evitar superlotação na sala de espera. — Larsen arregaçou a manga da camisa e expôs um Rolex vintage de ouro rosado. — Na verdade, minha próxima consulta vai ser daqui a dez minutos e deixei um paciente à espera no consultório, o que é tremendamente injusto e antiprofissional. Portanto, deixem seu cartão e...

Milo replicou:

— Por que não verifica se a Dra. Koppel está no consultório? Larsen começou a cruzar os braços sobre o peito, mas interrompeu o gesto.

— Seria inadequado.

— Sendo assim, receio que teremos de ficar esperando bem aqui, Dr. Larsen.

A boca fina de Larsen se afinou ainda mais.

— Creio que se parar para refletir, senhor, descobrirá que está forçando a barra.

— Sem dúvida — Milo sentou-se e pegou a Modern Healthy descartada pela mulher de rosto descarnado.

Larsen voltou-se para mim, como se esperasse que eu lhe desse razão. Olhei para o carpete.

— Tudo bem — ele assentiu. — Vou verificar.

Larsen recuou pelo vestíbulo interno e fechou a porta. Segundos depois retornou, sem expressão.

Ela não está lá. Não entendo, porém estou certo de que há uma explicação. Bem, agora preciso voltar para meu paciente. Se insistirem em ficar aqui, por favor não criem problema.

Capítulo 15

— Bem — disse Milo enquanto saíamos do edifício —, isto é o que chamo de um espreme-cuca. Imperturbável, de fala mansa, analisando tudo.

— Não me incluo nessa?

— Você, meu amigo, é uma aberração.

— Perturbável demais?

— Humano demais. Vamos verificar a residência da Dra. Koppel. Tem tempo?

Claro. Vamos ver como vive um verdadeiro espreme-cuca.

Os registros do Departamento de Veículos Motorizados mostravam que o endereço de Mary Lou Koppel era em McConnell Drive, em Cheviot Hills.

Dirigi para oeste, passei por Century City e segui para o sul em direção a Pico, segui por mais um quilômetro e meio, passando por Rancho Park e pelo aparelho de radar de um guarda de motocicleta com um rosto de pedra. Milo acenou para ele, que não retribuiu o gesto. McConnell Drive era uma rua adorável, montanhosa e serpeante, e, ao contrário das artérias horticulturalmente regulamentadas de Beverly Hills, agraciada por uma agradável mistura de árvores de rua.

A casa de Koppel era de tijolos, estilo Tudor, de dois andares, construída sobre um outeiro com mais de trinta degraus de pedra. A íngreme entrada para carros seria um desafio para um veículo com motor fraco. Nenhum sinal do Mercedes, mas a porta da garagem estava fechada.

— Talvez ela esteja mais assustada com o assassinato de dois pacientes do que demonstrou e decidiu tirar umas pequenas férias Milo conjecturou.

— Sem avisar a clientela?

— O medo pode provocar isso. — Ele olhou para a ladeira. Certo, vamos começar a subida. Como estão suas habilidades em exercício aeróbico?

Ele escalou com dificuldade os degraus, resmungando:

— Pelo menos tem uma boa vista.

Eu seguia dois degraus atrás. Ele estava bufando e arfando quando chegamos ao topo.

— Com... isso — fez uma pausa — ela... não precisa... da porra de uma academia de ginástica em casa.

De perto, a casa era lindamente conservada, janelas reluzentes, calhas de cobre imaculadas, porta de carvalho entalhada e envernizada recentemente. Canteiros de samambaia, manto-real, papiro e rosas brancas suavizavam a fachada de tijolos envelhecidos. Um jarro de pedra com ervas variadas banhava em fragrâncias a entrada coberta. Um jacarandá de troncos múltiplos formava a peça central do pequeno e perfeito gramado. Por entre os galhos um panorama do leste da cidade: a bacia de Los Angeles e as montanhas San Gabriel mais além. Atordoante, apesar da cobertura de névoa. Enquanto Milo tocava a campainha, olhei para os quilômetros de terreno e pensei o que sempre pensava: grande demais para uma cidade.

Ninguém atendeu. Ele tentou de novo, bateu à porta e disse:

— Não seria nenhuma grande surpresa o carro dela não estar aqui, mas vamos terminar logo com isso.

Caminhamos em volta do lado esquerdo da casa até um pequeno pátio quadrado nos fundos, dominado por uma piscina e mais plantas espessas.

Figueiras altas cercavam três lados do quintal, impedindo o escrutínio de vizinhos. O fundo da piscina era cinza e imaculado. Uma cobertura protegia a churrasqueira de tijolos com uma chaminé embutida, mobília externa e vasos de flores. Um bebedouro para beija-flores pendia de uma viga e, num canto afastado, uma fonte em miniatura — um repuxo feito de bambu, que derramava água num pequeno barril — borbulhava de maneira agradável.

A parede de trás era composta por uma fileira de portas envidraçadas, três delas bloqueadas por cortinas. Uma das cortinas, porém, estava aberta, e Milo foi dar uma espiada.

— Oh, não — ele se lamentou.

Aproximei-me para dar uma olhada.

O cômodo dos fundos era equipado com sofás brancos de couro, mesas com tampo de vidro, um bar de carvalho e granito e uma ampla TV de plasma acompanhada por uma aparelhagem estéreo. A TV estava sintonizada num game show. Concorrentes em êxtase pulavam como se estivessem sobre trampolins. Alta definição e colorido perfeito.

Afastada do lado esquerdo, Mary Lou Koppel afundava-se em um dos sofás, de frente para nós, de costas para a tela. Os membros estavam esparramados e a cabeça, lançada para trás, a boca aberta, os olhos fitando o teto vazio.

Fitando sem ver coisa alguma. Um objeto comprido e prateado se projetava do peito, e a cor dela não era de nada vivo.

Ao seu redor, o sofá de couro estava borrado de vermelho-ferrugem.

Ficamos do lado de fora enquanto Milo chamava os técnicos, o legista e dois patrulheiros para servirem de sentinelas. Em vinte minutos, o local se transformara num alvoroço.

A legista era uma asiática que falava pouco inglês e deu o fora sem nem olhar o corpo. O assistente da legista, um homem corpulento e de bigode grisalho chamado Arnold Mattingly, brotou diante de nós:

— Cho pediu para dizer que ela é toda sua. Milo. Milo franziu o cenho.

Ela já foi?

— Ela está mais ocupada do que jamais estaremos — explicou Mattingly. — Montes de corpos empilhados no necrotério.

— Ela lhe deu algum laudo preliminar?

— Parece que a vítima levou uma estocada no peito com um abridor de cartas e foi baleada na cabeça. Sei que você gosta de esboçar seu próprio mapa da cena do crime, mas se quiser uma cópia do meu, xerocarei para você.

— Obrigado, Arnie. O que veio primeiro, a estocada ou o tiro?

— Não faço a menor ideia, e Cho não está falando muito hoje.

— Mattingly pôs as mãos em concha, mas manteve sua voz alta. O marido dela a deixou.

— Que pena — lamentou Milo.

— Uma dama adorável — disse Mattingly. — De verdade. De qualquer modo, se você quiser a minha opinião, há muito sangue em torno do ferimento perfurante. Uma quantidade copiosa, como eles dizem. E apenas uma pequena gota em volta do buraco da bala, mais plasma do que coisa vermelha.

— O coração dela estava batendo firme quando levou a estocada?

Eu apostaria nisso — concordou Mattingly.

— Arma de calibre pequeno?

— Pelo aspecto dela, sim. Essa Koppel é a tal psicóloga, certo?

Você a conhece, Arnie?

— Minha mulher a ouve quando ela está no rádio. Diz que ela fala o senso comum. Eu digo que, se é comum, por que as pessoas têm de pagar? — Ele sacudiu a cabeça. — Ela vai ter um ataque quando eu lhe contar... devo contar, não é?

— Faça isso — disse Milo. — Deixe que eu ligo para as emissoras de rádio. Mais alguma ideia?

— O quê? — espantou-se Mattingly. — Hoje é o dia do palpíte?

— É um dia de merda. Estou aberto a sugestões.

— De um humilde servidor público como eu. — Mattingly coçou a cabeça. — Meu palpíte seria o ramo de trabalho dela. Talvez tenha descoberto o lado errado de alguma pessoa louca.

— Ele pareceu me notar pela primeira vez. — Isso faz sentido, doutor?

Perfeito sentido, Mattingly riu.

— E isso que eu adoro sobre meu trabalho. Consigo pensar em coisas que fazem sentido. Depois, quando chego em casa, sou um idiota. — Ele recolheu seu equipamento e saiu.

— Ligue para as emissoras de rádio — eu disse. — Talvez este seja o gancho de que você precisa.

Levou algum tempo para os técnicos acabarem de recolher as impressões da casa, buscar pegadas de sapatos, sangue ou outros fluidos corporais em cômodos remotos, sinais de entrada forçada ou luta.

Nenhuma impressão no abridor de cartas. Nada de mais revelador exceto o fato óbvio de que o abridor, antigo, com cabo de osso, com uma lâmina de prata de lei, tinha vindo da escrivaninha do escritório da casa de Mary Lou Koppel.

Quando a cena do crime foi liberada, Milo começou a busca de praxe a que as vítimas de assassinato se submetem.

Uma vistoria no armário de remédios do banheiro produziu os habituais itens de toalete juntamente com pílulas anticoncepcionais, um diafragma e camisinhas (“garota prevenida”) remédios para alergia, uma bandeja com Tylenol, Advil, Pepto-Bismol e amostras grátis do sonífero Ambien.

— Mesmo com tudo que recomendava para as pessoas, ela própria sofria com distúrbio de sono — observou Milo. — Alguma coisa na consciência dela?

Dei de ombros.

O quarto era um estúdio aconchegante e levemente circular nas cores salva-verde e salmão. A colcha axadrezada sobre a cama havia sido esticada com capricho, o quarto estava perfeitamente arrumado.

Milo vasculhou um armário cheio de roupas vermelhas e pretas. Nas gavetas da penteadeira achou roupa de dormir que da de flanela fina a peças minúsculas do Hustler Emporium.

Ele pegou uma calcinha com estampa de oncinha e abertura entre as pernas.

— Uma pessoa não compraria isso para si mesma. Imagino quais eram os interesses amorosos dessa mulher.

No fundo da gaveta de roupa íntima, ele encontrou um vibrador prateado aninhado numa sacola de veludo.

— Todos os tipos de amor — murmurou ele.

Eu não gostava muito de Mary Lou Koppel, mas expor a arqueologia de sua vida era deprimente.

Sáimos do quarto e voltamos ao escritório, de modo que Milo pudesse vasculhar os papéis. Não levou muito tempo para as coisas se tornarem interessantes.

Como o resto da casa, o escritório estava arrumado. Uma pilha arrumada de papéis assentava-se no tampo da refinada escrivaninha francesa retrô, encimada por um peso de cristal vermelho no formato de uma rosa. Bem no centro, junto a um risque-rabique de couro com bordas douradas e abaixo do recipiente em prata de lei onde a arma do crime tinha sido apanhada.

Milo atacou as gavetas primeiro. Encontrou os registros financeiros de Koppel, formulários de imposto de renda e uma pilha de correspondência de pessoas que acompanhavam suas entrevistas no rádio e que tinham fortes opiniões a seu respeito, contra e a favor.

Essas ele juntou e enfiou num envelope de evidências.

Ele disse:

— Ela declarou 260 mil no último ano pelo tratamento de pacientes, mais 60 mil por aparições públicas e investimentos. Não é nenhuma ninharia.

Documentos jurídicos numa gaveta resumiam um divórcio vinte anos atrás.

— O marido era um cara chamado Edward Michael Koppel Milo percorreu as linhas impressas com um dos dedos. — Esses papéis dizem que, na época do divórcio, ele era estudante de direito.

Diferenças irreconciliáveis, divisão de bens... o casamento durou menos de dois anos, sem filhos... e por aí vai.

Ele voltou ao tampo da mesa, tirou o peso de papel em forma de rosa, examinou a pilha de papéis.

No topo estava a ficha de Gavin Quick.

Capítulo 16

A ficha não era muito extensa.

Não levou muito tempo para Milo terminar de lê-la, e enquanto o fez sua mandíbula estava rígida e os ombros encurvados.

Ele passou os papéis para mim.

Mary Lou Koppel escrevera um detalhado intróito para o tratamento de Gavin Quick, mas suas notas subsequentes eram resumidas.

O introito dizia o bastante.

Gavin viera procurá-la por causa do estresse pós-traumático devido ao acidente. Ele havia sido designado para terapia por um juiz do condado de Orange. Uma sentença alternativa após ter sido condenado quatro meses atrás por assédio a uma mulher de Tustin chamada Beth Gallegos.

Gallegos era terapeuta ocupacional no hospital St. John's, e tinha tratado de Gavin após o acidente. Segundo as anotações de Koppel, Gavin se tornara ligado a ela de modo patológico, levando Gallegos a transferir o tratamento dele para outro terapeuta. Gavin persistiu em suas tentativas de namorá-la, telefonando para a casa dela, chegando a fazer 12 ligações numa única noite, depois estendeu suas tentativas para chamadas matinais para acordá-la de manhã cedo, nas quais chorava e declarava seu amor por ela.

Ele escrevia longas cartas de amor para Beth Gallegos e as postava com perfumes e presentes comprados em joalherias. Em todos os dias de uma semana maníaca, ele mandou entregar duas dúzias de rosas no hospital.

Quando Beth Gallegos saiu de lá e arranhou um emprego numa clínica de reabilitação em Long Beach, Gavin conseguiu encontrá-la e retomou suas propostas.

Sabendo da sua lesão cefálica, Gallegos estava relutante em prosseguir, mas quando ele apareceu no apartamento dela no meio da noite, socando a porta, insistindo para que o deixasse entrar, ela chamou a polícia. Gavin foi preso por perturbação da paz, mas os tiras disseram a Gallegos que se ela quisesse uma acusação mais séria, ela precisava obter uma ordem de restrição.

Ela barganhou com os pais de Gavin: se ele parasse, ela retiraria a queixa.

Gavin concordou, mas uma semana depois os telefonemas recomeçaram. Mas Gallegos obteve a ordem, e quando Gavin a violou ao esperar no estacionamento da Clínica de Long Beach, ele foi autuado

por assédio criminoso.

Devido ao acidente que sofrera, foi-lhe permitido apelar para uma acusação de má conduta abusiva sob a condição de buscar ajuda psiquiátrica. Seu advogado pediu e obteve a oportunidade de sugerir um terapeuta. Sem nenhuma objeção da promotoria a corte assentiu e Gavin foi encaminhado ao Dr. Franco Gull.

Koppel assinalou que havia informado à corte que o paciente tinha sido transferido de Gull para ela.

Cobrindo as bases legais.

Paciente tem fraco discernimento, escreveu ela, no fim. Não consegue ver o que fez de errado. Possivelmente devido à lesão cefálica. Tratamento irá enfatizar discernimento e respeito pelos limites pessoais.

Devolvi o relatório a Milo.

Ele estalava os nós dos dedos, e as sobrancelhas negras e espessas estavam afundadas na direção dos olhos comprimidos pela raiva.

— Beleza — disse ele. — Ninguém pensou em me contar uma coisa dessas.

— Os Quick não iriam querer a memória de Gavin maculada, Devido a isso e ao trauma do assassinato de Gavin, eu não ficaria surpreso se eles “esquecessem”.

— É, é, mas e a porra da promotoria do condado de Orange? E a porra da corte? E a porra da Dra. Mary Lou? O garoto foi morto, e ninguém pensa em me dizer que ele ficou esquisito menos de um ano depois e se tornou alguém muito, muito infeliz?

— O assassinato não saiu nos noticiários.

— Enviei teletipos e pedidos para informação sobre a louca para cada jurisdição local, inclusive o Departamento de Polícia de Tustin, e o nome de Gavin está em todas as delegacias. Sem dúvida meu requerimento está mofando em alguma caixa de entrada.

Ele tentou estalar mais os dedos; só produziu silêncio.

— Se o público ao menos soubesse... certo, o garoto era um assediador, é um jogo inteiramente novo

— Como isso se relacionaria ao assassinato de Koppel?-perguntei. — Ou ao de Flora Newsome?

— Raios me partam se eu sei! — gritou ele. Continuei calado.

— Desculpe-disse ele. -Koppel provavelmente morreu por causa de algo que sabia a respeito de Gavin. Não tenho nenhuma pista que indique nessa direção, mas só pode ser isso. Sobre o caso Newsome, parece que Lorraine estava certa: reuni similaridades demais entre os casos, e não o suficiente de diferenças.

Ele guardou a ficha, folheou o resto da pilha e resmungou:

— Contas, formulários para a assinatura de revistas, lixo. — Recolocou tudo sobre a mesa. — Eu realmente pedi por isso — disse ele.

Pensei: Você precisa do desafio, mas não falei nada.

— Por enquanto — continuou ele —, a Newsome continua sendo problema de Lorraine. Vou me fixar no meu caso, o garoto Gavin. E em todas as complicações que ele causou. O sacaninha porra-louca.

Capítulo 17

O assassinato de Mary Koppel chegou aos noticiários da forma habitual: muito sensacionalismo, nenhuma informação nova e um pouco de tapa-buraco para os jornais; alguns parágrafos de textos pretensiosos lidos por âncoras sorridentes e de olhos brilhantes da TV que se autoproclamavam jornalistas. Na falta de detalhes forenses, o pessoal da mídia aproveitou-se das muitas incursões da vítima no território deles. As expressões “por dentro da notícia” e “furo de reportagem” eram associadas com o alívio habitual reservado para os clichês.

No dia seguinte, a notícia estava morta.

Milo penetrou nos canais da polícia e pediu à assessoria do Departamento de Polícia de Los Angeles que conseguisse expor na mídia o rosto da garota loura. O gancho que ele apresentou era a possibilidade de uma história maior do que a dos jovens mortos em Mulholland: o elo entre aqueles assassinatos e o de Koppel. Os tiras de relações públicas questionaram sua base para essa alegação, disseram que não havia como as emissoras de TV exibirem uma foto de necrotério de uma autêntica pessoa morta, disseram que estavam atolados com todos os tipos de pedidos para exposição dos outros detetives, prometeram que veriam o que podia ser feito.

Cheguei ao escritório de Milo pouco depois de ter feito o pedido, sentado enquanto lutava com o paletó, que parecia estrangulá-lo.

O esforço deixou a gravata torta e a camisa amarrotada. Ele sentava-se à beirada da mesa, lia uma mensagem, esmurrava uma extensão de seu telefone de mesa.

— Sean? Entre.

Alguma novidade sobre Koppel? — perguntei.

— Ah, é você? Oi. O legista calcula o tempo da morte em algum momento entre a noite passada ou o início da manhã. Nenhuma entrada à força, nenhum relato de veículos na vizinhança.

— E quanto aos disparos?

— Os vizinhos de um lado estão na Europa. Do outro lado mora uma mulher na casa dos 90 anos aos cuidados de uma enfermeira. A enfermeira ouve bem, mas as duas estavam dormindo no quarto da velha, mas lá tem um umidificador e um filtro de ar zumbindo, que bloqueiam qualquer coisa menor que uma explosão nuclear. Ele riu. — É como se os deuses estivessem conspirando. Você teve alguma nova ideia?

Antes que eu pudesse responder, um ruivo alto no final da casa dos 20 bateu na moldura da porta. Trajava um terno cinza de quatro botões, camisa azul-escura, gravata da mesma cor. Uma Doe Martens autêntica. O cabelo era cortado rente, e sardas salpicavam a testa e as bochechas. Tinha membros desenvolvidos, o físico de um segurança e o rosto de bebê típico de alguns ruivos.

— Ei — Milo o cumprimentou.

Tenente. — Uma pequena saudação.

— Alex, este é o detetive Sean Binchy. Sean, Dr. Alex Delaware, nosso consultor psicológico.

Binchy permaneceu à porta e estendeu a mão. A sala era pequena o bastante para podermos trocar um aperto de mãos.

— Sean vai nos ajudar no caso Koppel. — E para Binchy. Novidades sobre a família dela?

— Os pais são falecidos, tenente. Descobri uma tia em Fairfield, Connecticut, mas ela há anos não via a Dra. Koppel. “Depois que mudou-se para a Califórnia, Mary Lou não quis mais saber da gente.” A tia disse que a família provavelmente pagaria pelo funeral, é só mandar-lhes a conta.

Ninguém está vindo?

Sean Binchy sacudiu a cabeça negativamente.

— Eles estão muito afastados dela. Uma espécie de mágoa. Quanto ao ex-marido, ele está aqui. Em Los Angeles, quero dizer. Mas não é advogado. Está no ramo imobiliário. — Ele pegou um bloco.

Encino. Deixei uma mensagem, mas até agora não retornou. Creio que recolherei mais informações investigando a vizinhança da Dra. Koppel, por isso, vou tentar de novo.

— Parece bom — concordou Milo.

— Algo mais que precise?

— Não, terminar a investigação é uma boa ideia. Nada ainda dos vizinhos?

— Lamento dizer que não. Parece que todos consideraram que a noite de ontem foi tranquila em Cheviot Hills.

— Certo, Sean. Obrigado. Sayonara.

— Vejo-o depois, tenente. Prazer em conhecê-lo, doutor. Quando Binchy se foi, Milo me contou:

— O antigo emprego desse cara era, veja só, baixista numa banda de reggae. Depois ele renasceu e decidiu que ser policial era a maneira certa de servir ao Senhor. Cortou o cabelo, tirou os piercings e ficou entre os melhores da turma na academia. Esta é a nova geração azul.

— Ele parece ser um bom garoto — comentei.

— Ele é bastante esperto, talvez tenha uma linha de pensamento concreta demais... A para B para C. Veremos se o rapaz aprende a ser criativo. — Ele sorriu. — “Chefia”. O cara vê muita TV... até agora não mencionou essa coisa de renascimento, mas não posso evitar a sensação de que um dia ele vai tentar me salvar. O ponto crucial é que não posso fazer malabarismos com Gavin, a loucura dele e Koppel sozinho, e ele é uma boa formiguinha operária. E então, alguma ideia desde ontem?

— Koppel levou a ficha de Gavin para casa, tinha ele no topo da sua pilha — eu disse. — Ela descartou os assassinatos de dois de seus pacientes como uma sutileza estatística, mas isso a incomodava, e ela voltou para revisar suas anotações. O fato de a ficha da Newsome não estar lá significa que ela provavelmente estava dizendo a verdade acerca de tê-la rasgado.

— Não havia um monte de anotações sobre Gavin para revisar.

Talvez o intróito fosse o bastante. Nele, ela detalhou os problemas legais de Gavin. E se ela ligasse o assassinato do garoto com o assédio à tal Gallegos? Deparou com um suspeito, revelou suas suspeitas a alguém e foi morta por seus esforços?

— Ela revelou suas suspeitas diretamente ao bandido? Seria tão estúpida para confrontá-lo?

— Poderia ser se ele fosse paciente dela — eu disse. — Se Koppel suspeitasse de algum de seus pacientes, relutaria em violar a confidencialidade e ir direto a você.

— De volta à teoria do louco-na-sala-de-espera.

— É também possível que ela não estivesse certa, apenas suspeitasse. Portanto, discuti isso com ele.

— Algo temerário — completou ele.

— A terapia é um relacionamento desigual. Apesar de toda aquela conversa de parceria, o paciente está carente e dependente, e o terapeuta tem sabedoria para conceder. É fácil superestimar o seu poder pessoal. Mary Lou era uma personalidade forte, para começar. E ela foi apanhada no jogo da mídia, convenceu-se de que era uma especialista em tudo. Talvez tenha se tornado por demais confiante, sentiu que podia convencê-lo a desistir.

— Uma conversa sobre ego trips, se ela foi bem-sucedida. — Um psicólogo soluciona múltiplos homicídios — eu digo. Conversa sobre relações públicas.

Ele pensou a respeito por um longo tempo.

— Um dos pacientes dela é um criminoso de verdade.

— Nenhuma entrada forçada — lembrei. — Alguém que ela conhecia e deixou entrar na casa.

Vale a pena considerar isso.

— Não posso reter os registros dos pacientes dela.

— Os sócios poderiam saber de alguma coisa.

— Eles são psicólogos também, Alex. A mesma restrição de confidencialidade.

— Não tenho certeza dos aspectos legais; mas se o criminoso não é oficialmente um paciente deles, poderiam concordar em falar sobre ele em termos gerais.

— Para mim soa como um precedente legal. Que diabo, isso merece uma conferida. — Milo ligou para a telefonista, obteve os números dos doutores Larsen e Gull e deixou mensagens para que ligassem para ele.

— Como estão indo com as impressões digitais na casa de Koppel ?

— Há um monte delas. Os caras das impressões calcularam que irão levar pelo menos uma semana. Uma coisa que me disseram: nem uma impressão sequer perto do corpo. Pelo menos num raio de três metros elas foram limpas. Um paciente psicótico que é meticuloso. Não é um caso patente de loucura, certo?

— Não chega nem perto disso — declarei.

Ele folheou o registro de homicídios que havia sido aberto na página de Mary Lou Koppel.

— A balística mandou um relatório por fax esta manhã. O calibre 22 usado para matá-la era similar, mas não idêntico ao das armas usadas em Gavin Quick ou Flora Newsome. Mesmo descontando Flora, obtivemos duas armas separadas para dois homicídios. Este é um cara com acesso fácil aos receptadores, sabe aonde ir pelas ruas.

— Um condenado experiente — eu disse. — O tipo que Flora Newsome poderia ter conhecido no trabalho.

— Um cara desses iria para terapia?

— Se fosse preciso. Veja o caso de Gavin Quick. Os olhos de Milo se arregalaram.

— Sentença alternativa. Alguém que havia ficado pirado. E isso me dá um meio para contornar a maldita confidencialidade. Examinar os registros da corte, ver se algum juiz designou quaisquer outros pacientes para Koppel.

Ele desanimou.

— Uma tarefa enorme.

— Reduza isto para um ano ou dois e ponha sua formiguinha em ação.

— E o que farei. Definitivamente farei isso. E também hora de falar de novo com o Sr. e a Sra. Quick, descobrir acerca dos problemas do garoto. Se ele assediava mais alguém. Até aqui tudo que consegui foi falar com a secretária eletrônica deles. Liguei para o promotor que acusou Gavin e para o advogado de defesa. Não obtive nenhuma ajuda da parte deles, apenas outro caso.

Também fiz um novo contato com os dois amigos de Gavin que participaram do acidente, e eles não faziam ideia de que ele tivesse assediado Beth Gallegos ou alguém mais. No intróito que Koppel fez para a corte, ela disse que a obsessão de Gavin podia estar relacionada com o dano cerebral. O que você acha?

— Outra forma de comportamento obsessivo. Claro, poderia ser consistente com a lesão pré-frontal. A outra coisa a considerar é que o namorado vingativo não era o da loura. Poderia ser o amado de Beth Gallegos. E se Gavin violou os termos da condicional e retomou o assédio?

— Então o cara ficou por sua vez na espreita de Gavin e apagou ele e a loura? E Koppel?

— Nada que implique paixão — falei.

— Certo — disse Milo —, vamos visitar o objeto da paixão de Gavin

Telefonemas revelaram que Beth Gallegos havia mudado de emprego de novo, da clínica de Long Beach para uma firma particular de terapia educacional em Westwood.

— Westwood fica perto de Beverly Hills — comentei, enquanto seguíamos para lá. — Se Gavin ainda a estava assediando, duvido que tivesse feito isso por acaso.

— Vamos descobrir.

Beth Gallegos era linda. Isso não explicava a obsessão de Gavin

— ela era uma doença, e pessoas comuns viram vítimas da perseguição com tanta frequência quanto as mais atraentes; era simplesmente um fato.

Mignon, de cabelos pretos e pele parda, usava um uniforme azul pálido de corte suave que não conseguia ocultar a cintura minúscula, o quadril vistoso e os seios fartos. Os olhos eram cor de âmbar, com cílios longos e curvos, Tinha 27 anos, não usava maquiagem e aparentava 18. Leves e frescos 18. As unhas eram curtas e sem esmalte. O cabelo negro, brilhoso e ondulado, estava preso num rabo-de-cavalo amarrado com um elástico.

Tentando não chamar atenção. Seu rosto oval perfeito, as feições de camafeu e corpo magnífico tornavam inútil o esforço.

Ela ficou pouco à vontade em falar conosco no saguão e tomamos o elevador para a cafeteria, localizada no nível da rua. Uma jovem garçonete se aproximou de nós com um sorriso, mas embora Milo sorrisse de volta, alguma coisa na saudação dele tirou a alegria do rosto da moça.

Beth Gallegos pediu chá, eu e Milo optamos por Coca-Cola. Quando o pedido chegou, ele pressionou uma nota na palma da mão da garçonete. Ela se afastou rapidamente e não tornou a aparecer.

Gallegos tinha se demonstrado irritada desde que nós aparecemos, e Milo tentou descontraí-la com conversa fiada sobre o trabalho dela. O setor em que ela trabalhava chamava-se Reabilitação Abrangente e era especializado em vítimas de AVC. O trabalho dela era ajudar pacientes a recuperar as habilidades motoras. Ela achava o desafio compensador.

Soa como se devesse ser — concordou Milo.

Gallegos atrapalhava-se com a xícara de chá e evitava nossos olhos.

— Vamos falar sobre Gavin Quick — começou Milo. — Você soube o que aconteceu com ele?

— Sim. Li no jornal. Foi horrível. Cheguei a chorar. — Ela tinha uma voz de garotinha levemente anasalada e mãos estreitas com dedos lisos. Um anel com um pequeno diamante envolvia o terceiro dedo da mão esquerda.

Mais do que um namorado.

— Você chorou — disse Milo.

— Chorei. Sentia-me terrível. Apesar do que Gavin me fez passar. Porque eu sabia o que ele havia passado. Sabia que era a LCI que o fazia agir daquele jeito.

Milo piscou.

— Lesão cefálica interna — expliquei.

Beth Gallegos assentiu e pôs uma colher de açúcar no chá, mas não bebeu.

— As LCIs agem dessa maneira estranha. Às vezes nada aparece nos exames de imagem, mas as pessoas mudam drasticamente.

Tenho certeza de que Gavin não teria feito aquelas coisas se não houvesse sido lesionado.

— Você sofreu assédio de outros rapazes com lesão cerebral? indagou Milo.

A mão de Gallegos voou para a boca.

— Não. Deus não permitiu que eu passasse por aquilo mais de uma vez. Estou dizendo simplesmente que o cérebro controla tudo, e, quando ele está comprometido, a pessoa tem problemas. Eis por que fiz tudo que podia para evitar fazer disso uma situação criminal para Gavin. — Seus olhos ficaram úmidos.

— Pelo modo como vejo a situação, madame, ele não lhe deixou nenhuma escolha.

— É o que todo mundo me disse.

— Todo mundo quem?

— Minha família.

— Sua família próxima?

— Não — disse ela. — Meus pais vivem na Alemanha. Meu pai é capitão do exército. Não contei a eles o que estava acontecendo porque sabia como meu pai reagiria.

— E como seria?

— Por certo ele obteria uma licença, voaria para cá e teria uma conversa séria com Gavin.

Quando ele descobriu, tive dificuldade para convencê-lo a não fazer exatamente isso. Foi o que me levou a dar parte. Precisava garantir a meu pai que estava cuidando bem de mim mesma. Eu tinha de fazer alguma coisa, não importava o quê. Estava simplesmente se tornando intenso demais, e Gavin obviamente precisava de ajuda.

— Você não contou a seus pais, mas acabaram descobrindo.

— Minha irmã contou. Ela mora em Tucson, confiei nela e a fiz prometer não contar. — Ela sorriu. — Claro que ela não me deu ouvidos. O que entendo, não sou louca. Somos muito apegadas. Na verdade, acho até que ela me fez um bem.

— Alguém mais disse a você para dar parte?

— O que quer dizer?

Milo olhou para o anel dela.

— Ele não era meu noivo na época. — Beth Gallegos explicou. Na verdade, começamos a namorar pouco antes de eu dar parte.

Milo tentou tornar seu sorriso caloroso.

— Qual é o nome desse rapaz sortudo?

— Anson Conniff.

— Quando vai ser o grande dia?

— No outono. — Os olhos escuros de Gallegos demonstraram alguma voltagem. — Tenente, por que todas essas perguntas sobre mim e minha família?

— Preciso atar uns fios soltos.

— Fios soltos? Tenente, por favor não me envolva nisso. Realmente não quero passar por tudo de novo... por favor. — Ela ergueu a voz.

A cafeteria estava quase vazia, mas os poucos clientes presentes voltaram-se para olhar. Milo os encarou até que se viraram.

— Passar por tudo de novo o quê, madame? Gallegos choramingou e enxugou os olhos.

— A coisa jurídica, os tribunais... Nunca mais quero ver depoimentos juramentados. Por favor, deixe-me fora disso.

— Sei que estou lhe causando pesar, Srta. Gallegos, mas preciso falar com todos com quem Gavin esteve em conflito.

Gallegos sacudiu a cabeça.

— Não houve nenhum conflito. Nunca gritei com Gavin, nunca me queixei. Simplesmente o problema escapou de controle. Ele precisava lidar com isso.

— Ele parou? — perguntei.

— Sim.

— Completamente?

— Completamente. Seus olhos desviaram-se.

— Você nunca mais teve notícias dele? — perguntei. Ela pegou o guardanapo, rasgou as beiradas, criou uma pequena pilha de confete que reuniu e colocou no pires.

— Estava basicamente acabado. Acabado. — A voz dela tremeu.

— O que aconteceu? — perguntou Milo.

— Foi apenas uma vez — disse ela. — Um mês atrás. Não foi realmente um telefonema problemático, ele telefonou sem nenhum motivo, é por isso que nunca contei a ninguém.

— Onde ele a descobriu?

— Aqui. No escritório. Eu estava no intervalo entre dois pacientes e a secretária passou-me o telefone. Gavin disse a ela que era um amigo. Ela não fazia ideia da... minha história com Gavin. Quando

ouvi a voz dele eu... hã, meu coração acelerou e comecei a suar. Mas ele estava... normal. Nada esquisito. Disse que lamentava pelo que tinha feito, queria pedir desculpas. Então me disse que havia arranjado alguém, que estava pondo sua vida em ordem e esperava que eu o perdoasse. Falei que já tinha perdoado, e foi tudo.

— Acha que ele estava dizendo a verdade? — indagou Milo. Sobre ter conhecido alguém.

— Ele parecia sincero. Dei-lhe os parabéns, estava feliz por ele. Ela suspirou. — Ele parecia mais... adulto. Estabelecido.

— Gavin lhe contou sobre a pessoa que conheceu?

— Não. Ele parecia feliz.

— Se ele estivesse feliz, não pegaria mais no seu pé.

Isso também, mas, na ocasião, o que pensei foi: “Gavin finalmente está tomando jeito.” — Ela tocou a alça de sua xícara. -Jamais tive raiva dele, tenente. Tudo que sempre senti por ele foi piedade. E medo, quando o problema realmente se intensificou. Mas fiquei contente porque as coisas estavam dando certo para ele.

— Anson provavelmente também ficou feliz.

— Não contei a Anson sobre o telefonema.

— Desconcertante demais.

— Ele já estava bastante envolvido comigo — disse ela. — Começamos a namorar quando o assédio começou. Não é uma boa maneira de iniciar um relacionamento.

— Anson deve ter ficado muito contrariado.

— Qualquer um não ficaria? — Os olhos de Gallegos ficaram mais claros. — Vocês não vão falar com ele, vão?

— Vamos sim, Beth.

Por quê?

Como eu disse, qualquer um que teve conflito com Gavin.

— Anson não tinha conflito... por favor, não metam Anson nisso. Ele nunca machucou Gavin, ou qualquer outra pessoa. Ele não gosta dessas coisas.

Complacente?— indagou Milo.

— Maduro. Disciplinado. Anson sabe se controlar.

— Que tipo de trabalho ele faz?

— Trabalho? — repetiu Gallegos.

— Emprego.

Vocês vão mesmo falar com ele?

— Temos que fazer isso, senhorita.

Beth Gallegos colocou o rosto nas mãos e o manteve ali por vários momentos. Quando ela se revelou de novo, estava pálida.

Sinto muito por Gavin ter sido morto. Mas realmente não posso aguentar mais isto. Quando Gavin foi julgado, me intimaram; foi horrível.

— Testemunhar foi difícil.

— Estar lá foi difícil. As pessoas que a gente vê nos corredores. Os odores, a espera. Esperei um dia inteiro e nunca fui chamada para testemunhar. Graças a Deus. Realmente não chegou a ser um julgamento. Gavin admitiu o que tinha feito. Mais tarde, ele e os pais passaram direto por mim e a mãe me olhou como se eu fosse a culpada. Eu nem sequer contei a Anson o que estava acontecendo, não queria que perdesse um dia de trabalho. — A atenção dela mudou para a esquerda. Mordeu o lábio. — Não, esta não é a verdadeira razão. Eu não queria que o caso interferisse no meu relacionamento. Quero que Anson me veja como alguém forte. Por favor, nos deixem em paz.

— Beth — disse Milo —, não tenho nenhum interesse em causar estresse em sua vida. E não há nenhuma razão para acreditar que você ou Anson serão envolvidos, nem que seja apenas um pouco. Mas estamos em uma investigação de homicídio, e eu não estaria fazendo meu trabalho se não falasse com ele.

— Certo — concordou Gallegos, quase inaudível — Entendo... essas coisas acontecem.

— Qual o endereço de Anson?

— Moramos juntos. Na casa dele. Ogden Drive, perto de Beverly. Mas ele não está lá. Está trabalhando.

— Onde?

— Ele dá aulas de artes marciais. Caratê, tae kwon do, kick boxing. Ele foi campeão estadual de kick boxing pela Flórida, e acabou de ser contratado por um dojo perto de onde moramos.

Na Wilshire, perto de Crescent Heights. Ele também faz trabalho com jovens. Aos domingos, para a igreja em Bell Gardens. Somos cristãos, nos conhecemos numa reunião mista na igreja. Vamos nos casar em setembro.

— Meus parabéns.

— Ele é um cara excelente — elogiou Gallegos. — Ele me ama e me deu um espaço.

Capítulo 18

Dirigimos para leste, rumo ao dojo de Anson Conniff.

— Gavin encontrou alguém para fazer com que o mundo dele girasse — Milo comentou.

— Pelo menos ele viu dessa maneira.

— Se estamos falando sobre a loura, ele viu diretamente. Por que diabo não descobrimos quem ela é?

Um momento mais tarde:

— Um instrutor de artes marciais. Talvez você possa exibir suas... como é que chamam isso?

Aquelas danças do caratê?

— Katas — falei. — Isto já faz anos. Estou fora de forma.

— Você chegou a ser faixa preta?

— Marrom.

— Porque parou?

— Por falta de raiva.

— Pensava que as artes marciais ajudassem a controlar a raiva.

— Artes marciais são como fogo. Você pode ser cozinhado ou queimar.

— Bem, vamos ver de que tipo de fogo o Sr. Conniff arde.

STEADFAST — ARTES MARCIAIS E DEFESA PESSOAL

Um amplo salão, de pé-direito alto e paredes espelhadas, forrado com reluzentes esteiras azuis de exercício. Anos atrás, eu tivera aulas de caratê com um judeu tcheco que aprendera a se defender durante a era nazista. Eu havia perdido o interesse, perdi minhas habilidades. Mas percorrendo o dojo sentindo o cheiro de suor e a disciplina, as lembranças voltaram e me descobri revisando mentalmente as posturas e os movimentos.

Anson Conniff era alto, com cara de garoto, um corpo malhado e cabelo castanho-claro comprido e escorrido, realçado por um tom dourado nas pontas.

Tipo surfista, levemente miniaturizado. Trajava quimono branco de caratê, faixa preta, falava em voz alta e áspera para um grupo de principiantes, todas mulheres. Uma asiática mais velha, de cabelos brancos, nos informou que a aula terminaria em dez minutos e nos pediu que aguardássemos num canto.

Conniff instruiu as mulheres em mais meia dúzia de posturas, depois liberou-as. Elas enxugaram a testa, recolheram as mochilas e se encaminharam para a porta enquanto nos aproximávamos.

Conniff sorriu.

— Posso ajudá-los, cavalheiros?

Milo exibiu o distintivo e o sorriso se desintegrou.

— Polícia? A respeito do quê?

— Gavin Quick.

— Esse cara. Beth leu sobre ele no jornal e me contou. — Ele riu.

— Algo engraçado, Sr. Conniff?

— Não a morte dele, eu jamais riria disso. Só é engraçado que vocês venham falar comigo sobre isso... parece roteiro de filme. Mas acho que estão apenas fazendo o seu trabalho.

Conniff afastou o cabelo do rosto.

— Por que isso? — indagou Milo.

— Porque a ideia de eu matar alguém... machucar alguém... é absurda. Sou cristão, o que me torna a favor da vida e contra a morte.

— Ah — disse Milo. — Pensei que estivesse rindo acerca da morte de Gavin Quick. Por causa do que ele fez com Beth.

A disparidade de altura entre Milo e Conniff era nítida.

O caratê e outras artes marciais ensinam a como usar o tamanho do oponente em sua vantagem, mas a pura conversa punha Conniff em desvantagem. Ele tentou aprumar-se,

— Isso é realmente absurdo, senhor. Gavin atormentava Beth, mas eu nunca tripudiaría sobre ele ou qualquer outra pessoa matando-a. Já vi morte demais para tripudiar.

No exército?

Crescendo, senhor. Meu irmão nasceu com doença pulmonar e morreu aos 9 anos. Isto foi lá em Des Moines, Iowa. A maior parte daqueles nove anos se passou com Bradley entrando e saindo do hospital. Eu era três anos mais velho e terminei passando um bocado de tempo em hospitais. Certa vez, vi alguém morrer, o processo real. Um homem, não muito velho, deu entrada na enfermaria de emergência com algum tipo de convulsão. Os médicos acharam que ele havia se estabilizado e mandaram-no para ficar em observação na enfermaria antes de dar-lhe alta. Os atendentes levaram-no de maca num daqueles grandes elevadores. Por acaso eu e meus pais acabáramos de entrar no mesmo elevador, levando Bradley para o setor de raios X. O homem na maca fazia piadas, mostrava-se amigável, então parou de falar, lançou um súbito olhar fixo para lugar nenhum, depois a cabeça desabou para o lado e a cor foi drenada de seu rosto. Os enfermeiros começaram a massagear seu peito. Minha mãe tapou meus olhos para que eu não pudesse ver, e meu pai começou a falar sem parar para impedir-me de ouvir. Beisebol, ele falava sobre beisebol. Na hora em que saímos do elevador, todos estavam calados. Conniff sorriu. — Imagino que eu não seja muito orientado para a morte.

— Em oposição a quê?

— Às pessoas que são.

— Você é orientado para a proteção — disse Milo. Conniff movimentou-se em volta do dojo.

— Isto? É apenas um trabalho.

— Onde estava na última segunda-feira à noite? — perguntou Milo.

— Não estava matando Gavin Quick. — Ele relaxou a postura.

— Em vista do assunto que estamos discutindo, o senhor está demonstrando um comportamento muito despreocupado.

— Como deveria estar? Pesaroso? Isso seria desonesto. — Conniff apertou sua faixa preta e alargou o espaço entre os pés. — Pranteio Gavin Quick no sentido em que pranteio a perda de qualquer vida humana, mas não vou dizer que me importava com ele. Gavin pôs Beth numa incrível infelicidade. Mas Beth insistia em lidar com isso à maneira dela, e estava certa. O assédio parou. Eu não tinha nenhuma razão para ferir Gavin.

— A maneira dela — completou Milo.

— Evitando’O — explicou Conniff. — Recorrendo ao sistema legal. Eu queria confrontar Gavin... a um nível verbal. Achava que uma conversa de homem para homem poderia convencê-lo. Beth disse que não queria isso, e respeitei a vontade dela.

— De homem para homem.

Conniff esfregou as palmas das mãos nos lados do quimono. As mãos eram pequenas e calosas.

— Sim, posso me tornar protetor. Amo Beth. Mas não machuquei Gavin Quick. Não tinha nenhum motivo para tal.

— Onde estava na segunda-feira?

— Com Beth. Ficamos juntos. Mesmo que não acreditem em mim, deveriam confiar em Beth. Ela é toda dedicada ao perdão, opera num alto nível espiritual.

— O que comeram no jantar? — indagou Milo.

— Quem é que se lembra? Vejamos, segunda-feira, então provavelmente foram sobras. No domingo fizemos churrasco e sobrou um monte de coisas... é, com certeza, sobras do churrasco. Eu cortei a carne bem picadinha e temperei com pimenta e cebolas, fiz uma fritada. Beth preparou arroz. É, com certeza. Ficamos nisso.

— Já fez psicoterapia, Sr. Conniff?

— Por que isto lhe interessa?

— Cobrindo as bases — informou Milo.

— Bem, acho a pergunta um tanto intrometida.

— Desculpe, mas...

— Responderei, de qualquer modo — disse Conniff. — Toda minha família fez psicoterapia depois que Bradley morreu. Todos vimos um homem maravilhoso chamado reverendo Dr. Bill Kehoe, e também falei com ele sozinho algumas vezes. Ele era pastor de nossa igreja e um psicólogo clínico plenamente qualificado. Ele nos salvou do desespero. Há algo mais que queiram saber?

— Essa foi a única vez em que fez terapia — disse Milo.

— Sim, tenente. Levou tempo... um longo tempo... para parar de me sentir culpado acerca da morte de Bradley e minha sobrevivência, mas cheguei lá. A vida é tremendamente boa hoje em dia.

Milo procurou no bolso e sacou a foto da loura morta.

— Algum dia viu esta garota? Conniff estudou a foto.

— Nunca. Mas conheço o aspecto. Morte pura. É o aspecto que marcou minha infância. Quem é ela?

— Alguém que morreu junto com Gavin Quick.

— É triste — comentou Conniff. — Há sempre coisas tristes neste mundo. O segredo é empurrar tudo para o passado e levar uma vida espiritual. .

De volta ao carro, Milo passou o nome de Conniff pelos bancos de dados. Apenas tíquetes de estacionamento que não foram pagos.

— Nenhuma condenação, mas ele é um cara estranho, não?

— Rigidamente fechado — comentei.

— O tipo a ser averiguado com cuidado.

— Ele diz que estava com Beth.

— Perguntarei a ela — disse ele.

— A palavra dela será o bastante

— Como ele disse, ela opera num nível elevado.

Um telefonema do carro extraiu a mesma história de Beth Gallegos.

Uma fritada com as sobras.

Voltamos à delegacia, onde Milo encontrou um desenho passado por fax da garota morta e uma mensagem para ligar para RC, Relações com a Comunidade.

— Olhe para isto — disse ele. — Michelangelo daria pulos no túmulo.

O desenho era um esboço sem detalhes, inútil. Ele o rasgou e jogou fora, ligou para a RC no centro da cidade, ouviu, desligou, trincou os dentes.

— Em Los Angeles, tudo é uma maldita encenação. Eles falaram com os jornais. Os jornais não se interessaram. Talvez seja até verdade.

— Posso ligar para Med Biondi. Ele se aposentou do Times alguns anos atrás, mas saberia com quem falar.

— Agora que os idiotas da RC me deram um “não” oficial, não posso simplesmente ir lá e dar um show. Mas talvez, dentro de alguns dias, se ainda não pudermos identificá-la. — Ele consultou seu Timex, e resmungou. — Como está de tempo e força estomacal?

— Uma visita aos Quick? — indaguei. — Com certeza.

— Também lê tarô?

Capítulo 19

— Aquela menina — disse Sheila Quick. — Foi contratada para ajudar Gavin, e em vez disso o mete numa enrascada.

A sala de estar dela parecia a mesma, mas as cortinas fechadas tornavam-na fúnebre, e o espaço ficara malcheiroso. A caixa de cigarros da qual Jerome Quick tirara os cigarros estava vazia. Sheila Quick usava um roupão de algodão preto com um zíper na frente e chinelos. Tinha os cabelos cor de cinza enrolados sob um turbante formado por um grande lenço de seda, e o rosto tenso, branco, envelhecido. Acima dos chinelos, os pés eram nodosos e cheios de veias azuladas.

Inacreditável — ela comentou.

— O quê, madame? — perguntou Milo.

— O que ela fez a ele.

— Considera então que a prisão de Gavin foi culpa de Beth Gallegos.

— Claro que sim! Você sabe como Gav a conheceu? Ela era terapeuta no Saint John's, esperava-se que estivesse ajudando Gav a recuperar a destreza. Sabia o que ele tinha passado! Devia ter sido mais compreensiva,

Milo e eu permanecemos calados.

— Escutem — continuou Sheila Quick —, se ela estava tão preocupada com sua segurança, por que levou tanto tempo para se queixar? E depois, o que faz? Vai direto para a polícia, disca 911 como se fosse uma emergência muito importante, quando Gav apenas bateu à porta dela...

sei que ela disse que ele esmurrou a porta, mas nenhuma outra pessoa ouviu qualquer pancada e Gavin me disse que apenas bateu, e acredito no meu filho!

— Acha que ela não devia ter ligado para o 911.

— Acho que se estava tão convencida de que havia algum problema, teve ampla oportunidade de vir até nós. Por que não veio? Bastava nos ligar e dizer que sentia que Gavin estava um pouco... ávido. A gente teria conversado com ele. Por que deixou esse suposto problema se prolongar, se era tão grave? Somos profissionais. Isso não faz sentido para você!

— Ela nunca entrou em contato com vocês antes? — sugeriu Milo.

— Nunca, nem sequer uma vez. Entende o que quero dizer? Milo assentiu com a cabeça.

— Então de repente Gav é preso, temos de contratar um advogado e passar por toda essa confusão sem sentido. — Ela deu um sorriso doentio. — Claro que no fim eles puseram a coisa de lado. Ficou óbvio que não era nada.

— Gavin apelou para má conduta e fora sentenciado à terapia.

— Tenente, sem dúvida espero que não ache que o que aconteceu com meu Gav teve a ver com alguma coisa que ele fez Ou com alguém que ele conhecia.

— Não poderia ser alguém que ele conhecia?

— Claro que não, nós só conhecemos pessoas boas. E Gavin...

— Ela começou a chorar. — Gavin, depois do acidente, não tinha ninguém na vida além do pai, de mim e da irmã.

— Sem amigos — eu disse.

— É exatamente isso — ela concordou, satisfeita, como se houvesse solucionado um difícil quebra-cabeça. -Não foi ninguém que meu filho conhecesse, porque ele não conhecia ninguém. Ando pensando muito nisso, tenente, e tenho certeza de que meu filhinho apenas por acaso estava no lugar errado na hora errada.

— Um estranho — comentou Milo.

— Veja o 11 de setembro. Alguma daquelas pessoas conhecia os porcos que as mataram? É exatamente isso... o mal está aí fora e às vezes morde a gente e, agora, a família Quick foi mordida.

Ela levantou-se de um salto, correu até a cozinha e voltou com um prato de Oreos.

— Comam — ordenou.

Milo pegou um biscoito, liquidou-o em duas mordidas, e me passou o prato, que larguei numa mesa lateral.

— Então me diga — pediu Sheila Quick. — Que progressos já fez? Milo catou as migalhas da calça e procurou um lugar onde pô-las. -Jogue tudo no tapete, tenente. Eu limpo todos os dias. Às vezes duas vezes por dia. Que mais tem para fazer aqui? Jerry já voltou ao trabalho, retomou suas atividades. Invejo isso nele.

— A capacidade de se concentrar? — perguntei.

— A capacidade de se desligar. É uma coisa masculina, certo? Vocês homens se desligam, saem, caçam, zanzam, fazem negócios e qualquer coisa que se espera que façam, e nós mulheres ficamos presas à espera de vocês como se fossem algum tipo de heróis conquistadores.

— Sra. Quick — disse Milo —, a senhora não vai gostar da pergunta, mas preciso fazê-la de qualquer modo. Gavin já se envolveu em problemas com outras mulheres além de Beth Gallegos?

Sheila Quick fechou as mãos.

— Não, e o simples fato de você sugerir isso... eu lhe digo que é simplesmente muito... distorcido... tacanho.

Ela arrancou o lenço-turbante da cabeça e começou a amassar o tecido. Prendera meticulosamente com grampos os cabelos bem esticados no crânio. Raízes brancas revelavam-se pelos fios louros.

Milo continuou:

— Sinto muito, mas preciso...

— Você precisa, precisa... o que você precisa é encontrar o louco que matou meu filho.

— A jovem com quem ele estava, madame. Ainda não conseguimos identificá-la.

Sheila levantou-se e tirou o prato de biscoitos de onde eu o pusera. Retornou para a cozinha, fechou a porta e ficou lá dentro. Minutos se passaram.

— É melhor eu ir até lá e terminar logo isso — disse Milo. — Faça a si mesmo a bondade de ficar aqui.

Assim que ele se levantou, a porta se abriu, e Sheila Quick saiu pisando duro. Retirara os grampos e escovara os cabelos, mas não aplicara maquiagem alguma. Milo tornou a sentar-se. Ela parou direto em frente a nós e pôs as mãos nos quadris.

— Mais alguma coisa?

— A moça com quem Gavin...

— Não conheço, nunca vi, não posso mudar isso. Ninguém na família a conhece, incluindo minha filha.

— Perguntou a Kelly.

— Telefonei para ela e perguntei se Gavin estava saindo com alguém, e Kelly disse que não sabia de nada.

— Os dois eram íntimos?

Claro. Kelly é minha joia rara, sabe onde pisa.

Alguns planos de ela voltar? — perguntei.

— Não. Por que deveria? Ela tem uma vida. Ao contrário de mim. — Sheila me encarou. — Gavin era um bom ser humano. Um belo ser humano, claro que as meninas gostavam dele. Por isso é que as acusações dessa tal de Gallegos fazem tão pouco sentido. Gavin não precisava perseguir uma enfermeirinha.

— Quando ele e Kayla Bartell terminaram o namoro?

— Não sei — respondeu, bruscamente. — Por que não pergunta a ela? A... Kayla nem apareceu para me ver. Nem sequer uma vez. Nem um bilhete de condolências. — Batia com um dos chinelos rosa no tapete. — Terminamos?

— A senhora soube da Dra. Koppel — disse Milo.

— Ela foi assassinada — confirmou Sheila Quick. — Li sobre isso ontem.

Prosaica, nenhuma emoção.

Alguma ideia sobre isso, Sra. Quick?

— É terrível — respondeu. — Todo mundo está sendo assassinado. Que cidade... estou com sede. Gostariam de beber alguma coisa?

— Não, obrigado, madame. Deixe-me citar alguns nomes. Por favor, me diga se algum deles é conhecido. Anson Conniff.

— Não. Quem é?

— Flora Newsome?

— Não.

— Brian van Dyne, Roy Nichols?

— Não, não, não. Quem são essas pessoas?

— Não são importantes — explicou Milo. — Nada com que precise se preocupar. Obrigado pelo seu tempo.

— Tempo — repetiu Sheila Quick. — Tenho de sobra.

Capítulo 20

Sheila Quick ignorou-nos dando as costas e nos vimos na rua.

Pouco antes de chegarmos ao carro, o celular de Milo tocou. Ele atendeu, escondendo com a manzorra a pequena engenhoca azul.

— Sturgis... ah, oi. Na verdade, sim, estamos... bem aqui, na casa... Sim... É mesmo?... Onde fica isso? Quando? Claro, seria ótimo. Obrigado, até daqui a pouco. — Fechou o telefone com um estalo. — Era Eileen Paxton, a irmã caçula de Sheila. Está em Beverly Hills para uma reunião, planejava visitar a irmã, passou de carro, viu a gente entrar, e decidiu esperar até acabarmos. Gostaria de conversar.

— Sobre o quê?

— Problemas de família, segundo ela. Está a poucas quadras daqui, na Bedford, num restaurante italiano, esquina com a Brighton.

— Hora de tiramisu — eu disse.

Ele tocou a pança e fez uma careta.

— Até eu tenho limites.

— Que decepção.

O restaurante italiano chamava-se Pagano e exibia três mesas que bloqueavam quase toda a parcela que lhe cabia da calçada.

Sentada numa delas, Eileen Paxton, de terninho preto de corte justo e sandálias de saltos altos abertas atrás, bebericava um café com leite. Viu-nos, sorriu e abanou um dedo. Tinha os cabelos num corte mais curto do que alguns dias antes, tingidos de dois matizes mais claros e a maquiagem mais intensa. Com dois botões de diamante nas orelhas e um colar de jade, parecia estar comemorando alguma coisa.

— Que bom que pudemos nos reunir — ela nos saudou. Transeuntes roçaram em nós. Milo aproximou-se dela devagar

e perguntou:

— Aqui ou lá dentro?

— Oh, aqui. Gosto do ritmo da cidade.

Esta cidade específica, quase um vilarejo, era uma preciosa exibição de riqueza. Pedestres de andar vigoroso e máquinas grandes demais que expeliam toxinas estabeleciam o ritmo. Milo e eu nos sentamos e pedimos café expresso a um garçom com excesso de gel no penteado e olhos drogados. Eileen Paxton parecia satisfeita, como se o lugar fosse do tipo tranquilo e repousante para uma refeição ar fresco.

— Como lhes pareceu minha irmã? — perguntou. Milo me passou a bola.

— Meio deprimida.

— Vocês precisam saber que nem tudo isso é pelo que aconteceu com Gavin. Sheila tem problemas psicológicos antigos.

— Uma depressão de longa data

— Depressão, ansiedade, dificuldade para enfrentar os problemas, dê o nome que quiser. Ela sempre foi irritável e nervosa. Sou a caçula, mas sempre cuidei dela. Quando se casou com Jerry, fiquei receosa.

— Do casamento?

— De Sheila conseguir lidar com o casamento — ela disse. Virou de leve a cabeça, dentes brilhantes e olhos quimicamente alterados. — Gio, pode me trazer uns daqueles deliciosos biscotti di pistacio? Obrigada, você é um amor. — De volta a nós: — Minha irmã merece crédito por ter batalhado pelo casamento e pareceu se sair bem. Embora Jerry não seja nada louvável.

Ele também tem problemas? Ela franziu os olhos, furiosa.

— Jerry é um predador sexual. Dá em cima de qualquer coisa com vagina e, pelo que sei, com qualquer outra coisa também. Deu em cima de mim. Jamais contei a Sheila, pois a teria destruído, a ela e ao casamento, e não queria isso na minha consciência.

— Mas está nos contando.

— Quando foi que aconteceu? — perguntei.

— Um mês depois do casamento deles. Mal haviam chegado da lua-de-mel. Eu também era casada, e nós quatro passamos um fim de semana em Arrowhead... a família do meu primeiro marido tinha uma casa no lago, deslumbrante, com um cais duplo. Tudo seguia maravilhosamente bem até a hora em que Sheila foi tirar um cochilo... ela perde o entusiasmo com facilidade... e meu então marido teve de ir à cidade a negócios... era banqueiro de investimentos. Ficamos nós, Jerry e eu. Desci para tomar sol no cais de biquíni, e alguns minutos depois ele apareceu. Não ficamos sozinhos nem dez minutos até ele fazer o avanço. E não teve nada de sutil. Mão na parte de baixo do biquíni. Jerry não tem um toque nada gentil.

O prato de biscoitos duros chegou junto com nossos cafés. Eileen Paxton afagou a mão do garçom, escolheu um em forma de meia-lua, partiu-o ao meio e mordiscou a ponta.

— O que você fez? — perguntei.

— Empurrei a maldita mão de Jerry, disse o que faria com seus colhões e ele nunca mais tentou de novo. Ele me despreza desde então, e o sentimento é mútuo. Não só por isso. Pelo que faz com minha irmã.

— O que ele faz?

— Enganou Sheila sem parar durante todo o casamento. Eu não disse nada. Confie em mim, conheço o sem-vergonha. Todas essas viagens de negócio, fazendo sabe lá Deus o quê. O olhar que ele me dá quando estamos a sós. Dá a outras mulheres., as meninas que contrata como secretárias.

— O que têm elas?

— Piranhas. Deviam estar fazendo trabalho de secretária, mas não parecem saber nem digitar. Ele viaja a trabalho, fazendo Deus sabe lá o quê, e Sheila na verdade vive sozinha. Não tem amigos, nenhuma vida social. E sempre foi assim enquanto a gente crescia. Eu sempre tive um enorme círculo social. Sheila tinha problemas para se relacionar.

— Fazendo sabe lá Deus o quê — repeti. — Sheila disse que ele era negociante de metais.

— É o que eu sei — confirmou Eileen, distraída, e mordiscou um biscoito.

— Você tem dúvidas?

— Ele deve fazer alguma coisa. As contas são pagas. É, viaja por aí negociando alumínio, ou coisa que o valha. Mas quando meu marido, o novo, tentou conversar com ele sobre investimento, Jerry não se interessou. E Ted é um corretor fabuloso, alguém que poderia ajudar Jerry. Minha sensação é de que Jerry não é muito bom no que faz, precisa ganhar dinheiro por meios ilícitos, só para manter a cabeça erguida. Ele sempre muda de escritório a cada poucos anos, viaja o tempo todo.

— Emprega prostitutas como secretárias. Ela hesitou.

— Talvez eu esteja sendo meio dura. Sei apenas o que ele fez comigo no cais naquele dia. E a forma como vagueia os olhos.

— Acha que isso poderia se relacionar com Gavin? — perguntei.

— Quero que vocês tenham todos os fatos, e sei que ninguém mais vai dá-los. A família se ferrou, e Gavin era um excêntrico. Sei que Sheila e Jerry vão lhes dizer que ele era apenas um garoto

equilibrado antes do acidente, mas não era bem assim. Gavin tinha problemas.

— Que tipo de problemas?

Eileen Paxton esfregou o biscoito no dente superior, como se acariciasse o esmalte. Serpenteou a língua, raspou o biscoito, dando então uma mordida com força, e mastigou devagar.

— Eu não da lhes dizer isso, só que não quero que sejam induzidos ao erro.

— Obrigado, madame — agradeceu Milo.

— Que bom, então — decidiu ela. — Porque me sinto mal divulgando problemas de família.

Tomou o leite como uma gata cautelosa e lambeu o lábio superior para retirar a espuma.

— Que tipo de problemas tinha Gavin? — perguntei.

— Tal pai, tal filho.

— Era um predador sexual?

— Isso soa duro demais. Gavin não chegava a ser um predador. No entanto ele era... tudo bem, não há motivo algum para eu não contar a vocês: ano passado, Gavin se meteu em alguns problemas legais por causa de uma mulher.

— Beth Gallegos — disse Milo.

O rosto de Eileen mostrou sua decepção.

— Então vocês sabem.

— Veio à baila há pouco, madame. Na verdade, a gente conversava exatamente sobre esse assunto com sua irmã antes de chegar aqui.

— Sério? Sheila deve ter ficado enlouquecida. Ela culpou a vítima, certo?

— Isso mesmo, madame.

— Esse foi sempre o jeito de ela lidar com o estresse — explicou Eileen. — A coitada da minha irmã vive em outro planeta... bem, sim, era parte do que eu da contar a vocês. Só que este foi apenas o problema mais sério de Gavin, houve outros.

— Outras mulheres que ele atacou?

— Sei de pelo menos uma menina que ele molestou, e meu palpite seria que houve mais. Porque esse tipo de comportamento é um padrão, certo?

— Claro — concordou Milo. — Quem é a outra vítima?

— Gavin teve uma namorada, uma menina rica dos Flats. Só a vi uma vez, lourinha, magricela, com um nariz de falcão. Eu a achei meio esnobe. O pai é um renomado compositor de jingles. Gavin ficou sexualmente agressivo com ela, que lhe deu o fora.

— Como sabe disso, madame?

— Porque Gavin me contou.

— Gavin lhe falava sobre os problemas pessoais dele?

— De vez em quando. — Eileen sorriu e acariciou o próprio pescoço. — A tia jovem, moderna. Ele gostava do fato de eu estar na indústria cinematográfica, mais em contato com a cultura popular do que os pais. A gente conversava de vez em quando. Quando ele me contou sobre a Senhoritazinha Beverly Hills... acho que se chamava Katya, ou qualquer coisa assim... Saímos todos para jantar... bem aqui neste quarteirão, no II Príncipe, a comida é divina.

— Vou ter de experimentar — disse Milo. — Então foi um jantar de família?

— Gavin, Sheila e eu. Jerry estava fora da cidade. Como sempre.

— Há quanto tempo?

— Hum, eu diria uns seis meses atrás, talvez mais. De qualquer modo, estávamos curtindo a comida fabulosa, eles assam robalo num forno de lenha, fazem a própria massa do zero. De repente Sheila não se sentiu bem, outra coisa típica dela, não consegue aproveitar nada, nem uma boa refeição, sem sofrer, e correu para o banheiro e ficou lá por algum tempo. Gavin começou a conversar comigo, ele

passou a noite toda parecendo meio tenso. Acabei arrancando essa história. Ele perdeu a namorada porque ela não estava interessada em sexo. Chamou a menina de “virgem compulsiva”.

Ela segurou o biscoito mordido entre os dedos indicadores. Girou-o e pôs no prato.

— Perguntei o que tinha acontecido e ele me contou. Enquanto falava, ficou muito transtornado. Era visível que estava furioso e frustrado.

— Por perder o relacionamento.

— Não, aí é que está. Disse que não dava a mínima sobre ter namorada, o que o agoniava era não conseguir fazer sexo. Isso o deixou realmente furioso.

— Isso foi depois do acidente.

— Logo depois, talvez uns oito meses atrás. Mas Gavin sempre se frustrava com facilidade. Quando era menino, tinha todo tipo de ataques de raiva.

— Irritável — concluí. — E então estava nervoso por não fazer sexo.

— Falava sobre sexo como se fosse seu direito. Disse que ele e a menina, Katya, saíam juntos desde o ensino médio, já era hora de ela topar fazer sexo. Como se houvesse um cronograma a seguir. Então afirmou que todo mundo estava “trepando adoidado”, o mundo todo era uma grande orgia nadando em esperma e ele também merecia nadar, que a garota simplesmente fosse para o inferno, ele encontraria outra pessoa.

Muita raiva — comentei.

— Gavin sempre teve um gênio ruim. Piorou depois do acidente. Era como se o barômetro emocional dele houvesse sido desligado, ele simplesmente fazia ou dizia o que lhe dava na telha. Quer dizer, sou tia dele e ele fica falando de esperma num reservado no II Príncipe. Fiquei mortificada, pessoas importantes comem naquele lugar.

— Gavin falava alto?

— Não parou de subir o tom de voz, e pedi que baixasse. Tentei convencê-lo de que não era assim, disse que as mulheres não eram máquinas, precisavam ser amadas, o sexo podia ser divertido, mas tinha de ser algo mútuo. Aí ele deslizou no banco e disse: “Eileen, obrigado. Você é impressionante.” Então agarrou meu seio com uma das mãos, a nuca com a outra, e tentou enfiar a língua pela minha garganta abaixo... Gio? Mais um, por favor.

Milo pressionou-a mais sobre a vida sexual de Gavin e a família, mas, assim que ela passou do ódio básico, nada mais restou. Ele dirigiu a conversa para as fantasias de Gavin com jornais sensacionalistas.

— Isso era outra coisa que o impressionava, meu trabalho na indústria cinematográfica. Vivia me pedindo que o levasse a festas de celebridades, para poder observar. — Ela riu. — Como se eu fosse ajudá-lo a cavar o lado podre de minhas amigas.

— Qual era o ponto de vista dele?

— Desenterrar os podres e vendê-los para os tabloides. Via isso como sua estreia jornalística. Eu lhe dizia que esses jornais eram um lixo repleto de mentiras, mas ele não me ouvia.

Afirmava que eram mais honestos do que a imprensa dominante, pois se abriam sobre suas metas.

— Sujeira.

Ela assentiu com a cabeça.

— Depois do acidente, Gavin via o mundo como uma grande bola de sujeira.

— Ele fez algum progresso para se tornar jornalista? — perguntei.

— Como fazer um curso ou estágio? Não que eu saiba. Duvido. Ele não tinha mesmo mais condições de voltar à escola ou se fixar num emprego. Dispersivo demais... vinha perdendo o rumo. Desligando-se, dormindo até o meio-dia, transformando o quarto num chiqueiro. Não posso culpá-lo. Tenho certeza de que seu cérebro virou uma bagunça. Mas Sheila nem tentou impor limites. E Jerry, claro, estava sempre ausente.

— Gavin entrou em terapia.

— Porque o tribunal o obrigou.

— Ele lhe disse quem era a terapeuta?

— Jerry me contou. Dra. Koppel. Como se fosse grande coisa. Armou uma carranca.

Você a conhece?

— Ouvi-a no rádio, e devo dizer que não me impressionou. A mulher só sabe dar lições de moral para os idiotas que telefonam. Por que não ir apenas à igreja?

Ela usava o tempo presente. Milo e eu nos entreolhamos.

— Que foi? — ela perguntou.

— A Dra. Koppel foi assassinada.

Ela ficou branca como uma folha de papel.

— Como? Quando?

Dois dias atrás.

— Meu Deus, como é que não fiquei sabendo disso? Saiu nos jornais?

Saiu uma matéria no jornal de ontem.

— Nunca leio jornal. A não ser o Calendar. Assassinada. Minha nossa. Quer dizer que teve alguma coisa a ver com Gavin?

— Não, madame.

Mas ela... poderia ser coincidência?

— Sua irmã não pareceu impressionada com isso.

— Minha irmã é louca. Têm alguma ideia de quem a matou? Milo fez que não com a cabeça.

— Horrível, horrível — ela disse. — Açam que há alguma chance disso estar relacionado com Gavin?

— Não sabemos, madame.

— Oh, cara. — Eileen ficou séria por algum tempo. Comeu um biscoito e sorriu. De volta ao coquetismo. -Agora vocês estão jogando duro para descobrir.

— Na verdade, não, madame.

— Bem... espero que eu tenha sido útil. Preciso ir.

— Mais uma pergunta, madame. Lembra daquela foto que lhe mostrei da garota que morreu com Gavin?

— Lembro, claro. E eu disse que nunca a tinha visto antes, e era verdade.

— Gavin lhe falou sobre querer encontrar uma nova namorada. E disse a outras pessoas que tinha conseguido.

— Que outras pessoas?

— Deixemos como outras pessoas.

— Sr. Inescrutável Detetive. — Eileen roçou o joelho no de Milo.

— Nova namorada, é? Na mente de Gavin, isso poderia significar qualquer coisa. Alguém a quem decidiu perseguir, quisesse ela ou não. Alguém que tinha visto na TV.

— A moça que lhe mostrei era real — disse Milo. — E estava no carro de Gavin, na Mulholland, tarde da noite.

— Tudo bem — ela pareceu aborrecida. — Então ele encontrou alguém. Todo mundo acaba encontrando alguém. Veja o que aconteceu com ela.

Eileen certificou-se de que Milo pagou a conta e saiu estabanada nas sandálias abertas atrás.

— Que figura — comentou Milo. — Que família. Então qual o motivo de falar com a gente? Desrespeitar os Quick?

— Ela os despreza — falei — mas isso não tira o mérito das informações que nos deu.

— O comportamento sexual inapropriado de Gavin? E, ele parece mais doido a cada dia que passa.

— Se ela estiver certa sobre Jerome Quick, Gavin tinha um modelo exemplar. Gavin deve ter começado com uma certa visão das mulheres, e o acidente enfraqueceu mais suas inibições. O que me intriga é a louca. Gavin tinha problemas em abordar mulheres, da fundo demais. No entanto, uma jovem atraente quis de bom grado ficar íntima dele. Uma jovem de sapatos de 500 dólares de quem ninguém comunicou o desaparecimento.

— Uma profissional — afirmou Milo. — Tem de ser.

— Frustração grave poderia levar um garoto a comprar sexo. Um garoto de Beverly Hills talvez tivesse um orçamento decente. Sobretudo com um pai que aprovava isso. Sei que ela não apareceu em nenhum arquivo do departamento de combate à prostituição, mas uma relativa novata com sorte suficiente para não ser detida não constaria nos registros. Se ela trabalhava por conta própria, não haveria ninguém para sentir sua falta. Se trabalhava para outra pessoa, esta talvez não queira ser fichada.

— Um pai que aprovava — ele repetiu. — Papai dá a Gavin uma boa grana para ele dar uma trepada de verdade?

— E talvez — comentei —, papai soubesse onde enviar o filho.

A firma de comércio de metais de Jerome Quick ficava a alguns quilômetros de Beverly Hills, em Wilshire, perto de La Brea, no terceiro andar de um prédio comercial sujo de quatro andares socado entre dois mais altos.

Uma tabuleta no saguão vazio relacionava várias unidades para alugar. A maioria dos ocupantes era de empresas com nomes que pouco revelavam o que faziam. O escritório de Quick era no segundo andar, a meio caminho de um corredor com piso de linóleo, mal iluminado. Um odor saboroso, mas incômodo — guisado de carne recém-cozido — permeava as paredes.

Quick não mantinha exatamente um escritório: uma pequena flirt de recepção quase vazia servia de fachada para uma área assinalada como PRIVATIVO. O lugar era coberto por um carpete marrom, a iluminação era escassa, as paredes revestidas de compensado barato. A recepcionista sentava-se atrás de uma mesa também de compensado barato.

Embora jovem, magra e bonita, tinha uma expressão dura, os cabelos com um corte espigado tingidos de azul-elétrico nas pontas. Maquiagem grossa e acinzentada, o batom, azul-acinzentado, anóxico. Unhas curvas azul-celeste tinham quase três centímetros de comprimento. Ela usava um suéter justo branco acima da calça de vinil preto imitando couro e mastigava chiclete. Diante de si um exemplar da Buzz Magazine. A falta de outros periódicos ou cadeiras e sua surpresa com nossa presença revelaram que visitantes eram pouco frequentes.

A visão do distintivo de Milo fez com que erguesse uma das sobrelanceiras delineada a lápis, mas a pulsação no pescoço continuou lenta e firme.

— O Sr. Quick está fora da cidade — comunicou, numa voz de surpreendente sensualidade.

— Onde? — perguntou Milo. Ela balançou os ombros.

— San Diego.

— Ele viaja muito?

— O tempo todo.

— Legal e tranquilo para você.

— Hãhã.

Ela tamborilou com as unhas a revista. Nada de computador ou máquina de escrever à vista.

— Não está surpresa com o fato de a polícia querer falar com ele? — indagou Milo.

Ela deu de ombros.

— Claro que estou.

— E a primeira vez que a polícia quer falar com ele?

- Só trabalho aqui há poucos meses.
- Policiais já vieram aqui antes? — insistiu Milo.
- Não.

Milo mostrou-lhe a foto da loura. Ela piscou os olhos com força e desviou o olhar.

- Você a conhece?
- Está morta?
- Completamente.
- Não a conheço.
- É a moça que morreu com Gavin Quick.
- Oh.
- Sabe da história de Gavin.
- Sei. Claro.
- Triste — comentou Milo.

— Eu não o conhecia de verdade — ela disse. — Muito triste. — Curvou os cantos da boca para baixo. Tentando parecer sincera. Os olhos castanhos sem expressão alguma. — Quem fez isso?

- É o que estamos tentando descobrir, Srta...
- Angie.
- Gavin vinha aqui?
- De vez em quando.
- Com que frequência, Angie?
- Não muita.

Milo desabotoou o paletó e aproximou-se devagar da escrivaninha.

- Há quanto tempo trabalha aqui?
- Três meses e meio.
- Em três meses e meio, quantas vezes viu Gavin Quick?
- Hum... talvez três vezes. Talvez quatro, mas com certeza três.
- Que Gavin fazia quando vinha aqui?
- Entrava para ver o Jerry... o Sr. Quick. Às vezes eles saíam.
- Para almoçar.
- É o que parecia.
- Era na hora do almoço?
- Creio que sim.

O que achava de Gavin, Angie?

- Parecia um cara legal.
- Não teve nenhum tipo de problema com ele? Ela lambeu os lábios.
- Não.
- Nenhum problema mesmo? Ele sempre foi um cavalheiro?
- O que quer dizer? — ela perguntou.
- Soubemos — respondeu Milo — que Gavin às vezes ficava muito empolgado.

Excessivamente empolgado.

Nenhuma resposta.

- Excessivamente empolgado com as mulheres, Angie.

Ela pôs uma das mãos sobre o exemplar da Buzz, parecia que se preparava para fazer um juramento. Juro por tudo que é sagrado...

- Nunca vi nada assim. Ele era educado.
- Educado — repetiu Milo. — E por falar nisso, qual é seu sobrenome?
- Paul.

— Angie Paul.

— É.

— Então o Sr. Quick viaja muito.

— O tempo todo.

— Deve ficar entediada, passando o dia inteiro sentada aí.

— É legal.

Ela curvou mais uma vez os ombros.

Milo deslizou mais para perto da mesa, batendo com a coxa na quina superior.

— Angie, Gavin já deu em cima de você?

— Por que ele faria isso?

— Você é uma mulher atraente.

— Obrigada — disse, sem inflexão. — Ele sempre foi educado.

— Para onde o patrão viajou?

— Algum lugar em San Diego. Ele não me deu mais nenhuma informação.

— Não lhe diz onde pode encontrá-lo?

— Ele liga.

— Deixa você aqui, sozinha — insistiu Milo.

— Eu gosto — ela afirmou. — E legal e tranquilo.

Antes de sairmos, Milo anotou o endereço dela em North Hollywood, o número do telefone e o registro da carteira de motorista. De volta à delegacia, pesquisou-a no banco de dados. Três anos antes, Angela May Paul fora presa por posse de maconha.

— Eileen contou que Quick empregava prostitutas como secretárias — lembrou ele. — Não sei se a boa Angie seria qualificada para a função, mas com certeza ele não registra as funcionárias. Aquele escritório é bem mixuruca, hein?

— Mantendo as despesas gerais baixas — comentei. — Eileen disse que ele não é nenhum magnata.

— Ela afirmou que Quick estava metido com prostituição... acha que Angie dizia a verdade sobre não conhecer a loura? Achei que ela reagiu um pouco à foto, embora com aquele rosto de pedra fosse difícil saber.

— Ela piscou os olhos com força quando você mostrou a foto constatei —, mas é um tiro no escuro.

— A loura — continuou Milo. — Jimmy Choo e perfume Armani. Talvez o velho Jerry suprisse bem o filho.

Ele checou as mensagens no celular, grunhiu e desligou.

— Os doutores Larsen e Gull retornaram minha chamada. Preferem me encontrar longe do consultório, sugeriram Roxbury Park, amanhã, à uma da tarde. Na área de piquenique no lado oeste. Eles vão almoçar lá de vez em quando. Está a fim de um pouco de mato, árvores e mastigar a gordura com dois colegas? Devo levar uma cesta de piquenique?

— Mato e árvores parecem legais, mas esqueça as delicadezas.

Capítulo 21

— Alex, que bom que peguei você.

Fazia meses que eu não ouvia a voz de Robin, e isso me surpreendeu. Não foi um batimento cardíaco acelerado; apenas fiquei satisfeito.

— Oi, como tem passado? — perguntei.

— Bem. Você?

— Ótimo. Tão civilizado.

— Alex, estou ligando para lhe pedir um favor, mas se não puder fazer, por favor, é só me dizer.

— Do que se trata?

— Tim acabou de ser chamado para uma viagem de avião a Aspen para trabalhar com Udo Pisano, o tenor. Tem um concerto amanhã, e a voz do cara está congelando. Queriam Tim lá ontem, vão pô-lo num jato fretado. Eu nunca estive em Aspen e gostaria de ir junto. A coisa é por uma noite, talvez duas. Você teria condições de cuidar de Spike? Sabe como ele fica no canil.

— Claro — respondi —, se Spike topa ficar aqui.

Alguns anos atrás, num sufocante dia de verão, um buldoguezinho francês atravessou o tráfego assassino do Sunset Boulevard até a Glen. Perambulou pela minha propriedade, ofegando, tropeçando, perigosamente desidratado. Dei-lhe de beber e comer, e procurei descobrir quem era o dono.

Acabou sendo uma velha agonizando numa mansão em Holmby Hills. A única herdeira, uma filha, era alérgica a cachorros.

Ele fora atrelado a um difícil nome de pedigree; rebatizei-o como Spike e aprendi a preparar a ração da maneira que ele gostava: moída em pedaços grandes. Spike reagiu ao novo ambiente com animação, apaixonou-se de imediato por Robin, e começou a me ver como concorrente.

Quando Robin e eu rompemos, a custódia não foi um problema. Ela ficou com ele, a coleira, as tigelas de comida, os pêlos curtos que Spike derramava por todos os móveis, e as maneiras arrogantes, grunhidas e fungadas à mesa. Fui recompensado com uma casa cheia de ecos.

Pensei em procurar um cachorro só meu, mas nunca cheguei a concretizar a ideia. Eu não via muito Spike porque também não via muito Robin. Ele tornara-se o dono da pequena casa em Venice que ela dividia com Tim Planchette, e a consideração dele por Tim não parecia nem um pouco mais elevada do que aquela que nutria por mim.

— Muitíssimo obrigada. Tenho certeza de que Spike vai ficar bem. No fundo, ele ama você.

— Deve ser bem no fundo mesmo. Quando quer trazê-lo?

— O avião parte de Santa Monica assim que ficarmos prontos, por isso pensava em ir logo.

— Venha logo, então.

Spike não é um cachorro que a gente considere típico. A cara chata sugere tanto um DNA de sapo quanto de descendência canina, as orelhas são imensas, verticais, tipo de morcego, e se dobram, giram e se enrugam em reação a uma ampla variedade de emoções. Spike não ocupa mais espaço que um pomeriano, mas consegue compactar quase 12 quilos naquela área cúbica, a maior parte de ossos de chumbo e músculos ondulados, envoltos num pêlo preto malhado. O pescoço tem mais de 50 centímetros de diâmetro, e a cabeça arredondada, três palmos de largura.

Os enormes olhos castanhos brilham de confiança e ele se permite o mais reduzido interesse pela vida dos outros, embora suas atitudes sejam superprotetoras. Sua visão do mundo é simples: a vida é um cabaré, e esse é o problema.

Quando eu saía com ele sozinho, as mulheres choviam.

— Ah, é o cachorro medonho mais lindo que já vi! — Era a frase mais comum.

Naquela tarde, Spike tinha tanta vontade de deixar o lado de Robin quanto de afanar uma tigela repleta de algodão.

Estendi-lhe um brinquedo para mastigar. Ele lançou a Robin um olhar desolado. Ela suspirou e curvou-se.

— Vai ser ótimo, bonito.

O sachê de ração sabor hambúrguer que eu escondera no bolso da camisa empertigou o radar dele e trouxe-o para junto de mim, mas, assim que o devorou, Spike voltou correndo e escondeu-se atrás das pernas de Robin. Pernas fantásticas.

— Veja só — ela disse —, ele está me arrasando de culpa.

— As alegrias da maternidade.

Spike esfregou o focinho na calça jeans dela. Logo acima de botas de camurça. Robin usava uma camiseta de seda preta sob um colete bordado. Tinha os cabelos castanho-avermelhados soltos, o rosto limpo e saudável. Aqueles olhos castanhos grandes e brilhantes. A bem-proporcionada curva do queixo e o nariz fino e reto. Aqueles lábios; os incisivos enormes.

— Deixe-me pegá-lo e você se manda. Ele vai se alvoroçar, mas depois ficará bem.

— Tem razão — ela concordou. Pegou a cara de Spike com as mãos. — Escute, seu canalha.

Papai vai cuidar bem de você, sabe disso.

Do que ela chamava Tim? Padrasto?

Spike abriu a boca de alçapão, exibiu os dentes e sacudiu uma língua arroxeadada.

Suplicando aos céus, latiu.

Apanhei-o nos braços e segurei o corpinho compacto bem junto ao meu peito, enquanto ele choramingava, contorcia-se e ofegava. Era como conter uma bola de boliche com as pernas.

— Ah, meu Deus — lastimou-se Robin.

— Bon voyage, Rob — eu me despedi.

Ela hesitou, dirigiu-se para a caminhonete, mudou de ideia, e voltou. Passando o braço em volta do meu ombro, beijou Spike em cheio no focinho.

Robin me dava um beijo na face no momento em que Allison chegou no seu Jaguar XJS preto.

Com a capota do conversível arriada, os cabelos pretos voavam como algo saído de um comercial de condicionador. Usava uma blusa de malha creme com um cachecol verde-água. Brilhos pontuavam-lhe as orelhas, pescoço, dedos e pulsos; Allison não temia adornos.

Ela desligou o motor e Robin baixou o braço. Spike tentou saltar do meu colo e reagiu ao fracasso com um uivo de dilacerar o coração.

— Olá — cumprimentou Allison.

— Oi — Robin sorriu.

— Veja só quem está aqui.

Allison afagou a cabeça de Spike e me beijou nos lábios. Robin recuou alguns passos.

Spike se imobilizou; desviava a cabeça de uma mulher para a outra.

Às vezes a coisa fica difícil, amiguinho.

Depois que Robin se afastou de carro, subi a escada atrás de Allison até o terraço, levando um cachorro ainda trêmulo. Quando chegamos ao patamar, ela me olhou — não, ela olhou para Spike. tentou tocar-lhe o focinho caído e bigodudo.

— Veja só o coitadinho. Esqueci de como ele é fofo. — Spike lambeu a mão dela. — Você é muito, muito fofinho!

Spike começou a arfar pesadamente, e ela o acariciou mais um pouco. Ele se retorceu, girou a cabeça para trás e conseguiu fazer contato visual comigo.

Um olhar de quem sabe das coisas, cheio de triunfo.

Momentos depois, ele deitava-se aos pés de Allison, mordiscando um segundo brinquedo com a mesma rapidez, e amaldiçoava minha aproximação com um olhar ressentido.

Alguns caras têm toda a sorte.

O assassinato de Mary Lou Koppel abalara Allison, e esse pareceu ser o motivo de ela ter aparecido. Enquanto eu fazia café para nós, pressionou-me para saber os detalhes.

Eu disse o pouco que sabia.

— Então podia ser um paciente — ela disse.

— A essa altura, tudo é possível.

Allison manteve as mãos cerradas na caneca.

— Você está perturbada.

— Não é nada pessoal. — Tomou um gole. — Tive pacientes... a maioria maridos de pacientes...

que me deixavam nervosa. Embora isso acontecesse alguns anos atrás, quando eu aceitava mais recomendações dos planos de saúde... Acho que a morte de Mary Lou acertou quase em cheio o alvo. Achar que sabemos o que estamos fazendo e talvez sentir excesso de confiança. Recebi telefonemas de três outras psicólogas que queriam apenas conversar sobre o assassinato.

— Pessoas que conheciam Mary Lou?

— Pessoas que sabem que tenho saído com você e acharam que poderiam ter informações privilegiadas. Não se preocupe, fui discreta.

— O que tinham em mente?

— Nossa linha de trabalho, a imprevisibilidade dos seres humanos. Acho que querem se convencer de que isso aconteceu com Mary Lou porque ela era diferente.

— Têm a esperança de que ela tenha repreendido algum louco que liga para programas de entrevistas, e que isso não tenha nada a ver com a atividade clínica de Mary Lou.

— Na mosca. Mas pelo que você está me dizendo, poderia ser um paciente. Alguém que conheceu o garoto Quick na sala de espera.

— Tendo em vista a impulsividade do garoto Quick, o comportamento dele com mulheres, a série de suspeitos extrapolou a sala de espera.

— Mas o assassinato de Mary Lou tem de estar relacionado de alguma forma ao trabalho dela — insistiu Allison.

— Alguma ideia sobre como ter acesso às fichas dos pacientes? — perguntei. — Não consigo imaginar uma forma de contornar o sigilo.

Allison pensou um pouco.

— Não sem apresentar algum perigo claro e presente... documentação de uma ameaça.

— Não tem nada semelhante a isso na ficha de Gavin. E se ela foi ameaçada por alguém, não me informou, nem a Milo. Temos um encontro com os sócios dela amanhã.

— Gull e Larsen.

— Você os conhece?

— Costumo cumprimentar os dois, mas nada além disso.

— Quais são as suas impressões a respeito deles?

— Gull parece ser muito afável... o típico psiquiatra de Beverly Hills. Larson faz mais o tipo acadêmico.

— Gull foi o terapeuta inicial de Gavin — informei. — Não deu certo e Gavin foi transferido para Mary Lou. Agora que Gavin está morto, talvez ele possa nos dizer qual foi a razão desta transferência.

— Que garoto problemático — comentou Allison. — A perseguição, os avanços sexuais contra a tia...

— Se for para acreditar na tia, a família já passou das fronteiras do disfuncional.

Ela tomou mais café, pegou minha mão e segurou-a.

— Pelo menos você e eu nunca ficaremos desempregados.

— Nem Milo.

Spike rolou para ficar de costas e começou a chutar as pernas curtas e grossas.

— Ele parece uma tartaruga virada ao contrário — ela observou.

— Que está fazendo, fofinho? Treinando para a corrida de pernas para o ar?

— Esse é o sinal para que cocem a barriga dele — expliquei. Ela sorriu e fez-lhe a vontade.

— Obrigada pela decodificação. Não sou fluente em cachorrês. Ela parou de esfregar Spike e fez menção de pegar a caneca de café. O cão protestou, e ela tornou a agachar-se.

— Aprendizagem de uma única tentativa. Considere-se condicionada.

Ela riu, pegou a caneca, conseguiu beber e coçar Spike, que arrotou e depois ronronou como um gato. Allison desatou a rir.

— Ele é uma máquina de efeitos sonoros.

— Tem todo tipo de talentos.

— Quanto tempo vai ficar?

— Dois dias.

Contei-lhe sobre o telefonema de Robin.

— Foi muito legal de sua parte.

— É o mínimo que eu podia fazer. Devia ser custódia conjunta, mas ele votou contra.

— Ora, foi tolice da parte dele. Tenho certeza de que você era um pai incrível.

Ela sentou-se, tocou-me o rosto e correu o dedo pelos meus lábios.

Spike levantou-se de um salto e latiu.

— Aqui vamos nós — comentei. Virei-me para Spike: — Acalme-se, palhaço.

— Ui! Severo — disse Allison. — Você banca muito bem o durão, meu amor. Eu nunca tinha visto esse seu lado.

— Spike provoca isso em mim.

— Eu sempre quis um cachorro — contou. — Você conhece minha mãe. Meio arrumada demais para pêlos no tapete. E papai vivia ausente a negócios. Eu tive, sim, uma salamandra certa vez, que rastejou aquário afora, se escondeu debaixo da minha cama e desidratou. Quando a encontrei, parecia um pedaço de carne-seca.

— Pobre criança negligenciada.

— É, foi uma infância trágica... embora, para ser franca, eu não fosse muito ligada a Sally.

Umidade e viscosidade desestimulam a intimidade, não acha? Mas uma coisinha assim... — ela esfregou a cabeça de Spike. — Com ele eu consigo me imaginar.

— Fica complicado.

Como assim?

— Vou mostrar a você.

Levantei-me, fui para trás dela, rocei-lhe o pescoço e beijei-o. Esperei Spike enlouquecer.

Ele me encarou. Desafiante. Nada fez.

A blusa de Allison tinha decote em V e enfiei a mão por baixo.

— Hum. Já que estou aqui...

— Então você não veio só para falar de Mary Lou.

— Vim, mas e daí? — ela disse.

Belisquei de leve o mamilo dela, que se recostou na poltrona, prendeu a respiração e soltou-a numa risada baixinha. Estendeu a mão para trás e correu-a pelo meu corpo.

— Você tem tempo?

Olhei Spike de relance. Impassível.

Tomei Allison pela mão e levei-a para o quarto. Spike nos seguiu trotando a dez passos atrás de nós. Fechei a porta. Silêncio. Antes, quando era comigo e Robin, ele se queixava sem parar.

Fechei as cortinas, despi Allison e tirei minhas roupas. Ficamos de barrigas coladas, o sangue fluindo, a pele fria se aquecendo. Envolvei o traseiro de Allison com as mãos. Ela deslizava as dela por todo meu corpo.

Ainda sem queixas do outro lado da porta quando a levei para a cama. Nós nos abraçamos, tocamos e beijamos, e esqueci tudo que não fosse ela
Só quando a penetrei começaram os arranhões e os choramingos.
Allison ouviu-os de imediato. Ali deitada, as mãos nos meus braços, as pernas apoiadas bem no alto das minhas costas, arregalou os olhos azuis.
Começamos a nos mexer juntos.
A comoção no outro lado da porta se tornou mais alta.
— Ah — disse ela, ainda balançando. — Entendi... o... que... você., quis... dizer.
Eu não parei, nem ela.
Spike continuou no mesmo ritmo.
Em vão.

Capítulo 22

Quando acordei na manhã seguinte, às seis, Allison estava junto a mim e Spike dormia enrascado no chão, ao pé da cama. Ela o tinha deixado entrar. Pelos próximos dois dias, ele sequer fingiria civilidade.

Deixei Allison dormindo e levei Spike para fazer suas necessidades. A manhã estava orvalhada, cinzenta e estranhamente perfumada. Bigodes de névoa serpeavam abaixo das montanhas. As árvores eram sentinelas negras. Cedo demais para os pássaros.

Observei o cão investigar e farejar pelo pátio. Ele focinhou um caracol de jardim, decidiu que escargot era um elemento de sua herança gaulesa que preferia esquecer, e desapareceu atrás de um arbusto. Enquanto permanecia de pé ali, de roupão, tremendo, a cabeça clareando, imaginei quem havia sido ameaçado por Gavin Quick e Mary Lou Koppel a ponto de precisar matá-los. Ou talvez não houvesse ameaça, afinal, sendo tudo pelo simples prazer de matar.

Depois me lembrei das fantasias jornalísticas de Gavin e minhas indagações tomaram um rumo diferente.

No café-da-manhã, nada falei a Allison sobre os assassinatos. Por volta de oito e meia ela saiu para o escritório e fui fazer alguns serviços ao redor da casa. Spike permanecia imóvel diante da televisão fria. Ele sempre tinha sido um devoto da tela apagada; talvez extraísse alguma coisa dali. Fui para meu escritório e arrumei a papelada. Spike entrou e olhou fixamente até que me levantei, fui para a cozinha e peguei para ele uma raspa de peru, que ele aproveitou, feliz, pelo resto da manhã. Às dez, já estava dormindo na cozinha.

Quando Milo ligou logo depois e me pediu para buscá-lo ao meio-dia para o encontro com os doutores Gull e Larsen, fiquei contente em ouvir a voz dele.

Desliguei o Seville em frente à delegacia. Milo estava atrasado, e fui avisado duas vezes por patrulheiros que não podia estacionar ali. O nome de Milo nada significou para o segundo guarda, que ameaçou me multar. Dirigi duas vezes em volta do quarteirão e encontrei Milo esperando junto ao meio-fio.

— Desculpe. Sean Binchy me pegou quando eu estava saindo. Ele fechou os olhos e recostou a cabeça. Suas roupas estavam amarrotadas e imaginei quando havia dormido pela última vez.

Tomei as ruas para Ohio, rumei o Seville para leste, enfrentei o emaranhado na Sepulveda e continuei para Overland, onde pude finalmente ultrapassar um skate.

Roxbury Park fica a 15 minutos dali, na Olympic, a menos de metros do consultório de Mary Lou Koppel. Ainda mais perto da casa dos Quick, em Camden Drive. Pensei no mundo constringido que se tornara o de Gavin depois do acidente. Até que ele tinha levado uma bonita garota loura para transar em Mulholland Drive.

Milo abriu os olhos.

— Gosto dessa coisa de você dar uma de motorista. Se oferecesse um programa de milhagens, o departamento de polícia estaria feito.

— É o Santo Alex. O que Binchy quer?

— Ele encontrou um vizinho da Koppel, um garoto que mora sete casas depois de McConnell. Ele viu uma van cruzando a rua na noite do assassinato. O garoto estava chegando tarde, por volta das duas, e a van passou por ele rumo ao norte, saindo da casa de Koppel na direção da dele.

Ele trancou as portas, permaneceu no carro, olhou em torno e retornou, seguindo bem lentamente, como um motorista que estivesse procurando um endereço. O garoto esperou até que as luzes traseiras tivessem desaparecido por um instante. Não sabe dizer se a van estacionou ou sumiu de vista, mas nada além disso.

— Garoto vigilante — comentei.

— Houve alguém seguido até em casa do outro lado da Motor, poucas semanas atrás, e seus pais lhe deram um sermão acerca de ser bisbilhoteiro.

— Duas horas combinam com a estimativa do legista. Alguma olhada no motorista?

— Escuro demais. O garoto achou que as janelas talvez estivessem com insulfilm.

— Qual a idade do garoto?

— Dezesete. Binchy diz que é um aluno com menção honrosa no Harvard Westlake, parece ser uma pessoa sólida. Entende de carros, também. Tem quase certeza de que a van era uma Ford Aerostar. Preta, cinza ou azul-marinho, nenhuma customização que pudesse apontar. Não viu a placa, o que seria muito otimismo esperarmos. Não é muito, mas se depararmos com algum suspeito numa Aerostar, será alguma coisa.

— Algum progresso quanto a obter acesso aos arquivos de Koppel ?

— Consultei três assistentes da promotoria, e todos me disseram a mesma coisa. Se não houver comportamento violento explícito ou ameaças de um paciente específico contra uma pessoa específica, esqueça.

— Talvez haja outro meio de descobrir sobre a vida particular de Gavin — eu disse. — Ele fantasiava ser um jornalista em formação, e jornalistas tomam notas.

— Ah, cara — Milo sentou-se ereto, pressionou o painel com ambas as mãos, como se protegendo para não cair para a frente. — Aquele chiqueiro que ele chamava de quarto. Toda aquela papelada empilhada, talvez ele deva ter escrito alguma coisa. E eu nunca verifiquei. Merda.

— Foi só uma sugestão...

— É

Na noite em que notificamos Sheila Quick, ela mostrou-nos o quarto. Eu me senti mal por ela, vendo como ficou embaraçada. E nunca me incomodei em tentar a sorte. — Ele enterrou os polegares nas têmporas. — Ah, isso foi brilhante.

— Na noite em que notificamos Sheila, o caso foi apresentado como homicídio num local de encontros sexuais. Ninguém suspeitava de que Gavin pudesse ter representado um papel na própria morte. Ainda não sabemos se ele o fez.

— É, aprecio a terapia, Alex, mas o fato é que eu devia ter vasculhado aquele quarto imediatamente. Talvez eu esteja perdendo a forma... preciso anotar as coisas para que não vazem para

fora do meu cérebro. Certo, chega de lamúria. Bola pra frente. Depois de Gull, volto à casa dos Quick. A madame vai adorar me ver escavar as impressões pessoais do filho morto. — Ele fez uma careta. — Espero que ela não tenha jogado tudo fora.

— Acho que passará algum tempo antes que ela recupere a energia para encarar a tarefa.

— A vida que ela leva — disse Milo, suavemente. — Dei uma olhada na ficha do marido dela. O velho Jerome ganhou uma multa por velocidade e outra por parar fora da faixa. Ele não é conhecido da nossa Divisão de Costumes ou qualquer outra com quem falei, incluindo a de Santa Monica e a de West Hollywood. Assim, se ele contratava garotas de programa para si ou para Gavin, fazia isto cautelosamente. Percorri alguns sites de busca e o nome dele aparece uma vez. Reunião de veteranos do Vietnã cinco anos atrás, em Scranton, Pensilvânia.

Na Century Park East, parei num sinal vermelho. Alguns quarteirões depois, passei pelo colégio do tamanho de um campus que era o Beverly Hills High. Depois um longo trecho de parque verde, limpo e ordenado, com aquela exatidão de aldeia de Potemkin que caracteriza as áreas públicas de Beverly Hills.

Milo perguntou:

— Pronto para confraternizar com os colegas? Eu deveria contar a eles quem você é?

— Não, mantenha isso em segredo. Só ficarei ouvindo.

— Sempre o observador. Talvez seja boa ideia. Certo, dobre aqui na Roxbury, vá em frente até pegar o lado sul do parque e dê a volta. Disseram que estarão esperando na área de piquenique fora da alameda Spalding na orla oeste. Perto de onde brincam as crianças e suas mães.

Albin Larsen e um homem corpulento de cabelo e terno pretos estavam sentados a uma mesa de madeira logo dentro do alambrado verde de ferro que marcava a orla ocidental do parque. Uma das seis mesas, todas sombreadas por um pequeno bosque de velhos olmos chineses. Beverly Hills trata suas árvores como poodles de exibição, e os olmos tinham sido aparados como gigantescos guarda-chuvas verdes. Os psicólogos haviam escolhido um ponto logo ao norte de uma caixa de areia, onde bebês brincavam sob os olhares atentos de suas mães e babás. Estavam de costas para as crianças.

Encontrei uma vaga para estacionar dando para o alambrado verde. A maioria das outras era ocupada por utilitários e vans. A exceção eram dois Mercedes 190, ambos de tom cinza-escuro, posicionados lado a lado. Os mesmos que eu vira no estacionamento do edifício comercial de Koppel. Do mesmo modelo que o de Jerome Quick.

— Os Mercedes dos dois — observou Milo.

— Eles trabalham juntos, mas dirigiram para cá em separado comentei.

— O que quer dizer que... ?

— E o que vamos ver.

Larsen e Gull ignoravam nossa presença e os observamos por alguns momentos. Conversavam um com o outro e comiam. Não falavam muito, nenhuma emoção óbvia.

— Vamos — encorajou Milo.

Quando estávamos a dez metros de distância, eles nos notaram e pousaram seus garfos de plástico. A roupa de Albin Larsen era consistente com a que eu tinha visto no dia em que Mary Lou Koppel deixara de comparecer ao consultório: outro suéter, desta vez marrom, sobre uma camisa de linho e uma gravata de lã verde.

O terno preto de Franco Gull era de crepe finamente tecido com lapelas estreitas. Sob ele usava camisa branca de seda sem colarinho abotoada no pescoço. Aliança de ouro. Relógio de ouro.

Gull tinha ombros largos e aspecto poderoso, com pescoço e nariz de um pugilista, e um rosto grande e rude que conseguia ser bonito. Sua cabeça exibia uma massa de cabelo preto ondulado com flocos cor de ferro. O queixo precedia o resto dele em uns 12 milímetros. Sobrancelhas recortadas arqueavam-se por trás de óculos de sol de lentes cinzentas, e sua pele era rosada.

Um pouco mais jovem do que Larsen — na casa dos 40 anos. Quando Milo e eu alcançamos a mesa, ele retirou os óculos e expôs olhos grandes e escuros. Olhos tristes, afundados por bolsas escuras. Elas lhe acrescentavam dois anos e um ar meditativo.

Ele comia uma refeição chinesa direto da embalagem: camarão nadando em molho agridoce, arroz frito e uma espécie de rolinho primavera anão. O almoço de Albin Larsen era salada verde servida numa tigela de plástico. Ambos bebiam chá gelado em lata.

— Bom-dia — disse Larsen e deu um pequeno aceno formal. Gull estendeu a mão. Seus dedos eram enormes.

Ambos estavam à sombra, mas a testa de Gull gotejava de suor. Seria por causa do camarão apimentado?

Milo e eu espanamos poeira e folhas do banco de piquenique e sentamos. Larsen continuava a comer. Gull sorria com incerteza.

— Obrigado por arranjam tempo, doutores — disse Milo. Devem estar atarefados lá no consultório.

Larsen ergueu a vista de sua salada. Nenhum deles respondeu.

— Os pacientes da Dra. Koppel — acrescentou Milo. — Terão de explicar a eles.

— Sim — concordou Larsen. — A vulnerabilidade.

— Felizmente, não estamos falando de um número enorme — explicou Gull. — Ao contrário dos médicos, cada um de nós lida apenas com quarenta ou cinquenta pacientes de cada vez. Albin e eu dividimos a quantidade e contatamos cada um deles. Estamos ainda trabalhando com pacientes antigos, mas está difícil encontrá-los. Mary não guardava as pastas deles por mais de um ano.

Sua voz era suave e macia, mas ao falar parecia extrair o vento de dentro de si. Enxugou a testa. O suor continuava porejando.

— Isso é normal? — indagou Milo. — Destruir arquivos?

— Cada terapeuta decide isso independentemente.

— E quanto a você e ao Dr. Larsen?

— Conservo os arquivos por dois anos. E você, Albin?

— Depende — disse Larsen. — Mas geralmente é mais ou menos isso.

— Nenhuma política oficial de grupo — comentou Milo.

— Não somos um grupo oficial — replicou Larsen. — Apenas partilhamos um consultório.

— E se a Dra. Koppel tiver pacientes ativos agora? Em termos de tratamento?

— Aqueles que escolherem continuar comigo ou com Albin estão livres para isso — respondeu Franco Gull. — Se preferirem uma mulher como terapeuta, ficamos contentes em encaminhá-los.

Parecem bastante organizados — comentou Milo.

— Precisamos ser. Como disse Albin, estamos lidando com vulnerabilidade extrema. O que poderia ser pior para um paciente necessitado do que ficar à deriva tão abruptamente? — Gull sacudiu a cabeça e seu cabelo ondulado reluziu. — E um pesadelo para eles e para nós. Inacreditável.

— O assassinato da Dra. Koppel.

Os olhos tristes de Gull se apertaram.

— Estamos falando de alguma outra coisa?

Albin Larsen espetou um tomate com o garfo, mas não o comeu.

— E uma tremenda perda — disse Gull. — Para os pacientes dela, para nós, para... Mary era vívida, brilhante, dinâmica. Foi alguém com quem aprendi, detetive. É duro entender que ela realmente se foi.

Ele olhou para Larsen, que brincou com uma folha de alface.

— Para ser morta dessa forma. — Larsen enxugou os olhos. — Perdemos uma amiga querida.

— Tem alguma ideia de quem fez isso?

Milo pousou os cotovelos na mesa de piquenique.

— Sei que vocês estão ligados por confiabilidade, mas uma ameaça viável a anula. Estão ou não cientes se algum paciente algum dia ameaçou a Dra. Koppel? Alguém que se ressentia dela profundamente?

— Um paciente? — repetiu Gull. — Por que pensar nisso?

— Estou pensando em tudo, doutor. Cobrindo todos os ângulos.

— Não — disse Gull. — Não existe nenhum paciente desse tipo. Absolutamente nenhum. — Ele pegou outro guardanapo, limpou mais suor da testa.

Milo olhou para Albin Larsen, que sacudiu a cabeça.

— A Dra. Koppel lidou com pessoas complicadas — disse Milo.

— Parece um lugar lógico para começar.

— Lógico na teoria — retrucou Gull —, mas não se aplica à nossa prática. Mary não tratava sociopatas.

— Quem ela tratava? — indagou Milo.

— Pessoas com problemas de ajustamento no dia-a-dia — explicou Gull. — Ansiedade, depressão, que costumavam ser chamadas de neuroses. E basicamente indivíduos saudáveis enfrentando questões de escolha.

— Orientação profissional?

— Todos os tipos de orientação — respondeu Gull.

— Vocês não os chamam mais de neuróticos?

— Evitamos rotular, detetive Evitamos estigmas. A terapia não é um tratamento da mesma maneira que um procedimento médico convencional... um doutor fazendo alguma coisa com um paciente passivo. E contratual. Nós nos vemos como parceiros dos pacientes.

— Terapeuta e paciente atuando em equipe.

— Exatamente.

— Problemas de ajustamento — Tepeuiu Milo. — Vocês estão absolutamente certos de que não havia pacientes perigosos no consultório da Dra. Koppel?

— Mary não gostava de trabalhar com indivíduos violentos atestou Albin Larsen.

— E ela só fazia o que apreciava?

— Mary era requisitada. Ela podia escolher os pacientes.

— Por que ela não gostava de trabalhar com gente violenta, Dr. Larsen?

— Mary tinha um compromisso com a não-violência.

— Todos nós temos, doutor, mas isto não significa que nos isolamos dos aspectos mais feios da vida.

— A Dra. Koppel era capaz de se isolar — observou Larsen.

— É mesmo? — replicou Milo.

— É.

— Ouvi programas de rádio em que a Dra. Koppel falava sobre reforma prisional.

— Ah — disse Larsen. — Receio que tenha sido por influência minha. Eu também estava no programa?

— Não me lembro, doutor.

A boca de Larsen se estreitou.

— Era um assunto que consegui fazer com que Mary se interessasse. Não num sentido clínico. Ela era uma pessoa socialmente consciente. Tinha um interesse tanto acadêmico quanto humano relativo às mais amplas questões sociais. Mas quando chegava ao consultório, concentrava-se nos problemas cotidianos das pessoas cotidianas. Mulheres, principalmente. E isso tem alguma ligação com a possibilidade do assassino dela ser um paciente?

Por que isso, Dr. Larsen?

— A violência criminal costuma ser gerada por homens.

— Já teve algum interesse por psicologia criminal? — perguntou Milo.

— Só como parte da rubrica social — disse Larsen.

— Albin está sendo modesto — atestou Franco Gull. — Ele fez coisas incríveis como defensor dos direitos humanos.

— Daí veio para a clínica particular — comentei. Larsen olhou para mim.

A pessoa faz o que pode, quando pode.

— Direitos humanos não pagam as contas — acrescentou Milo. Larsen virou-se para ele.

— Lamento dizer, mas você está certo, detetive.

— Portanto — disse Milo —, nenhum psicopata no rol de pacientes da Dra. Koppel.

Isso foi uma afirmação, não uma pergunta, e nenhum dos psicólogos respondeu. Albin Larsen comeu uma folha de alface. Franco Gull consultou o relógio de ouro.

Milo sacou a foto da garota loura.

— Algum de vocês a reconhece?

Larsen e Gull examinaram a foto da morta. Ambos sacudiram a cabeça negativamente.

Gull lambeu os lábios. Suor gotejava acima do seu nariz e ele o enxugou com irritação.

— Quem é ela?

— Era — corrigiu Larsen. — Está claramente morta. — Para Milo:

— Isto está de alguma forma relacionado com o assassinato de Mary?

— Ainda não sabemos, doutor.

— Mary Lou conhecia esta garota? — indagou Gull.

— Também não sabemos, doutor. Portanto nenhum de vocês a viu na clínica.

— Nunca — respondeu Gull.

Larsen sacudiu a cabeça. Brincou com um botão do suéter.

— Detetive, há alguma coisa de que precisemos saber a respeito? Para nossa própria segurança?

— Estão preocupados com sua segurança?

— Você acabou de nos mostrar uma foto de uma garota morta. Presumo que a morte dela esteja relacionada com a de Mary. O que realmente está acontecendo?

Milo pôs a foto de volta no bolso.

— Tudo o que posso aconselhar é que vocês tomem os mesmos cuidados de sempre. Se qualquer um de vocês topar com um paciente ameaçador... ou qualquer outra pessoa que fazia parte da vida da Dra. Koppel que pareça suspeita... façam o melhor possível para me avisar.

Ele cruzou as pernas, olhou para as crianças brincando. Uma carrocinha de sorvete atravessava a alameda tocando sua campainha. Algumas crianças começaram a apontar e a pular.

— Tem algo mais? — indagou Franco Gull, — Estou com a agenda totalmente cheia esta tarde.

— Apenas mais umas perguntas — assegurou Milo. — Sobre a estrutura da sociedade de vocês com a Dra. Koppel.

— Como Albin lhe disse, não é uma sociedade formal — explicou Gull. — Só partilhamos o espaço.

— Um arranjo puramente financeiro?

— Bem — disse Gull. — Eu não reduziria a isso. Mary era uma querida amiga nossa.

— O que acontece, agora que a Dra. Koppel está morta, em termos do arrendamento?

Gull olhou para ele.

— Preciso perguntar — desculpou-se Milo.

— Albin e eu ainda não conversamos sobre isso, detetive. Por enquanto tudo o que podemos fazer é cuidar dos pacientes de Mary.

— Ele olhou para Larsen.

— Eu seria a favor de você e eu assumirmos a parte do aluguel de Mary, Franco — sugeriu

Larsen

— Claro — concordou Gull. E para nós: — Não é nenhum grande problema. O aluguel é razoável, e a parte de Mary era menor que a nossa.

— Por que isso? — quis saber Milo.

— Porque ela encontrou o prédio para nós, arranjou um excelente arrendamento, supervisionou toda a reforma — explicou Gull.

— Boa negociante — elogiou Milo.

— Ela era — confirmou Larsen. — Suas habilidades eram facilitadas pelo fato de seu ex-marido ser o proprietário do imóvel.

— Ed Koppel?

— Todo mundo o chama de Sonny — informou Gull.

— Alugando para a ex — disse Milo.

— Mary e Sonny se dão bem — replicou Gull. — O divórcio ocorreu anos atrás. Amigável.

— Nenhum problema, afinal?

— Ele nos deu um arrendamento de pai para filho, detetive. Isso não diz o bastante?

— Acho que sim — Milo assentiu

Gull acrescentou:

— Você não vai encontrar ninguém que foi íntimo de Mary falando mal dela. Era uma mulher fabulosa. Está sendo realmente duro para nós.

Seu queixo tremeu. Ele recolocou os óculos de sol.

— Bota duro nisso — disse Milo. — Lamento por sua perda. Ele não fez nenhum movimento para ir embora.

— Há mais alguma coisa? — perguntou Larsen.

— Isto é só uma formalidade, doutores, mas onde cada um de vocês estava na noite em que a Dra. Koppel foi morta?

— Eu estava em casa — disse Gull. — Com minha esposa e filhos.

— Quantos filhos?

— Dois.

Milo sacou o bloco de anotações.

— E onde mora, doutor? -Club Hills. -Cheviot Hills? -Sim.

Então você e a Dra. Koppel eram vizinhos?

Mary nos ajudou a encontrar a casa.

— Por meio do Sr. Koppel?

— Não — disse Gull. — Até onde sei, Sonny só lida com imóveis comerciais. Mary sabia que estávamos procurando algo mais sofisticado. Ela estava dando uma caminhada quando notou uma placa de VENDE-SE que achou que da ao encontro de nossas necessidades.

— Há quanto tempo foi isso?

— Um ano... 14 meses.

— Antes você morava...

— Em Studio City. Por quê? Isso tem relevância? Milo voltou-se para Larsen.

— E você, doutor? Onde esteve naquela noite?

— Também em casa. Moro em um apartamento na Harvard Street, em Santa Monica, ao norte do Wilshire. — Larsen recitou o endereço com uma voz suave e fatigada.

— Mora sozinho?

— Moro. — Larsen sorriu. — Naquela noite li um pouco e fui para a cama. Receio que não haja ninguém para confirmar isso.

Milo sorriu de volta.

— O que você leu?

— Sartre. Transcendência do ego.

— Coisa leve.

— Às vezes é bom um desafio.

— Não é verdade — retrucou Milo. — Vou lhe contar, este caso é que é um desafio.

Larsen não respondeu.

Franco Gull consultou o relógio novamente.

— Na verdade, preciso voltar para o consultório.

— Mais uma pergunta — disse Milo. — Sei que você não pode me contar sobre quaisquer segredos mais profundos e sombrios dos pacientes por causa de restrições éticas. Mas tenho uma pergunta que acho que é capaz de responder. Algum de seus pacientes dirige uma minivan Ford Aerostar preta? Preta, azul-escura, ou cinza?

Acima de nós, a cobertura de olmos farfalhava e os sons altos e alegres da criançada se desfaziam. A carrocinha de sorvete tocou sua campainha e foi embora.

— Um paciente? Não, nunca vi. — Os olhos de Albin Larsen vaguearam até Gull.

— Concordo — Gull assentiu. — Nenhum dos pacientes, que eu saiba, dirige um carro assim. Não que eu tenha notado. Estou no consultório quando eles estacionam seus carros. Desconheço o que eles dirigem... a não ser que isto surja na terapia.

Suas sobrancelhas estavam reluzentes e suadas.

Milo fez mais algumas anotações em seu bloco e fechou-o.

— Obrigado, cavalheiros. Isso é tudo por enquanto.

— Vai haver mais? — perguntou Gull.

Depende do que encontrarmos no caminho da evidência.

— Impressões digitais? — disse Gull. — Esse tipo de coisa?

Esse tipo de coisa.

Gull levantou-se tão rapidamente que quase perdeu o equilíbrio.

— Faz sentido.

Larsen também se levantou. Gull era um pouco mais alto que ele e bem mais largo de ombros. Talvez houvesse jogado futebol na universidade.

Vimos os dois caminharem para seus Mercedes.

Bem, não é que foi interessante? — comentou Milo.

Capítulo 23

— Como esse cara sua! — murmurou Milo enquanto ligava para o DVM.

Não levou muito tempo para obter os dados. Os veículos estavam registrados em nome de Franco Gull, em Club Drive. Um Mercedes de dois anos, um Corvette 63 e um Ford Aerostar 1999.

— Muito bem.

Ele pegou o Guia Thomas no meu porta-luvas, encontrou um mapa e o tracejou com o dedo indicador.

— A casa de Gull fica apenas a alguns quarteirões da de Koppel, portanto, diante disso, não é nada estranho um de seus carros estar na vizinhança. Mas a testemunha disse que a van foi embora da sua rua. Parecia estar procurando por alguma coisa.

— Ficar cruzando a rua de cima a baixo às duas da manhã não tem nada de amistoso — comentei. — É o tipo de coisa que os assediadores fazem.

— Um médico de cuca com problemas na própria área. Não seria interessante?

— Um médico de cuca a quem a corte encaminha os acusados de assédio. Talvez Gavin tivesse descoberto isso de algum modo, e portanto largou Gull e mudou para a Koppel.

— Gull dirigindo perto da casa de Koppel. Ela não teria apoiado isso. Gavin conta a ela, pondo lenha na fogueira. Jonathan Kellerman

— Por outro lado... — repliquei.

— O quê?

— Três veículos da família Gull. O Mercedes para ele e um Vette da moda para curtir o fim de semana. E sobra o Aerostar para a esposa.

— Esposa suspeita. Ah, sim. Gull e Koppei estavam tendo um caso.

— Quando você falou acerca de evidência, Gull perguntou por impressões digitais. Isso me soou um pouco fora de contexto. Poderia ser porque ele sabe que suas digitais estão naquele lote que você polvilhou na casa de Koppei.

— Mais do que sócios. Mais do que vizinhos. Ela encontra para ele uma casa próxima, facilitando tudo para uma transa. A Sra. Gull desconfia e dirige nas imediações por volta das duas da madrugada, verificando. Não admira que o cara transpirasse como um corredor de maratona.

— Você descobrirá muito em breve — eu disse. — Ele conseguiu uma habilitação estadual, portanto suas digitais estão no sistema.

Ele abriu o pequeno celular azul.

— Vou ligar para os técnicos agora mesmo. Enquanto isso, vamos visitar a esposa.

— E quanto a vasculhar o quarto de Gavin?

— Isso também, porém mais tarde. — Milo abriu um sorriso largo. — Tudo assim de repente, estou assoberbado.

A residência dos Gull era uma mansão em estilo Tudor, não muito diferente da de Mary Lou Koppei, mas um pouco menos imponente sobre um terreno plano sem nenhuma vista. Gramado de qualidade, com os habituais leitos luxuriantes de flores, um *liquidambar* novo apenas começando a mudar de cor, firmado com estaca em uma cratera desocupada por uma árvore maior.

A van Aerostar estava estacionada na entrada de carros. Azul-escuro. Dois adesivos nos para-choques: MEU FILHO TEM MENÇÃO HONROSA NA WILD ROSE SCHOOL e AVANTE, LAKERS!

Uma criada hispânica atendeu à batida de Milo. Ele falou “La señora, por favor”, e ela respondeu “Um momento”, fechando a porta. Quando tornou a abri-la, uma mulher pequena e muito magra de seus 30 anos, com rabo-de-cavalo louro, apareceu, parecendo distraída. O distintivo de Milo não alterou nada. Ela continuou a olhar através de nós.

Loura platinada, olhos azuis gélidos, ossos pequenos, feições bonitas. Mesmo de pé, imóvel, parecia graciosa. Mas perigosamente magra; a pele beirava a translucidez, e seu suéter de veludo preto estava folgado. Ela havia caprichado na maquiagem, mas era impossível esconder as orlas vermelhas em torno dos olhos.

— Sra. Gull — cumprimentou Milo.

— Sou Patty.

Podemos entrar?

Porquê?

— Precisamos conversar a respeito de um crime recente na vizinhança.

Uma das mãos esguias tamborilou na outra.

— O quê? Outro latrocínio em Rancho Park?

— Algo mais grave, madame. E receio que a vítima é alguém que conhece.

— Ela — A voz de Patty Gull ficara mais profunda, e qualquer vestígio de distração havia desaparecido. Suas mãos se separaram e se apoiaram nos quadris. Seu maxilar inferior se lançou à frente. Tão fina e aquilina como ela era, sua face assumiu uma carranca de mastim. — Claro, podem entrar.

A sala de estar era fechada por persianas de madeira e com painéis em carvalho tão enodados que eram quase negros. A decoração parecia que tinha sido montada em um dia por alguém com respeito pela convenção, com um rígido prazo de entrega e um orçamento nervoso: reproduções antigas de segunda classe, gravuras equestres sob vidro, o tipo de pinturas de natureza-morta que se pode comprar em camelôs.

Tentativas adicionais de recriar um modo de vida senhorial eram realizadas por um tumulto de tecidos florais, quinquilharias de latão reluzentes em excesso e superfícies artificialmente utilizadas. Logo além da sala estava um corredor semeado de brinquedos e outras tralhas de crianças.

Patty Gull empoleirou-se à beira de um sofá superestofado e sentamos diante dela em bergères iguais. Ela pegou uma almofada ornada com borlas e colocou-a sobre o abdome, como um saco de água quente.

Milo começou:

— Notei a inscrição no seu para-choque. Alguém aqui é fã dos Lakers?

Eu — respondeu ela. — Já fui animadora de torcida dos Lakers, quando era jovem e esperta.

Não faz tanto tempo...

— Não me provoque — disse Patty Gull. — Gosto de pensar que ainda estou bem bonita, mas já vou fazer 42 anos, e estraguei meu corpo dando ao meu marido dois filhos magníficos. E ele me agradece por isso trepando com outras mulheres sempre que pode.

Não dissemos nada.

— Ele é um galinha, detetive — continuou ela. — Por isso, eu poderia ter me amarrado com um jogador de basquete, mesmo sendo do banco de reservas. — Seu riso soou frágil. — Eu era uma boa líder de torcida, que da direto para casa após os jogos, não da a festas, mantendo minha moral. Uma boa garota católica, destinada a um bom casamento. Casei com um psicólogo, imaginei que ganharia alguma estabilidade. — Ela golpeou a almofada de borlas, jogou-a para um lado e abraçou-se.

— Sra. Gull...

— Patty. E tive isso. Ele já é passado.

— Estão se divorciando?

— Talvez. Você faz um inventário da sua vida e conclui: é isso que tem de fazer.” E parece tão óbvio. Então recua e todas as complicações se despejam sobre você. Filhos, dinheiro... é sempre a mulher que se ferra na questão do dinheiro. Eu me mantive afastada dos negócios de Franco. Ele poderia esconder tudo e eu não ficaria sabendo.

— Já consultou um advogado?

— Não oficialmente. Tenho uma amiga que é advogada. Ela também foi da torcida dos Lakers, mas ao contrário de mim foi esperta o bastante para não largar os estudos. Sempre quis me formar em administração, fazer alguma coisa no mundo empresarial. Ou talvez no ramo esportivo, adoro esporte. Em vez disso... — Ela agitou as mãos para cima. — Por que estou lhes contando isto? Estão aqui por causa dela.

— A Dra. Koppel.

— Doutora em trepar com o marido de outra mulher. Vocês acham que Franco a matou?

Patty Gull examinou suas unhas.

— Pensaria assim, Sra. Gull?

— Provavelmente não. Os jornais dizem que ela foi baleada, e Franco não possui arma, não teria a menor ideia de como usar uma. E também não esteve com ela naquela noite. Sei disso porque saí no meio da noite e dirigi até a casa dela, procurando pelo carro dele, que não estava lá.

— A que horas foi isso, madame?

— Deve ter sido perto das duas da manhã. Fui para a cama às dez da noite, como sempre faço. Esta minha vida tremendamente agitada! Franco chegou antes que eu adormecesse, tivemos outra briga, ele saiu e voltei para a cama. Quando acordei e vi que ele não estava lá e que já eram quase duas, eu realmente tinha perdido.

— Porque ele não voltou para casa.

— Porque ele não estava se penitenciando — corrigiu Patty Gull.

— Você está tendo problemas sérios e alega que está se penitenciando e aí tem outra briga. O que você faz? Você procura sua esposa de joelhos e pede perdão. Essa é a coisa construtiva a fazer. A coisa correta, sincera. Franco diria a um paciente para fazer isso. E o que ele faz? Cai fora, desliga o telefone do carro e some.

— Aí você foi procurar por ele.

— Com toda certeza.

— Imaginando que o Dr. Gull estaria com a Dra. Koppel.

— Doutor isto, doutora aquilo. Você está fazendo parecer uma convenção médica. Ele estava fodendo com ela. Encontrei os dois juntos antes.

— Ela pegou de novo a mesma almofada e a colocou sobre um dos joelhos ossudos. — O escroto e a piranha nem sequer tentavam ser sutis. Moramos a quatro quarteirões de distância. Quero dizer, que aluguem um apartamento, pelo amor de Deus, não sujem o próprio ninho.

— Você os encontrou na casa dela.

— Pode apostar.

— Quando?

— Um mês atrás, depois de Franco prometer que finalmente resolveria o seu problema.

— O de ser um galinha.

Ouvir suas próprias palavras sendo repetidas pareceu chocá-la.

— Hã, sim. Ele sempre foi... ele sempre foi difícil. Fui mais paciente do que Madre Teresa, eles deveriam me canonizar. E então o flagrei com ela... e isso foi demais. Ela não era sequer atraente. Agora estamos falando de outra coisa que me jogaram na cara.

— Como os encontrou? — perguntou Milo.

— Ah, vocês vão adorar. Esta é muito boa. Franco deu a velha desculpa de trabalhar até tarde.

Depois mandou seu serviço de secretariado me avisar, pouco antes das nove, que continuava todo enrolado e que chegaria mais tarde ainda. Eu soube imediatamente que alguma coisa estava acontecendo. Franco não atende pacientes de emergência. A maioria dos que atende são putas entediadas de Beverly Hills. Portanto, decidi ir até o consultório e confrontá-lo. Paciência tem limite, certo? Então pedi a Maria para olhar as crianças e comecei a dirigir para o consultório e alguma coisa, ainda não sei bem o quê, me fez pegar a McConnell. Porque fica ao norte, basicamente no caminho. Passo pela casa dela, e lá está o carro dele. Estacionado em frente, bem em frente. É ou não é um descaramento

— Bastante espalhafatoso.

— Estacionei, subi toda aquela escadaria e lá estavam eles no quarto dos fundos. Ela havia ligado a TV de tela grande, onde passava um filme pornô. Aparentemente, a piranha e o escroto estavam se deliciando, decididos a imitar qualquer sujeira a que estivessem assistindo.

— Uau — exclamou Milo.

— Uau, mesmo. Eles nem tinham se incomodado em trancar a porta, e simplesmente entrei e passei por eles. Estavam tão entretidos no que faziam que nem sequer me ouviram. Foi só quando desliguei a TV que eles abriram os olhos.

Patty Gull fechou os seus. Relembrando.

— Foi delicioso — continuou ela. — A expressão nos seus rostos. O modo como olharam para mim.

— Um choque — atestou Milo.

— Mais do que choque. — Patty Gull sorriu. — Foi como se alguém de outro planeta, de outra galáxia, tivesse pousado um disco voador naquele quarto. E eu simplesmente parada ali, deixando-os saber com meu olhar que eles tinham feito uma cagada e que nada poderia consertar isso. Então saí e dirigi de volta para casa. Vinte minutos depois, Franco chegou, parecendo até que estava com câncer. Tranquei a porta, não o deixei entrar e disse que chamaria a polícia se ele tentasse invadir. Ele saiu, eu sabia que sairia, ele sempre faz isso. Não o vi até o dia seguinte. Ele foi trabalhar e, como era um bom psicólogo de meia-tigela, voltou para casa e tentou conversar comigo usando seu jargão profissional. A única razão para o deixar entrar foi porque tinha falado com minha amiga advogada, que me acalmou.

— Ela a aconselhou a não dar parte.

— Eu estava pronta para fazer isso, realmente estava, mas ela disse que a vida ficaria realmente complicada mais rápido do que eu poderia imaginar. Assim permiti que o escroto voltasse para casa, mas não deixei que me tocasse, só falando com ele na presença das crianças.

— Isso foi há um mês — disse Milo. — Desde então, até a noite em que a Dra. Koppel foi assassinada, voltou a dirigir passando pela casa dela?

— O tempo todo.

— Com que frequência?

— A cada dois dias — respondeu Patty Gull. — Pelo menos. As vezes diariamente. Fica no meu caminho para ir às compras, de qualquer modo, portanto, por que não?

Imagino que se satisfizesse Franco, poderia também reforçar a evidência, minha amiga diz que mesmo em divórcio não-litigioso, quanto mais você puder obter, melhor.

— Viu o carro dele lá desde então?

— Não. Infelizmente. Talvez eles estivessem transando no consultório. Ou em algum motel. Ela apertou e fechou os olhos.

— Acha que eles continuaram com o caso mesmo depois de tê-los flagrado — disse Milo. Os olhos se abriram.

— É só o que Franco faz. Foder sem parar. É uma doença.

— Quantas outras mulheres ele...

— Não — interrompeu Patty Gull. — Não quero chegar a tanto. Algumas coisas são particulares.

— Algumas delas eram suas pacientes? — insistiu Milo.

— Nada sei sobre isso. A vida profissional de Franco era domínio dele. Foi esse o acordo.

— O acordo.

— O acordo de casamento. Abri mão de minha carreira e minha vida inteira por ele e pelos filhos, enquanto Franco seria o provedor.

— E ele foi um bom provedor?

Ela agitou uma lânguida mão em torno da sala escura e floral.

— Saiu-se bem.

— Belo lugar.

— Eu mesmo o projetei. Estou pensando em voltar atrás e estudar decoração.

— Sra. Gull, em termos de outras mulheres...

— Já disse que não quero chegar a tanto, certo? Qual a diferença? Não sei se ele fodia com as pacientes. Sei que fodia com ela. Mas ele não matou a puta. Como lhe disse, ele não esteve lá naquela noite. E também não teria colhões para matá-la.

— Onde ele esteve naquela noite?

— Em algum hotel, esqueci qual... pergunte a ele.

— Como sabe que ele esteve lá?

Terapia 213

— Porque ele me telefonou e deixou o número do quarto. Liguei de volta e ele estava lá... o motel entre Beverly e Pico, costumava ser da rede Ramada. Não sei o que é agora.

— Sobre o que vocês conversam?

— Absolutamente nada — respondeu ela. — Agora vão embora, por favor. Tenho coisas a fazer.

— Não fique ofendida com a pergunta, madame, mas onde estava...

— Também não matei aquela puta. Tenho pavor de armas. Jamais sequer toquei em uma. Essa é a única coisa que eu e Franco temos em comum. Somos a favor do desarmamento, sentimos desprezo pelo fato de armas serem fabricadas em nosso próprio país. Além disso, naquela noite Franco não estava lá com ela, então por que eu teria de fazer uma visita à puta?

— Você tinha motivo para ressentir-se da Dra. Koppel. Por que não tiveram uma conversa?

— Aquela hora?

— Você estava dirigindo àquela hora.

— Cinco minutos, de um lado para o outro — explicou Patty Gull. — Só para ver. Procurei pelo Mercedes dele, não o vi, dirigi de volta para casa, tomei um tranquilizante e dormi como um bebê.

Milo permaneceu calado.

— Detetive, se ressentimento fosse o suficiente para um motivo, eu teria matado um monte de mulheres, não apenas ela. — Patty riu, dessa vez com genuíno prazer. — Eu seria um desses assassinos serials.

Surgiu a foto da garota morta.

— Conhece-a, madame?

A bravata de Patty Gull desmoronou. Sua boca se abriu e o maxilar sacolejou.

— E ela... não é?

— Conhece-a?

— Não, não. Claro que não... ela é uma das de Franco... ele...

— Nesse momento ainda não sabemos quem ela é.

— Então por que estão me mostrando? Guarde isso, é horrível. Milo começou a obedecer, mas a mão dela disparou e arrebatou a foto.

— Parece comigo. Não tão bonita quanto eu era nessa idade. Mas bem bonita, é uma garota bonita. — Ela pôs a foto no colo, continuou a olhar. — Ela parece comigo. Isso é horrível.

Capítulo 24

Deixamos Patty Gull na sala de estar que ela havia decorado. Lá fora, Milo comentou:

— Mulher assustada, não? Ou estou blasfemando

— Ela odeia o marido mas está certa de que ele não matou a Koppel, e fornece o que ela pensa ser um alibi. Mas não ter visto o carro dele na casa de Koppel na noite do assassinato não quer dizer nada. É uma garagem para dois carros, Franco não poderia ter posto o dele lá dentro? Principalmente depois de ter sido apanhado uma vez. Ou tratou de estacionar a vários quarteirões dali. A terceira possibilidade é que fez reserva no motel e tomou um táxi.

— Diabo! Ele poderia ter ido a pé, são só dois quilômetros. Milo se encaminhou para o carro. — Se chamou um táxi, posso descobrir. Gull interessa a você, do jeito como me interessa?

— Ele é esperto o bastante para cobrir seus rastros do jeito como nosso garoto está fazendo. E mesmo se Patty está exagerando, o registro dele com mulheres é interessante. E também ele e Gavin não prosseguiram. E se foi mais do que uma simples relação terapêutica? E se Gavin descobriu alguma coisa que fez dele uma ameaça para Gull?

Dormindo com uma paciente. De alguma forma Gavin descobre isso, fica rondando o consultório, sendo obsessivo. Ele falava acerca de revelar escândalos, então finalmente encontrou um. Mas por que Gull mataria Koppel? Eles eram amantes.

— Talvez as indiscrições dela não se estendessem a assassinato. Ela pensou no que tinha acontecido com Gavin e ameaçou largar Gull. Ou o caso já não era mais útil para Gull. Ou para ambos.

— Você está falando de um sujeito frio.

— Não tão frio. Ele transpira com facilidade. Estou falando de um cara que vivencia ansiedades, mas ainda adora assumir riscos. Um cara que dorme com outra mulher a quatro quarteirões da própria casa, é flagrado e possivelmente volta para repetir a dose.

— Mary Lou ameaçando largá-lo... por certo não estava acessível quando falei com ela. Depois, mais uma vez, pode ser que Gull ainda não tivesse rompido com ela. Se fez isso alguns dias depois, ganhou duas mulheres desprezadas para enfrentar... o que você acha sobre Patty ver alguma semelhança na garota morta?

— Isso não me afetou — respondo. — Vi isso como Patty tendo problemas de ego, mas talvez ela esteja por dentro de alguma coisa.

— Gull assassinando a velha dama de maneira simbólica? Exatamente desde o início você viu isso como um acordo simbólico.

— Se Gull é o seu cara, isso poderia também ter um elo com Flora Newsome. Ela era paciente de Mary Lou Koppel, portanto Gull teria tido oportunidade de vê-la. Combine os sentimentos de Flora de inadequação sexual, o fato de Gull considerar-se um garanhão e o prestígio de sua posição, e você tem aí um solo fértil para uma sedução fácil.

— Gull a seduziu, depois a matou. A paciente de sua amante, voltando àquela história de assumir riscos.

— Na época em que Flora foi morta, ela estava namorando Brian van Dyne. Talvez o Dr. Gull não aceitasse bem uma rejeição. De uma paciente ou de uma amante.

— O psicólogo do mal — comentou ele. — Todo aquele suor. Alguém que, pensando bem, você pensaria que pudesse manter esse tipo de coisa sob controle.

— Uma coisa é ser frio quando se está com a faca e o queijo na mão, seja em sedução ou assassinato. Montando o cenário, coreografando, dominando, porque tem parceiros submissos. Ser investigado pela polícia muda tudo. De repente, ele vê que o buraco é mais embaixo.

— Meu charme o intimida?

— Mais ou menos assim.

— Então a melhor aposta é jogar duro com o sacana. Atropelá-lo. • E isso aí. Atuar com método.

— A cortina sobe — disse Milo. — Vamos nessa.

Fomos até o edifício do consultório de Franco Gull, estacionamos numa vaga perto do Mercedes dele e seguimos para a porta dos fundos. Um servente passava um aspirador pelo carpete. Todas as seis

portas para o escritório da Charitable Planning estavam fechadas, e o corredor tinha cheiro de inatividade e da mesma fragrância de pipoca.

A mesma sensação de desuso, e eu disse isso para Milo.

Milo, que não havia tirado os olhos do servente, agora o abordou. Sujeito magro, 30 e poucos anos, com a pele lustrosa de alcoólatra sem-teto, barba de três dias, cabelo castanho ralo e olhos assustados de coelho. Vestia uma suéter da Universidade de Berkeley sobre um moletom largo de cor cinza e tênis baratos. As unhas eram pretas nas pontas. Ele mantinha a cabeça baixa e empurrava o aspirador, tentando fingir que um grande e troncado detetive não caminhava em sua direção.

Milo moveu-se daquela maneira surpreendente e rápida que só ele pode executar, inclinando-se e desligando o aspirador. Quando ele se aprumou e chegou mais perto, seu sorriso foi tudo que o homem pôde ver.

— Ei.

Nenhuma resposta.

— Tarde tranquila aqui no térreo.

O homem lambeu os lábios. O próprio coelho assustado.

— É. — ele finalmente disse.

— O que faz a Charitable Planning?

— E eu lá sei? — O homem tinha uma voz lamurieta e congestionada, do tipo que faz tudo soar evasivo. Os ombros se elevaram, baixaram, se elevaram de novo e permaneceram rígidos e agrupados em torno do pescoço esquelético. Vasos sanguíneos rompidos ornavam seu nariz e bochechas.

Os lábios eram rachados e secos, e tatuagens subiam do seu pulso.

Milo olhou para elas e o homem tentou cobri-las com a manga.

— Universidade de Berkeley, hã? O homem não respondeu.

— Estudou lá?

O servente sacudiu a cabeça.

— Trabalha aqui há muito tempo?

— Pouco.

— Quanto tempo é “pouco”?

— Hã... talvez um mês, dois.

— Cuida de vários prédios para o proprietário.

— O Sr. Koppel. -É.

— Algum dia viu alguém realmente trabalhando na Charitable Planning?

— Hã...hã...

— Esta é uma pergunta difícil? — indagou Milo. — Que exige tempo para pensar?

— Eu... hã... quero responder do jeito certo.

— Certo ou verdadeiro?

— Verdadeiro.

Milo agarrou-lhe o pulso direito, arregaçou a manga da suéter até o antebraço ossudo. A pele encardida estava manchada com discos de tecido cicatricial, a maior parte concentrada na altura do cotovelo. As tatuagens eram de um tom azul-escuro, raiadas com manchas vermelhas intermitentes, claramente feitas em casa. Mulheres nuas pessimamente representadas, com peitos exagerados. Uma serpente de olhos opacos com presas gotejantes.

— Conseguiu isso lá em Berkeley? — perguntou Milo.

— Não.

— Onde estudou realmente? Em San Quentin ou Chico? O homem lambeu os lábios de novo.

— Nenhuma das duas.

— Onde passa seu tempo?

- Principalmente no condado.
- Condado, onde?
- Aqui e ali.
- Portanto você não é de criar raízes.
- Isso mesmo.
- Qual é sua especialidade?
- Drogas, mas estou limpo.

— O que significa arrombamento, furto em lojas e assalto. O homem pôs uma das mãos no aspirador.

— Assalto, nunca.

— Algum caso de agressão ou qualquer outra coisa errada? — perguntou Milo. — Você sabe que posso descobrir.

Uma vez me meti numa briga. Mas foi o outro cara que começou. Num instante ganhei uma condicional.

— Qual a arma utilizada?

— Foi uma faca. Eu a tomei do cara. Foi principalmente acidental.

— Principalmente — repetiu Milo. — Você o feriu feio?

— Ele sobreviveu.

— Que tal me mostrar sua identidade?

— O que estou fazendo de errado?

— Esqueça isso, amigo. Apenas averiguação. Você sabe por que estamos aqui, não é?

Ele deu de ombros,

— Por que estamos aqui, amigo? — repetiu Milo.

— Por causa do que aconteceu com a doutora lá em cima.

— Não sabe o nome dela?

— Dra. Koppel — disse o homem. — A ex-mulher. Eles se davam bem.

— O amor é lindo — comentou Milo.

— Não. Eu... hã... o Sr. Koppel sempre disse para simplesmente fazer tudo que ela quisesse.

— O que ela quisesse?

— Se houvesse algum problema no prédio. Ele disse que eu deveria resolver isso rápido. Fazer o que ela quisesse.

— Ele não procede assim com todos os locatários? O homem ficou em silêncio.

— Portanto você está tentando me dizer que não desconfia do Sr. Koppel ter matado sua ex porque eles ainda se davam bem.

— Não, eu... hã... não sei nada sobre coisa alguma. — O homem baixou a manga arregaçada de sua suéter.

— Faz alguma ideia de quem matou a Dra. Koppel?

— Eu mal a conhecia. Quase nunca encontrava com ela.

— Exceto para consertar coisas para ela.

— Não — protestou ele. — Não faço esse tipo de tarefa. Chamo encanadores, o que quer que seja, e eles consertam. Só estou aqui para a faxina. E essa minha função principal nos prédios que o Sr. Koppel tem no Valley.

— Mas hoje você está deste lado da colina.

— Vou aonde eles me mandam ir.

— Eles.

— A empresa do Sr. Koppel. Eles têm imóveis por toda parte.

— Quem mandou você para cá hoje?

— A secretária do Sr. Koppel. Uma delas. Heather. Posso dar o número, se quiser verificar.

— Talvez, irei checar — disse Milo. — Bem, que tal mostrar alguma identidade?

O homem enfiou a mão num bolso da calça e extraiu um maço de notas presas por um elástico. Ele retirou o elástico, folheou entre o dinheiro — notas encardidas de um e cinco dólares — e tirou uma carteira de identidade da Califórnia.

— Roland Nelson Kristof — leu Milo. — Este é o seu atual endereço, Roland?

— É.

Milo examinou a carteira.

— Rua Seis... fica logo depois de Alvarado, certo? -Sim.

— Muitas casas de ressocialização por lá. É essa a sua situação?

— É.

— Então você ainda está na condicional.

— Estou.

— Como arranjou o emprego com o Sr. Koppel?

— Meu agente de condicional me indicou.

— Quem é ele?

— O Sr. Hacker.

— Do escritório do centro?

— Sim.

Milo devolveu-lhe a identidade.

— Vou passar um pente fino em você, Roland. Porque um cara saído de uma casa de ressocialização, trabalhando num prédio comercial onde alguém foi assassinado, é algo que preciso verificar. Descubro que você mentiu para mim e faço uma visita ao seu cafofo, e você sabe que vou descobrir alguma coisa que ferra a sua condicional, você sabe que vou. Portanto, se houver alguma coisa que queira me contar, a hora é esta.

— Não há nada — afirmou Kristof.

— Você nunca teve problemas com mulheres? Nenhuma má conduta nessa área?

— Nunca — disse Kristof. Até então suas respostas tinham sido diretas, mecânicas. Agora um indício de ultraje se insinuou.

— Nunca? — repetiu Milo.

— Nunca, nem uma vez. Sou viciado desde que tinha 14 anos. E não machuco ninguém.

— Porém continua se drogando.

— Estou ficando velho, está melhorando.

— O quê?

— A ânsia — explicou Kristof. — Os dias estão ficando mais curtos.

— Como é sua vida sexual, Roland?

— Não tenho nenhuma. — A declaração foi isenta de lamentação, quase jovial.

— Você parece estar feliz com isso.

— Sim, estou. Você sabe o que a droga faz com tudo isso.

— Nenhum tesão — atestou Milo.

— E isso aí. — Kristof sorriu francamente, exibindo de modo intermitente os dentes manchados.

— Menos uma coisa com que me preocupar.

Milo anotou o endereço do homem e permitiu-lhe terminar a limpeza.

Enquanto subíamos as escadas para a Pacific-West Serviços Psicológicos e o barulho do aspirador se desvaneceu, Milo comentou:

— Esse é o condenado habitual.

— O fim da linha criminal. Chega uma certa idade, e já se está bombardeado demais para bombar.

— Sabe qual é a idade dele?

— Cinquenta?

— Trinta e oito.

Não havia ninguém na sala de espera. A luz do Dr. Larsen estava apagada. A do Dr. Gull reluzia em vermelho.

— São 15h40 — falei. — Se a sessão dele é de 45 minutos, em breve sairá.

— Adoro a sua profissão — disse Milo. — Imagine se os cirurgiões pudessem fazer isso; cortar três quartos do apêndice e apresentar a conta.

— Ei — reagi —, usamos o tempo para mapear e refletir.

— Ou, se você fosse o Dr. Gull, para repor toda a tralha que varreu de sua mesa quando decidiu, refletidamente, comer sua paciente.

— Cínico.

— Obrigado.

Às 15h45 a porta para a sala de espera se abriu e uma atraente quarentona saiu, ainda conversando com o Dr. Franco Gull.

Ele estava logo atrás dela, segurando-a pelo cotovelo. Ao nos ver, baixou a mão. A mulher sentiu a tensão dele e suas faces ruborizaram.

Esperei que Gull começasse a suar, mas ele se recompôs e encaminhou a mulher até a porta, dizendo;

— Até a próxima semana, então.

A mulher era morena e estava bem agasalhada, nadando num mar de cashmere cinza. Ela afofou os cabelos, concedeu-nos um breve sorriso e saiu.

— De novo? O que é agora? — indagou Gull.

Conhecemos sua esposa.

Um longo silêncio

— Entendo,

Milo sorriu e Gull acrescentou:

— Patty está atravessando uma fase difícil. Ela vai ficar bem.

— Ela não parecia bem.

Gull alisou o cabelo para trás.

— Por que não entram? Tenho a próxima hora livre.

— Ou pelo menos 45 minutos dela — completou Milo, baixinho. Gull não ouviu. Ele havia se virado e estava caminhando em direção aos três consultórios internos. As portas de Albin Larsen e Mary Lou Koppel estavam fechadas.

A de Gull estava aberta. Ele parou antes de entrar.

— Minha esposa... tem problemas.

— Aposto que tem — disse Milo. — Talvez ela pudesse ter umas sessões de terapia.

Capítulo 25

O consultório de Gull tinha dois terços do tamanho do de Mary Lou Koppel e era decorado com surpreendente simplicidade. Nenhum painel de madeira de lei, apenas pintura bege nas paredes. Um carpete fino igualmente bege cobria os limites do consultório. Sofás e poltronas de couro que já haviam sido brancos estavam arrumados com desleixo. Koppel decorava a sala com ovos de cristal e cerâmica indiana. A única concessão de Gull à decoração eram fotos pobremente emolduradas de animais e dos seus tempos de juventude.

Descobri-me farejando pelo odor de sexo, mas o escritório cheirava apenas a uma xaroposa mistura de perfumes.

Gull refestelou-se num sofá e nos convidou a sentar. Antes que nossos traseiros alcançassem o couro, ele disse:

— O que vocês precisam saber sobre Patty é que ela está lidando com algumas questões muito sérias.

— Infidelidade conjugal? — sugeriu Milo.

Os lábios de Gull produziam um ponto-e-vírgula doloroso.

— Os problemas dela remontam a uma época anterior. O pai de Patty foi extremamente abusivo.

— Ah — disse Milo. “Ah” era uma piada corrente entre nós. O velho subterfúgio do terapeuta.

Ele virou a cabeça de modo que Gull não pudesse vê-lo piscar o olho.

— Toda esta conversa sobre a Sra. Gull. Imagino que as esposas não tenham tratamento confidencial.

Os olhos de Gull faiscaram. Um salpico de umidade apareceu sob a sombra de um ondulado topete.

Eu estivera certo: a perda do papel de liderança devastava suas glândulas supra-renais.

— Estou lhe contando sobre Patty porque você precisa colocá-la no contexto.

— O que significa que eu não deveria acreditar em tudo que ela me diz.

— Isso depende do que ela lhe contou.

— A propósito — disse Milo —, ela acha que você não matou a Dra. Koppel.

Gull se preparara para protestar. Ele se recompôs, mudou de posição.

— Lá vem você. Até alguém que não gosta muito de mim sabe que eu jamais faria uma coisa dessas. Nem sequer possuo uma...

— Você detesta armas — interrompeu Milo. — Ela nos contou isto também.

— Armas são uma abominação.

— A Sra. Gull acha que lhe forneceu um álibi para a noite em que a Dra. Koppel foi assassinada.

— Lá vem você — repetiu Gull, sentando-se um pouco mais empertigado.

— É, estou indo fundo — retrucou Milo. — O negócio é o seguinte, doutor. O que sua esposa considera um álibi, não acho que seja.

— O quê! Ora, vamos, você deve estar brincando! — Gotas de suor brotaram no contorno de seu couro cabeludo. — Por que eu precisaria de um álibi?

— Não quer saber o que a Sra. Gull nos contou?

— Não mesmo. — Um ar teatral, e depois: — Tudo bem, me diga.

— A Sra. Gull dirigiu até a casa da Dra. Koppel por volta das duas da manhã, procurando pelo seu carro. Ela não o viu...

— Ela fez isso? Como... é lamentável. Como lhes disse, Patty tem sérios problemas.

— Você a culpa? — indagou Milo.

— Por que falaram com Patty em primeiro lugar? Por que iriam sequer considerar algo tão artificial...

— Voltemos ao álibi, doutor. Seu carro não estar estacionado na McConnell. Isso realmente não diz muita coisa. Você poderia ter estacionado em outro lugar na vizinhança. Ou tomado um táxi do hotel onde ficou... que distava...?

Não houve resposta.

— Dr. Gull?

Trata-se de minha vida pessoal, detetive.

— Não chega a tanto, senhor.

— Por quê? — replicou Gull. — Por que está fazendo isso? O bloco de Milo apareceu.

— Qual foi o hotel? Nós vamos descobrir, de qualquer modo.

Oh, pelo amor de Deus! Foi o Crowne Plaza.

— Pica e Beverly Drive. Gull assentiu.

— Fica lá com frequência?

— Por que ficaria?

— É perto do seu consultório, para quando você e a patroa tiverem uma rusga.

— Não temos rusgas com tanta frequência. Milo bateu com o lápis no bloco.

A mesma pergunta, doutor.

Perdi o rumo do seu interrogatório.

Fica lá com frequência?

Ocasionalmente.

Quando sua esposa o bota para fora.

Gull enrubesceu. As mãos se enrijeceram. Seus punhos eram enormes.

Meus assuntos conjugais não têm nada a ver com...

— O que estou querendo saber é se conhecem você no Crowne Plaza.

— Eu não conheço... aqueles lugares.

— E quanto a eles?

— Anônimos, para tratar de negócios. Aquilo não é exatamente a estalagem de viajantes — disse

Gull. — E não fico realmente lá com tanta frequência.

Quão frequente é “não tanta frequência”?

— Não poderia quantificar.

— Os registros de seu cartão de crédito poderiam.

Meu... isso é absolutamente...

— Você não considera o hotel como um lar fora do lar? Sendo tão perto do seu consultório.

— Não preciso de um lar... e pagava em dinheiro.

— Por quê?

— Parecia mais simples.

Para quando você levasse uma mulher para lá. Gull sacudiu a cabeça negando.

— Isso é ridículo.

— Algum dia levou a Dra. Koppel?

— Não.

Nenhuma necessidade, acho — prosseguiu Milo. — Com ela morando tão perto do consultório. E da sua casa. Dar uma paradinha após o trabalho, depois seguir para a patroa e as crianças.

A testa de Gull estava oleosa e pálida.

— Não vejo aonde está querendo chegar...

— Que distância você acha que dá, do consultório à casa da Dra. Koppel? Um quilômetro e meio, dois?

— Mais próximo de três.

— Tem certeza?

— Subindo todo o caminho de Pico para Motor, e depois ao sul para Cheviot.

— Vamos dividir pela metade. Um quilômetro e meio. Gull sacudiu a cabeça.

— Na verdade, acho que fica mais próximo de três.

— Parece que o senhor cronometrou, doutor.

— Não — disse Gull. — Estou apenas... esqueça. Isso é irrelevante.

— Parece em boa forma, doutor. Faz exercícios?

— Tenho uma esteira em casa.

— Um quilômetro e meio de caminhada numa noite fresca de junho não seria um desafio para você, seria?

— Isso nunca aconteceu.

— Você nunca caminhou do Crowne Plaza até a casa da Dra. Koppel?

Nunca.

Na noite em que ela foi morta. Onde estava você?

— No hotel.

— Pediu comida?

— Não. Jantei antes de me hospedar.

— Onde?

— Em casa.

— Antes da briga?

— Sim — Gull coçou um dos olhos. Enxugou a testa com a manga.

— Você ficou no hotel a noite toda? — perguntou Milo. Gull esfregou o queixo.

— Comprei um filme no pay-per-view. Deverá estar registrado.

— A que horas?

— Mais ou menos onze. Confira.

— Eu o farei, mas tudo isso prova que você apertou um botão no controle remoto, mas não que ficou vendo o filme.

Gull olhou fixamente para Milo.

— Isso é absurdo. Eu não matei Mary.

— Qual era o título do filme?

Gull desviou a vista e não respondeu.

— Doutor?

— Era um filme para adultos. Não lembro do título.

— Acho que nem adiantaria lhe pedir para contar o enredo. Gull conseguiu um sorriso torto.

Milo seguiu em frente:

— Quando viu a Dra. Koppel pela última vez?

— Naquela tarde. Ambos estávamos levando pacientes até a sala de espera e dissemos “oi”. Foi a última vez.

— Nenhum encontro mais tarde naquela noite?

— Não. Estava acabado. -O quê?

— Eu e Mary.

— Quem foi que rompeu?

Foi mútuo.

— Porquê?

— Porque era a coisa certa a fazer.

Milo folheou seu bloco, examinou as anotações.

— Alternativamente, se você não foi a pé para casa, poderia ter tomado um táxi.

— Não o fiz.

— Isto pode ser verificado, doutor.

— Verifique, se isso o faz feliz.

Milo fechou o bloco. Gull teve um sobressalto e enxugou de novo a testa com a manga.

— Doutor, por que Gavin Quick o dispensou como terapeuta?

— Ele não me dispensou. Eu o transferei para Mary.

— Por quê?

— É confidencial.

— Não é mais — rosnou Milo. — Gavin perdeu seu privilégio quando alguém o matou. Por que o transferei para longe de você, doutor?

Os braços de Gull tinham se enrijecido, e as palmas das mãos pressionavam-se contra o estofado da poltrona, como se estivesse segurando-se numa decolagem.

— Não vou falar mais nada com você. Não sem a presença de um advogado.

— Você está ciente de como isso o faz parecer?

— Conheço meus direitos. Isso me faz parecer suspeito?

— Se não tem nada a esconder, por que se preocupa com direitos?

— Porque não quero me envolver num caso policial — retrucou Gull. — Com tudo que isso implica. — Ele forçou um sorriso. A transpiração reluzia em seu rosto e pescoço. — Sabia, detetive, que de todas as profissões que aderiram ao Partido Nazista, foi a de policial que teve os recrutas mais entusiasmados?

— É mesmo? Pelo que li, foram os médicos.

O sorriso de Gull murchou. Ele queimou algumas calorias para restaurá-lo.

— É isso aí. Nem mais uma palavra. — Ele pôs o dedo indicador atravessado nos lábios.

— Claro — Milo, levantou-se. — Nem mais nenhum suor.

Capítulo 26

Enquanto saíamos do consultório, Gull agarrou o telefone. Lá fora, no corredor, Milo me disse:

— Chamando um advogado.

— O que causou isso foi a sua pergunta sobre transferir Gavin para Koppel.

— Algum segredo profundo e sombrio — replicou ele. — Alguma coisa que o faz parecer suspeito.

— Fico imaginando o quanto os Quick sabem.

Se eles sabem, por que não me contaram?

— Talvez isso também não fosse bom para a imagem de Gavin.

— O quê? Gavin descobriu que o cara que supostamente o ajudaria no seu problema de assédio o superava nessa questão, de modo que decidiu expô-lo? Por que seus pais não falaram sobre isso? E como a Koppel entra nessa?

— Não sei — eu disse. — Mas tudo parece ter ligação com esse lugar.

— Mandarei Binchy fazer uma vigilância fortuita sobre Gull. E ver se podemos pôr outro detetive novato nisso, também.

— Fortuita?

— Isto aqui não é a TV, com ilimitados recursos técnicos e potencial humano. Terei sorte em obter dois turnos por dia.

Descemos as escadas para o térreo e ele disse:

— E aí, quão eficaz você acha que foi a prensa que dei nele?

— Ele está se esquivando.

— E um inocente faria isso? Acho que o peguei... realmente quero saber por que Gavin o largou.

— O neurologista que encaminhou Gavin para Gull poderia saber alguma coisa sobre isso.

Especialistas precisam acompanhar suas fontes de encaminhamento, de modo que Gull poderia ter dado algum tipo de explicação.

— Singh é o nome — Milo pegou o bloco, folheou as páginas. Do St. John's. Você se importaria de fazer a conexão com o doutor?

— De modo algum.

— E também, se ainda pretende ligar para Ned Biondi, para tentar pôr a foto da loura nos jornais, vá em frente.

Ele me passou um envelope lacrado com o aviso: FOTO, NÃO DOBRAR.

— Aqui está sua chance de ser uma “fonte anônima”. Passei um dedo pelos lábios.

Chegamos ao fundo das escadas. Roland Kristof e seu aspirador não estavam mais à vista, e Milo olhou fixamente para o corredor.

— Cidade fantasma. “Charitable Planning”. Você sentiu algum cheiro de cambalacho nisso?

— É uma empresa de fachada sem tirar nem pôr. Você deu uma prensa em Kristof. O que ele disse que chamou sua atenção?

— Ele veio com aquele papo furado de condenado, e meu nariz sempre foi sensível a esse tipo de coisa.

— Achei que poderia ser mais do que isso.

— Como o quê?

— Um cara em liberdade condicional contratado pelo ex de Koppel, trabalhando no prédio onde três vítimas de assassinato passaram algum tempo. O emprego de Flora Newsome no escritório de condicional. Antes que Koppel fosse morta, estávamos especulando sobre um ex-condenado.

— Flora de novo — Milo recomeçou a caminhar. Quando saímos, indaguei:

— Isso não o incomoda?

— O quê?

— Sonny Koppel contratando um cara na condicional, viciado, para trabalhar na manutenção do prédio... toda essa ligação com um condenado?

— Tudo me incomoda. — Quando chegamos ao carro, ele disse:

— Em termos de Flora, o que especulávamos sobre ela era estar indo para a cama com um condenado. Ela poderia se rebaixar, Alex, mas não consigo vê-la em lugar nenhum se ligando a um brocha como Kristof.

— Então talvez Kristof não fosse o único condenado na folha de pagamento de Koppel. Talvez Koppel tivesse descoberto uma fonte de mão-de-obra barata. Mary Lou trabalhava num escritório de reabilitação de ex-presidiários. Poderia haver alguma ligação.

— Larsen diz que deu a ideia a ela.

— Larsen ficou desapontado por não o ouvirmos na entrevista gravada. Todo mundo tem um ego.

— Psicólogos também?

— Principalmente eles.

Milo tentou abrir a porta do carro. Eu não havia destrancado o Seville, seu braço se retorceu e ele grunhiu. Na hora em que girei a chave, Milo já tinha se afastado em direção à alameda.

Ao retornar, ele disse:

— É hora de encontrar o Sr. Sonny Koppel. Algo mais que já deveria ter sido feito. Mulher assassinada, ele se dá bem com a ex. É a porra de um caso de Artigo 101.

— Você está lidando com três casos que apontam em todas as direções.

Ele colocou as mãos para o alto e riu.

— Novamente terapia de apoio.

— Realidade.

— Se eu quisesse realidade, não viveria em Los Angeles.

Enquanto partíamos, ele mergulhou no silêncio. Ao cruzarmos a Olympic, ele anunciou que enfrentaria Sheila Quick sozinho pela revista que da fazer no quarto de Gavin. Deixei-o na delegacia e fui para casa. Spike esperava por mim à porta, parecendo desolado.

Isso era novidade. Em geral, seu jogo era indiferença: permanecendo na varanda dos fundos quando eu chegava em casa, esperando-me do lado de fora quando a hora de caminhar se aproximava, fingindo dormir até que eu erguesse seu corpo flácido e colocasse suas quatro patas no chão.

Oi, garoto.

Ele bocejou, sacudiu um chuveiro de saliva em meu caminho, lambeu minha mão.

— Solitário, hein?

Sua cabeça pendeu, mas os olhos continuaram fixos em mim. Uma orelha se contraiu.

— Realmente solitário.

Ele olhou para cima e soltou um gemido baixo e áspero.

— Ei — eu disse, me agachando e afagando seu pescoço —, ela estará em casa amanhã.

Nos velhos tempos eu teria acrescentado: também sinto falta dela. Spike fungou e rolou. Cocei a barriga dele

— Que tal um pouco de exercício? Ele voltou à atenção. Arquejou.

Eu tinha uma velha coleira guardada no closet de meu escritório, e na hora em que a peguei de volta ele ficou pulando, latindo e arranhando a porta.

Que bela cena

Ele parou com a festa. Sua expressão dizia: Não fique entusiasmado.

Suas patinhas atarracadas e palato adelgado podiam aguentar uns 800 metros de ida e volta a Glen. Nada mau para um cachorro de 10 anos — em anos de buldogue, ele já havia passado há muito da aposentadoria. Quando voltamos estava esfomeado e sedento. Enchi suas tigelas.

Enquanto ele comia, liguei para o número mais atual que eu tinha de Ned Biondi. Ned se aposentara como redator sênior do Times anos atrás e falava em se mudar para o Oregon, portanto, quando obtive uma mensagem de não-mais-em-operação, não fiquei surpreso.

Tentei Informações no Oregon, mas ele não estava na lista.

Eu havia tratado a filha de Ned anos atrás, uma jovem brilhante de padrões altos demais que ficara anoréxica e quase morrera. Supunha que o fato de Ned não ter se incomodado em mudar-se era encorajador. A família não precisava mais de mim. Com que idade estaria Anne Marie agora? Com quase 30. Ao longo dos anos, Ned tinha telefonado para me pôr a par da situação, e eu sabia que ela havia se casado, tivera um filho, e ainda estava indecisa acerca de uma carreira.

A informação vinha sempre de Ned. Nunca tive muito contato com sua esposa, que mal falava comigo durante a terapia. Quando o tratamento se encerrou, Anne Marie também não falou comigo, nem mesmo para retornar meus telefonemas de acompanhamento. Mencionei isso a Ned, que ficou evasivo e embaraçado, portanto deixei a coisa de lado. Um ano após a alta, Anne Marie me escreveu uma elegante

carta de agradecimento em papel de carta cor-de-rosa e perfumado. O tom era gracioso, e a mensagem, clara: Estou bem. Não enche o saco.

De modo algum eu poderia ligar para ela e localizar Ned. Alguém no jornal saberia de seu paradeiro.

Quando eu começava a ligar para o Times, veio o sinal de chamada à espera.

— Oi, gato — disse Allison.

— Oi.

— Como foi seu dia?

— Nada mau. E o seu?

O de sempre. Você tem um minuto?

— Alguma coisa errada?

— Não, não. Eu estava apenas... ontem, quando cheguei aí... Alex, você sabe que gosto de Robin, sempre nos demos bem. Mas quando eu subia a rampa... ao ver vocês dois...

— Sei como parecia, mas ela estava só me agradecendo por tomar conta de Spike.

— Eu sei. — Seu riso soou frívolo. — Liguei para lhe dizer que sei. Porque talvez tenha deixado uma pequena vibração de ciúme. Fiquei um pouco chateada ao vê-la beijar você.

— Um beijo casto. No rosto.

Ela riu de novo, depois ficou em silêncio. -Ally?

— Não poderia determinar o local — disse ela. — Tudo que vi foram duas pessoas que... vocês pareciam um casal... pareciam muito à vontade um com o outro. Foi quando isso me atingiu. Toda a história que vocês tiveram juntos. Não há nada de errado com isso. Apenas comecei a comparar com... apenas pareceu como se nós fôssemos...

— Allison...

— Eu sei, eu sei. Estou sendo neurótica e insegura. Posso fazer isso de vez em quando, certo?

— Claro que pode, querida, mas nesse caso não se justifica. A única razão para ela estar aqui foi me entregar o Spike. Ponto final.

— Apenas um beijinho no rosto.

— E isso aí.

— Não quero que você pense que me transformei numa patricinha paranoica e possessiva... ah, por favor, tente me entender.

— Ei — falei —, se a situação fosse ao inverso, eu reagiria da mesma maneira. Robin não tem interesse em mim, ela está feliz com Tim. E estou adorando estar com você.

— Sou sua paixão principal.

— Você é.

— Certo, ganhei minha injeção de autoestima. Desculpe por chatear você no meio do dia.

— Você é minha garota, Dra. Gwynn. Descobrir você beijando algum mauricinho não seria uma visão agradável.

— Certo, Senhor Civilizado.

— Não me teste.

Ela riu, desta vez com vontade.

— Não posso acreditar que telefonei. A última coisa que quero é ser possessiva.

Às vezes é bonito ser possessiva.

— Isso é... chega de Senhorita Lamurienta. Tenho três pacientes chegando e cada um deles precisa acreditar que sou onisciente. Depois, é direto para o hospício.

— Algum tempo livre, afinal.

— Eu gostaria. O hospício está oferecendo um jantar caseiro para todos os voluntários, por isso estou comendo lá. O único tempo livre que tenho é exatamente agora, cancelamento de última hora. O que

eu deveria estar fazendo era receber e retornar telefonemas, não me lamuriando com você.

— Estarei aí em vinte minutos. -Oquê?-disse ela.

— Estou indo. Quero ver você.

— Alex, meu próximo paciente vai chegar em quarenta minutos. Só o tempo de viagem vai consumir...

— Quero beijar você. Isso não leva muito tempo.

— Alex, aprecio o que está tentando fazer, mas estou bem. Você não tem que ser indulgente com minha...

— É problema meu. De qualquer modo, vou estar na vizinhança. Vou falar com um médico no St. John's. Embora não tenha marcado entrevista.

— Querido, posso assegurar-lhe que já passou o que quer que tenha atizado minha ansiedade.

— Quero ver você — insisti. Silêncio.

— Ally?

— Quero ver você também.

Enquanto dirigia para Santa Monica, obtive o número do Dr. Leonard Singh com a telefonista, descobri que estava fazendo rondas e estaria de volta em uma hora. Conteí à secretária dele que estaria chegando lá e desliguei antes que ela pudesse perguntar o motivo.

Quando cheguei ao consultório de Allison, ela esperava na calçada diante do prédio, vestindo uma suéter de cashmere de gola rulê azul-celeste e uma saia comprida cor de vinho, bebendo algo de uma xícara de papelão e batendo no chão com o salto de uma das botas. O cabelo preto estava atado num coque, e ela parecia jovem e nervosa.

Parei rápido na área de estacionamento proibido em frente e ela entrou. A xícara emitia vapores de café e baunilha.

Virei-me no assento, peguei seu queixo com a mão em concha e beijei-o.

— Quero lábios — disse ela e me puxou para mais perto. Beijamo-nos por um longo tempo.

Quando terminamos, ela disse:

— Arquivei minhas reclamações. Quer um gole?

— Não bebo café de garotinha.

Rá — zombou ela numa voz suave e doce, e sua tentativa de um rosnado me fez sorrir.

— Isso, minha querida, é o som primevo de uma fêmea alfa! Olhei para a xícara de papelão. — Fêmeas Alfa bebem isso?

Ela relanceou para o líquido bege.

— Na era pós-feminista a gente pode ser garotinha e forte.

— Certo. O que vem a seguir? Você me arrasta para sua caverna?

— Eu gostaria. — Ela retirou a travessa do coque, sacudiu os cabelos soltos, empurrou madeixas espessas e pretas para trás de uma das orelhas. Sua pele era branca como leite e tocava as veias finas e azuis acumuladas na sua linha da mandíbula.

— Fêmea Alfa — repetiu ela. — Quem é que está brincando? Dou um miado e você vem correndo. Meu conselho profissional é não encorajar este tipo de comportamento dependente, Alex.

— Qual é seu conselho não-profissional?

Ela pegou minha mão. Os minutos disparavam, rápido demais.

— “Não foi um mau dia” significa que você fez algum progresso com Mary Lou?

Contei-lhe sobre Patty e Franco Gull.

— Gull é realmente um suspeito?

— Milo está de olho nele muito atentamente.

— Psicólogo assassino. Outro golpe de propaganda negativa para nossa profissão.

— Você me disse que Gull se mostrou astuto. Lembra de mais alguma coisa sobre ele?

Ela pensou a respeito.

Ele só me impressionou realmente na imagem. O modo de se comportar, a roupa, o cabelo. Certamente não me surpreende que seja promíscuo. Ele tem aquela pose... confiança física, como alguém que desenvolveu seu carisma cedo.

— Estava pensando nele como um atleta estudantil.

— Faria sentido — disse ela. — Se ele dormir mesmo com as pacientes. Eu também não ficaria chocada.

— Por que não?

— É apenas uma sensação.

— Mas você nunca realmente ouviu nada para causá-la. — Nunca ouvi nada sobre ele exceto que era sócio de Mary Lou,

— Talvez isso tenha deturpado minha avaliação. Por causa da reputação dela. Por ser cara e faminta por publicidade. Para mim, Gull se apresentou da mesma maneira.

— E Albin Larsen, não? — comentei.

— Ele é mais que um professor.

— Aparentemente ele é uma espécie de ativista dos direitos humanos. Talvez o tenham incluído na sociedade para ganhar respeitabilidade. Quando entrevistamos os dois juntos, Gull estava suando e Larsen parecia estar travando a língua. Como se achasse que Gull estava sendo um pouco... inconveniente.

— Isso não soa como se Mary Lou e Gull fossem muito discretos sobre o caso deles. Portanto, talvez Larsen soubesse. — Allison sacudiu a cabeça. — Deixando seu carro estacionado diante da casa dela. Sou uma tremenda psicóloga para achar que acidentes são muito raros. Minha sensação é de que ambos queriam que a esposa de Gull os flagrasse. Muita crueldade.

— Talvez Koppel se visse como uma fêmea alfa.

— Uma alfa de verdade não precisaria roubar o homem de outra mulher. — Ela olhou para o relógio no painel. — Só tenho cinco minutos.

— Besteira.

— Então o que acontece agora com o consultório depois que Mary Lou se foi?

Gull e Larsen disseram que vão assumir os pacientes dela que quiserem continuar com eles e encaminhar os demais.

— Se mesmo uma pequena percentagem dos pacientes dela aderir, poderia representar um tremendo aumento de renda.

Olhei para ela.

— Você vê o motivo lucro aqui?

— Concordo com você, existe dominância e raiva em jogo, e provavelmente algumas nuances sexuais. Mas lucro seria um belo benefício colateral. E se Gull é o assassino, isso se adequaria. O que seria mais inebriante para um psicopata do que eliminar alguém que uma vez ele possuiu sexualmente e ainda ficar com seu negócio? Isso é pura guerra.

Pontinhos de cor salpicaram suas faces de marfim. Robin sempre tinha sido avessa a esse tipo de discussão.

— Você é uma garota interessante — falei.

— Interessante mas esquisita, não é? Você aparece aqui para um breve namoro, e estou analisando numa velocidade deformada.

Antes que eu pudesse responder, ela beijou-me em cheio nos lábios e recostou-se subitamente.

— Por outro lado — disse ela —, analisar é o que eles nos ensinam a fazer na escola. Tenho que ir. Ligue-me em breve.

O Dr. Leonard Singh era alto e levemente curvado, com pele cor de noz-moscada e olhos de um âmbar claro. Usava um excêntrico terno italiano — azul-marinho revestido com um axadrezado num padrão que lembrava um vidro de janela levemente vermelho —, uma camisa amarela de colarinho amplo, uma reluzente gravata vermelha com foulard de bolso combinando e um turbante preto-azeviche. Sua barba era cheia e cinzenta, o bigode à da Kipling.

Ele estava surpreso ao me ver na sala de espera, e muito mais surpreso quando lhe contei por que estava lá. Mas nada de retraimento; ele convidou-me para o espaço verde abarrotado que lhe servia como consultório no hospital. Três jalecos brancos imaculados pendiam de um cabideiro de madeira. Um pote de vidro com bastões de menta estava colocado entre duas pilhas de fichas médicas. Seu diploma era de Yale, seu sotaque tinha um quê de texano.

Dr. Gull — disse ele. — Não, realmente não o conheço.

— O senhor encaminhou-lhe Gavin Quick. Singh sorriu e cruzou as pernas.

— Eis como aconteceu. O rapaz me foi mandado pela Emergência. Eu era um dos dois neurologistas de plantão, tinha acabado de largar o serviço, mas alguém com quem trabalhei pediu-me para atendê-lo.

Jerome Quick tinha me dado um nome. O médico da família, parceiro de golfe.

— Dr. Silver — eu disse.

— Isso mesmo — concordou Singh. — Portanto atendi o garoto, concordei em fazer o acompanhamento. Fiz o que podia, dada a situação.

Lesão interna na cabeça, nada óbvia na tomografia. Singh assentiu e alcançou seu pote de doce.

— Importa-se de ganhar um pouco de sacarina depois do meio-dia?

— Não, obrigado.

— Sirva-se, são bons. — Ele pegou um bastão de menta, mordeu um pedaço, mastigou lentamente. — Em casos como esse, a gente quase espera por algo ruidoso na tomografia. Não se quer realmente ver dano tecidual, porque tais situações costumam ser mais graves. Você apenas quer saber o que é a lesão no cérebro, ter alguma coisa para contar à família.

— A situação de Gavin era ambígua — comentei.

— O problema com um caso como o de Gavin é que você simplesmente sabe que ele vai ter problemas, mas não pode dizer exatamente à família o que vai acontecer ou se o dano vai ser permanente. Quando soube que ele foi assassinado, pensei: Deus, isso é uma tragédia. Liguei e deixei uma mensagem para seus familiares, mas eles não retornaram.

— Estão inteiramente arrasados. Alguma ideia sobre o assassinato?

— Ideia? Quem poderia tê-lo cometido? Não.

— Os sintomas de Gavin persistiram por dez meses.

— Não é um bom sinal. Acima de tudo isso, todos os sintomas eram comportamentais. Coisa psiquiátrica.

Nós que lidamos com células preferimos algo concreto... uma bela ataxia sólida, algo edematoso que podemos espremer e nos sentir heroicos a respeito. Uma vez desviados de nosso campo, começamos a lidar com pontas soltas. Ele deu outra mordida no bastão de menta.

— Fiz o que pude pelo garoto. Que consistiu em monitorá-lo para ter certeza de que não estava perdendo alguma coisa, depois prescrevi uma pequena terapia ocupacional.

— Ele teve problemas motores agudos?

— Não. Era mais de natureza comportamental. Sabíamos que ele havia experimentado alguma perda cognitiva e alteração de personalidade. Achei que algum tipo de apoio psicológico era necessário, mas quando sugeri aos pais consultarem um psicólogo, eles nem quiseram saber. Tampouco Gavin. Assim, recuei e ofereci terapia ocupacional, imaginando que talvez isso fosse mais palatável para eles. Foi, mas infelizmente... você sabe das experiências de Gavin com a terapeuta.

— Beth Gallegos.

— Boa garota. Ele a atormentou.

— Viu isso antes em casos de lesão cefálica interna?

— O paciente pode certamente ter mudanças obsessivas, mas não posso dizer que tenha visto um paciente tornar-se um assediador. Singh mordiscou a ponta quebrada do bastão de menta.

— Então a família opôs resistência à psicoterapia.

— Muita resistência. — Singh sorriu tristemente. — Tive a impressão de que era uma família bastante presente. O Dr. Silver disse isso também. Embora não os conhecesse muito bem.

— Realmente — falei —, tive a impressão de que ele era amigo da família.

— Barry? Não, não mesmo. Barry é um ginecologista-obstetra. Só recentemente começou a tratar a mãe de sintomas pré-menopausa.

Jerome Quick tinha mentido acerca de Silver ser um parceiro de golfe. Uma pequena mentira, mas por quê?

— Então qual é sua ligação com o Dr. Gull?

— Não tenho nenhuma. Depois que Gavin se encrencou por causa do que fez com Beth, o pai ligou para mim dizendo que o garoto tinha sido detido e que o tribunal em Santa Ana iria trancafiá-lo a não ser que eles pudessem mostrar algum tipo de circunstância atenuante.

O que ele queria de mim era uma carta atestando que o comportamento do rapaz era uma clara consequência de seu acidente. Se não fosse o bastante, ele queria que eu testemunhasse por Gavin.

Singh terminou seu bastão de menta.

— Tenho de lhe contar que fiquei chateado com isso. Detesto ir a tribunais, não sabia que poderia dizer tudo isso e soar verdadeiro. Beth Gallegos era uma de nossas melhores terapeutas ocupacionais, uma garota de fato competente, e fiquei arrasado com o que aconteceu a ela. Tive de pensar se deixar Gavin de lado por completo era a melhor opção. O garoto claramente tinha problemas graves, de modo que precisava aprender uma lição. Por outro lado, este era o cárcere de que estávamos falando e ele tinha experimentado uma lesão cerebral e era meu paciente. Decidi ligar para a promotora que estava cuidando do caso, e ela me disse que como ele era primário não iriam processá-lo. Disse que eu o encaminhasse a um psiquiatra ou psicólogo, seria suficiente para ela. Perguntei a dois caras do ramo que trabalham aqui e eles achavam que haveria um conflito de interesse porque eles conheciam Beth. Antes que eu pudesse dar outros telefonemas, o Sr. Quick me ligou e disse que havia encontrado um bom psicólogo, bem lá em Beverly Hills, perto de casa. Ele disse que era importante porque não queria que Gavin fosse muito longe.

— O Sr. Quick pediu para encaminhá-lo ao Dr. Gull — eu disse.

— Ele pediu que o encaminhasse à Dra. Koppel, mas ela deu para trás e o passou para o Dr. Gull. Mandei minha secretária ligar e ela checkou as credenciais de Gull e tudo estava em ordem. Liguei para o Dr. Gull e ele pareceu um cara legal, portanto escrevi a carta.

Ele alisou sua gravata. Os olhos cor de âmbar estavam aguçados.

— Portanto me diga, há algum problema com isso? Porque meu nome consta daquela carta de encaminhamento, e se vai haver problemas, estou certo de que gostaria de saber.

— Não consigo pensar em nada que pudesse prejudicá-lo.

— Isso soa incomodamente vago.

— Desculpe, mas ainda é muito cedo para ser mais específico. Porém será comunicado se isso mudar.

Singh tocou o turbante.

— Muito grato.

— Sabia que Gavin acabou não ficando com Gull?

— É mesmo?

— Ninguém lhe contou?

— A única comunicação que recebi foi de Gull. Na primeira semana ele me ligou, agradeceu, disse que tudo estava correndo bem. Nunca mais falou comigo. O que aconteceu?

— Gavin não se deu bem com Gull e foi transferido para a Dra. Koppel.

— Imagino que ela encontrou tempo para ele. Pobre Gavin. Seja o que for que tenha feito a Beth, o garoto passou maus bocados. Bem, se não há mais nada, preciso examinar muita papelada.

Conduziu-me à porta. Agradei a ele e perguntei:

— É de Dallas?

— Houston. Nascido e criado. Meu pai foi cirurgião de transplante cardíaco na equipe de Denton Cooley. — Ele sorriu. — Caubóis e índios, e toda essa boa coisa.

Capítulo 27

Cheguei em casa pouco depois das cinco. Liguei para o departamento de recursos humanos do Times, e descobri que estava fechado. Tentei recordar os nomes dos colegas que Ned Biondi mencionara e só um me ocorreu, Don Zeltin. Como Ned, ele também fora repórter, e agora era colunista. Telefonei para o jornal, pedi para falar com ele, e a ligação foi transferida.

Zeltin — disse uma voz rouca.

Expliquei quem era e disse que precisava entrar em contato com Ned.

— Parece complicado — resmungou Zeltin. — Você pode ser um maluco.

— Posso, mas não sou. Se não se importa de ligar para Ned...

— Talvez Ned não tenha dado seu telefone porque não queria mais ouvir falar de você.

— Ligar para ele e perguntar é pedir demais? Posso garantir que é importante.

— Psicólogo, hein? Minha ex-mulher decidiu que seria psicóloga. No tempo em que ainda era minha mulher. Eu tinha três amigos no mesmo barco. Quando sua mulher começa a falar em estudar psicologia, é um aviso para procurar seu advogado de divórcio.

Não pude deixar de rir.

— Não é engraçado... ou melhor, é, sim. Ela acabou desistindo da ideia, e agora vive em Las Vegas, vendendo roupas numa boutique de merda. Mas está bem. Liguei para Ned. Dê-me seu nome de novo.

Procurei Franco Gull no cadastro da Associação Psicológica Americana. Ele estudara na Universidade do Kansas, em Lawrence. Dois cursos principais: psicologia e administração. Seu ingresso na faculdade em Berkeley fora protelado por dois anos, enquanto ele jogava beisebol como semiprofissional num clube rural em Fresno. Não era o tipo de coisa que se costumava relacionar no cadastro da APA: portanto, Gull orgulhava-se de sua temporada atlética.

Carismático quando jovem, com certeza por causa do físico.

Gull não ocupara postos acadêmicos, não realizara pesquisas desde a faculdade que se desse ao trabalho de relacionar. Suas áreas de interesse eram as “relações interpessoais” e a “terapia orientada para a percepção”. Pelo que pude constatar, ele passou direto de um pós-doutorado na UC em Riverside para a clínica particular, com Mary Lou Koppel.

Já que estava com o cadastro à minha frente, decidi verificar Albin Larsen. Sua biografia era consideravelmente mais longa e mais impressionante. Estudara na Universidade de Estocolmo, passara

um ano em Cambridge com uma bolsa de estudo, fazendo um curso de política pública, voltara à Suécia para o doutorado na Universidade de Gotemburgo com um cargo de professor-assistente no Instituto de Ciências Sociais. Suas áreas de interesse eram os fatores culturais na avaliação psicológica, a integração da psicologia social e clínica, a aplicação da pesquisa psicológica à solução de conflitos, e a avaliação de trauma e estresse relacionados com a guerra. Realizara um trabalho de assistência social em Ruanda e Quênia, era consultor da Anistia Internacional, Médicos Sem Fronteiras, Simpósio de Direitos Humanos, Foco Internacional em Direitos dos Prisioneiros e de um subcomitê de bem-estar infantil da ONU. Embora residisse nos Estados Unidos há oito anos e tivesse obtido a licença para exercício da profissão na Califórnia logo depois de chegar, mantivera sua posição de acadêmico em Gotemburgo.

Um profissional de respeito. As manobras de Koppel e Gull o teriam ofendido?

Liguei o computador, entrei no site da Comissão de Psicologia da Califórnia, e verifiquei a lista de ações disciplinares. Nada sobre Gull ou Larsen. As transgressões de Gull, quaisquer que fossem, haviam permanecido em particular.

O que podia muito bem ser o problema.

Gavin descobrira alguma coisa que o transformara numa ameaça a Gull?

O segredo teria alguma relação com a família Quick? Por que Jerome Quick mentira sobre Barry Silver ser um companheiro de golfe? Por que não nos dissera que ele próprio tomara a iniciativa de fazer o encaminhamento?

Quick tivera alguma espécie de relacionamento anterior com Koppel ou Gull? Alguma razão específica para que quisesse Gavin sob os cuidados do grupo?

Se assim era, ele não queria dizer, e agora Gavin estava morto.

E sua terapeuta também.

Pensei um pouco a respeito, nada me ocorreu, a não ser uma dor de cabeça. Fiz uma pausa para tomar café. Encontrei a cafeteira vazia. Estava fazendo mais café quando Ned Biondi telefonou.

— Doutor, desculpe não ter entrado em contato antes, mas acabei de me mudar. Ainda nem abri as caixas.

— Oregon?

— Na outra direção. Arrumei um apartamento em Coronado Island. É pequeno, porque tudo é muito caro, mas o necessário para um homem que vive sozinho.

— É bastante afastado.

— Tem uma ótima vista da baía, da ponte. Norma e eu nos divorciamos. Para ser mais preciso, eu me divorciei dela. No ano passado.

— Lamento saber disso.

— Não lamente. Eu já deveria ter me separado há alguns anos. Ela é mesquinha, uma péssima mãe... lembra quando se recusou a participar do tratamento de Anne Marie? Jonathan Kellerman

— Lembro.

— A rainha do gelo. Na minha opinião, ela era uma grande parte do problema de Anne Marie. Eu deveria ter compreendido isso mais cedo. É provável que você tenha percebido, mas não podia dizer expressamente, não é mesmo? “Divorcie-se de sua mulher, Ned.” Se dissesse isso, eu o dispensaria. Mas estaria certo.

— Como está Anne Marie?

— Quase sempre muito bem. Nem sempre ótima, pois tem suas oscilações. O marido vai muito bem, e acabam de ter uma terceira criança. Não chegou a desenvolver uma carreira, mas diz que adora ser mãe. Por que eu não acreditaria nela? É uma mãe maravilhosa, e as crianças a amam. Bob a ama. Sabe o que me fez compreender que precisava me divorciar de Norma?

— O que foi?

— Decidi parar de fumar. Finalmente para valer. E o que Norma faz? Tenta me persuadir a continuar a fumar. Estou falando de uma batalha encarniçada. Mas ela não queria parar, porque fumar era uma coisa que tínhamos em comum... cigarro e café pela manhã, a leitura do jornal. Dar caminhadas e fumar, como os viciados em câncer que éramos. Ela até me acusou de abandoná-la por querer parar de fumar. Mas insisti e ela ficou furiosa. E pensei: “Ela não se importa se você fica doente ou morre. Quer o que quer, e ponto final.” Trinta e cinco anos, tarde demais, mas já é alguma coisa. Estou agora aqui, enquanto ela se mudou para Nova York, onde pretende escrever um romance. Estou usando o adesivo e consegui reduzir para sete Winstons por dia.

— Meus parabéns.

— Obrigado. Em que posso ajudá-lo? Falei sobre a foto da loura, e ele disse:

— Darei um telefonema, mas lamento dizer que não posso prometer nada. O jornal agora não se interessa por utilidade pública... se é que alguma vez já se interessou. Seu negócio é vender espaço para os anunciantes, e para isso precisa atrair mais e mais leitores. Pelo que está me dizendo, não há um ângulo sensacionalista nessa história.

— Num duplo homicídio? Dois jovens no alto da Mulholland?

— Infelizmente, Los Angeles é mais do que nunca uma cidade da Companhia, e para a notícia ser sensacionalista é preciso ter uma ligação com Hollywood. Dê-me uma starlet cleptomaniaca roubando calcinhas na Rodeo, e garanto que terá um noticiário muito maior. Duas crianças em Mulholland é trágico, mas não é nada que chame a atenção.

— Que tal isso como isca? A polícia não queria liberar a foto porque ainda estava no início da investigação, mas uma fonte anônima enviou-a para o Times.

— Hum... Talvez os editores aceitem isso, porque têm uma aversão instintiva à autoridade.

Podem demonstrar a qualquer momento que não estão a reboque da polícia, o que faz com que sintam que são os inimigos da corrupção pública que gostariam de ser... Muito bem, vou tentar. Por falar nisso, é verdade?

— O serviço de comunicações da polícia não queria liberar a foto porque achava que carecia de interesse.

Ned riu.

— Todo mundo está no show business. Liguei de volta. Há mais alguma coisa que possa me dizer sobre essa mulher?

— Não, não há nada. É justamente esse o problema.

— Verei o que posso fazer. Foi bom falar com você... e já que estamos conversando, deixe-me perguntar uma coisa. Acredita nesse estudo recém-divulgado de que os caras casados estão em melhores condições do que os solteiros?

— Depende do cara... e do casamento.

— Exatamente. Acertou em cheio no alvo.

Milo ligou pouco depois que desliguei. Avisei-o que Biondi tentaria publicar a foto.

— Obrigado. Já foram verificadas as impressões digitais na casa de Koppel. Como era de se esperar, havia impressões de Gull por toda parte. Junto com várias outras que não conseguimos identificar. Encontramos a de um cara que estava no computador por causa de uma ocorrência de agressão. Ele trabalha numa firma de aquecimento e ar-condicionado, e fez um serviço ali há um mês. As impressões estavam na fornalha, não em qualquer outro lugar, o que é explicável.

A acusação de agressão foi por ter enchido um cara de porrada num bar.

— Como Roy Nichols — comentei

— Muita raiva para descarregar. Se as pessoas ao menos soubessem quem deixam entrar em suas casas...

— As impressões de Gull são significativas, ao se considerar seu relacionamento com Koppel?

— E o que ele diria. O que seu advogado diria. Ele contratou um, diga-se de passagem. Não o conheço, mas um cara aqui sabe quem é. Não é do primeiro time. Mais do nível médio.

— O que significa que Gull não está tão assustado?

— Ficou bastante assustado para contratar um advogado. Talvez não saiba direito qual é a situação. Ou não tem condições de arrumar alguém melhor. Ele tem um Mercedes e um Vette, mas não chega a ser rico, entende? Mesmo cobrando alto, vocês nessa profissão são limitados pelas horas que trabalham.

— É interessante que você tenha levantado esse aspecto. Relatei o que Allison dissera sobre o motivo do lucro.

— Matar Koppel e roubar os pacientes dela... uma garota esperta, a Allison... claro que vou verificar as finanças de Gull, mas ainda não sei como.

— Como foi no quarto de Gavin?

— Não foi. Não havia ninguém em casa. Tentarei de novo amanhã.

— Conversei com o Dr. Singh. Relatei a entrevista.

— Jerry Quick mentiu — murmurou Milo. — Qual era sua intenção?

— Boa pergunta.

— E tempo de dispensar mais atenção a mamãe e papai. Tenho tentado marcar um encontro com o Sr. Edward Koppel, mas não consigo passar da recepcionista.

— A velha manobra evasiva do magnata?

— Parece que sim. Creio que a melhor coisa a fazer é aparecer lá amanhã de manhã, sem marcar. Bem cedo, às oito e meia, talvez pegá-lo antes que inicie suas atividades de magnata. Você topa?

— Quer que eu dirija? O que você acha?

Ele apareceu na manhã seguinte, antes das oito horas. Entrou em minha cozinha, tomou café, comeu dois pães e perguntou:

— Está pronto?

Passei pelo Glen para alcançar o Valley, segui para leste, atravessei a Sepulveda, e entrei no coração de Encino.

Era o Boomtown Valley, com edifícios faiscando como cromados ao sol da manhã, engarrafamentos de trânsito dignos do centro da cidade, as impressões de dinheiro e prosperidade se misturando com a maior facilidade. Mas o escritório de Edward Koppel ficava num remanescente de uma era anterior: um prédio de estuque, de dois andares, na Ventura, logo depois da Balboa, espremido entre o estacionamento de uma revendedora de carros usados, com muitos Jaguares, Ferraris e Rolls de segunda mão, e um restaurante de comida do Oriente Médio.

Por trás do prédio havia um pequeno estacionamento, acessível através de uma viela, com a indicação de RESERVADO na maioria das vagas. A entrada no prédio era através de uma porta de vidro. O esquema era idêntico ao prédio que alojava o grupo de Mary Lou Koppel, e foi o que comentei.

— E eu pensando que encontraria o escritório imponente de um grande executivo — murmurou Milo. — Talvez Koppel se especialize em pequenos prédios que pode alugar com facilidade. Por que não estaciona ali, do outro lado?

Ele me orientou para um lugar em que poderíamos observar todos os veículos que aparecessem. Durante a meia hora seguinte, quatro veículos chegaram. Dois carros compactos, dirigidos por mulheres ainda jovens, uma picape de entrega de galões de água mineral, e um Buick verde desbotado de dez anos, do qual desembarcou um homem corpulento, de aparência relaxada, calça amarrotada e uma enorme camisa pólo marrom. Carregava um saco de papel pardo e parecia meio sonolento ao subir a escada.

Mais dez minutos trouxeram dois outros Toyotas, com jovens que pareciam secretárias. Pouco depois, o homem corpulento saiu, pegou o Buick e foi embora, sem o saco.

— O que era aquilo? — indaguei. — O autêntico homem do saco, aquele que distribui dinheiro ilegal?

Milo franziu a testa e olhou para seu Timex, sem responder.

Ainda estávamos sentados ali meia hora depois. Milo parecia bem, os olhos vigilantes sob as pálpebras semicerradas. Mas eu começava a me sentir irrequieto e comentei:

— Parece que o Sr. K mantém um horário de magnata.

— Vamos visitar o escritório.

O andar térreo do prédio era dividido em três escritórios: Landmark Realty, SK Development, e Koppel Enterprises. Por cima, havia uma agência de viagens, uma empreiteira, e um serviço de secretárias.

Milo experimentou as portas da Koppel Enterprises e da Landmark Realty, mas descobriu que estavam trancadas. Mas a SK Development já iniciara o expediente.

Entramos numa área grande e bem iluminada, separada em cubículos, com as divisórias subindo até a altura da cintura. Todas as quatro jovens que víamos no estacionamento sentavam diante de monitores de computador, batendo nos teclados. Três usavam fones nos ouvidos.

Havia uma sala nos fundos com a indicação de PARTICULAR. Milo passou pelas secretárias e tentou abri-la. Também estava trancada. A única secretária sem fones nos ouvidos levantou-se e aproximou-se. Vinte e poucos anos, sem muita beleza, mas simpática, cabelos escuros curtos, sardas, um sorriso fácil. Vestia um terninho de algodão e poliéster.

Posso ajudá-los?

— Estamos procurando o Sr. Koppel.

— Sonny? Ele acaba de sair.

— Como ele parece?

A jovem olhou ao redor, chegou mais perto, pôs a mão em concha sobre a boca.

253

— Meio gordo. Usava uma camisa pólo marrom.

— Tem um Buick velho?

— Isso mesmo. Vocês são da polícia, ou alguma coisa assim? Milo mostrou seu distintivo.

— Puxa!

— Qual é seu nome?

— Cheryl Bogard.

Ela olhou para as outras mulheres, que continuavam a digitar.

— Elas estão tomando ditados por aqueles fones? — perguntou Milo.

— Não. Ouvem música. Sonny mantém várias trilhas de CDs ligadas para que elas possam ouvir o que quiserem.

— Um bom patrão.

— O melhor.

— O que vocês fazem aqui, Cheryl Bogard?

— Ajudamos a tomar conta dos imóveis de Sonny. Por que vieram até aqui? Um dos prédios foi arrombado?

— Isso acontece com frequência?

— Sabe como é... com tantas propriedades quanto Sonny tem, há sempre alguma coisa acontecendo em algum lugar.

— Um império imobiliário — murmurou Milo.

— Ele tem muitas coisas. — Uma pausa e a jovem acrescentou, feliz: — Sempre nos mantêm ocupadas. Onde foi o arrombamento desta vez?

— Não é importante. Então aquele era o patrão. Ele não ficou muito tempo.

— Ele apenas pegou alguns documentos. — Ela sorriu. — O que vocês esperavam?

Milo sacudiu a cabeça.

— Sabe o que costumam dizer, tenente. As aparências enganam.

— Quando ele voltará?

— É difícil dizer. Ele circula muito, porque tem imóveis em quatro condados. Brincamos com ele, dizendo que deveria ter um belo carro, que tem condições para isso. Mas ele ama aquele Buick. A exibição não é uma das características de Sonny.

— Um homem discreto.

— Ele é uma excelente pessoa.

— Pode chamá-lo para nós?

— Sinto muito, mas Sonny não anda com celular no carro. É meio antiquado. Diz que não gosta de ser incomodado quando está pensando, e também que não é seguro falar ao celular e dirigir.

— Um cara preocupado com a segurança — murmurou Milo.

— Sonny é muito cuidadoso. Gostariam de deixar algum recado? Sobre o prédio que foi arrombado?

— Obrigado, mas é melhor falar com ele diretamente.

— Como quiser. Direi que estiveram aqui.

— Não tem mesmo a menor ideia de quando ele voltará?

— Se eu tivesse de adivinhar, diria que no final da tarde. Se é que ele voltará hoje. Nunca se sabe, com Sonny.

Milo entregou um cartão.

— Se não conseguirmos entrar em contato hoje, peça a ele para me telefonar, por favor.

— Claro.

Cheryl Bogard voltou para seu cubículo, pôs o cartão na sua frente, levantou a cabeça e acenou.

Milo encaminhou-se para a porta, mas mudou de ideia, foi até a jovem, disse alguma coisa, escutou por um momento. Indaguei assim que saímos:

— O que perguntou a ela?

— O que havia no saco. — Milo esfregou o lado do nariz. -Tootsie Rolls. MMs. Almond Joy. O velho Sonny sempre traz chocolates e balas para as meninas. Ela disse que todas vigiam o peso e comem muito pouco. Ele consome o que sobra.

Capítulo 28

A uma quadra do escritório de Sonny Koppel havia um café, com uma espaçonave dos anos 1940 pronta para decolar, em cima do telhado de metal. Milo e eu sentamos ao balcão vazio, absorvendo o aroma dos ovos crepitando na gordura. Pedimos café a uma garçonete com idade suficiente para ser nossa mãe.

Ele ligou pelo celular para o Departamento de Trânsito. O endereço na licença de motorista de Edward Albert Koppel era o prédio que acabáramos de visitar. Ele tinha quatro carros registrados em seu nome: o Buick, um Cutlass de cinco anos, um Chevy de sete anos, e um Dodge de onze anos.

— Ele só compra americanos — comentei.

Você o viu. Acha que Mary Lou ficaria gamada por um cara assim?

— Casaram há muitos anos, quando ele ainda estava na faculdade de direito. Talvez o cara fosse diferente naquele tempo.

— O Homem do Chocolate... pelo menos a secretária parecia saudável. — Milo tomou seu café. Tamborilou com os dedos no balcão. — O patrão gentil, um nobre patriota, um cara despretenso... se parece bom demais, para ser verdade, provavelmente é, certo? Pronto para partir?

— Para onde?

— Você vai para casa, enquanto voltarei à casa dos Quick para tentar revistar o quarto de Gavin. Por acaso teve tempo de verificar a ficha de Franco Gull no conselho de psicologia?

— Está limpa.

— É mesmo? Talvez Gavin achasse que não... e veja o que aconteceu com ele.

Dois dias passaram antes que eu tornasse a ter notícias dele. Ned Biondi não me telefonou, e meus pensamentos se desviaram dos assassinatos.

Robin veio buscar Spike. Apesar de dois dias de contato, ele reverteu no mesmo instante o seu desdém por mim; à visão da picape Ford de Robin Correu para ela, que se agachou no caminho, e saltou em seus braços, fazendo-a rir.

Ela me agradeceu por tomar conta de Spike e me entregou uma pequena caixa azul de presente.

— Não é necessário.

— Agradeço a ajuda, Alex.

— Como foi em Aspen?

— Homens de aparência mesquinha, com louras exuberantes penduradas em seus braços, muitas peles de animais mortos, as montanhas mais lindas que já vi.

Ela mexia num brinco enquanto falava. Spike sentava-se a seus pés, obediente.

— Seja como for, aqui estou.

Quando ela se inclinou para dar um beijo em meu rosto, fingi não notar. Virei-me de uma maneira que me tornava indisponível.

Ouvi a porta da picape fechar. Robin sentava ao volante, perplexa, enquanto ligava o motor. Acenei.

Ela respondeu ao aceno, hesitante. Spike começou a lamber seu rosto. A picape foi embora.

Abri a caixinha azul. Abotoaduras de prata, no formato de guitarras.

Quando Milo finalmente ligou, eu estava saindo do chuveiro.

— O Sr. e a Sra. Quick parecem ter saído de férias. A casa está trancada. A van da mulher continua lá, mas o carro dele desapareceu. Uma vizinha disse que a viu levando malas para o carro.

— Decidiram tirar algum tempo de folga.

— Preciso entrar naquele quarto. Liguei para a irmã, Paxton, mas ela ainda não retornou o telefonema. Passamos para o Sr. Sonny Koppel. Ele pode dirigir carros velhos e se vestir como um desleixado, mas não é por causa de pobreza. Tem duzentos imóveis registrados em seu nome. Locações comerciais e residenciais em quatro condados, como aquela garota disse.

— Um magnata, sem qualquer dúvida.

— Ele também tem holdings e empresas de responsabilidade limitada como fachada. Levei algum tempo para percorrer o labirinto até alcançar os elementos básicos. O cara é importante, Alex, num nível muito alto. Pelo que pude constatar, ele gosta de ser parceiro do governo.

— Federal?

— Federal, estadual, local. Muitas de suas empresas parecem ter um financiamento parcial de recursos públicos. Estamos falando de projetos habitacionais de custo reduzido, residências para idosos, prédios públicos, centros assistenciais. E adivinhe o que mais? As casas de ressocialização dos condenados que ganham livramento condicional. Inclusive a que fica na Sexta, onde Roland Kristof está.

A assembleia legislativa diz que devemos pagar casa e comida para criminosos, e é Koppel quem cuida de tudo.

— Um homem de espírito público.

— A disposição é a melhor possível. Encontre um prédio ou um projeto em construção que possa obter um financiamento, divida os custos com o contribuinte, e fique com todos os lucros. Com relação aos antecedentes de Koppel, tudo o que posso dizer é que ele fez a faculdade de direito. Mas nunca exerceu a profissão, e não encontrei seu registro na Ordem dos Advogados. De alguma forma, ele conseguiu obter recursos e construiu um império.

O prédio de escritórios da Pacífica tem alguma relação com o governo?

— Parece que não. Mas não porque fica em Beverly Hills. Koppel tem duas propriedades ali, um apart'hotel para idosos na Crescent Drive e um shopping center em La Cienega, financiados com dólares dos impostos. O apart-hotel se qualifica a um financiamento público porque atende a idosos, e o centro comercial porque sofreu antes danos num terremoto.

— Ele sabe como tirar proveito do sistema.

— E como. Seu nome só aparece em registros judiciais quando ele processa alguém... ou quando alguém o processa. Quase sempre a primeira opção... aluguéis atrasados e ações de despejo. De vez em quando ele é processado por algum locatário. Às vezes faz um acordo, às vezes briga na justiça. E quando briga, vence. Opera com oito diferentes escritórios de advocacia, todos no centro, todos da turma do colarinho-branco. Mas entenda uma coisa. Ele nem sequer mora numa casa, muito menos numa mansão. Sua residência principal... e foi difícil descobri-la... é um apartamento na Maple Drive, em Beverly Hills. O que parece elegante, mas não é um daqueles edifícios de luxo, e sim um velho prédio, um tanto dilapidado, com seis unidades. Uma das empresas de responsabilidade limitada de Koppel é dona do prédio. Koppel mora num apartamento de dois quartos nos fundos. A gerente nem sequer sabe que o locatário é na verdade seu patrão, porque se referiu a Koppel como “o cara corpulento, muito quieto”, e disse que os proprietários eram persas que viviam em Brentwood. Em várias de suas locações, Koppel usa um casal chamado Fahrizad para servir como fachada

— Um sujeito esquivo.

— Vamos dar um jeito nisso.

O prédio de Sonny Koppel na Maple Drive ficava entre o Beverly Boulevard e a Center Civic Drive. Uma vizinhança mista, o lado oeste ocupado por um imenso edifício revestido de granito, que poderia ser a sede da Mercedes Benz, de tantos que estavam estacionados ali, um complexo de escritórios que atendia a advogados e agentes do cinema.

No outro lado da rua havia prédios de apartamentos de dois andares, lembranças do grande surto de construções do pós-guerra. O prédio de Koppel era um dos exemplos mais desoladores, no cinza encardido tradicional, com um telhado ordinário. Três unidades em cada andar, um gramado descuidado, alguns arbustos que mal conseguiam sobreviver.

O Buick de Koppel estava nos fundos, espremido em uma da meia dúzia de vagas no estacionamento aberto. Demos uma volta e encontramos os outros carros de Koppel num raio de duas quadras, cada um com licença atualizada para estacionamento nas ruas de Beverly Hills.

Um Olds, um Chevy, um Dodge. Cinza, cinza, verde-escuro. Muita poeira nos dois primeiros. O Dodge fora lavado recentemente. Parei o Seville, enquanto Milo saltava e examinava cada veículo. Todos vazios.

Estacionei em seguida, e nos encaminhamos para o prédio de Koppel.

Sonny Koppel abriu a porta tirando pipoca de um recipiente de plástico verde claro. A fragrância me lembrou o cheiro de saguão de cinema do prédio de Pacífica. Antes mesmo que Milo mostrasse seu distintivo, Koppel acenou com a cabeça, como se nos esperasse, e fez sinal para entrarmos. Usava um

blusão azul-claro da universidade, por cima de uma calça de pijama axadrezada e pantufas marrons felpudas.

Tinha 1,72m, pelo menos 120 quilos, barrigudo, cabelos castanhos avermelhados, ralos, encrespados em torno da careca lustrosa no alto da cabeça. Não fazia a barba há dois dias, e a barba dava a impressão de que tinha caspa. Olhos azuis empapuçados, lábios caídos, pernas curtas e grossas, mãos enormes, com unhas roídas.

Por trás dele, um velho aparelho de televisão de 19 polegadas, da RCA, dava as notícias financeiras de uma emissora a cabo. Koppel baixou o volume.

— As meninas avisaram que vocês estiveram lá — disse ele, numa voz sonolenta de baixo. — É sobre Mary, não é mesmo? Eu já me perguntava quando vocês entrariam em contato... mas sentem, sentem.

Ele parou para estudar uma cotação na tela, antes de desligar a televisão. Tirou uma pilha de jornais de um sofá axadrezado e levou para uma pequena mesa de jantar, de pernas de metal. Havia quatro cadeiras de vinil vermelho em torno da mesa. Duas eram ocupadas por livros-caixas. Metade da superfície da mesa era tomada por mais livros-caixas, blocos de papel, canetas, lápis, uma calculadora manual, latas de 7-Up diet, e sacos de salgados de carboidratos diversos.

O apartamento era comum: paredes brancas, teto rebaixado, um espaço na frente que servia como sala de estar e de jantar, uma pequena cozinha, o banheiro e quartos além de uma arcada. Nada nas paredes. A cozinha era atravancada, mas limpa. Perto da bancada havia um computador, em cima de uma mesa com rodinhas. O protetor de tela era um aquário. O aparelho de ar-condicionado fazia algum barulho. Sonny Koppel perguntou:

— Posso lhes oferecer alguma coisa para beber?

— Não, obrigado.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Os ombros gordos e volumosos de Koppel subiram e desceram. Ele suspirou, arriou numa poltrona reclinável La-Z-Boy, e manteve o encosto reto.

Milo e eu sentamos no sofá axadrezado.

— Em que posso ajudá-los? — perguntou Koppel.

— Em primeiro lugar — disse Milo —, sabe de alguma coisa a respeito de sua ex-esposa que possa nos ajudar a descobrir quem a assassinou?

— Eu gostaria que houvesse. Mary era uma mulher extraordinária... atraente, muito inteligente.

Koppel passou a mão pela cabeça. Em vez de assentarem, os cabelos captaram a estática e se enrolaram, como se estivessem vivos.

A sala era escura e ele era iluminado por trás pela fluorescência da cozinha, de tal forma que os cabelos se tornavam um halo. Um cara de aparência triste, vestindo calça de pijama, com uma aura.

— Devem estar pensando por que alguém como ela se casou com um cara como eu — acrescentou Koppel.

Os lábios se contraíram como rolinhos de carne, numa expressão que deveria passar por divertida.

— Eu não tinha essa aparência quando casei com Mary. Naquele tempo, era mais para jogador de beisebol do que para lutador de sumo. Na verdade, até que jogava bem. Ganhei uma bolsa de estudos atlética para entrar na universidade. E tinha fantasias de me tornar um jogador profissional.

Ele fez uma pausa, como se esperasse comentários. Como não houvesse nenhum, logo continuou:

— Mas rompi um tendão e descobri que teria de estudar para sair de lá.

Uma das mãos desceu para a vasilha de pipoca. Koppel pegou um punhado e transferiu para a boca.

— Conheceu a Dra. Koppel quando estava na faculdade de direito? — perguntou Milo.

— Eu estudava direito e ela fazia pós-graduação. Nos conhecemos no centro de recreação, quando ela nadava e eu lia. Tentei passar uma cantada, mas ela me rejeitou. -Koppel tocou no abdômen, como se doesse. — Na segunda vez em que tentei, Mary concordou em tomar um café comigo. Deu tudo certo. Casamos um ano depois, e nos divorciamos após dois anos.

— Problemas? — indagou Milo.

— Todo mundo tem problemas. Qual é mesmo o clichê... a vida nos separou? Parte do problema era o tempo. Entre a tese dela e minhas aulas, quase nunca nos encontrávamos. O problema principal foi que fiz a maior besteira. Tive um caso com uma mulher da minha turma. Para agravar a situação, a mulher era casada. Duas famílias foram destruídas. Mary me deixou. Queria apenas o rompimento, puro e simples. A coisa mais estúpida que já fiz.

— Enganá-la?

— Deixá-la ir embora. Mas, por outro lado, é bem provável que o casamento acabasse de qualquer maneira, mesmo que eu fosse fiel.

— Por quê?

— Eu era meio desligado na ocasião. Sem objetivos. Só entrei na faculdade de direito porque não sabia o que fazer. Mary era o oposto: controlada, tinha objetivos. Ela tem... — Koppel estremeceu. -... tinha uma personalidade poderosa. Carisma. Eu não tinha condições de acompanhá-la.

— Parece que está se depreciando — comentou Milo. Koppel se mostrou sinceramente surpreso.

— Acho que não.

— Verifiquei seus antecedentes, e sei que é um dos maiores proprietários de imóveis do sul da Califórnia.

Koppel acenou com a mão carnuda, como se isso não tivesse a menor importância.

— É apenas como jogar Banco Imobiliário.

— Jogou muito bem.

— Tive sorte... — Koppel sorriu. — Tive sorte de ser um perdedor.

— Um perdedor?

— Quase fui reprovado na faculdade, e depois tive medo de fazer as provas para a ordem dos advogados. Comecei a ter ataques de ansiedade que me levaram duas ou três vezes ao pronto-socorro. Esses pseudo-infartos, entende? A esta altura, Mary e eu já estávamos com problemas, mas ela me ajudou. Exercícios de respiração profunda, imaginar cenas relaxantes. Fiz um esforço e os ataques cessaram. Mary esperava que eu fizesse as provas. Cheguei mais cedo, corri os olhos pela sala, e fui embora. Ponto final. Isso desagradou Mary mais do que o fato de tê-la enganado. Pouco depois, ela pediu o divórcio.

Koppel tornou a acenar com a mão, desta vez um gesto vago e apático.

— Dois meses depois, minha mãe morreu e me deixou um prédio de apartamentos no Valley. Subitamente, eu era um proprietário de imóveis. Um ano depois vendi essa propriedade, usei o dinheiro e um empréstimo bancário para investir num prédio maior. Fiz isso

durante alguns anos... vendia e comprava. O mercado imobiliário estava em expansão e consegui me dar bem. Ele deu de ombros e comeu mais pipoca.

— É muito modesto, Sr. Koppel.

— Sei o que sou e o que não sou. — Koppel virou a cabeça para o lado, como se recuasse diante dessa percepção. A papada tremeu.

— Tem alguma ideia de quem assassinou Mary?

— Não. Você tem?

— Eu? Não, claro que não.

— Ela foi assassinada em casa. Não havia qualquer sinal de arrombamento.

— Está sugerindo que era alguém que ela conhecia?

— Tem algum palpite? — indagou Milo.

— Eu não estava a par da vida social de Mary.

— Mantinham contato?

Nosso relacionamento era cordial, e sempre ofereci um apoio conjugal.

— Quanto apoio?

— Evoluiu bastante. Logo depois do divórcio, não tínhamos nada, porque éramos ambos estudantes famintos. Quando comecei a ganhar um bom dinheiro, ela me telefonou e pediu uma pensão. Combinamos uma cifra, que foi aumentando ao longo dos anos.

— A pedido dela?

— Às vezes. Em outras ocasiões, tomei a iniciativa de partilhar um pouco da minha sorte.

— Manter a ex feliz... — murmurou Milo. Koppel não disse nada.

— Quanto pagava a ela na ocasião de sua morte?

— Vinte e cinco mil por mês.

— Uma quantia generosa.

— Parecia o justo. Mary ficou comigo quando eu precisava. Ajudou-me a superar os ataques de pânico mesmo depois que a enganei. Isso merecia alguma coisa.

— Vinte e cinco mil por mês... Examinei os registros bancários dela e não encontrei nenhum depósito nesse valor.

— Não poderia encontrar — disse Koppel. — Mary vivia da clínica e reinvestia o que eu lhe dava.

— Em quê?

— Éramos sócios em algumas de minhas propriedades.

— Ou seja, ela deixava com você o que devia a ela, para investir em propriedades.

— Mary se deu muito bem ao se tornar minha sócia.

— Agora que ela morreu, quem fica com sua parte nessas propriedades?

Os dedos de Koppel roçaram na beira da vasilha de pipoca.

— Isso depende do testamento de Mary.

— Não encontrei um testamento, e nenhum executor se apresentou até agora.

— Isso não me surpreende. Há anos que eu vinha dizendo a ela que precisava fazer um planejamento. Entre a clínica e as propriedades, ela tinha um patrimônio considerável. Era de se pensar que ela faria isso, já que era tão organizada em todo o resto. Mas Mary resistia à ideia. Minha opinião é de que ela não queria pensar sobre a morte. Seus pais morreram muito jovens, e às vezes ela tinha premonições.

— Sobre morrer jovem?

— Sobre morrer antes de seu tempo.

Lágrimas surgiram nas pestanas inferiores de Koppel. Afora isso, o rosto com a barba por fazer permaneceu impassível.

Ela teve essas premonições recentemente?

— Não sei. Estou falando do tempo em que ainda éramos casados.

— Presumindo que não haja testamento, o que acontece com a parte dela nos imóveis? — perguntou Milo.

— Se não há credores nem herdeiros, reverteriam para mim. Cem por cento no caso daqueles cujas hipotecas estão comigo... possuo uma pequena financeira para cuidar dessas coisas. Já no caso das propriedades financiadas por bancos, tenho a opção de pagar a parte de Mary ou vender.

— De um jeito ou de outro, você ficaria com tudo.

— Isso mesmo.

Milo cruzou as pernas.

Koppel soltou uma risada profunda e ruidosa.

— Alguma coisa engraçada, senhor?

— A implicação. Suponho que há uma lógica nisso, tenente, mas faça as contas: o patrimônio líquido de Mary Lou... eu diria... é de um milhão e meio de dólares, talvez dois milhões, dependendo da situação do mercado imobiliário. Claro que não é pouca coisa. Ela poderia um dia ter uma bela aposentadoria. Para mim, no entanto, uma quantia assim não é significativa... verificou meu patrimônio, não é?

— Dois milhões são uma gota no balde.

— Parece ostentação, mas é verdade. Dois milhões não fariam qualquer diferença.

— Durante os bons tempos.

— Os tempos são bons... são sempre bons.

— Não tem problemas nos negócios?

— Há sempre problemas nos negócios. A chave é considerá-los como desafios. — Koppel pôs a vasilha de pipoca entre os joelhos.

— O que torna tudo mais fácil para mim é que não tenho interesse em adquirir bens materiais.

Negocio no mercado imobiliário porque parece ser uma coisa em que sou competente. Como não preciso de muito... não tenho o fardo dos bens materiais... sempre tenho dinheiro disponível. O que significa que não há mercado ruim para mim. Os preços caem, eu compro. Os preços sobem, eu vendo.

— A vida é boa — comentou Milo.

— Eu gostaria de recuperar minha antiga forma física e me sinto desolado por Mary. Mas quando avalio tudo, constato que tenho muito por que me sentir agradecido.

— Fale-me sobre as casas de recuperação de ex-condenados que possui.

Koppel piscou.

— Vejo que fez uma boa pesquisa.

— Esbarrei com um ex-condenado passando o aspirador de pó no prédio da Dra. Koppel e fiquei curioso.

— Costumo contratar esses caras para trabalhos de faxina. Quando eles aparecem, fazem um bom trabalho.

— Eles costumam faltar?

— Não mais do que outros.

Há problemas de furtos?

— A mesma resposta. As pessoas são sempre iguais. Ao longo dos anos, perdi algumas ferramentas, alguns móveis. Mas isso é inerente à atividade.

— Sua secretária comentou que às vezes uma propriedade é arrombada.

— Acontece de vez em quando. Mas não nas casas de recuperação. O que há para tirar de lá?

— Recruta os próprios ocupantes para serem zeladores?

Recebo recomendações dos administradores. Eles me encaminham os caras que acham que merecem confiança.

Koppel levantou a vasilha de pipoca, enquanto acrescentava:

— Estou no mercado imobiliário. Um punhado de minhas propriedades são casas de recuperação.

— Como entrou nessa área?

— Nunca tinha pensado nisso. Sou um liberal de coração mole, mas só até certo ponto. Foi ideia de Mary. Reagi com a maior cautela, mas ela me persuadiu.

— De onde ela tirou a ideia?

— Creio que foi o Dr. Larsen quem sugeriu... um dos sócios dela Já conversou com ele?

Milo acenou com a cabeça confirmando.

— Ele é um estudioso da reforma penitenciária — continuou Koppel. — Conversou com Mary, que ficou entusiasmada. Disse que queria fazer mais do que construir um patrimônio. Queria que seus investimentos prestassem um serviço social.

— As casas de ressocialização são as propriedades em que ela era sua sócia?

— Também há alguns imóveis de locação convencional.

— Muito idealista.

— Mary sempre da fundo quando acreditava em alguma coisa.

— Mas você tentou fazê-la mudar de ideia.

Koppel levantou uma perna, a fim de cruzá-la, mas mudou de ideia, e tornou a plantar o pé no chão.

— Considerarei a questão como um empresário, avaliando as vantagens e desvantagens. Mary havia feito o dever de casa. Mostrou os subsídios que o Estado oferecia, e tive de admitir que as cifras pareciam favoráveis. Mesmo assim, fiquei preocupado com os danos que os inquilinos podiam causar. Também disse a ela que se poderia obter subsídios iguais ou até maiores em investimentos que pareciam mais seguros... como residências para idosos, prédios históricos, para os quais se pode obter, quando se respeita a integridade da estrutura, três fontes de financiamento separadas.

As lágrimas haviam secado, e ele falava mais depressa. Estava em seu habitat.

— Mary convenceu-o.

— Ela disse que os inquilinos seriam mais confiáveis, não menos, por não estarem pagando aluguel; por isso, não teriam incentivos para sair. Além disso, o Estado fazia a supervisão, por meio dos agentes de livramento condicional, providenciava administradores e guardas. Ela teve de me pressionar, até que concordei em fazer uma experiência. A coisa mais inteligente que já fiz.

— Um bom negócio?

— O financiamento é excepcional... subvenções do Estado a longo prazo, que podem ser renovadas com facilidade... e os prédios são baratos, porque sempre ficam em áreas marginais. Não se encontra um prédio cheio de criminosos em Bel Air, não é mesmo? Assim, não há protestos de vizinhos, nem problemas de zoneamento. E depois que você obtém financiamento para as partes que o Estado não cobre, os aluguéis são excelentes. E tem mais: na base do metro quadrado, a renda é quase igual à renda que se tem em Beverly Hills, porque não são apartamentos de vários cômodos, mas apenas quartos. E ao contrário do que acontece com os idosos, onde o evento de encerramento da locação é a morte, o que faz com que o índice de ocupação seja incerto, você entra neste negócio sabendo que os inquilinos só ficarão por um curto prazo, mas sempre haverá substitutos imediatos

— Não há escassez de criminosos.

Parece que não. E há necessidade de menos reparos. Os banheiros são coletivos, e por isso os encanamentos são centralizados. Não há cozinhas nos quartos. Todos os ocupantes usam chapas elétricas. E o uso é restrito a determinadas horas. Há algumas exigências burocráticas, mas nada que eu já não conhecesse antes. E a verdade é que o Estado quer que você tenha sucesso.

— Defina “sucesso”.

— Os residentes devem permanecer na casa, em vez de vaguear pela comunidade para ferir ou matar alguém.

— Onde eu assino? — indagou Milo. Koppel sorriu.

— Eu deveria saber que escutar Mary nunca me levaria a fazer nada de errado. — Ele mudou de posição na poltrona reclinável. E agora ela morreu. Não posso acreditar... Há mais alguma coisa que eu possa lhe dizer?

— De volta às casas de recuperação, senhor... Apesar de ser um bom negócio, teve alguma vez problemas de violência com os inquilinos?

— Não que eu saiba. Mas eu não saberia de qualquer forma.

— Por que não?

— Tudo é resolvido pela administração da casa. Não sou um carcereiro. Apenas possuo o prédio, e o Estado cuida do resto. Mas por que todas essas perguntas? Acha que foi um desses criminosos que matou Mary?

— Não há qualquer evidência a respeito. Quero apenas cobrir todos os ângulos. — Milo abriu o bloco. — O que é a Charitable Planning?

— Minha fundação. Dou dez por cento dos meus rendimentos por ano, depois de pagos os impostos.

— Estivemos no prédio muitas vezes e nunca observamos qualquer atividade no andar térreo.

— Porque não há mesmo muita atividade ali. Duas vezes por mês, vou até lá e emito cheques para causas que considero meritórias. Demora algum tempo, porque as solicitações são constantes e se acumulam.

— Um conjunto de salas no andar térreo só para assinar cheques duas vezes por mês? E um espaço em Beverly Hills, Sr. Koppel. Por que não aluga?

— Recebi uma proposta no ano passado para alugar o andar inteiro. Uma corretora on-line. Sabe o que aconteceu com o mercado. O negócio foi cancelado. Eu planejava subdividir... alugar a maior parte e deixar apenas uma pequena sala para a fundação. Mas Mary me pediu para adiar a decisão, enquanto ela, Larsen e Gull decidiam se queriam ou não ficar com o espaço.

— Por que eles queriam o andar?

— Para expandir a clínica. Falavam em fazer terapia de grupo, para o que precisariam de salas maiores. Só uso uma pequena sala, e o resto fica vazio. Mary deveria me dar a resposta em uma semana.

— Terapia de grupo... — murmurei.

— De um ponto de vista empresarial, achei que seria uma boa ideia. Tratar o máximo de pacientes no prazo mais curto possível. Brinquei com Mary, dizendo que ela demorara tempo demais para chegar a essa conclusão. — Koppel sorriu. — Ela me disse: “Sonny, você é o homem do dinheiro; e eu, a mulher das curas. Vamos nos ater ao que sabemos fazer.”

Ele mastigou o lado da boca. Comeu mais pipoca.

Milo mostrou a foto da garota morta.

Koppel mastigou mais depressa. Engoliu em seco.

— Quem é ela?

— Outra pessoa que foi assassinada.

— Outra pessoa? Relacionada com Mary?

— Não sei.

— O que está querendo dizer é que o crime foi parte de alguma coisa... que não foi apenas Mary?

Milo deu de ombros.

— O que está realmente acontecendo, tenente?

— Isso é tudo o que posso lhe dizer. O nome Flora Newsome significa alguma coisa para você?

Koppel sacudiu a cabeça. Tornou a olhar para a foto.

— É ela?

— Conhece Gavin Quick?

— Conheço um Quick, mas não é Gavin,

— Quem você conhece?

— Jerry Quick... Jerome Quick. É um dos meus inquilinos. Quem é Gavin? O filho dele? O que sofreu o acidente?

— O que sabe sobre o acidente?

— Jerry me falou a respeito. Disse que o filho estava com problemas emocionais. Eu o encaminhei para Mary.

— Há quanto tempo o Sr. Quick é seu inquilino?

— Quatro meses. Koppel franziu a testa.

— Um bom inquilino?

— Paga o aluguel, mas nem sempre no dia marcado. Eu me senti um pouco... usado. Ainda mais depois que ouvi seus problemas e dei uma referência. Tive de visitá-lo algumas vezes. — Koppel sorriu.

— Não é o que parece... nada de capangas com bastões de beisebol. Apenas conversávamos, e ele acabava pagando.

— Por que eu deveria presumir capangas com bastões de beisebol?

Koppel ficou vermelho.

— Não deveria. O que aconteceu com Gavin?

— Ele morreu.

— Também foi assassinado?

Isso mesmo.

— Meu Deus... Qual é a ligação com Mary?

— Tudo o que sabemos neste momento é que Gavin era paciente dela, e os dois estão mortos.

— Meu Deus... — repetiu Koppel. — Há muita coisa que não pode me dizer.

— Tem mais alguma coisa que possa nos dizer?

Koppel pensou por um momento.

Eu gostaria que houvesse. Mary e eu... quase não nos falávamos, exceto quando havia um problema de negócios. Mesmo assim, havia pouco para falar. Organizei nossa sociedade de um jeito que não precisava ocupá-la. Ela tinha a clínica, e sua atenção não devia ser desviada. Porque as propriedades podem ser exigentes. Para que funcionem, é preciso dispensar muita atenção, como se fossem crianças. Por isso, estou sempre viajando.

— Todos aqueles carros... — murmurou Milo.

— Sei que deve parecer uma excentricidade, mas preciso ter um meio de transporte confiável... O filho de Jerry? Ele era jovem, não é? Apenas um garoto.

— Tinha 20 anos.

O rosto de Koppel assumiu uma cor doentia... de mortadela que ficou tempo demais na geladeira.

— Não pode me dizer alguma coisa?

— A verdade é que nós mesmos não sabemos muito.

— O filho de Quick... a garota que você me mostrou... Flora... ela também era paciente de Mary?

A garota que lhe mostramos ainda não foi identificada, e por isso não sei se era uma das pacientes da Dra. Koppel. Os arquivos são confidenciais. Não podemos examiná-los.

Todas essas perguntas que me fez sobre as casas de recuperação... Está querendo dizer que desconfia que um dos meus... um daqueles inquilinos teve alguma coisa a ver com um crime tão terrível? Se isso for verdade, quero que me diga, por favor. Preciso saber.

— Acha que é uma possibilidade?

— Como eu poderia saber? — berrou Koppel.

Uma de suas mãos começou a ter movimentos espasmódicos, bateu na tigela com pipoca, e mandou-a para longe.

Chuva amarela. Quando assentou, Koppel estava coberto de pipoca. Ficou nos olhando, a respiração pesada.

Milo foi até a cozinha, tirou uma toalha de papel do rolo de madeira. Voltou e começou a limpar Koppel, que pegou a toalha, num movimento brusco, e passou a fazer isso. Quando finalmente parou, havia uma gordura amarelada aderindo ao blusão e à calça de pijama.

Ele continuou sentado, sem desviar os olhos de nós, a respiração ainda ofegante.

— O que mais pode nos dizer sobre Jerome Quick? — perguntou Milo.

Koppel não respondeu.

— Senhor?

— Desculpe. Por perder o controle. Mas você me deixou nervoso. Primeiro Mary, agora o filho de Jerry Quick. E aquela garota.

Milo repetiu a pergunta.

— Ele não pagava o aluguel no prazo. Suas desculpas eram os altos e baixos de seus negócios. Ele trabalha com metais, compra e vende sucata. De vez em quando tem um período de sorte que o sustenta por algum tempo; em outras ocasiões, perde dinheiro. Para mim, parecia mais um jogo do que um negócio. Se eu soubesse, nunca teria alugado o imóvel para ele.

Ele não lhe disse?

— Quick me procurou por intermédio de um corretor, que sempre foi confiável no passado. E não podem reclamar que o aluguel é alto demais. Cobro preços razoáveis, pois quero a menor rotatividade possível.

Ele baixou os olhos e pegou fragmentos de pipoca na calça do pijama. Jogou os primeiros na vasilha, comeu o resto.

— O filho dele. Pobre Jerry. Acho que terei de lhe dar uma folga. Koppel levantou-se, com uma agilidade surpreendente, limpou-se mais um pouco, tornou a sentar.

— Que tipo de problemas emocionais Jerry Quick descreveu?

— Ele não foi específico. A princípio, não tive certeza se deveria ou não acreditar. Ele levantou o assunto quando estávamos em uma de nossas discussões sobre o aluguel. Jerry atrasou vinte dias no segundo mês. Fui até lá e ele me contou uma história triste, que fora enganado num negócio, perdera muito dinheiro, e agora, ainda por cima, o filho estava com problemas psicológicos.

— Que ele não especificou.

— Eu não estava interessado. Calculei que ele queria apenas fazer com que eu sentisse pena. Resolvi pagar para ver e perguntei: “Se é esse o caso, por que não procura ajuda?” Ao que ele respondeu: “Preciso mesmo fazer isso.” E eu acrescentei: “Minha ex-esposa é psicóloga, e tem consultório perto de sua casa. Quer o telefone dela?” Jerry quis, e dei o número. Como eu disse, pensei que era apenas uma manobra. Mas ele telefonou.

Milo acenou com a cabeça.

— Como ele tem pago o aluguel desde então?

— O atraso é crônico.

— A Dra. Koppel nunca lhe falou sobre o paciente que encaminhou?

— Ela jamais faria isso. Dizia que a confidencialidade era fundamental. Nunca me falou sobre pacientes durante todo o tempo em que estivemos casados. É outra coisa que eu admirava nela. Sua ética.

— Sr. Koppel, onde estava na noite em que ex-esposa foi assassinada?

— Isso é brincadeira?

— Não é, não.

— Estava aqui.

Sozinho?

— Claro que sim. Mas deixe-me pensar... naquela noite, acho que encontrei a Sra. Cohen, a professora de arte... mora no apartamento da frente. E conversamos quando levamos o lixo para fora. Vai perguntar a ela? Se o fizer, não mencione por favor que sou seu senhorio.

— É um segredo? — indagou Milo.

— Gosto de manter o máximo de discrição. Dessa maneira, posso voltar para casa e descansar, sem inquilinos me procurando para fazer reparos

— Conseguiria isso se morasse numa casa.

— Sei disso, mas acontece que sou excêntrico. O problema com uma casa e o excesso de manutenção, e passo a vida me preocupando com isso. Também não preciso do espaço.

— Não tem muitas coisas.

— Onde está a sensatez de acumular coisas?

— Então passou a noite aqui?

— Como sempre. A menos que esteja viajando.

— E com que frequência viaja?

— Um ou dois dias por semana.

— Onde se hospeda?

— Em motéis. E prefiro o Best Western. Mas estava em casa na quela noite.

Milo levantou-se.

— Obrigado, senhor.

— Não foi nada — disse Koppel, ainda tirando pipocas das roupas.

Capítulo 29

— O magnata sensível — comentou Milo, quando chegamos à calçada. — Engoliu tudo o que ele disse?

— Acho que ele não brinca em serviço quando se trata de dinheiro. Não vai verificar com a Sra. Cohen, a professora de arte?

— Para confirmar seu álibi? Ela o viu apenas quando levava o lixo para fora. Cinco minutos numa noite inteira. Não significa nada.

— Acha que ele é um suspeito?

— E o senhorio de um bando de ex-condenados, e estava dando 25 mil dólares por mês para a ex-mulher. Agora que ela morreu, não apenas os pagamentos cessam, mas também ele fica com todos os imóveis. É um tremendo motivo. Além disso, ele se gaba de ser um empresário eficiente, mas mantém vazio um andar inteiro de um prédio em Beverly Hills. Eu adoraria entrar ali para descobrir o que a Charitable Planning realmente é.

— Terapia de grupo... Se Sonny era mesmo tão apaixonado por Mary quanto deu a entender, posso imaginá-lo deixando o espaço liberado para ela.

— Não o considera um criminoso em potencial? Pela maneira como você fala, ele pertence com certeza à galeria dos culpados. Mas que motivo teria para matar Gavin e a loura?

Milo não respondeu. Seguimos para meu carro.

— Como vai a vigilância sobre Gull? — perguntei.

— Ele sai para trabalhar, volta direto para casa. Tenho certeza de que o advogado lhe disse para se manter limpo.

— A mentira sobre a recomendação para Gavin pode ter sido determinada pelo desejo de Jerry Quick de esconder o fato de que obteve o nome de Mary Lou de Sonny. Porque se entrevistássemos Sonny, saberíamos que ele é um péssimo inquilino. Dizer que a recomendação foi de um médico faria com que parecesse muito mais respeitável.

Tem razão. Mas o filho foi assassinado. Por isso, era de se esperar que ele fosse mais franco.

— Outro problema é que Sonny enviou Gavin direto para Mary Lou, mas mesmo assim Gull acabou assumindo o caso. Depois, reverteu para Mary. Sonny pode estar envolvido de alguma forma, mas não consigo me livrar da ideia de que a morte de Gavin tinha alguma relação com seu tratamento. O mesmo acontece em relação a Flora Newsome. Estamos falando de dois pacientes e uma terapeuta, todos mortos.

Todos espetados. Alguém que todos conheciam. Ou que conhecia todos. Mas talvez não tenha nada a ver com o tratamento. Algum ex-condenado enviado por Sonny para fazer a faxina do prédio encontrou-os e decidiu entrar em ação. Algum psicopata autêntico que conseguiu enganar o sistema e se fez passar por não-violento para obter a liberdade condicional. Pedirei a Sonny uma relação dos caras da faxina para verificar se alguém se destaca. Enquanto isso, vamos de novo até a casa dos Quick. Talvez Jerry e Sheila já tenham voltado do lugar para onde foram, e eu possa dar uma olhada nas coisas de Gavin.

Segui pela Gregory Drive até Camden. Milo disse, quando paramos na frente da casa dos Quick:

— A mesma coisa de antes: o carro da mulher está aqui, o de Jerry não. Não se dê ao trabalho de saltar, pois não deve demorar.

Ele deixou o Seville, foi até a porta da frente, tocou a campainha, ficou batendo com o pé. Tocou de novo. Balançou a cabeça e já ia se retirar quando a porta foi aberta.

Avistei o rosto contraído de Sheila Quick.

Milo falou com ela. Virou-se para mim e chamou:

— Venha.

— Estávamos na casa de minha irmã, em Westlake Village explicou ela.

Uma toalha azul envolvia os cabelos dela, como se fosse um turbante. Usava um roupão bege com desenhos de borboletas e vinhas. Manchas no roupão. O rosto era tenso e pálido, os olhos despojados de qualquer ilusão.

— Você e seu marido? — perguntou Milo.

— Jerry queria escapar por uns poucos dias.

Ela falava devagar, fazia um esforço evidente para formar as palavras. Pensei em tranquilizantes, até que senti seu hálito. Muito desinfetante bucal de menta, mas não o suficiente para encobrir por completo o cheiro de álcool.

Nós três estávamos de pé na sala de jantar. O espaço parecia abafado, sufocante. Onde a luz incidia sobre os móveis, revelava uma camada de poeira.

— Seu marido queria escapar... — murmurou Milo.

— Do estresse.

Os lábios de Sheila Quick contraíram-se em aversão.

— Você não queria ir? — indaguei.

— Eileen acha que sua casa é o máximo... tem até uma quadra de tênis. Na opinião dela, por que eu não haveria de querer ir?

Ela me fitou, em busca de confirmação. Acenei com a cabeça.

— Jerry... — continuou ela. — Tudo o que Jerry quer, ele consegue. Sabem o que penso?

— O que é?

— Acho que Jerry queria me manter ali. E por isso me levou.

continuar a fazer o que queria fazer.

— Ele não ficou na casa de Eileen?

— Eu deveria me sentir feliz, porque Eileen tem uma piscina e aquela quadra de tênis. Mas nem mesmo é do tamanho de uma quadra de tênis normal, mas apenas a metade. — Sheila segurou minha manga. — íamos fazer uma piscina. Gavin gostava de nadar.

Ela ergueu as mãos.

— Detesto cloro. Me faz ficar cheia de coceira. Por que eu ficaria feliz só por causa da piscina? Queria que Jerry me trouxesse de volta. Finalmente ele telefonou e mandei que fosse me buscar. — Um sorriso atordoado. — E aqui estou.

— Onde está Jerry? — perguntei.

— Trabalhando. Em algum lugar.

— Fora da cidade?

Ela acenou com a cabeça para confirmar.

— Como sempre... é curioso.

— O que é curioso?

— Jerry odeia Eileen. Mas queria que eu ficasse na casa dela para fazer só Deus sabe o quê...

Não era certo.

Ela estalou os dedos e acrescentou, em voz monótona:

— Eileen tem a casa dela, eu tenho a minha.

— E você gosta de sua privacidade — comentei.

— Não gosto da piscina de Eileen. Fico cheia de coceira. Nem da quadra. Ela e o marido saíam para trabalhar, e eu ficava sozinha ali... com todo aquele silêncio. O que eu deveria fazer durante o dia inteiro? Mas Jerry... Eileen me convidou na semana passada para ir até lá, e Jerry disse a ela para esquecer. Mas mudou de ideia depois. O que está acontecendo? Vou contar o que está acontecendo.

Mas ela não contou. Milo perguntou:

— Por onde o Sr. Quick está viajando neste momento?

— Quem sabe? Quem sabe para onde ele vai? Ele é como uma ave. — Sheila acenou com as mãos. — Adeus, passarinho, voou para longe da gaiola. Fico aqui. Nunca saio. Esta é a minha casa. Jerry não telefona. Não quer saber de mim.

Sheila apertou meu braço.

— É... coerente. Um dia ela é uma vaca metida a besta que acha que seu cocô é perfume. No dia seguinte ele me leva para lá e volta para limpar o quarto de Gavin, e depois some.

Para fazer suas coisas...

— Ele limpou o quarto de Gavin? — perguntou Milo.

— Isso mesmo. E querem saber de uma coisa? Acho que foi por isso.

— Como assim?

— Ele sabia que eu ficaria furiosa se limpasse o quarto de Gavin, e por isso não me queria em casa.

— Ele limpou o quarto enquanto você estava na casa de Eileen.

Estava uma bagunça. Não discordávamos sobre esse ponto. Estava mesmo uma tremenda bagunça. Gavin costumava ser mais arrumado, até sofrer o acidente. — Ela largou minha manga, cambaleou, segurou-se no encosto de uma cadeira para manter o equilíbrio. — Já falei sobre isso?

— Por que acha que Jerry decidiu limpar a bagunça? — indaguei.

— Pergunte a ele. — Um sorriso. — Só que não pode. Porque ele não está aqui. Nunca está aqui. Eu sempre estou.

Os tendões de seu pescoço se esticaram.

— Não queria que ele limpasse o quarto de Gav. Eu teria brigado, pois adorava aquela bagunça. Era a bagunça de Gav... e por que a pressa?

Ela cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar. Levei-a para um sofá.

Milo subiu a escada.

Ele desceu dez minutos depois. Eu havia ido à cozinha. Encontrei uma cafeteira com café morno pela metade. Esquentei no microondas e levei para Sheila Quick, acrescentando um pouco de creme light

e um pacotinho de adoçante. A pia estava cheia de louça suja. As bancadas estavam imundas. Perto da cafeteira tinha uma garrafa vazia de gim Tanqueray e um tubo de spray de Binaca para o hálito.

Segurei a caneca enquanto ela bebia. A boca ainda tremia e o café escorreu. Limpei seu queixo. Ela olhou para mim.

— Você é simpático. E bonito também

Milo entrou na sala.

— Madame, lembro que havia um computador no quarto de Gavin.

— Tem razão.

— Onde está?

— Jerry levou. Disse que da doar para a escola Beverly Vista.

E os papéis de Gavin?

— Ele pôs tudo em caixas e levou para o lixo.

— Quando o lixo foi recolhido?

— O lixeiro só vai passar amanhã. Milo saiu. Sheila Quick comentou:

Ele está com pressa.

— Jerry parecia muito ansioso em limpar o quarto de Gavin.

— E põe ansioso nisso. Acenei com a cabeça.

— Ele disse que precisávamos enfrentar a realidade — acrescentou Sheila Quick. — Deve ter sido por minha causa. Eu chorava demais. Deixava-o irritado, chorando o tempo todo. Não faço nada por ele.

Pensei que ela estava dizendo que a atração acabara, mas Sheila continuou

— Não quero fazer nada por ele. Ele volta do trabalho, quer jantar, talvez eu abra uma lata. Ele sugere: “Vamos sair.” Eu digo não. Por que eu deveria querer sair?

— Não há nada para você fora desta casa — comentei.

— Isso mesmo. Você compreende. — Sem se dirigir a ninguém:

— Ele compreende.

Milo voltou, com uma expressão sombria. Sheila apertou meu ombro e disse:

— Ele compreende.

— Ele é muito compreensivo — murmurou Milo.

— Jerry limpou tudo para que eu pudesse enfrentar a realidade. O meu marido não entende. Não deveria ter feito nada sem me perguntar! Havia coisas que eu queria guardar. — Ela se animou. — Está tudo lá fora... na viela? Na caçamba de lixo?

— Lamento, madame, mas a caçamba está vazia.

— Filho-da-puta... Pelo que ele fez, deveria... foi errado. Quem se importa onde ele está? Quem se importa?

— Ele telefonou?

— Deixou um recado na noite passada. Eu estava dormindo. Durmo muito. Apaguei a mensagem. O que ele poderia dizer? Que sente minha falta? Sei que está com alguma vagabunda. Quando viaja, sempre se encontra com putas. Sabem como eu sei?

— Como, madame?

— Pelos preservativos. Sempre encontro na mala dele. Jerry me manda esvaziar a mala, deixa os preservativos ali, quer que eu saiba. — Um sorriso doentio. — Não me incomoda... me faz... feliz.

— O fato de ele andar com prostitutas?

— Claro. Melhor do que ele fazer comigo.

Demos mais café para ela, mas sua voz permaneceu engrolada. Especulei quanto tempo Sheila levava para esvaziar a garrafa de gim. Ela bocejou.

— Preciso tirar um cochilo.

— Claro, madame — disse Milo — Só mais algumas perguntas, por favor.

— Por favor? — Ela tirou a toalha da cabeça e jogou no chão. Está bem, já que você disse por favor.

— Quem a mandou procurar a Dra Koppel?

— O Dr. Silver.

— Seu obstetra?

Os olhos fecharam, a cabeça inclinou à frente, e depois ela ficou imóvel.

— Estou cansada.

— Dr. Barry Silver? Seu ginecologista?

— Isso mesmo.

— O Dr. Silver lhe fez a recomendação pessoalmente?

— Falou com Jerry, que ligou para ele. Jerry disse que ele era inteligente... Posso dormir agora, por favor?

— Só mais uma coisa. O quarto de Gavin foi esvaziado, mas notei que as roupas dele ainda estavam no closet.

— Jerry provavelmente também da levar mais tarde e dar para alguém. São camisas muito boas da Ralph Lauren que comprei para Gav no Natal. Gav adorava fazer compras comigo, porque Jerry é muito sovina. íamos a todas as lojas, Gap, Banana Republic, Saks... Barneys. Às vezes passávamos pela Rodeo Drive quando faziam as liquidações de final da estação. Comprei para Gav um paletó esporte Valentino na Rodeo, melhor do que qualquer coisa que Jerry tem. Jerry provavelmente da dar as roupas de Gav, mas não teve tempo.

Ela cerrou os punhos.

— Jerry pode se foder se pensa que vou deixá-lo levar as roupas de Gav.

Nós a ajudamos a subir para o quarto principal, totalmente escuro graças às cortinas de blecaute. Lenços de papel amassados, vendas para dormir e duas pequenas garrafas de bebida, dessas que servem em aviões, na mesinha-de-cabeceira. Bourbon e scotch. Havia dois dedos de água num copo alto de cristal.

Milo ajeitou-a na cama. Ela sorriu para ele e passou a língua pelos lábios rachados.

— Boa-noite.

— Só mais uma pergunta, madame. Quem é o contador de seu marido?

— Gene Maher. Com um H.

— Maher? — indagou Milo.

Ela fez menção de responder, desistiu, fechou os olhos. Já estava roncando quando deixamos o quarto.

Antes de sairmos da casa, Milo me levou ao quarto de Gavin. As mesmas paredes listradas, de um azul-claro. A cama estava arrumada, com uma colcha azul. A estante de Gavin tinha alguns livros e revistas, dois modelos de aviões. O carpete era encardido.

O closet estava cheio de casacos, calças, camisas.

— Um bom guarda-roupa — comentei. — Jerry não levou os papéis para o lixo. Deve ter providenciado para que ninguém os visse.

Milo acenou com a cabeça e apontou para a escada.

Enquanto nos afastávamos, ele disse:

— O sacana sabe por que o filho foi assassinado e está tentando esconder.

Ele encontrou o número do telefone do escritório de Quick em suas anotações, ligou, esperou, fechou o celular.

— Nem mesmo uma secretária eletrônica.

— Ele viaja e dá folga para a secretária Angie de unhas azuis.

— Angie da ficha criminal insignificante, mas inegável. Quick começa a cheirar como algo mais do que um pai desolado.

— Seu locador contrata almas transviadas e ele também, Milo. Talvez a compaixão seja contagiosa. Ou Sonny também lhe encaminhou Angela Paul.

— Sonny, o que resolve tudo? Oferece uma indicação médica, investe seu dinheiro.

— Talvez o problema de Quick com ele fosse mais do que o aluguel atrasado.

— Seu próprio filho e ele não diz nada.

— Talvez seja mais do que saber — sugeri. — E se ele estiver envolvido?

— Não seria nada agradável.

— O que você encontrou nos bolsos de Gavin?

— Quem disse que encontrei alguma coisa?

— Aquelas perguntas sobre as roupas de Gavin. Não precisava de dez minutos para verificar alguns livros e bolsos.

Milo bateu com a palma no painel do carro.

— O filho-da-puta levou o computador... devo me dar ao trabalho de ligar para a escola e verificar se ele doou mesmo?

Sem esperar por uma resposta, ele fez a ligação. Desligou, com um sorriso de raiva.

— E a primeira vez que eles ouvem falar disso. Quer saber o que acho? Gavin descobriu alguma coisa suja que estava acontecendo no prédio... alguma coisa relacionada com Koppel, a Charitable Planning e o próprio pai. O garoto imaginou que era um repórter investigativo e achou que encontrara um bom escândalo. Podia ter uma lesão cerebral, mas mantinha arquivos. E seu velho destruiu tudo. Culpa minha. Eu deveria ter revistado aquele quarto em primeiro lugar. Jonathan Kellerman

O que você encontrou no closet?

Milo abriu seu bloco e mostrou-me uma coisa espremida ali, dentro de um envelope de plástico para evidências.

Um papel amarrotado, do tamanho de uma ficha de arquivo. Papel pautado em miniatura, de um bloco não muito diferente do que Milo usava. Números escritos com tinta azul. Tortas, borradas. Uma coluna irregular de combinações de sete dígitos de letras e números.

— Placas de carros?

— É meu palpite. O garoto estúpido estava vigiando.

Capítulo 30

— Deixe-me de volta na delegacia — disse Milo. — Vou checar estes números, depois passá-los para a Sala de Registros, para ver se posso achar algum outro elo entre Jerry Quick e Sonny além de locação. Se eu sair cedo, posso chegar lá no centro da cidade a tempo.

— Quer que eu o leve direto para lá?

— Não, isso vai ser tedioso, farei sozinho. Também quero falar com o contador de Quick. Felizmente com os contadores não tem esse negócio de confidencialidade. Alguma notícia do Times sobre a publicação da foto?

— Ainda não.

— Se o seu amiguinho Biondi não tiver êxito, vou bater um papinho com meu capitão habitualmente insensível. Ele odeia ver a minha cara, de modo que talvez eu possa prometer não aparecer por mais um ano se ele fizer com que os manda-chuvas inúteis do Serviço de Utilidade Pública pressionem a mídia. Com todo o emaranhado desse caso, eu não preciso de uma vítima que não possa identificar.

— Tentarei Ned de novo.

— Ótimo. Obrigado. Avise-me, de qualquer modo.

Telefonei para Coronado Island. Ned Biondi disse:

— Ninguém ligou para você? Céus, sinto muito, doutor. Pensei que estivesse resolvido. Certo, vou ver o que está havendo. Ligarei de volta o mais breve possível.

Uma hora mais tarde, o telefone tocou.

— Sr. Delaware? — Uma voz de barítono teatral, apetitosa Cada sílaba uma preliminar.

— É ele.

— Aqui é Jack McTeíí. Do Times de Los Angeles. Você tinha uma foto que gostaria que publicássemos.

— Foto de uma vítima de homicídio — eu disse. — Um detetive do Departamento de Polícia gostaria que a fotografia fosse enviada para a imprensa, mas seus superiores não acham que seja um gancho interessante para vocês.

— Bem — disse ele —, por certo não posso prometer nada.

— E se eu passasse por aí?

— Se preferir.

A sede do Times ficava na First Street, num maciço edifício de pedra cinzenta que ornamentava o coração da cidade. Fiquei preso no congestionamento da via expressa, rodei procurando vaga, e finalmente encontrei uma num terreno baldio cercado a cinco quadras de distância e com preço superfaturado.

Três guardas de segurança patrulhavam o enorme e ressonante saguão do Times. Deixaram várias pessoas passar, mas me barraram. Dois dos guardas exibiram-se me examinando de cima a baixo, enquanto o terceiro ligava para o setor de Jack McTeil, rosnava meu nome no telefone, desligava, e me mandava esperar. Dez minutos depois, uma jovem de cabelo cortado curto e usando suéter preto, jeans e botas de escalada emergiu do elevador. Olhou ao redor, me viu e veio em minha direção.

— Você é a pessoa com a foto? — Um crachá do Times anunciava Jennifer Duff. Sua sobrancelha esquerda ostentava um minúsculo piercing de aço.

— Isto é para o Sr. McTell.

Ela estendeu a mão e entreguei-lhe o envelope. Ela o pegou delicadamente, entre o polegar e o indicador, como se estivesse sujo, virou as costas e foi embora.

Perdi mais vinte minutos esperando o manobrista retirar seis outros carros para liberar o Seville. Aproveitei o tempo para deixar uma mensagem para Milo, dizendo que o Times tinha a foto e que caíra nas boas graças do editor. Naquele momento, Milo estava no centro da cidade, lendo microfichas na Sala de Registros, a apenas duas quadras dali.

Carros enfileiravam-se na subida da rampa da 101, por isso tomei o Olympic Boulevard para oeste. Evitar outro engarrafamento não foi tudo. Aquele caminho me fez passar pelo prédio do consultório de Mary Lou Koppel.

Segui para Palm Drive, dobrei à esquerda e contornei até a alameda dos fundos. Os Mercedes de Gull e Larsen estavam lá, junto com outros carros de luxo de último modelo. Na vaga ao lado estava estacionada uma van cor de cobre. Um letreiro branco colado na carroceria informava:

LIMPEZA DE TAPETES E CORTINAS A PREÇO CAÍDO DO CÉU

Um endereço na Pico, perto de La Brea, número 323.

As portas de vidro traseiras eram mantidas abertas com um triângulo de madeira. Estacionei e saltei.

O corredor cheirava a roupa suja mofada. O poliéster debaixo de meus pés ressudava e fazia pequenos sons de sucção. Na outra extremidade um homem empurrava um vaporizador de detergente industrial em círculos indolentes.

Duas das portas do escritório da Charitable estavam escancaradas da mesma maneira. Um gemido mecânico vinha de dentro. Olhei.

Outro homem, baixo, truncado. Um hispânico, usando uniforme cinzento todo amarfanhado, manobrava uma máquina idêntica sobre o fino feltro azul que podia servir para revestir tanto áreas externas quanto internas e cobria o piso da Charitable. Estava de costas para mim e o barulho abafou meus passos

À direita estava um pequeno escritório. Uma cadeira giratória havia sido erguida e colocada em cima de uma escrivaninha de aço cheia de marcas. A um canto estava uma mesa de datilografia com rodinhas, que abrigava uma máquina de escrever IBM Selectric. Sobre a mesa, junto à cadeira, estavam cinco maços de cartas presas com elástico.

Chequei os endereços do remetente. United Way, Campanha para a Literatura, Fundo de Ação de Graças, Baile dos Bombeiros. Folheei todos os maços.

Todos queriam o dinheiro de Sonny Koppel.

O resto do escritório era uma enorme sala com altas janelas horizontais cobertas por cortinas baratas de náilon. Proteção inócua para um par das 12 cadeiras dobráveis empilhadas contra a parede. O hispânico desligou a máquina, empertigou-se lentamente, como se sentisse dor, passou a mão pelo cabelo, pegou um cigarro no bolso e acendeu. Ainda de costas para mim.

Ele fumava tendo o cuidado de jogar a cinza nas mãos em concha.

— Oi-falei.

Ele se virou. Surpreso, mas não com a cautela de um condenado. Olhou para o cigarro. Piscou. Deu de ombros.

— No permiso!

— Não me incomoda.

Sorriso resignado. Nenhuma dureza em torno dos olhos, nada de tatuagens malfeitas.

— Usted no es el patron?

— Não. Não hoje.

— Tudo bem. — Ele riu e fumou. — Talvez amanhã.

— Estou pensando em alugar o espaço. Olhar vazio.

Apontei para o carpete molhado.

— Belo trabalho... muy limpia.

— Gracias.

Saí imaginando o que ele tinha limpado.

Sonny Koppel tinha sido sincero acerca da Charitable Planning, mas o que isto significava?

Talvez dividindo verdades parciais como uma defesa estratégica.

Todos os metros quadrados à disposição em Beverly Hills caso Mary Lou precisasse deles.

Se Milo estivesse certo acerca de Gavin ficar rondando por ali e espionando, anotando placas de carros, o que o garoto tinha visto?

Sala vazia. Duas dúzias de cadeiras dobráveis.

O que mais era necessário para terapia em grupo?

As sessões já tinham começado?

O que havia se passado ali?

Dirigi por mais um quarteirão, estacionei junto ao meio-fio e pensei mais sobre Gavin Quick.

Cérebro lesionado, mas ele havia conseguido manter seus segredos.

Ou talvez ele não tivesse. Talvez houvesse confidenciado isso ao pai, e foi por isso que Jerry Quick havia limpado seu quarto.

Agora Quick estava viajando, após deixar a esposa na casa da irmã dela. Negócios, como de hábito, ou ele estava fugindo por causa do que sabia.

Eileen Paxton disse que Quick contratava prostitutas como secretárias. A secretária que conheci tinha um ar de viciada e unhas compridas demais para datilografar.

Casa em Beverly Hills, mas uma vida sombria?

Gavin tinha sido assassinado junto com uma garota loura com quem ninguém se importava de comunicar como desaparecida. Juntando tudo, imaginei se ela era uma profissional. Tanto Jerry quanto Gavin eram sexualmente agressivos.

A loura teria sido um presente do pai para o filho? Outra indicação de Sonny Koppel?

Angie Paul alegava não conhecê-la. Milo a havia notado piscar. Eu tinha explicado isso como uma reação à morte.

A loura. O tipo de Gavin. Três quilômetros ao norte, na área de alto preço, morava uma garota loura que conheceu Gavin antes do seu acidente. Uma garota da qual ainda não tínhamos falado.

Na última vez em que segui Kayla Bartell ela dirigira para um salão de cabeleireiro ao meio-dia. Isso significava que não tinha um emprego de horário integral.

Garota rica com tempo livre de sobra? Talvez ela me poupasse algum.

A mansão Bartell estava tão sem vida quanto uma funerária por detrás de seu cobertor de segurança de aço branco. Um Bentley Mussanne com placas traseiras onde se lia MEW ZIK estava estacionado na entrada para carros circular, mas nem sinal do Cherokee vermelho de Kayla.

Continuei para o Sunset. Carros zuniam de ambos os lados da pista central, e esperei por uma folga para virar à direita e fazer o retorno. Levou algum tempo. Tão logo entrei no bulevar, captei um vislumbre de vermelho no meu espelho lateral

Provavelmente não era nada. Mas peguei novamente Camden, de qualquer modo.

O jipe estava estacionado diante da casa.

Dirigi seis casas rua abaixo e estacionei, imaginando que esperaria meia hora.

Dezoito minutos depois, Kayla, vestida de branco mas carregando uma grande sacola preta, saiu da casa, entrou no utilitário vermelho, esperou até os portões se abrirem e passou velozmente por mim.

Exatamente o mesmo caminho que tomara da última vez. A oeste do Santa Monica para Canon Drive. Mais embelezamento no Umberto?

Mas dessa vez ela passou pelo salão e continuou por mais dois quarteirões até uma farmácia Rite Aid.

Primeiro cabelo, agora maquiagem? Uma garota desse tipo não compraria seus cosméticos numa boutique?

Tive a resposta após observá-la por cinco minutos, mas foi a que eu esperava.

Ela foi direto à seção de esmalte. Parei na extremidade da gôndola enquanto ela examinava uma prateleira com pequenos frascos. O traje branco consistia de uma camiseta curta que exibia sua barriga bronzeada, sobre calças branco-ostra e sandálias brancas abertas com saltos de plástico cor de laranja. Seu cabelo longo estava coberto por um boné de brim que ela usava meio inclinado. Enormes brincos de plástico branco. Ela escorregou nos saltos umas duas vezes, pareceu se reequilibrar enquanto examinava os esmaltes.

Grande decisão; sua bela face se enrugou. Finalmente, ela optou por um frasco de vermillion e jogou-o na cestinha de compras. Depois, tão rápido que por pouco não perdi o movimento, dois outros frascos jogados na grande sacola preta — a mesma sacola que eu tinha visto naquela primeira noite, exageradamente bordada com rosas.

Não combinava bem com a indumentária toda branca, mas uma coisa daquele tamanho tinha sua utilidade.

Ela seguiu para a seção de delineadores. Um na cestinha, dois na sacola preta. Na maior cara de pau, sem sequer um olhar de cautela. A loja estava em silêncio, com poucos funcionários. Se havia câmeras de vigilância operando, eu não podia vê-las.

Recuei, fingindo examinar um anti-séptico bucal, caminhei até a próxima gôndola e voltei, mantendo a cabeça baixa. Agora ela estava na seção de batons. A mesma rotina.

Kayla moveu-se assim através da loja por dez minutos, concentrando-se em artigos pequenos. Fio dental, limpador para lentes de contato, aspirina, doces. Mais que dobrou a quantidade de artigos que colocava na cestinha.

Peguei um pacote de chicletes e fiquei atrás dela quando passou no caixa.

Ela caminhava toda feliz para o Cherokee, balançando sua sacola e rebolando a bundinha firme. Consegui chegar primeiro ao jipe, deslizei da frente do veículo e me apossei da sacola preta.

— Ei, o que... — ela começou a dizer, depois me reconheceu. Tira. — Ela quase se engasgou com a palavra.

Parecia uma ocasião inadequada para uma revelação plena. Eu disse:

— Você arrumou um probleminha, Kayla.

Os olhos cinza-esverdeados se arregalaram. Lábios lustrosos se abriram enquanto formulava uma resposta. Uma garota tão bonita, apesar do nariz adunco. Olhos tão vagos.

Ela explicou:

— Eu estava fazendo uma pesquisa. Para uma dissertação.

— Qual era o assunto?

— Você sabe. — Ela olhou de relance para um lado, sacudiu um quadril, tentou produzir um sorriso.

— Onde você estuda?

— Santa Monica College.

— Quando?

— O que quer dizer?

— É final de junho. Época de férias.

— Talvez eu esteja em recuperação.

— Está?

Não houve resposta.

— Qual é sua especialização?

Ela olhou para o asfalto, ergueu a cabeça, arriscou contato visual.

— Desenho... hã... e psicologia.

— Psicologia — repeti. — Portanto você sabe o nome para isso.

— Para o quê?

Tomei a sacola dela, extraí um frasco de limpador para lentes de contato, um envelope amarrado de Tylenol e brilho labial Passionate Peach.

— Para isto, Kayla.

Ela apontou para o Tylenol.

— Tenho dores de cabeça.

— Pois arranhou uma grande agora.

Seus olhos dardejaram pelo estacionamento.

— Não quero que me vejam.

— Esse é o menor dos seus problemas.

— Por favor. Corta essa.

— Precisamos conversar, Kayla.

— Corta essa — repetiu ela. Arqueou as costas. Retirou o boné, deixou cair o cabelo e liberou uma tempestade loura.

Ela piscou duas vezes. Bateu as pestanas e fez algo tolo com a cabeça. O cabelo dourado reluziu.

— Corta essa — disse, quase num sussurro. — Eu posso ajeitar isso.

— Como?

Um sorriso lentamente se alargou.

— Vou chupar você. De um jeito como nunca foi chupado antes.

Tomei-lhe as chaves do carro, posicionei-a atrás do volante e ordenei-lhe que não se movesse enquanto deslizava para o lado do passageiro. Mantendo a porta aberta uns 2,5 cm. O carro era território dela. Felizmente a porta aberta me protegeria de uma acusação de sequestro se a verdade um dia viesse à tona.

Ela repôs o boné na cabeça. Cuidadosamente. Fios dourados vazaram.

— Por favor. — Ela olhou pelo para-brisa. Sua minibus se levantou. A respiração acelerada fazia sua barriga lisa pulsar.

Deixo o silêncio se aprofundar. Carros entram e saem do estacionamento da Rite Aid. Os vidros com insulfilme nos permitiam privacidade.

Imaginei se ela iria chorar.

Ela fez beicinho.

— Não sei por que você simplesmente não me deixa ir... farei você se sentir muito bem e devolverei tudo. Certo?

Sonny Koppel tinha falado acerca de tudo ser um fardo.

— Você vai fazer o seguinte: devolverá tudo e vai me prometer que nunca mais fará isso. Mas primeiro vai me falar sobre Gavin Quick. Se for honesta e me contar o que sabe a respeito dele, tudo ficará numa boa.

Ela virou-se rapidamente e me olhou, embasbacada. Seu nariz adunco estava coberto de pó. Debaixo da película, vi sardas delicadas. Os olhos cinza-esverdeados tinham-se tornado calculistas.

— E isso? — perguntou ela.

— É isso. Ela riu.

— Legal. Eu realmente não estava sacando o que você queria. Falar de Gavin.

— Qual era a de Gavin?

— A de Gavin era botou gozou. Mesmo para um garotão, ele era rápido demais. Embora gozasse duas vezes seguidas. Quero dizer, todos eles começam assim, mas a gente pode treiná-los. Mas não Gavin. O homem de vinte segundos. Por isso parei.

— Parou de fazer sexo com ele.

— Aquilo nunca foi sexo — disse ela. — A questão é essa.

— Era o quê?

— Transar com ele era como... jogar basquete. Ele arremessa, ele marca, ele pega o rebote, e a gente sai para o café.

— É por isso que rompeu com ele?

— Não rompemos, porque não estávamos namorando, entende?

Qual era o relacionamento de vocês?

— A gente se conhecia há anos, de Beverly. Estudamos juntos. Então ele entrou para a faculdade para fazer qualquer coisa, e decidi estudar design. E melhor cursar o Santa Monica College do que alguma universidade, está sabendo.

O SMC é forte em design?

— Pode crer. Você pode simplesmente fazer isto e não esquentar a cuca com toda aquela outra baboseira.

— Como psicologia — comentei. Ela riu.

— Você me pegou. De novo. Aquela história de pesquisa foi papo furado, não é?

Mais do que furado.

— É, eu devia ter bolado alguma coisa melhor. Como foi que você me pegou?

— Você não foi exatamente sutil.

— Nunca fui flagrada antes.

— Por estar fazendo isso há pouco tempo — eu disse. Ela começou a replicar, mas calou-se.

— Kayla?

— Pensei que você não ia me incomodar mais sobre isso se eu falasse sobre Gavin.

— Foi você quem tocou no assunto.

— Foi mesmo? Assenti.

Ah — disse ela. — Bem, então eu vacilei. Vamos ficar com Gavin. O que eu não fiz. Namorar ele, entende? — Ela riu. Parou e colocou um dedo sobre os lábios. Deu uma palmada na mão. -Kayla má. Eu não devia estar fazendo isto.

— Fazendo o quê?

— Rindo de Gavin. Já que ele está morto e tudo.

— Alguma ideia de quem o matou? — perguntei.

— Não.

— Uma garota foi encontrada com ele. Loura, mais ou menos do seu tipo...

— Aquela piranha — xingou ela.

Você a conhece?

— Eu a via. Ele gostava de exibi-la para mim. Minha amiga Ellie disse que ela parecia comigo, descontadas as diferenças a meu favor. “Não como uma gêmea, Kayle, só um pouco. Como se você tivesse passado uma noite ruim.” — Ela sacudiu a cabeça. — De jeito nenhum. Aquela coisa era uma baranga. Então pensei que talvez Gavin, estando ruim da cabeça e tudo, tenha gostado dela porque achou que se parecia comigo. Como não podia ter a mim, ela era como uma substituta piorada, entende?

— Quando ele começou a exibi-la para você?

— Depois que eu disse que não queria mais trepar feito coelho.

— Depois do acidente?

— Bem depois. Isso foi mais ou menos... uns dois meses atrás? Pensei que ele havia parado de me encher o saco porque não ouvi falar dele por uns tempos, mas então ele recomeçou a ligar. Esperei que ele ficasse desesperado e implorasse, entende? Porque ele jurava que estava meio a fim de mim.

Mas ele apenas ligava e queria ficar embromando. Assim isso prova que ele estava mentindo, não estava realmente a fim de mim. Concorda?

— Incomum para Gavin — comentei.

— O que quer dizer?

— Desistir tão facilmente. Ouvi dizer que ele podia ser muito persistente.

— Depois do acidente ele ficou realmente esquisito. Começou a ligar para mim umas vinte vezes por dia. Aparecendo de repente, enchendo o saco do meu pai. — Um sorriso débil. — Achei que ele terminaria implorando. Depois parou.

Porque estava assediando Beth Gallegos.

— Então ele só queria embromar — eu disse.

— Ele só queria ir para algum lugar, estacionar e pôr a pica na minha boca. Sentia pena dele, por isso topei uma vez. Porém nunca mais.

— Recordes de velocidade sexual nunca mais — comentei.

— Você está me fazendo parecer má. — Ela pegou os fios de cabelo soltos tentando enfiá-los de volta dentro do boné. Sem sucesso, ela arrancou o boné da cabeça e começou a amassá-lo. — Deveria se desculpar — acrescentou.

— Pelo quê?

— Dizer que sou má e uma puta.

— Você disse que sentia pena de Gavin...

— Exatamente. Eu estava sendo legal. Depois do acidente ele ficou... não quero dizer retardado porque soa cruel, mas na verdade era isso. Aí, senti pena dele e quis ajudá-lo.

Faz sentido — falei.

— E como faz — concordou ela.

— Então Gavin piorou intelectualmente.

— Antes, ele podia ser irritante, mas era esperto. Mas passou a... ficar... — Ela espetou a bochecha com a língua. — Eu queria dizer patético.

— Parecia que estava? -Hã?

— Patético.

— É, exatamente, estava mesmo.

— Na época em que saía com ele...

— Foi só uma vez. Sentia pena dele.

— Onde estacionavam?

— Lá em Mulholland? — Sua boca se congelou num pequeno O.

— Foi onde... oh, meu Deus.

— Era um ponto habitual para você e Gavin? De volta aos velhos tempos?

Às vezes. — Ela começou a chorar. — Poderia ter sido eu.

— Conte-me sobre a garota loura — pedi. Ela enxugou os olhos, sorriu.

— Pálida demais, a gente até podia ver suas raízes.

— Onde a conheceu?

— Eu nunca a conheci, na verdade só a vi por aí. Eu e Ellie fomos ao cinema e depois ao Kate Mantolini para um prato vegetariano. Às vezes Jerry Seinfeld vai lá.

Seus olhos se desviaram para fora da janela e focalizaram um letreiro do estacionamento.

— Espero não ter estourado o limite de tempo.

— Você e Ellie no Kate Mantolini — falei.

— E. Estávamos comendo e aí apareceu Gavin com aquela baranga. Ela estava com uma miniblusa e uma saia que subia até você sabe onde. — Seus olhos baixaram até as sandálias. — Ela estava com sapatos maneiros. Pretos, abertos atrás. Muito Naomi Campbell.

— Jimmy Choo — informei.

— Como sabe?

— Ela os estava usando na noite em que foi morta.

— Eram sapatos maneiros. Imagino que ela tenha roubado. — Ela riu. — Estou só brincando!

— Então Gavin entrou com ela...

— E fingiu não me ver e eu também fingi não vê-lo. Então ele passou por nós, sentou-se à mesa e aí fingiu me ver de repente, todo surpreso, tipo “ei, é você, Kayla”.

— O que você fez? — perguntei.

— Esperei até ele se aproximar da mesa, de modo que não houvesse como ignorá-lo. Jonathan Kellerman

— E depois?

— Então eu disse: “Oi, Gav” Ele acenou com o dedo e a baranga se aproximou com um ar de “quem é você”, como se estivesse com essa bola toda. O que não estava. E Gavin a apresentou... sei lá qual era o nome dela. E a baranga ficou parada ali nos seus sapatos Jimmy como se fosse a estrela de um True Hollywood Story ou algo parecido.

— Não lembra mesmo do nome dela?

— Não.

— Tente.

— Não estava prestando atenção.

— Tente — insisti.

É importante?

— É.

— Por quê?

— Porque ela está morta.

— Hum. — Ela ergueu o lábio superior com o dedo indicador e o deixou estalar contra os dentes. Repetiu isso várias vezes, fazendo pequenos ruídos estalantes. Amassou o boné e observou o tecido mole pulsar feito uma ameiba enquanto readquiria sua forma.

— Kayla? — chamei.

— Estou pensando — disse ela. — Se não me engano, era Chris. Ou Christa. Alguma coisa começando com Chris.

— Algum sobrenome?

— Não. Definitivamente não. Gavin jamais mencionou um sobrenome. Isto não soava como uma grande apresentação. Gavin parecia tipo “não preciso de você, veja só o que arranjei”.

— Ele disse isso?

— Não. Mas bem que poderia ter dito. Mais tarde ele apareceu e disse como ela era fria.

— Mais tarde quando?

— Quando a baranga foi ao toalete e o deixou sozinho. Ela ficou lá por um bom tempo. Imagino que se drogando... tinha o maior jeito de viciada. Magra pra caralho. Não sei como alguém poderia achar que parecia comigo. Mas Gavin... — Ela cruzou seus olhos e bateu na testa.

— Ela o deixou sozinho e ele veio para sua mesa.

— É isso aí. E a Ellie estava perguntando. “Quem é sua nova garota, Gav?” E Gavin: “Christa.” Acho que era Christa, alguma coisa assim, talvez Crystal. E Ellie: “Muito bonita, Gav.” Mas não querendo dizer isso, apenas fazendo hora com a cara dele, sabe? E eu sem dizer nada, traçando o meu espinafre ao vapor, que é a melhor parte do prato vegetariano. Então Gavin dá o seu sorriso doentio, se

afasta de Ellie, inclina-se e sussurra no meu ouvido: “Ela faz aquilo tudo, Kayla. Sem parar.” E eu: “Mais tipo pentelhação sem parar e ejaculação precoce sem parar.” Mas só penso, não chego a dizer. Porque Gavin não estava mais normal, seria como fazer gozação com um retardado. E também porque naquela hora ele voltou para sua mesa, como se não ligasse para o que eu tivesse a dizer.

— O que mais pode me dizer sobre essa Christa? — perguntei.

— Talvez fosse Crystal — disse ela. — Estou achando que Crystal é o mais certo.

— Ela nunca lhe disse uma palavra?

— Não, mas Gavin disse. Na verdade disse mais do que aquilo que lhe contei.

Esperei.

— Foi uma parada suja, não quero nem me lembrar.

— E importante, Kayla. Ela suspirou.

— Tudo bem. Quando ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido, dizendo o quanto ela era boa de cama, também disse: “Ela é dançarina, Kayla. Sabe mexer muito bem.” Como se eu não. Você sabe o que isso significa realmente, certo?

— O quê?

— Cai na real. Dançarina significa stripper. Elas todas gostam de dizer que são dançarinas. Ela era um bagulho espalhado num croissant.

— Você conhece alguma stripper?

— Eu? de jeito nenhum. Mas ela tinha aquele... aquela postura, o modo como ela... olhava para o meu corpo, é um corpaço, eu adoro meu corpo, mas eu tiraria minha roupa por uma boa salada mista

— Moral complacente — comentei.

— O que é uma estupidez. Do jeito como é com os garotos, queremos que nos respeitem, a gente tem que esconder alguma coisa.

Pode me contar sobre a vida familiar de Gavin?

— Com seus pais? -Sim.

— A mãe dele é pirada, o pai é um galinha. Provavelmente Gavin puxou a ele.

— O velho dava em cima de você?

— O quê? De jeito nenhum. Você apenas andou ouvindo coisas.

— Sobre o quê?

— Sobre com quem ele transava por aí.

— Jerome Quick andava transando por aí?

— E o que Gavin dizia.

— Ele lhe contou?

— Ele estava se gabando. Tipo, meu pai é um garanhão, e eu também.

— Isto foi depois do acidente?

— Não. Antes. Quando Gavin ainda estava falando como uma pessoa normal.

— Você diz que a mãe dele é pirada.

— Todo mundo sabe disso. Ela nunca foi do tipo que se fazia presente. A gente nunca sequer a viu no quintal da casa deles. Ela ficava o tempo todo no quarto, bebendo e dormindo. Pelo menos o pai de Gavin se fazia mais presente.

— Gavin era mais chegado a ele?

Ela me olhou fixamente, como se eu tivesse falado em uma língua estrangeira. Continuei.

— Gavin alguma vez lhe contou sobre seus planos de carreira?

— Tipo o trabalho que desejava? -Sim.

— Antes do acidente queria ser um empresário rico. Depois, falava em escrever.

— Escrever o quê?

— Ele não falou. — Ela riu. — Como se fosse falar.

— Ele algum dia falou sobre estar suspeitando de alguém?

— Como? Como alguma coisa de espionagem?

— Isso mesmo — assenti.

— Não. Posso ir andando, seu polícia? Marquei um encontro com Ellie no II Tornaio, e não quero estourar o limite de tempo do estacionamento. Pagar aos sanguessugas.

— E também pagar pelos cosméticos — completei.

— Ei, pensei que isto havia acabado.

— O que mais pode me dizer sobre Gavin?

— Nada. Ele saiu da minha vida ao começar a andar com aquela gente... acha que ele foi morto por quê? Por andar com gente má?

— Talvez.

— Acertou — disse ela. — Ser bom compensa.

Capítulo 31

Levei-a até a farmácia e peguei uma sacola de compras. Jogando os artigos roubados na sacola, eu disse:

— Deixe isso lá dentro.

De repente, uma palidez branca como osso apareceu através de sua maquiagem.

— Não me faça entrar lá, por favor.

Colocou a mão na minha manga. Nenhuma tentativa de sedução; os nós de seus dedos estavam brancos.

— Tudo bem — falei. — Mas você tem de me prometer que vai se comportar.

— Prometo. Posso ir agora? Ellie está esperando.

Gavin havia se gabado com Kayla acerca de todo o sexo que estava fazendo com a loura. Talvez fosse uma tentativa de esnobar a antiga namorada. Mas também se ajustava à teoria da garota de programa.

Christa ou Cristal. Tentei falar com Milo de novo. Seu celular continuava desligado.

Ouvir Kayla Bartell, saber sobre o deplorável tropeção que tinha sido a vida de Gavin Quick haviam solapado minha energia. Allison e eu devíamos nos encontrar para jantar às sete, e resolvi tirar essa história da minha cabeça.

Consegui, mas ao fim daquela noite descobri-me falando com Allison acerca da desintegração da família Quick, reviravoltas erradas e azar, a morte da intimidade.

Uma garota sem nome enfiada numa gaveta de aço inoxidável, o corpo todo remendado e relegado ao armazenamento frio.

Sendo a terapeuta que era, Allison ficou me ouvindo, e isso me fez seguir em frente. Eu sabia que estava sendo moroso, mas não queria parar de falar. Quando estacionei na casa dela, minha própria voz me feria os ouvidos.

— Desculpe — eu disse. — Que cara babaca.

— Por que não dorme um pouco?

— Você quer ouvir mais baboseira?

— Gostaria que você passasse a noite aqui.

— Nunca soube que você era do tipo masoquista

Ela deu de ombros e brincou com meu dedo indicador.

— Gosto de vê-lo como a primeira coisa pela manhã. Você sempre parece realmente feliz em me ver, e não há mais ninguém de quem eu possa dizer isso.

Fomos direto para o quarto, nos despimos, trocamos um beijo casto de boca fechada e caímos facilmente no sono. Acordo três vezes no meio da noite, duas para desencorajar pensamentos e uma porque me sinto empurrado. Forcei meus olhos a se abrirem e vi Allison pairando sobre mim, os seios balançando, agarrando um canto do edredom e parecendo ela própria semi-adormecida.

Eu disse alguma coisa como “Hã” e mantive minha língua trabalhando.

— Você esteve... coberto — disse ela, meio grogue. — Não vi você se mexendo, e quis... verificar.

— Estou bem,

— Boa... noite.

A luz da manhã crestou minhas pálpebras. Deixei Allison dormindo, fui até a cozinha, peguei o jornal, procurei por uma foto da garota morta e não a encontrei.

Allison tinha pacientes pela manhã e logo estaria de pé, portanto preparei o desjejum.

Momentos mais tarde, ela apareceu farejando o ar, usando uma camiseta caqui de tamanho exagerado e chinelos fofos, o rosto vincado pelas dobras do lençol, o cabelo penteado descuidadamente.

— Ovos. — Ela esfregou os olhos. — Você dormiu bem?

Maravilhosamente.

Eu também. Ela bocejou. — Eu ronquei?

— Não — menti.

— Afundei como uma pedra — disse ela. — Bum.

Nenhuma lembrança de ter despertado para ver se eu estava bem. Nos sonhos, ela se preocupa comigo.

Quinze minutos depois que cheguei em casa, Milo telefonou de seu carro. Sua respiração era ofegante, como se houvesse subido uma ladeira.

— Tentei falar com você às nove.

— Passei a noite na casa de Allison.

— Bom para você. Como é que está sua agenda hoje?

— Livre. Eu talvez tenha um nome para a garota loura. Crystal ou Christa.

— Como descobriu?

— Kayla Bartell. E uma história meio...

— Conte-me quando eu chegar aí. Já estou no Sepulveda com a Wilshire. O cachorro ainda está com você?

— Não, já se foi.

— Certo, então vou comer essa carne-seca eu mesmo.

Ele entrou usando um deplorável terno cinza, camisa marrom-lodo, gravata de poliéster cinza e mastigando a mais grossa barra de carne desidratada que já vi.

— O que é isso? — perguntei. — Carne de cobra?

— Búfalo. Baixo teor de gordura e sal. Especial do Trader Joe's.

— Seu cabelo estava empastado e os olhos vermelhos. Fomos para a cozinha.

— Conte-me a história.

Relatei minha conversa com Kayla.

— Uma jovem cleptomânica, hein? E você se fez de policial durão. Bom trabalho.

— Isso talvez seja ilegal.

— Foi uma conversa entre dois adultos. — Ele afrouxou o nó da gravata. — Ainda sobrou café?

— Não fiz nenhum.

— Não tem problema. Já estou elétrico, de qualquer modo... Christa ou Crystal. Por que Kayla concluiu que era uma stripper?

— Porque Gavin disse que era dançarina — expliquei.

— Bem — replicou ele. — Chamar uma garota de Crystal e o que mais? Isso dará a ela um PhD em biomecânica, ou terminará sacudindo seu rabo por gorjetas? — Ele retirou o paletó e o jogou sobre uma cadeira. Desde que ele havia chegado, o ar estava turbulento.

— Kayla disse também que ela parecia uma viciada.

— O legista nada descobriu no organismo dela. E quanto ao Times?

— Eles seguem seu próprio esquema — falei. — Por que você não pergunta sobre o meu?

Ele tirou uma folha de papel datilografada do bolso do paletó e passou para mim.. Ford Explorer 1999. Bennet A. Hacker, Franlin Avenue, 48 Hollywood.. Sedã Lincoln. Raymond R. Degussa, caixa postal 41, em Venice.. Mercedes Benz sedã 2001. Albin Larsen, Santa Monica, 56.. Mercedes Benz sedã 1995, Jerome A. Quick, Beverly Hills, 48.

— Dados sobre Gavin da lista do Departamento de Veículos Motorizados — disse ele.

— Gavin anotava os números das placas do pai?

— Estranho, não? Poderia ser o caso de uma lesão cerebral? Vocês têm um nome para isso?

— Inclusão exagerada... Mas uma outra coisa me escapa. O carro de Quick está listado por último. Você achou que apontar o carro do pai teria capturado primeiro a atenção de Gavin.

— A não ser que ele tenha listado os carros por ordem de chegada, e o papai chegou por último.

— Boa observação — eu disse. — Então você está pensando em algum tipo de encontro.

Ele assentiu.

— Quick e Albin Larsen e os outros dois. A grande pergunta é: por que Gavin estava vigiando o papai? Está me cheirando como se papai não fosse lá muito bom, e foi por isso que limpou o quarto de Gavin... para livrar-se de qualquer evidência que seu garoto pudesse utilizar. Depois deixou a cidade... seu garoto simplesmente foi assassinado e ele sai em viagem de novo, deixando a mulher sozinha para fazer negócios. Isto cheira a oportunismo, Alex. O erro que Jerry cometeu foi não limpar as roupas de Gavin.

Ele pegou a lista, folheou-a e pôs de volta no bolso.

— Não é muito. Mas no meu entender isso muda tudo. Deixe-me contar-lhe sobre os outros caras na lista.

— O condenado que fazia faxina no prédio, Kristof, disse que seu agente de condicional se chamava

— Hacker — lembrei.

Ele sentou-se à mesa da cozinha.

— Estou impressionado. É, ele é um agente de condicional trabalhando para o escritório do centro da cidade, e Raymond Degussa é um de seus clientes antigos. Cliente principal, com uma longa lista de detenções por agressão, furto, extorsão, assalto a mão armada, posse de drogas. Degussa escapou impune um monte de vezes, apelou em outras, cumpriu algum tempo no condado, por fim pegou 15 anos em San Quentin por acusação de roubo violento. Tempo reduzido por bom comportamento, e ele parece ter se comportado durante a condicional, verificado regularmente por Hacker, libertado e limpo dois anos depois. Telefonei para San Quentin e falei com uma diretora-assistente relativamente nova no serviço e ela não conhecia Degussa. O que desencavou para mim foi que ele era um condenado dominante, não fazia parte de nenhuma gangue, mas nunca foi hostilizado. Os detentos o imaginavam como um fornecedor de algum tipo, porque sempre tinha cigarros e doces. Ele foi também suspeito de ter assassinado lo menos dois detentos, mas nunca se provou nada.

— Bandido de carreira — comentei. — Suspeito de dois homicídios, e com a pena reduzida por bom comportamento?

— Não há provas de que foi ele. Administradores de presídios têm suas próprias leis. Estão sempre com superlotação, querem libertar os caras. E, milagre dos milagres, Degussa parece ter se regenerado. Nenhum problema com a lei desde que obteve a condicional.

— Um agente de condicional amigo ajuda nisso — comentei. Reabilitação bem-sucedida. Albin Larsen adoraria isso. Talvez Degussa fosse um dos seus projetos preferidos. Ou de Mary Lou Koppel. Que arma foi usada nesses homicídios no presídio?

— Um estoque, no presídio é sempre um estoque.

Algum empalamento?

Nada sobre isso na pasta dele.

— Degussa foi libertado, um assaltante violento. Alguma arma, afinal?

— Apenas intimidação.

— Bennett Hacker passou algum tempo em qualquer desses escritórios satélites?

O de Flora Newsome — disse Milo.

— Ela trabalhava em condicional. Parece coincidir plenamente.

— É... Não quero perguntar demais. Se Hacker estiver sujo, não quero que ele saiba que estou fuçando por aí. Mas farei o que puder para farejar nos bastidores.

Ele tamborilou na mesa.

— Estou com aquela sensação... o caldo está começando a entornar. Mas tudo continua mantido a distância, como se eu o estivesse preparando na cozinha de outra pessoa.

Ele se levantou, andou de um lado para o outro, limpou a garganta.

— Do jeito como vejo isso, Gavin se convenceu de que da ser alguma espécie de repórter investigativo. Estava metendo o bedelho nos negócios do pai. Ou primeiro percebeu coisas estranhas acontecendo no edifício onde fazia a terapia. Começou a fazer alguma vigilância a sério, tomou notas.

— Uma psicóloga, um agente de condicional e um condenado

— comentei. — Tirando-se Jerry Quick, poderia ser apenas algum tipo de arranjo de tratamento.

— Precisamente. Jerry estando lá leva tudo para uma direção completamente diversa. Jerry é um vigarista mulherengo que contrata alguém como Angie Paul como sua secretária de fachada. Ele também é inquilino de Sonny Koppel. E Sonny é sócio parcial de Mary Lou no negócio de casas de reabilitação, o homem do dinheiro. Aquele que encaminhou Jerry a Mary Lou, para começar.

— Você descobriu quaisquer acordos comerciais entre Sonny e Quick?

— Nadinha. E olha que escavei fundo, ontem e hoje cedo.

Ele apoiou-se na geladeira, voltou a beber suco de pomelo em um copo de papelão.

— Não consegui encontrar nem um único vestígio de sujeira no velho Sonny. Nenhum problema como explorador de cortiços, nenhuma queixa criminal, ninguém no crime organizado jamais ouviu falar dele. Até aqui ele está parecendo exatamente o que alega ser: um dono de diversos imóveis. Foi também sincero acerca de fazer grandes doações. A Junta de Incentivos Fiscais diz que a Charitable Planning é uma das maiores fundações isentas de impostos. Sonny entrega sua documentação a tempo e doa pelo menos um milhão por ano.

— Para quem?

— Para os pobres, doentes, deficientes, além de diversas ONGs ecológicas.

— O São Sonny — comentei.

— Parece bom demais para ser verdade... não sei sobre o que era aquele encontro, mas a única coisa que faz sentido era que todos estavam envolvidos em alguma coisa sombria. Talvez Sonny tivesse Jerry Quick à sua mercê, afinal Jerry está sempre duro. Mas ainda não posso imaginar que utilidade teria

para Sonny. Pondo isso de lado por um momento, que tipo de armação um grupo de psicólogos poderia pôr em prática que resultasse em muita grana?

— A primeira coisa que me vem à mente é pura fraude... superfaturar o seguro ou o Estado. O alvo mais fácil seria o Estado... algum tipo de contrato com o governo.

Sonny saberia como trabalhar esse ângulo. Ele obtém do governo financiamento para suas casas e seus abrigos para idosos. Ele alega que as tais casas de ressociação foram ideia de Mary Lou e Larsen. Talvez seja verdade, mas se possuir casas de ressociação ajudasse a inserir Sonny num plano de tratamento subsidiado, isso teria apelo para seu senso comercial.

— Terapia para condenados — eu disse.

— Um suprimento incorporado de pacientes. Pacientes pelos quais poderia cobrar quer ou não fossem tratados, porque quem iria se queixar?

— Sonny, Mary Lou e Larsen. E Gavin presenciou algum tipo de reunião.

— Gavin não anotou o número da placa de Gull — falei. — Então talvez Gull tenha faltado à reunião. Ou não estava envolvido. Estava com problemas pessoais, além de suar em excesso. Se estivesse montando uma arguta operação criminal, eu o consideraria de baixo risco.

— Eu ainda gostaria de saber por que Gavin o dispensou como terapeuta. — Ele andou mais um pouco. — Para um cara como Sonny estar envolvido numa fraude deveria haver muito dinheiro em jogo.

— Talvez não — eu disse. — Sonny alega que não está acumulando dinheiro. O que parece ser verdade, que se interessa pelo jogo... o processo de fazer dinheiro.

— Mamando nas tetas do governo.

— Ou Sonny imaginou um meio de ganhar algum dinheiro limpo. Ele alega que estava mantendo o andar térreo vazio até que a Dra. Koppel e os outros decidissem sobre a terapia de grupo. Se eles iam montar algum tipo de tratamento para condenados em liberdade condicional que desse bom dinheiro, isso justificaria deixar vazias as salas da Charitable Planning. Verifiquei o espaço ontem. Estavam limpando os carpetes e pude circular por lá. Tudo vazio, exceto um pequeno escritório para Sonny e uma sala grande com algumas cadeiras dobráveis. Por que Sonny precisaria de cadeiras se tudo que fazia era aparecer e assinar cheques? Mas elas seriam úteis se alguém viesse verificar e ele alegasse que eram para os grupos em terapia.

Claro que se a pessoa que viesse fiscalizar fosse um amigo, ele não teria necessidade de disfarçar tanto.

— Bennett Hacker. Há algum acordo com a junta de condicional e Hacker é o supervisor.

Um cara na posição de Hacker poderia também fornecer nomes em troca de propina. E Raymond Degussa, sendo um condenado dominante e astuto... alguém que assaltava usando apenas intimidação... poderia convencer os pacientes a cooperar.

— Médicos de cuca para condenados em condicional. Alguma coisa assim poderia resultar em dinheiro limpo?

— Se houvesse pacientes o suficiente — respondi. — Vamos fazer as contas. Um grupo de terapia particular pode cobrar de cinquenta a cem dólares por hora. A Medi-Cal reembolsa por muito menos... quinze, vinte. Mas há todos os tipos de outras coisas que se pode cobrar da Medi-Cal. Tratamento individual, internações iniciais, acompanhamentos, exames, conferências de caso...

— Conferências de caso. Como se reunirem até tarde da noite. Quanto a Medi-Cal paga por isso?

— Trinta e seis paus por trinta minutos. Se essas pessoas fossem encaixadas em algum programa suplementar que aumentasse a conta da Medi-Cal... algo que Sonny adulteraria... a taxa poderia ser substancialmente mais alta. Mas sejamos conservadores e vamos presumir o custo da terapia de grupo em vinte dólares por paciente a cada sessão. Vi pelo menos umas vinte cadeiras dobráveis. Se eles trabalhassem com grupos de vinte, ou alegassem estar trabalhando, cada sessão renderia quatrocentos paus em uma hora. Seis grupos por dia, cinco vezes por semana, daria 12 mil dólares. Apenas isso

renderia 600 mil dólares por ano. Acrescente mais pacientes, lance taxas adicionais, e isso poderia ficar interessante. Em especial se você não está realmente fazendo terapia nenhuma.

— Milhões — calculou ele.

— Não é nada inconcebível.

— Cada condenado indo diariamente à terapia de grupo... quantos grupos você poderia justificar para um único paciente?

— Se fosse estabelecido um modelo de imersão, você poderia tratá-lo o dia inteiro.

— O quê? Como aquele negócio em que o cara fica sentado o dia inteiro com outro cara gritando que não tem força de vontade e sequer o deixa ir mijar?

— É, Synanon — citei. — Existem muitos precedentes, particularmente com abuso de drogas.

Um caso poderia ser aberto por imersão para condenados, porque o alvo seria uma mudança em ampla escala sobre várias dimensões. A resposta para um argumento cético seria que isso ainda sairia mais barato do que mantê-los na prisão. E que se realmente os regenerasse, seria uma montanha de dinheiro poupado.

— Mary Lou e seu papo furado de reabilitação. Indo ao rádio... ela e Larsen. — Milo riu. — O governo paga para tratar a cuca de criminosos. Estou do lado errado. E você também, por falar nisso.

— Quantos caras na condicional vivem nas casas de ressocialização de Sonny?

— Nas três casas? Uns duzentos, acho.

— Pense sobre o rendimento se cada um fosse inscrito no programa.

— Centenas de paus por semana por condenado... cinco mil por ano. Um milhão só por terapia de grupo.

— E mais outros encargos.

— O único problema, Alex, é que somente dois terapeutas ganhando toda essa bolada seria fisicamente impossível.

— Por isso eles usaram assistentes... colegas de profissão. E esse pessoal entrou no esquema, cobrando por sessões que nunca aconteceram.

— Colegas de profissão significando mais condenados? E, aí é que está a raiva, não é? Ex-presidiários servindo como laranjas para eles. É aí que um cara como Degussa se encaixaria... bandidos fazendo terapia. Isso é legal?

— Tudo depende de como o contrato foi redigido — expliquei.

— E um cara como Sonny saberia obter um contrato fajuto do governo.

— Todas aquelas horas extras. O local estaria fervilhando. Mas não estava.

— Talvez Gavin tenha notado a discrepância.

— O ás da reportagem com lesão cerebral descobre a fraude. Milo bebeu um gole de suco, pôs o copo de papelão sobre a mesa e limpou os lábios com a manga da camisa. — Tudo que precisaram foi uma sala e algumas cadeiras para ganhar um milhão. É, é uma fraude da pesada. Mas Sonny doa essa quantia por ano. Por que iria entrar nessa? Pela emoção do jogo?

— Talvez algo mais — eu disse.

— O quê?

— Deixar Mary Lou feliz.

— O fim dela não teve nada de feliz — replicou Milo.

— Talvez alguma coisa tenha dado errado.

— Por isso estavam limpando o carpete. No dia seguinte após falarmos com Sonny. E quem estava fazendo isso? Condenados como Roland Kristof?

Não parecia ser. Dei-lhe o nome da empresa e ele confirmou.

— Um criminoso regenerado. Mas voltamos à mesma pergunta: onde Jerry Quick entra aí?

— Aquele escritório dele. Não ocorriam muitos negócios ali.

— Uma fachada.

— Talvez seu verdadeiro negócio seja trabalhar para Sonny. Ele franziu o cenho.

— Todo este cenário faz de Quick mais do que apenas um escroto espalhafatoso. O que significa que sabe por que o filho foi morto e, em vez de nos contar, tratou de limpar o quarto.

— Poderia ter sido medo. Primeiro Gavin, depois Mary Lou Koppel. Eis por que Quick saiu da cidade. Quando você ligou para o escritório, ninguém atendeu. Talvez Quick tivesse mandado Angie tirar alguns dias de folga.

— Ele se manda, deixando a esposa para trás... porque eles não se davam mais, de qualquer modo. Ele não ligava a mínima para ela.

— Isso explicaria também por que a filha, Kelly, não apareceu em casa após a morte de Gavin. Quick a quer fora do caminho.

— O esfacelamento da armação... se realmente existir.

— Uma armação explicaria Flora Newsome também. Enquanto estava trabalhando no escritório de condicional, ela descobriu alguma coisa que não deveria.

Talvez Mary Lou tivesse ficado ambiciosa e quisesse uma fatia maior. Ou o assassinato de Gavin houvesse mudado sua perspectiva.

— O quê? Ela de repente desenvolveu fibra moral?

— Jogos financeiros são uma coisa, assassinato, outra. Talvez Koppel tivesse entrado em pânico e quisesse sair. Ou tentou apoiar-se em Sonny.

Ele levantou-se de novo, circulou duas vezes pela cozinha.

— Há outro possível ângulo acerca de Flora, Alex. Ela poderia ter entrado no esquema, examinando pastas e passando os nomes de presos que iam ganhar liberdade condicional.

— Pode ser. Pensei em Evelyn Newsome, vivendo de lembranças, tentando dar um jeito na própria vida.

Milo olhou pela janela da cozinha por um longo tempo.

— Criminoso de carreira, agente de condicional, negociante de metais de reputação duvidosa. E o professor Larsen, militante dos direitos humanos. Mantivemos nosso foco em Gull e não prestamos muita atenção em Larsen.

Ele bebeu do copo de suco, soltou um longo e bafejado suspiro.

— Consegui um encontro com o contador de Jerry Quick em Brentwood. Depois seria melhor eu começar a investigar em detalhe Degussa e Hacker, descobrir, entre outras coisas, se algum deles interagiu com o escritório satélite de Flora.

Ele fechou a pasta.

— E com tudo isso ainda fica faltando Crystal, a loura misteriosa.

— A garota de Gavin — falei. — Ele contou a ela. Ou então não o fez, e simplesmente aconteceu de ela estar no lugar errado.

— Quer dizer que você mudou de ideia. Ela não é mais o alvo principal.

— Flexibilidade é a marca registrada da maturidade. Ele riu.

— Tendo em vista que sua agenda está livre, você deveria aceitar a missão...

— Qual?

— Pesquisa acadêmica. Escavar cada maldita coisa que puder sobre Albin Larsen e os outros. Procurar pelo tipo de dinheiro fácil do governo que estamos imaginando.

Estadual, local, federal, até privado. Alguma coisa com pouca visibilidade que seria fácil de fraudar.

— Isso parece uma típica doação — repliquei.

— Tão jovem e tão cínico. E aí, trato feito?

— Um trato implica compensação.

Capítulo 32

A virtude levou um bom tempo para me recompensar.

O nome de Jerome Quick não obteve nenhum sucesso. Nem os de Raymond Degussa ou Bennet A. Hacker.

Edward “Sonny” Koppel era um homem de posses, mas de perfil público reduzido: vinte referências ao todo, 16 delas realçando as contribuições de caridade de Koppel, a maioria consistindo do seu nome em listas de doação. Quando ele foi afinal identificado, passou a ser um “investidor e filantropo”. Nenhuma foto acompanhava quaisquer das citações.

Albin Larsen apresentou bem mais visibilidade cibernética. Na última década ele conciliou a prática clínica com palestras sobre o papel da psicologia no ativismo social em sua Suécia natal, bem como na França, Holanda, Bélgica, Canadá e Quênia. Seu nome aparecia 63 vezes.

Esse tipo de viagem conflitava com a realização de terapias de longo prazo; depois, outra vez, era mais fácil manter uma infinidade de pacientes quando na verdade não os estava atendendo.

Comecei a vasculhar através das inserções. As ligações de Larsen com a África iam além das palestras; ele havia sido um observador da ONU em Ruanda durante o genocídio que exterminara mil tutsis e fora consultor no subsequente tribunal para crimes de guerra.

Algumas das citações eram repetitivas, mas as trinta que examinei diziam a mesma coisa; Larsen empenhado em obras louváveis.

Não era o perfil de um escroque ou de um assassino. Antes de chegar ao fim, mudei os comandos e comecei a busca por programas de psicoterapia para condenados em liberdade condicional e outros ex-condenados. E, surpreendentemente, encontrei poucos. Nenhum projeto governamental na Califórnia, além de uma escola de motoristas de caminhão, bancada pelo estado, para criminosos recém-libertados. Esta tinha sido averiguada quando um de seus formandos, alcoolizado, jogara seu caminhão contra um restaurante em Lodi. Mas não descobri nenhum sinal de que o financiamento fora cancelado.

Tudo mais com que me deparei era acadêmico — cientistas sociais medíocres defendendo teorias e jogando com números. Quando tratamentos para criminosos existiam, eles tendiam a ser excluídos da corrente principal da terapia. Um grupo em Baldwin Park pro movia meditação e “cura por atitude” para ex-condenados, e um em Laguna trombeteava o poder das artes e ofícios. Artes marciais, e especificamente tai chi, eram o tratamento preferido de uma empresa em San Diego, e não faltavam grupos religiosos aliciando com técnicas de mudança moral.

Telefonei para o Departamento de Saúde do estado, suporrei quase uma hora de gravação antes de falar com uma mulher exausta que me informou que não sabia de quaisquer grupos de tratamento para presos em condicional, mas, se existisse algum, eles não tinham nenhum registro sobre isso, mas o Departamento Correccional saberia. Enfrentei mais de quarenta minutos de tormento telefônico na mesa do Correccional, como se eu estivesse sendo jogado de um menu para outro. Comecei apertando “0” como um homem enlouquecido. Alcancei finalmente um atendente que me disse que o escritório estava fechado.

Quatro e quinze. Minhas tarifas estourando o limite.

Voltei às últimas 12 citações sobre Albin Larsen. Mais alguns discursos, depois uma declaração conjunta de Larsen e um comissário da ONU chamado Alphonse Almogardi, em Lagos, Nigéria,

prometendo que a ONU faria tudo que estivesse ao seu alcance para levar à justiça os perpetradores do genocídio em Ruanda.

Links a partir desse me conectaram com um site africano de assuntos públicos. O grande fato ocorreu em Kigali, capital de Ruanda: a marcha, em junho de 2002, de 350 sobreviventes do genocídio acusando o Tribunal Internacional de farsa. Durante os oito anos desde a criação do tribunal, apenas sete julgamentos de crimes de guerra foram convocados, todos de militares de baixa patente. A medida que os anos passavam, testemunhas morriam ou desapareciam. Os que insistiam haviam suportado ameaças e perturbações. Carniceiros acusados enriqueceram à medida que seus advogados de defesa devolviam parte das taxas legais financiadas pelo tribunal.

Mais danosa foi a acusação de que os juizes do tribunal estavam ativamente conspirando para protelar o julgamento dos genocidas mais graduados, por temor de que as audiências públicas revelassem a cumplicidade do pessoal da ONU no genocídio.

Da segurança de seu escritório em Dublin, uma escritã do tribunal, chamada Maria Robertson, respondeu repreendendo os sobreviventes por “sua linguagem incendiária” e prevenindo contra a “instigação de um ciclo de violência”. Ao palestrar em Lagos, o consultor Albin Larsen destacou a complexidade da situação e recomendou paciência.

A 19a entrada também vinha da capital da Nigéria e me deu uma pausa: descrição de um programa chamado Sentinelas da Justiça, dedicado a ajudar jovens africanos a se afastarem da vida criminosa.

O objetivo do grupo formado por voluntários europeus era “oferecer alternativas sinérgicas à prisão que geravam reabilitação eficaz e mudança de atitude, por meio de uma ênfase holística sobre a interação entre comportamento socialmente altruísta e normas sociais comunais estabelecidos no lugar durante a era pré-colonial, mas rompidas pelo colonialismo”. Os serviços oferecidos incluíam educação paterna, treinamento em ofícios, aconselhamento sobre álcool e drogas, intervenção em crimes e algo chamado “desmarginalização cultural”. A sinergia era ilustrada pelo uso dos ônibus dos Sentinelas da Justiça, dirigidos por seus próprios alunos, para o transporte de criminosos detidos ao tribunal.

A maioria dos voluntários tinha nomes escandinavos, e Albin Larsen estava listado como consultor sênior.

Imprimi a citação e passei para as poucas entradas restantes. Mais discursos de Larsen, depois a referência final postada três semanas antes: o calendário de eventos de uma livraria de Santa Monica chamada A Caneta É Mais Poderosa. Um professor de Harvard estava agendado para dar uma palestra sobre o Oriente Médio, e Albin Larsen estaria lá para apresentá-lo.

A palestra seria naquela noite, dentro de quatro horas. O professor Larsen era um homem ocupado.

Copiei a citação dos Sentinelas da Justiça para palavras incomuns e digitei-as em vários instrumentos de busca. “Alternativas sinérgicas”, “reabilitação eficaz”, “mudança de atitude” e “desmarginalização” resultaram em um monte de blablablá acadêmico e nada de útil.

Eram cinco e meia quando saí do computador, e não tinha muita coisa para mostrar.

Fiz um pouco de café, mastiguei um pãozinho e bebi, pensando e olhando pela janela da cozinha para um céu cinzento. Percebi que havia ficado seduzido pelo truque barato que era a pesquisa cibernética e decidi fazer aquilo pela velha e boa maneira fora de moda.

Olivia Brickerman e eu havíamos trabalhado juntos no Western Pediatric Hospital, ela como supervisora de assistência social, e eu como psicólogo estagiário. Vinte anos mais velha, ela tinha sido minha mãe substituta. Eu não me importara nem um pouco porque ela fora uma mãe benevolente, cozinhando para mim e demonstrando um carinhoso e curioso interesse pela minha vida amorosa.

Seu marido, um grande mestre internacional do xadrez, escrevera a coluna Movimentos Finais para o Times. Ele havia falecido e Olivia tivera que lidar com sua perda mergulhando de volta no

trabalho, assumindo uma série de consultorias provisórias e bem pagas para o estado e depois ganhando um cargo na distinta velha escola do outro lado da cidade onde eu era nominalmente um professor de medicina.

Olivia sabia mais sobre apadrinhamento e o modo como o governo operava do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse.

Às 5h40 ela ainda estava em sua mesa.

— Alex, querido.

Olivia, querida.

— Que bom ter notícias suas. Como está a vida?

A vida está boa. E quanto a você?

— Ainda dando meus coices. E aí, como está se saindo a nova mulher?

Maravilhosamente bem.

— Faz sentido. Vocês estão na mesma profissão, muitos pontos em comum. O que não quer dizer que tenha algo contra Robin. Adoro ela, é gente fina. E então a nova... aquele cabelo, aqueles olhos. Nenhuma surpresa aí, um cara boa-pinta como você. Arranjou um cachorro novo?

Ainda não.

— Um cachorro é bom — disse ela. — Adoro o meu Rudy. Rudy era um vira-lata vesgo e peludo, doido por comida de deli.

— Rudy distrai — comentei.

— Ele é mais esperto que muita gente.

Na última vez em que tinha falado com ela, três ou quatro meses atrás, Olivia havia torcido um tornozelo.

— Como está a perna? — perguntei. — Já voltou a correr?

— Essa é boa! Ninguém pode voltar a fazer o que nunca fez. Na verdade, a perna ainda está um pouco atrofiada. Eu deveria me exercitar com pesos. Mas, graças a Deus, melhorou. A última novidade é que estou anêmica.

— Você está bem?

— Meu sangue afinou. Infelizmente nada mais fica fino. E então, o que posso fazer por você, meu querido?

Eu lhe perguntei o que precisava saber.

— Departamento de Correções — disse ela. — Faz muito tempo que não entro em contato com aqueles caipiras. Não desde que consultei Sybil Brand. Na ocasião eles tinham algumas doações do estado para terapia, mas ia tudo para dentro da prisão, para ajudar detentas com filhos a aprenderem a ser boas mães.

Uma boa ideia, mas a supervisão foi patética. Nunca ouvi falar de um projeto privado como esse que você está descrevendo.

— Talvez ele nem exista — eu disse.

— E está me perguntando a respeito porque...

— Porque pode estar relacionado com alguns assassinatos.

— Alguns assassinatos — repetiu ela. — Coisa feia?

— Muito feia.

— Você e Milo... como vai ele, a propósito?

Trabalhando duro.

— Ele sempre estará fazendo isso. Bem, lamento por nada ter me ocorrido, mas apenas porque não ouvi falar disso, quer exista ou não. Estive aprendendo, há uma espécie de buraco negro no mundo divino do dinheiro público... o que está descrevendo poderia ser um estudo piloto. Deixe-me ligar meu computador e ver... Vejamos, aqui vai, clique, clique, clique... não parece haver quaisquer estudos de

terapia de reabilitação pós-prisonal nos Institutos Nacionais de Saúde nem no Departamento para Serviços de Saúde e Causas Humanitárias. O Estado também não tem nenhum envolvimento com esse tipo de terapia. Talvez seja algo privado... não, nada também nessa lista. Portanto talvez tenha sido aprovada como doação plena, não como piloto.

— Você poderia dar uma checada em “Sentinelas da Justiça”. E, se não funcionar, tenho algumas outras palavras incomuns.

— Diga quais são.

— “Sinergia”, “desmarginalização”, “mudança de atitude”, “interação holística”...

— Isso soa como se a gente estivesse ouvindo os gemidos do Sr. Orwell ao fundo.

Gargalhei. Esperei. Ouvi Olivia cantarolar e resmungar para si mesma.

— Nada — constatou ela, finalmente. — Nada em qualquer banco de dados que eu possa encontrar. Mas nem tudo aparece no computador numa versão atualizada. Existem boas listas impressas à moda antiga. Não as tenho aqui, preciso ir buscá-las no escritório principal.

Que fica fechado à noite... me dê algum tempo, querido, e verei o que posso fazer.

— Obrigado, Olivia.

— Você é mais do que bem-vindo. Apareça de vez em quando, Alex. Traga Allison. Ela é vegetariana ou algo assim?

— Muito pelo contrário.

— Sorte sua. Então pode trazê-la com certeza. Vou temperar alguns bifês. E meus bifês são famosos. Traga Allison e algum vinho. Eu poderia receber algumas pessoas adoráveis em minha casa.

Às seis e meia, Milo me ligou.

— O contador de Jerry Quick foi esperto, mas consegui obter algumas coisas dele. Para começar, fiquei com a clara impressão de que Quick não é um cliente caixa-alta. Em segundo lugar, a renda de Quick vem em jorros, nada regular, de quaisquer negócios que ele consegue fechar, e o contador nunca vê os cheques, apenas anota o que Jerry lhe diz. Sua principal informação foi de que a renda de Jerry era instável, por isso ficava difícil estabelecer uma taxa aproximada.

— Não era um cliente caixa-alta — repeti. — Como ele vinha se saindo recentemente?

— O contador não quis entrar em detalhes, mas disse que Quick atrasou seu pagamento.

— Sonny Koppel também se queixou disso, portanto Quick estava vivendo na ponta do laço.

Casa em Beverly Hills, um Mercedes, embora um tanto velho. As aparências são importantes. Acrescente a isso as contas médicas de Gavin e aí está a pressão.

— Claro — Milo concordou. — Isso explicaria o envolvimento de Quick em alguma coisa complicada e lucrativa. Mas o que isso não explicaria é por que Sonny e os outros o queriam envolvido? O cara é um comerciante de metais mediano. O que poderia oferecer?

— Armas são de metal.

— Da terapia às armas? Um sindicato do crime burguês?

— É só isso que me vem à mente — repliquei. — Negociantes gostam de negociar. Quick viaja por aí comprando sucata. Departamentos de polícia não fazem sucata das armas confiscadas?

— É — confirmou Milo —, tudo é possível, mas não há ainda nada ligando Quick ou qualquer um ao trambique da terapia, sem contar o trambique das armas. E ainda não consigo localizar o sacana. Obtive os registros de seus telefonemas, mas não há ligações para nenhuma companhia aérea. Nada relacionado a viagens. Não descobri nenhum telefone comercial, por isso perguntei a Sheila. Ela disse que ele usa um celular pré-pago. O que é exatamente o que o cara faz se seu negócio é duvidoso. Enquanto isso, Sheila ainda não faz a menor ideia de onde ele se encontra. Portanto talvez você esteja certo: ele fugiu.

— Como ela está aceitando isso?

— Ela estava no maior porre, mas pareceu um pouco assustada. Como se isto talvez fosse mais do que outra viagem de negócios de Jerry. Quando ela estiver sóbria, será pior; a lucidez pode ser uma merda. Também passei no escritório de Quick. Fechado. Nem sinal de Angie Unhas Azuis. A correspondência está empilhando na porta, tudo inutilidade.

— Talvez a correspondência importante vá para outro endereço.

— O que não me espantaria. Telefonei para o apartamento de Angie em North Hollywood. Ninguém atendeu. Nas outras frentes, o Sr. Raymond Degussa trabalha como leão-de-chácara em um clube em East Hollywood. Petra não conhece ele, mas checou os arquivos de Hollywood e o nome de Degussa apareceu num chamado de radiopatrulha. Confusão no clube. Degussa se desentendeu com um cliente inconveniente, o cliente chamou a polícia, mostrou um olho roxo, alegou que Degussa ameaçou matá-lo. Mas não havia testemunhas, e o queixoso era antipático, agressivo, portanto nenhuma acusação.

— Ameaças de morte — eu disse. — Sujeito delicado.

Estou certo de que ele veste o manto de veludo com tato e diplomacia. Nada mais que um outro incidente, e ele manteve sua barra limpa. Aqui tem algo mais suculento: Bennett Hacker, nosso agente de condicional provavelmente errante, circulou por algumas das agências satélites, incluindo aquela onde Flora Newsome trabalhava, mas ele só ficou lá por duas semanas.

— O que é tempo bastante — falei. — Como está nossa agenda esta noite... digamos, daqui a uma hora?

Contei a ele sobre a presença de Albin Larsen na livraria.

— Podemos aparecer lá só para observar, ter uma chance de ver Larsen em outro contexto. A não ser que você ache que isso o alarmaria.

— Outro contexto — disse ele. — Não é má ideia. Quanto a deixar Larsen alarmado, podemos inventar uma história. Queríamos falar com ele sobre Mary Lou e Gull, sem a menor intenção de interromper suas atividades, sendo ele um psicólogo tão ocupado. Seria a melhor maneira.

— Além de ser uma história inventada, isto o faria pensar que o foco ainda está no seu sócio. Binch ainda está de olho em Gull?

— Está. Gull está maneirando... uma pequena ida à livraria esta noite... claro, vamos fazer isso. Dei-lhe o endereço.

— Vamos nos encontrar, digamos, a meio quarteirão a leste, na esquina da Sexta— combinou ele. — Chegada um pouco mais cedo...h15.

— Para dar uma geral na cena?

— Ei, não vai ter assentos baratos para nós.

Capítulo 33

Cheguei à esquina da Broadway com a Sexta às 7h10. O tráfego era lento. O céu estava nublado. As noites são inevitavelmente frias em Santa Monica. Naquela noite, os ventos marinhos açoitavam o ar frio de junho. Ventos repletos de algas e putrefação, a promessa de chuva. Uma dupla de sem-teto empurrava carrinhos de supermercado bulevar acima. Um resmungou e passou rápido por mim. O outro aceitou o dólar que ofereci e desejou:

— Ei, cara, que você tenha um ano melhor, falou?

— Você também.

— Eu? Eu tive um ótimo ano replicou ele, indignado. O mendigo usava um casaco esporte de cashmere cor de salmão, manchado e puído, que devia uma vez ter pertencido a um homem muito rico.

— Surrei a merda do Mike Tyson em Vegas. Tomei a mulher dele e a tornei minha puta.

— Bom para você.

— Foi um ano realmente bom. — Ele exibiu um sorriso desdentado, vergou-se à brisa e seguiu empurrando o carrinho.

Um momento depois, Milo contornou a Sexta e caminhou em minha direção. Ele havia trocado de roupa no distrito. Agora usava calça jeans larga e um velho suéter de gola rulê cor de aveia que acrescentava uma envergadura desnecessária.

Botas de deserto faziam um ruído seco na calçada. Ele passara alguma coisa dura e reluzente em seu cabelo, que estava pontudo em alguns lugares.

— Parece um tanto literato — comentei. — Como um daqueles poetas irlandeses. — Para mim, ele ainda parecia um policial.

— Tudo que preciso agora é escrever a porra de um livro. Portanto, quem foi que escreveu o dessa noite?

— Um professor de Harvard. George Issa alguma-coisa. Do Oriente Médio.

Ele começou a seguir para a livraria.

— Issa Qumdis.

— Você o conhece? — perguntei.

— Ouvi falar dele.

— Estou impressionado.

— Ei — replicou ele. — Eu leio os jornais. Mesmo quando eles não mostram fotos de garotas mortas. Por falar nisso, percorri as boates, tentando situar a Christa ou Crystal. Mas esta noite somos intelectuais... aqui estamos. Lembra os dias de universidade, não é?

A dele havia sido a Universidade de Indiana. A maior parte do que eu sabia sobre seus anos de estudante parecia guardada a sete chaves.

Ficamos parados diante da livraria inspecionando a fachada. A livraria A Caneta E Mais Poderosa era uma loja não muito larga, o vidro dos tijolos semicomidos pela maresia tinha sinais remanescentes de um pôster do Grateful Dead. A maior parte da janela enegrecida estava coberta de papéis — volantes e anúncios. A leitura daquela noite era anunciada por uma folha de jornal com a manchete: “O professor George I. Qumdis Revela a Verdade por Trás do Imperialismo Sionista”. Junto estava o adesivo de uma cafeteria chique, com a legenda “Java inside!” e uma classificação B do Departamento de Saúde.

— B — observou Milo. — Significa um nível permissível de cocô de rato. Vou manter distância dos muffins.

Lá dentro, nenhum aroma de café ou muffins, apenas o mofo de velha e úmida literatura barata.

Onde as paredes não eram escondidas por prateleiras de pinho rústico, só havia concreto. Estantes sobre rodas estavam arrumadas aleatoriamente no centro. O piso de vinil manchado era da cor de creme velho demais. Um teto de sete metros estava isolado por encanamento e escadas — não as rolantes de livraria, sobre trilhos, apenas escadas dobráveis de alumínio — para os que se aventurassem a subir nelas em busca de erudição.

Um garoto asiático atarracado de cabelos longos sentava-se atrás da registradora, o nariz enfiado em algo com uma encadernação marrom grosseira. Um letreiro atrás dele dizia PROIBIDO FUMAR, mas ele dava baforadas num bastão de ervas indiano. Outro letreiro dizia PALESTRAS NOS FUNDOS sobre uma mão que apontava. O funcionário nos ignorou enquanto passamos e começamos a vasculhar através do labirinto instável criado pelas estantes portáteis.

As lombadas que pude discernir cobriam uma infinidade de ismos. Títulos gritavam de volta na rouca adolescência da revolução dos sebos. Milo examinava e franzia bastante o cenho. Fomos terminar numa pequena e escura clareira nos fundos da loja, equipada com cerca de trinta cadeiras dobráveis de plástico vermelho diante de um púlpito. Cadeiras vazias. Na parede do fundo havia um letreiro que dizia BANHEIROS (UNISSEX).

Ninguém ali além de nós.

Depois de toda a sua conversa sobre bons assentos, Milo continuou de pé recuando até o labirinto de estantes e posicionando-se num declive.

Um ponto de vantagem perfeito. Podíamos observar e ficar fora de vista.

— É bom termos chegado cedo — sussurrei. — Com essa superlotação e tudo mais.

Ele olhou para os assentos.

— Todas essas cadeiras dobráveis. A gente poderia fazer terapia de grupo.

Ninguém apareceu nos dez minutos seguintes, e passamos o tempo folheando livros. Milo parecia distraído, depois seu rosto se descontraíu e assumiu um ar meditativo. Fiquei lendo e na hora em que as primeiras pessoas começaram a chegar, eu havia recebido uma rápida formação sobre 1. Como fabricar bombas caseiras, 2. Como plantar uma lavoura hidropônica, 3. Vandalismo a serviço do bem maior, e 4. As virtudes éticas de Liev Trotski.

A plateia se espalhava entre as cadeiras. Um dez ou mais pessoas, divididas no que pareciam ser dois grupos: uma garotada de seus 20 anos, com piercings e tatuagens, uns caras raivosos que se julgavam na moda usando onerosas roupas esfarrapadas, e casais sessentões envoltos em roupas cor de terra, as mulheres cobertas com capacetes de madeixas grisalhas, os homens com barbas frisadas e usando boinas de feltro.

A exceção era um sujeito atarracado de cabelo ondulado nos seus 50 anos, usando jaqueta azul-marinho abotoada até o pescoço e calças amarrotadas, mas perfeitamente limpas, posicionado na fileira da frente. Sua mandíbula era uma protuberância de barba hirsuta. Usava óculos de aros pretos, tinha ombros largos e coxas robustas, e parecia como se tivesse acabado de organizar estivadores do porto. Sentava-se ereto, os braços cruzados sobre um peito de barril, olhando carrancudo para o púlpito.

Milo o estudou e semicerrou os olhos.

— O que é? — sussurrei.

— Sujeito furioso bem à frente.

— Talvez não seja nada incomum para esta multidão.

Claro. Há muito com que se enfurecer. Na porra da Coreia do Norte a atmosfera é mais aconchegante e amistosa.

O tempo passava: 7h40, 7h45, 7h50. Nem sinal de Albin Larsen, do palestrante ou de algum representante da livraria. Plateia em silêncio. Todos sentados e à espera.

Pouco antes das oito, Larsen entrou no salão com um homem alto e de aspecto digno usando uma manta justa de lã escocesa, paletó de camurça forrado nos cotovelos, calça de flanela marrom e reluzentes botas cor de manteiga de amendoim.

Eu esperava alguém do Oriente Médio, mas o professor George Issa Qumdis tinha a tez rosada e professoral de uma sumidade de Oxford. Eu o situei entre 55 a 60 anos, uma meia-idade confortavelmente vivida. Seu longo cabelo semigrisalho se encaracolava sobre o colarinho enrugado de uma camisa branca. A gravata de crepe provavelmente significava alguma coisa. Nariz arrogante, faces encovadas, lábios finos. Ele meio que virou as costas para a plateia e relanceou para uma ficha de arquivo.

Albin Larsen se adiantou para o púlpito e começou a falar em voz baixa. Nada de amenidades, nenhum agradecimento. Foi direto ao assunto.

A opressão de Israel sobre o povo palestino.

Larsen falou fluentemente com inflexão mínima, dando um sorriso oblíquo enquanto acentuava a “profunda ironia histórica” dos judeus, as vítimas da opressão, se tornando os maiores opressores existentes no mundo.

— Como é estranho e triste — entoou Larsen — que as vítimas dos nazistas tenham adotado suas táticas.

Murmúrios de assentimento da plateia. O rosto de Milo era inexpressivo. Seus olhos mudaram de Larsen para a plateia e de volta.

A postura de Larsen permanecia calma, mas sua retórica soava inflamada e vingativa. A cada vez que enunciava a palavra “sionismo” seus olhos adejavam. A plateia começou a incendiar o tópico, com acenos de cabeça mais enérgicos.

Exceto o homem corpulento de jaqueta. Suas mãos se apoiaram nos joelhos e ele estava girando muito levemente no seu assento na primeira fila. A cabeça desviou-se do púlpito. Captei uma nítida visão de seu perfil. Mandíbula rígida, olhos apertados.

Milo estudou-o um pouco mais, e sua própria mandíbula se retesou.

Larsen continuou um pouco mais, finalmente indicou George Issa Qumdis com um gesto expansivo, pegou uma folha de papel e fez um resumo da carreira acadêmica do professor.

Quando acabou, Issa caminhou até o púlpito. Tão logo começou a falar, passos atrás de nós fizeram com que nos virássemos.

Um homem havia entrado em nossa ala. Em meados dos 30 anos, negro, bem-vestido, muito alto, usando terno cinza bem-cortado sobre uma camisa riscadinha abotoada até o pescoço. Ele nos viu, sorriu com ar de quem pede desculpas e se retirou.

Milo observou-o se afastar e deu um giro rápido. O negro não reapareceu e as mãos de Milo começaram a flexionar.

Por que toda aquela tensão? Aquilo era uma palestra em uma livraria. Talvez preocupação excessiva com pouca coisa. Ou então seus instintos eram mais aguçados que os meus.

O professor George Issa Qumdis desabotoou o paletó, alisou o cabelo para trás, sorriu para a plateia, fez uma piada acerca de estar acostumado a dar palestras em Harvard, nas quais a plateia ainda não chegara à puberdade. Alguns risos do público. O sujeito da jaqueta recomeçou a se agitar. Uma de suas mãos foi para trás da cabeça e coçou-a vigorosamente.

Issa Qumdis dizia:

— A verdade... a verdade inalienável... é que o sionismo é a mais repugnante doutrina de todas, num mundo repleto de dogmas malignos. Pensem no sionismo como a anemia perniciosa da civilização moderna.

Um dos caras cheios de piercings e tatuagens cochichou no ouvido de sua namorada.

Issa incendiou seu tópico, rotulando os judeus que se mudaram para Israel como “nada menos do que criminosos de guerra. Cada um deles só merecendo a morte”.

Uma pausa.

— Eu mesmo atiraria neles. Silêncio.

Mesmo para aquela plateia, era algo forte demais. Issa sorriu, alisou sua lapela e continuou:

— Ofendi alguém? Certamente espero que sim. A complacência é inimiga da verdade e, sendo um erudito, a verdade é meu catecismo. Sim, estou falando sobre jihad, guerra santa. Uma jihad americana, onde...

Ele parou, boquiaberto.

O sujeito da jaqueta tinha se levantado e gritado:

— Foda-se, seu nazista! — Ao mesmo tempo desabotoava a jaqueta. Milo já se movia em direção a ele quando o sujeito sacou uma arma, uma enorme arma preta, e disparou direto no peito de

Issa. A camisa branca como neve do palestrante tornou-se escarlate. Ele ficou ali parado, com os olhos arregalados. Tocou-se e voltou um polegar vermelho apontando.

— Seu fascista patético — balbuciou.

Ainda de pé. Respiração acelerada, mas ainda assim respirando. Nenhuma perda de equilíbrio. Nada da palidez da morte.

Regatos de sangue penetravam pela frente da camisa e empapavam as bordas do paletó.

Manchado, mas ainda vivo e saudável.

O homem da jaqueta disparou de novo, e o rosto de Issa Qumdis tornou-se uma máscara escarlate. Ele gritou, limpou freneticamente o rosto. Albin Larsen sentou-se em sua cadeira, atônito e imóvel.

— Ah, meu Deus! — disse alguém.

— Isso é sangue de porco! — gritou o homem da jaqueta. — Seu porco árabe de merda! — Ele avançou contra Issa, tropeçou, caiu, se reergueu.

Issa, cego pelo sangue, continuou limpando os olhos.

O homem da jaqueta ergueu a arma de plástico pintada de preto. Berrando “fascista!”, uma mulher na segunda fila, uma daquelas de cabelo grisalho, ficou de pé e agarrou a arma. O da jaqueta tentou empurrá-la. Ela se aferrou e o arranhou. Conseguiu agarrar a manga dele e persistiu.

Milo disparou à frente, ziguezagueando através das fileiras de assentos improvisados, enquanto o acompanhante da mulher, um senhor calvo e de queixo fino, usando óculos fundo-de-garrafa e uma suéter vermelha com a inscrição CCCP, se levantou e começou a golpear fracamente a nuca do homem da jaqueta. Este se voltou para ele, agarrou-o pelo ombro, e o velho caiu para trás.

Issa, que conseguira limpar os olhos, agora olhava para a confusão. Albin Larsen permanecia atrás dele, atônito, enquanto lhe entregava um lenço e o conduzia para os fundos da loja.

Na hora em que Milo alcançou o tumulto, outro grisalho havia se juntado e o homem da jaqueta fora derrubado ao chão. A mulher que havia lutado pela arma finalmente se apossara dela. Mirou para baixo, disparou uma torrente de sangue em cima do sujeito da jaqueta, mas ele a chutou e a pontaria dela se desviou e em vez disso atingiu seu acompanhante, avermelhando suas calças jeans.

— Merda! — gritou ele. Um rubor apareceu em sua face. Ele começou a chutar maldosamente o corpo prostrado do homem da jaqueta.

Milo o afastou. O da jaqueta lutou para se levantar, tentou golpear a cabeça do velho, errou e perdeu o equilíbrio de novo. Issa e Larsen tinham escapado para o banheiro unissex.

A mulher apontou a arma outra vez, porém Milo pressionou seu braço para baixo e a arma caiu no chão.

— Quem é você? — perguntou ela.

Uma dupla com piercings e tatuagens se levantou. Corri para lá no justo momento em que alguém gritava:

— Peguem o fascista! — E a multidão irrompeu em gritos e imprecações.

Milo agarrou a manga do cara da jaqueta e o arrastou para a porta dos fundos.

Os jovens se adiantaram e ficaram a uma curta distância de Milo, que parou o maior dele com um rápido e duro aperto no bíceps. Os olhos do rapaz piscaram.

— Está tudo sob controle, compadres. Vão embora — disse Milo. Nenhuma exibição de credencial. Seu tom os fez congelar. Mantive aberta a porta dos fundos e Milo empurrou o sujeito da jaqueta para o ar noturno.

Enquanto a porta se fechava lentamente, olhei para trás. A maioria dos presentes haviam permanecido sentados.

A alguma distância atrás das cadeiras dobráveis, semi-oculto pelas prateleiras — encolhido em seu próprio ponto privilegiado estava o homem negro, alto e magro no elegante terno cinza e camisa

riscadinha.

Atrás da loja havia um beco de serviço, escurecido pela noite. Milo impulsionou o cara da jaqueta para oeste, caminhando rápido, empurrando o homem quando ele vacilava. Ele começou a praguejar e resistir, e Milo fez alguma coisa na sua escápula que o obrigou a gemer.

— Deixe-me em paz, seu comuna escroto!

— Cale-se — disse Milo.

— Você...

— Polícia, idiota.

O da jaqueta tentou parar. Milo chutou seu calcanhar e ele se impulsionou à frente involuntariamente.

— Polícia... Estado. — A voz dele soou fina e áspera, as palavras golpeando em meio a um resfolegar baixo. — Então você é um fascista, não um comuna.

— Outro babaca já disse isso. — Milo apontou para um carro estacionado a poucos metros, conduziu o da jaqueta para ele, empurrou-o contra o porta-malas. Forçando um dos braços às costas, ele conseguiu pegar as algemas e as prendeu no pulso do homem, torceu o outro braço e completou a tarefa.

Não mais de cinco minutos tinham se passado desde que o homem da jaqueta havia apontado sua arma.

— Seu anti-semita... — disse ele.

— Fique de boca fechada e cabeça baixa.

Milo o revistou por completo, achou uma carteira e um molho de chaves.

— Sei muito bem como são as coisas por aqui, portanto, se está... O dedo de Milo pousou em cima da escápula. A lembrança do primeiro toque fez o sujeito parar no meio da frase.

Pude ouvir carros ribombando na Broadway; mas, além disso, a noite estava silenciosa.

Milo inspecionou a carteira.

— Tem vinte paus aqui. Você sabia disso? -Não.

— Vinte dólares inteirinhos. Preparado para uma grande noite de farra na cidade, espertinho?

Ele é Hitler — continuou o homem. — Aquele porco. Ele mente, ele é Hitler...

Milo o ignorou e leu a carteira de motorista.

— Elliot Simons... o que é isso aqui? Carteira funcional do Cedars-Sinai, ER... você é enfermeiro?

— Enfermeiro cirúrgico — completou Elliot Simons.

— Muito bom para você. Você estava meio fora do seu habitat, Sr. Simons.

— Ele é Hitler, ele mente, alega ser...

— Já sei, já sei.

— Pare de me interromper, deixe-me terminar. Ele alega ser...

— Ele é uma fraude — cortou Milo. — Escreveu um livro alegando ser um refugiado palestino de Jerusalém, mas nasceu na Itália, é meio-inglês, meio-sírio. Houve uma reportagem sobre isso em uma das revistas judaicas.

Olhei para meu amigo. Elliot Simons fez o mesmo. Ele se manteve em silêncio enquanto Milo examinava seus cartões de crédito. Em seguida:

Você o esteve observando? Quem o mandou?

— O que você acha? — disse Milo.

— O governo? Finalmente ficaram espertos e o puseram sob vigilância? Pelo tempo decorrido, o homem é um traidor. Houve o de Setembro e o governo ainda não pegou a coisa. Quantos outros ultrajes vão ser necessários para que vocês entrem na dança?

— Você vê Issa Qumdis como terrorista.

— Você o ouviu.

Simons tinha um rosto de operário, um rosto comum. Exceto pelos olhos. Eles ardiavam com alguma coisa bem além da raiva. Ele chocalhou as algemas.

— Livre-me disso aqui.

— Por quanto tempo esteve tocaiando ele? — perguntou Milo.

— Não andei tocaiando ninguém. Li os jornais, descobri onde ele estava espalhando suas mentiras e decidi fazer alguma coisa a respeito. Não estou me desculpando por nada, se quiser me prender, vá em frente. Contarei a história toda.

— Qualé?

— O cara é um Hitler com um fantasioso grau universitário. Os olhos de Simons inflamaram-se ainda mais. — Meus pais estiveram em Auschwitz. Não vou ficar parado e deixar um escroto nazista espalhar suas grandes mentiras.

Milo apontou para um borrão vermelho na frente da jaqueta.

Isso é realmente sangue de porco? Simons riu.

— Onde arranjou isso? — insistiu Milo.

— No leste de Los Angeles. Num dos matadouros. Peguei um pouco de heparina no hospital e misturei nele. É um anticoagulante. Eu queria me certificar de que ficasse sutil e úmido.

— Engenhoso Sendo você um enfermeiro cirúrgico e tudo.

— Sou o melhor — disse Simons. — Poderia ter sido médico, mas não pude pagar a faculdade de medicina. Meu pai estava sempre doente, não podia trabalhar, por causa do que fizeram com ele em Auschwitz. Não estou me lamentando, trabalho bem. Pus quatro filhos em universidades de elite. Sou o melhor. Se não acredita em mim, vá verificar, os médicos me adoram, sempre me solicitam porque sou o melhor.

— Conhece o Dr. Richard Silverman? Simons assentiu duro e rápido.

— Eu o conheço, ele me conhece. Um mago do bisturi... como é que você o conhece?

— Eu o conheço — disse Milo.

— É, bem, telefone e pergunte ao Dr. Silverman sobre Elliot Simons. Ele sabe que não sou maluco. Quando chega a hora de pegar no batente, estou totalmente focalizado.

— Esta noite você esteve focalizado em arruinar as roupas de Issa.

— Se ao menos eu tivesse uma arma de verdade...

— Não repita isso, senhor — disse Milo. — Para o seu bem, não quero ouvir quaisquer ameaças.

— Senhor — repetiu Simons. — De repente você está tornando a coisa oficial? — Outro chocalhar das algemas. — O que vem agora?

Onde seus filhos estão estudando?

— Três em Columbia, um em Yale. Que se fodam. — Simons borrifou perdigotos. — Não os meus filhos. Eles, os nazistas e comunas por lá que acreditam em toda essa merda. Cinquenta anos atrás eles queriam nos exterminar. Sobrevivemos, prosperamos e dissemos: Fodam-se, somos mais espertos que vocês.” Então eles que se fodam. Você quer me prender por defender meu povo, tudo bem. Arranjarei um advogado, moverei um processo contra o escroto nazista que me chutou de lá e sua puta nazista imunda. Depois processarei aquele lixo árabe e aquele sueco de merda que o está provavelmente enrabando e botou você nisso, também.

Respiração acelerada de novo.

— Por que você escolheu Issa Qumdis? — Milo perguntou.

— Porque ele é um nazista e está aqui.

— Alguma outra razão?

— Não é razão suficiente para você? Goyischekopf — resmungou Simons.

— É, sou um gay estúpido — disse Milo. — Enquanto isso, é você que tem sangue por toda a sua roupa, as mãos algemadas, e tudo que conseguiu lá foi reforçar o apoio àquele sujeito.

— Besteira — retrucou Simons. — Eles chegaram como quem odeia judeus, e é assim que vão sair, mas pelo menos sabem que não vamos ficar parados enquanto tentam nos conduzir para os fornos. Ele olhou para Milo.

— Você não é judeu, é?

Receio que não.

Alemão, então?

Irlandês.

Irlandês — repetiu Simons, como se achasse isto desconcertante. E para mim: — Você é judeu? Sacudi a cabeça negativamente.

De volta para Milo:

— E então? Vocês, tiras, leem o The Jewish Beacon

— Alguma coisa, aqui e ali. Simons sorriu, esperto.

— Certo, então vocês estão em vigilância séria. Bem a tempo.

— O sujeito que apresentou Issa — disse Milo. — E quanto a ele?

— Quanto a ele?

— O que eu deveria saber sobre ele?

— A porra de um sueco — disse Simons. — Outro professor de merda... meus filhos tiveram professores na faculdade, eu poderia lhes contar histórias...

— Vamos nos ater especificamente ao professor Larsen — interrompeu Milo. — O que eu deveria saber sobre ele?

— Ele está com aquele nazista, então provavelmente é um nazista Sabia que os suecos alegavam ser neutros durante a guerra, mas ao mesmo tempo estavam fazendo negócios com os nazistas? Que soldados da SS estavam fodendo as mulheres suecas a torto e a direito, fazendo orgias, deixando as suecas grávidas? Provavelmente metade dos supostos suecos são alemães. Talvez esse Larsen seja um deles. Ouviu o que ele disse lá? Eu devia ter atirado nele também.

— Pare — disse Milo. — Se continuar falando assim, vou ter que prendê-lo.

Simons olhou para ele.

— Não vai fazer isso?

Um carro seguindo pelo beco, reduziu a marcha ao passar por nós, continuou para a Sexta e dobrou à esquerda. Milo permaneceu calado.

— E então? — indagou Simons. — Qual é o acordo aqui?

— Você veio para cá no seu próprio carro?

— Isto é Los Angeles. O que você acha?

— Onde estacionou?

— Dobrando a esquina.

— Qual esquina?

— Sexta — informou Simons. — E aí, você vai me encarcerar?

— Que tipo de carro? — perguntou Milo.

— Um Toyota — disse Simons. — Sou um enfermeiro, não a porra de um médico.

Mantendo-o algemado, nós o conduzimos até seu carro. Dois veículos à frente do meu Seville. O carro sem identificação de Milo estava do outro lado da rua.

— O acordo é o seguinte — explicou Milo —, você dirige direto para casa, sem avançar sinal, e não volta aqui. Jamais. Mantenha distância, e vamos chamar isso de uma lição.

— Qual é a lição?

— Que é mais esperto me ouvir.

— O que tem você de especial?

— Sou um gay idiota que sabe das coisas. — Milo agarrou o colarinho de Simons, apertou-o em volta do pescoço fino do homem. Os olhos de Simons se esbugalharam.

— Você está...

— Estou lhe fazendo um favor, idiota. Um grande favor. Não teste minha boa vontade.

Simons olhou de volta para ele.

— Você está me sufocando.

Milo aliviou um milímetro de tecido.

— Um grande favor — repetiu. — Claro que, se você preferir, posso prendê-lo e dar-lhe um bocado de publicidade. Algumas pessoas o considerarão um herói, mas não creio que os doutores no Cedars vão continuar lhe chamando quando descobrirem sobre sua falta de discernimento.

— Eles chamarão — replicou Simons. — Sou o...

— Você é um idiota — disse Milo. — Encheu suas roupas de sangue de porco e nada conseguiu.

— Aquelas pessoas...

— Odeiam você até a medula e sempre odiarão. Se quer conseguir alguma coisa, entre como voluntário no Holocaust Center, faça uma excursão com os garotos do ensino médio. Não perca seu tempo com aqueles idiotas.

— Milo deu de ombros. — E apenas minha opinião. Se discorda, alimentarei suas fantasias de martírio e botarei você numa linda cela de cadeia com outro cara que, pode apostar, não ganhou nenhuma nota A em sensibilidade étnica. Simons mordeu o lábio.

— A vida é curta. Quero batalhar por alguma coisa.

— A questão é essa — disse Milo. — A sobrevivência é a melhor vingança.

Quem disse isso?

— Eu.

Simons finalmente se acalmou e Milo tirou-lhe as algemas. Ele olhou para a jaqueta ensanguentada, como se estivesse notando a mancha pela primeira vez. Puxou uma ponta limpa da lapela. Esta coisa acabou. Não posso levá-la de volta para minha esposa.

— Boa ideia. Agora caia fora daqui. — Milo devolveu a carteira e as chaves de Simons, e o colocou no Toyota. Simons partiu rapidamente, aumentou a velocidade rumo à Broadway e dobrou à direita sem ligar a seta.

— Essa foi engraçada — Milo verificou sua própria roupa.

— Limpa — eu disse. — Já olhei.

Ele me conduziu para o Seville. Tão logo chegamos lá, uma voz atrás de nós, suave, culta, alta apenas o suficiente para ser ouvida, chamou:

— Cavalheiros? Cavalheiros da polícia?

O negro alto de terno cinza estava parado na calçada, talvez a uns três metros de distância. Mãos enlaçadas diante do corpo. Sorrindo calorosamente, pelejando para não parecer ameaçador.

O que é? — indagou Milo, a mão descendo para a arma.

— Eu poderia conversar com vocês, cavalheiros, por favor? Sobre uma das pessoas presentes na palestra?

— Quem?

— Albin Larsen — disse o homem.

— O que há sobre ele?

O homem falou com um sorriso.

— Podemos falar em particular em algum lugar?

— Por quê? — perguntou Milo.

— As coisas que tenho a dizer, senhor. Elas não são... boas. Este não é um homem bom.

Capítulo 34

— Adiante-se bem devagar — Milo manteve as mãos visíveis. Ótimo, agora me mostre alguma identidade.

O homem obedeceu. Sacou uma reluzente carteira preta, retirou um cartão comercial e o entregou. Milo leu e mostrou-o para a mim.

Impressão forte, papel branco, lindamente gravado.

Protais Bumaya

Enviado especial

República de Ruanda

Consulado da Costa Oeste

Montgomery Street, 125, suíte 840

São Francisco, CA 94104

Aceitável, senhor? — indagou Bumaya.

— Por enquanto.

— Obrigado, senhor. Poderia me dar seu nome?

— Sturgis.

Talvez Bumaya estivesse esperando uma recepção mais calorosa, porque seu sorriso finalmente se desfez.

— Há um lugar... uma taverna a um quarteirão daqui. Poderíamos nos encontrar lá?

— Tudo bem — concordou Milo. — Vamos nos encontrar.

A “taverna” ficava no lado oposto da Broadway, entre a Quarta e a Quinta, uma espelunca sem janelas chamada de Seabreeze, com um remate pretensamente Tudor e uma porta devastada pelo sal que uma vez se parecera com carvalho inglês. Remanescente de uma Santa Monica que existira entre as duas ondas populacionais que construíram o lado praiano da cidade: burgueses enfadonhos do Meio-Oeste migrando para oeste em busca de calor na virada do século XX e, setenta anos depois, ativistas sociais de esquerda tirando vantagem do melhor controle de aluguel na Califórnia.

Nesse meio-tempo houve o tipo de corrupção que se obtém ao misturar turistas, espertalhões, tempo fresco e praia. Mas Santa Monica continuava sendo um lugar moldado pela hipocrisia.

Milo olhou para a fachada nada amistosa do Seabreeze.

— Já esteve aqui antes?

Bumaya sacudiu a cabeça.

— A proximidade parecia vantajosa.

Milo empurrou a porta e entramos. Num salão comprido, baixo e sombrio, três cabines toscas à esquerda, um bar de madeira com acabamento de acrílico lustroso à direita. Oito bebedores circunspectos, de cabelos grisalhos e rosto sério, encostavam-se contra o forro de vinil, de frente para um barman que parecia provar as bebidas a intervalos regulares. Levedura, lúpulo e odor corporal enchiam o ar úmido o bastante para se plantar samambaias. Nove pares de olhos se voltaram em nossa direção ao entrarmos. Frankie Valli na jukebox deixou-nos saber que éramos bons demais para ser verdade.

Ocupamos a cabine mais distante. O barman se ignorou. Finalmente, um dos clientes se aproximou. Sujeito pançudo numa camisa pólo verde e calça cinza. Uma pequena pochete com moedas para troco pendendo do seu cinto nos informou que ele era funcionário da casa.

Ele olhou carrancudo para Bumaya.

— O que vai ser?

Milo pediu uísque e o acompanhei. Protais Bumaya disse:

— Eu gostaria de um Boodles com tônica, por favor.

— Só temos Gilbeys.

— Tudo bem para mim.

O de camisa verde deu um sorriso afetado.

— É melhor que seja — disse.

Bumaya observou-o se afastar e comentou:

— Parece que ofendi alguém.

— Provavelmente eles aqui não gostem de estrangeiros altos retrucou Milo.

De negros?

— Talvez isso, também. Bumaya sorriu.

— Tinha ouvido falar que esta era uma cidade progressista.

— A vida é cheia de surpresas — disse Milo. — E então, em que lhe posso ser útil, Sr. Bumaya?

Bumaya começou a responder, mas parou quando as bebidas chegaram.

— Obrigado, senhor — agradeceu ao camisa verde.

— Algo mais?

— Uma porção de amendoim salgado — pediu Milo. — Se não tiver, somente um pouco de paz e silêncio, amigo.

O homem olhou feroz para ele. Milo esvaziou seu copo.

— E outro desses, também.

O camisa verde pegou o copo de Milo, foi até o bar e voltou com outro uísque e uma tigela de pretzels.

— Estão bem salgados? — Milo provou um e grunhiu. — Vou ganhar minha aposta honestamente.

Hã?

Milo mostrou seu sorriso de bobo. O camisa verde piscou e recuou. Quando o homem havia retomado sua banqueta no bar, provou outro pretzel e disse:

— É, é realmente uma cidade progressista.

Protais Bumaya sentava-se ali, tentando não demonstrar que estava nos estudando. Na parca luz, sua pele tinha a cor de uma ameixa Damson. Os olhos amendoados moviam-se muito pouco. Tinha mãos enormes, mas pulsos finos. Mais alto do que Milo, media cerca de 1,85m. Mas de cintura estreita, sentado abaixado na cabine, dava uma impressão estranhamente infantil.

Nós três bebemos por um momento sem falar nada. Frankie Valli cedeu espaço a Dusty Springfield, só querendo estar conosco. Bumaya parecia apreciar o seu gim-tônica.

— Então? — perguntou Milo. — O que há com Albin Larsen?

— Um homem progressista, tenente Sturgis.

— Não é isso que você pensa a respeito dele.

Vocês estavam na livraria observando-o — replicou Bumaya

— Quem disse que era a ele que estávamos observando?

— A quem, então? — perguntou Bumaya. — George Issa Qumdis dá palestras políticas o tempo todo. É um homem público. O que poderia um policial descobrir observando-o? E aquele cara de jaqueta? Impulsivo, mas não um criminoso de verdade.

— Esse é seu diagnóstico, hã?

— Ele borrrifa tinta. — Bumaya descartou a ideia. — Você o interrogou e liberou. Você é um detetive, não é?

Milo releu o cartão de Bumaya.

— Enviado especial. Se eu ligar para este número e perguntar por você, o que vão me dizer?

— A essa hora, senhor, receberá uma mensagem gravada instruindo-o a ligar no horário comercial. Se ligar no horário comercial, encontrará outra mensagem gravada com variadas opções. Se fizer a opção correta, finalmente irá falar com uma mulher encantadora chamada Lucy, que é secretária do Sr. Lloyd MacKenzie Esquire, um articulado e charmoso advogado de São Francisco que na verdade serve como cônsul na Costa Oeste para meu país, a República de Ruanda.

O Sr. MacKenzie, por sua vez, o informará de que sou um representante legítimo de meu país. — Bumaya exibiu os dentes. — Você poderia evitar tudo isso, basta simplesmente acreditar em mim.

Milo esvaziou o segundo copo de uísque. Coisa forte, abrasiva. Eu estava pelejando para terminar minha primeira dose.

— Enviado especial — repetiu Milo. — Você é policial?

— Não atualmente.

— Mas...?

— Faço trabalho policial.

— Então deixe de rodeios e me diga o que você quer.

Os olhos de Bumaya brilharam. Ele enrolou em torno de seu copo os longos dedos com unhas feitas, enfiou um dedo no copo, fez girar a rodela de limão.

— Quero que Albin Larsen receba o que merece.

— E o que seria?

— Punição. — Bumaya procurou num bolso interno e extraiu sua reluzente carteira preta. Abrindo-a, pegou o que parecia ser uma seção costurada. A sutura se rompeu, expondo uma fenda. Procurando na fenda, ele tirou um fino envelope branco.

Olhando por sobre a mesa, abriu a beirada do envelope com uma unha reluzente.

— Está a par do genocídio que devastou meu país em 1994?

— Sei que um monte de gente morreu e que o mundo ficou de braços cruzados, observando — disse Milo.

— Quase um milhão de pessoas — informou Bumaya. — Com muita frequência a cifra citada é de 800 mil, mas acredito que seja uma estimativa baixa. Revisionistas que desejam minimizar o horror alegam que apenas 300 mil foram chacinados.

— Apenas — disse Milo. Bumaya assentiu.

— Na minha opinião, baseada em observação e conhecimento específico, é de que quando as mortes por lesões graves forem catalogadas, o número final estará mais perto de um milhão, talvez mais.

— E o que tudo isso tem a ver com Albin Larsen?

— Larsen esteve em meu país durante o genocídio, trabalhando para a ONU, em Kigali, nossa capital, durante a pior fase das atrocidades. Como consultor. Consultor de direitos humanos.

— O que isso significou, no contexto de seu país?

— Qualquer coisa que Larsen desejasse que significasse. A ONU gasta bilhões de dólares pagando salários a gente que faz exatamente o que bem entende.

— Não é um fã das entidades internacionais, Sr. Bumaya?

— A ONU nada fez para impedir o genocídio em meu país. Pelo contrário, certos indivíduos na folha de pagamento da ONU representaram papéis ativos e passivos nos assassinatos em massa. Entidades internacionais sempre foram boas em condenar tragédias após o fato consumado, mas inteiramente inúteis na sua prevenção.

Bumaya ergueu seu copo e tomou um longo gole. O pequeno envelope branco continuava enfiado entre os dedos de sua mão livre.

— Você está dizendo que Larsen esteve envolvido no genocídio?

— indagou Milo. — Estamos falando de ativo ou passivo?

Existe alguma diferença?

— Faça-me rir, senhor.

— Não sei, detetive Sturgis. Ainda assim. — Bumaya relanceou para o bar.

— Quer outro?

— Queria, mas vou declinar. — Bumaya agitou o envelope novamente. — Em janeiro de 2002, um homem chamado Laurent Nzabakaza foi preso por cumplicidade no genocídio de Ruanda. Antes disso havia servido como administrador de uma prisão nos arredores de Kigali. A maioria dos prisioneiros era da etnia hutu. Quando a violência começou, Nzabakaza destrancou suas celas, armou-os com lanças, facões e porretes e quaisquer armas de fogo que pôde encontrar, e direcionou-os para as residências dos tutsis. Foi um passeio familiar: a esposa e os filhos adolescentes de Nzabakaza participaram, saudando os assassinos enquanto eles estupravam e massacravam.

Antes que tudo finalmente viesse à luz e Nzabakaza fosse preso em Genebra, ele viu-se num novo emprego. Trabalhando como investigador para a Corte Criminal Internacional para Ruanda. Albin Larsen ajudou-o a obter esse cargo. Larsen fez o mesmo por outros indivíduos, vários dos quais identificados posteriormente como suspeitos de genocídio.

— Os culpados estavam trabalhando para o tribunal que supostamente deveria julgá-los.

— Imagine Goering e Goebbels sendo pagos pelo tribunal de Nuremberg.

— Larsen é algum tipo de manda-chuva entre os hutus?

— Larsen era... é, um oportunista. Seu currículo é impecável. Doutorado em psicologia, professor tanto na Suécia quanto nos Estados Unidos. Por mais de duas décadas esteve na folha de pagamento de várias organizações humanitárias.

— Especialista em direitos humanos — opinei.

Bumaya abriu o pequeno envelope branco e retirou uma foto que depositou no meio da mesa.

Dois garotos sorridentes em camisas brancas e gravatas escolares axadrezadas. Pele cor de ébano reluzente, olhos claros, cabelo aparado, dentes brancos. Um deles um pouco mais velho que o outro, entre 9 e 11 anos, calculei.

— Esses garotos — informou Bumaya — são Joshua e Samuel Bangwa. Na época em que esta foto foi tirada eles tinham 8 e 10 anos. Joshua era um excelente estudante que adorava ciência e Samuel, o mais velho, era um atleta de primeira. Seus pais eram anciãos dos Adventistas do Sétimo Dia que lecionavam na escola de uma igreja na aldeia de Butare. Pouco depois que Kigali caiu em poder dos insurgentes hutus, Butare tornou-se um alvo por ser uma cidade primordialmente tutsi. Os pais dos garotos foram retalhados até a morte pelas tropas de Laurent Nzabakaza. A mãe foi repetidamente estuprada, antes e depois de morta. Joshua e Samuel, escondidos num armário e observando por uma rachadura na porta, escaparam e foram finalmente retirados de Ruanda por um ministro adventista. Como testemunhas cruciais contra Nzabakaza, eles foram levados para Lagos, Nigéria, e colocados num pensionato da ONU que atendia a filhos de diplomatas e de funcionários do governo nigeriano.

Duas semanas depois que Laurent Nzabakaza foi detido na Suíça, os garotos não apareceram para o café-da-manhã. Tiveram as gargantas cortadas de uma orelha à outra enquanto dormiam, revelou uma busca no quarto deles. Um único corte de lâmina em cada garoto, nenhum desperdício de energia.

— Um profissional — observou Milo.

Bumaya retirou a rodela de limão do seu copo, deu uma chupada e a pôs de volta.

— O pensionato era uma instalação de segurança, vigiada, detetive, e não havia sinais de entrada forçada. O caso permanece sem solução.

— E Albin Larsen...

— Era um consultor psicológico do pensionato, embora raramente aparecesse. Contudo, uma semana antes de os garotos terem sido chacinados, ele chegou a Lagos e hospedou-se lá. A razão alegada para sua visita era uma inspeção solicitada pela ONU. Enquanto esteve lá, ele empenhou-se também em outras atividades.

Tais como...

— Permita-me terminar, por favor — pediu Bumaya. — Descobriuse que Larsen não deveria inspecionar o pensionato por vários meses e ele decidiu antecipar a agenda.

— Você acha que ele matou as crianças? — perguntou Milo. Bumaya franziu o cenho.

— Nada descobri indicando que Larsen algum dia tenha empregado métodos brutais. Porém ele é notório por envolver-se com grupos violentos e facilitar suas ações. O que teria a dizer, como detetive, sobre a seguinte confluência de fatos: a amizade de Larsen com Laurent Nzabakaza, a ameaça que os garotos representavam para Nzabakaza, a inesperada presença de Larsen no pensionato?

Milo pegou a foto, estudou as faces sorridentes.

— Estou certo de que Larsen contratou alguém para trucidar aqueles garotos — disse Bumaya. — Sou capaz de provar? Ainda não.

Você foi enviado para cá para provar isso?

— Entre outras missões.

— Tais como...

— Descobrir fatos.

— Descobrir quaisquer fatos? Bumaya sentou-se de volta e suspirou.

— Até aqui não consegui muita coisa. É por isso que, quando vi vocês observando Larsen, pensei: “Ah, aí está minha oportunidade.” — Ele colocou as mãos sobre a mesa. Os nós dos dedos se acinzentaram. -Haveria algum jeito de vocês partilharem informação comigo?

— Isso não funciona assim. Um longo silêncio.

— Entendo — Bumaya assentiu.

— O que mais sabe sobre Larsen? — perguntou Milo. -Em termos de...?

— Quais eram suas outras “atividades locais”?

— O professor Larsen é um homem com interesses de longo alcance. Eles não são relevantes para meus propósitos.

— Eu me preocupo com meus propósitos — retrucou Milo.

— Ele estava envolvido em programas. — Bumaya proferiu a palavra como se fosse uma maldição. — A ONU patrocinava programas. Programas humanitários privados. Larsen se filia aos programas para ganho pessoal.

— Um gigolô da miséria — comentou Milo. Bumaya deu um débil sorriso.

— Nunca ouvi essa expressão. Gosto dela. Sim, é uma descrição bem apropriada.

— Está falando de muito dinheiro? O sorriso dele se alargou.

— Qualquer um pensaria assim. Com toda a papelada que a burocracia exige, alguém iria averiguar que há apenas um determinado número de horas numa semana.

— Larsen aumenta seus proventos — opinei.

— Consultor aqui, consultor acolá. A se crer nos seus comprovantes, ele é o homem mais ocupado do mundo.

— De que tipo de programas estamos falando? — perguntou Milo.

— Só estou familiarizado com aqueles em meu país e em Lagos. Na maior parte trata-se de pensionatos e sociedades beneficentes. Pelo menos uma dúzia. Quando se examina a papelada na totalidade, descobre-se que Larsen estava trabalhando 150 horas por semana.

— Algum desses programas envolve reabilitação prisional? — disse Milo.

Bumaya sorriu.

— O que é? — indagou Milo.

— O trabalho em prisões é que permitiu Larsen conhecer Laurent Nzabakaza. Ele conseguiu que uma igreja luterana financiasse um programa de tratamento psicológico para ajudar detentos na prisão de Nzabakaza a superar suas tendências criminosas. Sentinelas da Justiça. Pagamentos substanciais a Nzabakaza ajudaram a... é essa a expressão, “incendiar a fogueira”?

— Pôr mais lenha na fogueira — corrigiu Milo.

— Ah — continuou Bumaya. De qualquer modo, os prisioneiros tratados pelas Sentinelas da Justiça eram exatamente o grupo armado por Nzabakaza e tinham em mira atacar Butare. Larsen já havia começado um trabalho idêntico em Lagos, e quando o genocídio pôs fim as atividades em Ruanda, ele começou a concentrar-se mais no ramo nigeriano.

Sua enorme mão escura fechou-se em torno do copo.

— Acho que tomarei outro drinque.

Milo pegou o copo, foi até o bar e o trouxe de volta, cheio até a borda.

Bumaya bebeu metade.

— Obrigado. Bem, Larsen tentou agarrar-se à crise na Bosnia, mas fracassou porque havia concorrência demais. Recentemente, demonstrou considerável interesse na questão palestina. Foi um dos estrangeiros que viajaram para Jenin para expressar apoio a Arafat durante o sítio imposto por Israel. Ele forneceu à ONU relatos sobre o massacre de Jenin.

— Que nunca ocorreu — disse Milo.

— Sim, seguiu-se uma breve, mas incendiária, fraude internacional, e Larsen foi pago por sua consultoria. Sua entrada naquela região deu-se provavelmente porque um primo dele, Torvil Larsen, é funcionário da agência de ajuda humanitária da ONU em Gaza. Quando surgem conflitos internacionais, Larsen sempre aparece para ganhar alguns dólares. Se não for impedido.

— Você pretende impedi-lo? — perguntou Milo.

— Faço levantamento de fatos — explicou Bumaya —, não sou um homem de ação.

Milo olhou para a foto dos garotos sorridentes.

— Onde está hospedado em Los Angeles?

Na casa de um amigo. Voltou o bloco de Milo.

— Nome, endereço e número de telefone.

— Isso é necessário?

— Por quê? — indagou Milo. — Haveria algum problema em me contar?

Bumaya baixou os olhos. Terminou seu drinque.

— Estou hospedado com Charlotte e David Kabanda. — Ele pronunciou o sobrenome lentamente. — São médicos residentes no Hospital dos Veteranos, em Westwood.

— Endereço? — perguntou Milo.

— Charlotte e David me conhecem como colegas de universidade. Estudei Direito. Eles acham que sou advogado.

Milo bateu no seu bloco.

— Endereço — insistiu.

Bumaya recitou um apartamento em Ohio.

— Telefone?

Bumaya passou-lhe sete dígitos.

— Se você ligar para Charlotte e David e divulgar o que lhe contei, eles ficarão confusos. Acreditam que estou conduzindo uma pesquisa legal.

— O apartamento deles é seu único local de residência?

— É, detetive.

— Você é um enviado especial e não lhe pagam hospedagem?

— Somos um país muito pobre, detetive, lutando pela reunificação. O Sr. Lloyd MacKenzie, nosso cônsul de facto, nos serve com um bom desconto. Um autêntico espírito humanitário.

— O que mais pode me dizer sobre Larsen?

— Já lhe contei o suficiente.

— Posso repetir a pergunta?

— Uma avenida de mão única — disse Bumaya.

— Hã-hã.

Bumaya exibiu duas fileiras de dentes perfeitos cor de pérola.

— Isto é tudo que tenho a dizer sobre o assunto.

— Certo — declarou Milo, fechando o bloco.

— Senhor — disse Bumaya —, a cooperação é do interesse de ambas as partes.

— Senhor — replicou Milo —, se houver alguma coisa que precise saber, eu o informarei.

Enquanto isso, seja cauteloso. Um agente estrangeiro se envolver numa investigação em andamento não seria uma boa coisa.

— Detetive, não tenho nenhuma intenção de...

— Então não teremos nenhum problema — disse Milo. Bumaya franziu o cenho

— Quer outro drinque? — ofereceu Milo. — É por minha conta.

— Não. Não, obrigado. — A foto dos garotos assassinados permanecia sobre a mesa. Bumaya a pegou, colocou-a de volta na carteira.

— Você é bom com armas de fogo, Sr. Bumaya? Sendo ex-policia e tudo mais.

— Sei atirar. Porém não estou viajando armado.

— Então, se eu der uma olhada no apartamento de seus amigos, nenhuma arma vai aparecer?

— Nenhuma-garantiu Bumaya. Sua boca moveu-se, encobrendo um esboço de reação emocional, até fixar-se num pequeno e franco sorriso. — Talvez eu não tenha sido bem claro, detetive Sturgis. Meu único propósito é reunir fatos e reportá-los aos meus superiores.

— Toda essa encrenca por Albin Larsen.

— Ele, além de outros.

— Outros aqui em Los Angeles?

— Aqui, em outras cidades, outros países. -Os olhos de Bumaya se fecharam e abriram. Suas íris, uma vez claras e inquisidoras, tinham se toldado. — Estarei fazendo esse serviço por um longo tempo.

Nós o observamos sair do bar.

— Acha que fui rude com ele? — indagou Milo.

— Um pouco.

— Simpatizo com a causa, mas ele está todo concentrado nas suas próprias metas e não preciso de complicações. Se eu pudesse tirar Larsen de circulação, estaria fazendo o maior dos favores a Bumaya e seus superiores.

— Faz sentido — falei.

— Faz? — Ele franziu o cenho. — Aqueles dois garotos. — Ele acenou para o camisa verde, pedindo mais uma dose.

O sujeito olhou para mim.

— Você também?

Pus a mão em cima do copo e sacudi a cabeça em negativa. Quando o drinque de Milo chegou, eu disse:

— Bumaya tem sua própria agenda, mas o que ele disse põe as coisas a nosso favor. Larsen conseguiu uma história exatamente do tipo de fraude sobre a qual teorizamos. E ele emprega violência

quando isso o favorece.

— O que come pelas beiradas — murmurou Milo.

— Esta noite, quando ele apresentou Issa, foi tomado por um rigor incendiário.

— Ideologia e lucro — disse ele.

— Gigolô da miséria. Gosto disso. Ele bebeu.

— Só por curiosidade: como é que sabe tanto sobre Issa Qumdis?

— Ora, policiais não leem?

— Nunca soube que você fosse do tipo político. Ele encolheu os ombros.

— Rick sempre deixa livros e revistas espalhados e dou uma lida. Por acaso, uma das revistas foi a *The Jewish Beacon*, com o artigo que alegadamente é de Issa Qumdis.

— Também nunca soube que Rick se interessasse por política.

— Nunca se interessou. Nem mesmo por assuntos relativos aos gays o mobilizam. — Ele esticou e encolheu seu pescoço. — Seus pais foram sobreviventes do Holocausto.

Depois de todos estes anos eu pouco sabia sobre Rick. Nem sobre a vida de Milo a partir do momento em que ele fechava a porta de sua pequena casa em West Hollywood.

— Eles estavam sempre lembrando-o disso — ele comentou.

— Do Holocausto? Milo assentiu.

— Queriam que Rick fosse mais consciente de ser judeu. Isso sempre foi um fardo, e o negócio de ser gay complicou ainda mais a situação. Quando os pais dele descobriram, tiveram um troço, e o Holocausto se misturou com a história toda. A mãe dele chorava como se ele tivesse morrido. O pai gritava com ele, dizendo que era um idiota, porque agora os nazistas teriam duas razões para mandá-lo à câmara de gás.

Ele bebeu mais uísque, girou-o na boca como se estivesse bochechando.

— Ele era apenas uma criança, e não foi fácil. O que melhorou as coisas foi a passagem do tempo e quando seus pais ficaram mais velhos. Por fim, eles puderam falar a respeito.

Algo que Milo nunca experimentara antes que seu próprio pai morresse.

— Depois veio o 11 de Setembro e Rick mudou — continuou ele.

— Levou para o lado pessoal. O fato de os árabes estarem por trás disso, as teorias revisionistas culpando os judeus. Todo o lixo antissemita vindo da Arábia Saudita e do Egito. De repente Rick ficou mais interessado em ser judeu, começou a ler sobre a história judaica, sobre Israel. Começou a doar dinheiro para as causas sionistas, fazendo assinatura de revistas.

— Que você por acaso dá uma lida.

— A coisa de Issa Qumdis me chamou a atenção porque o ponto básico era que o sujeito era uma fraude, mas isso não havia impedido sua carreira acadêmica. O que sempre me fascina. O quanto a pequena realidade tem a ver com o modo como a vida representa... ele foi um fenômeno, não é? A Posse Personificada, aquele exemplo cultuado, depois chegando e dizendo que pessoas deveriam ser mortas. Para lá de odioso para um professor universitário.

O que não falta é ódio no meio acadêmico — comentei.

— Você viu isso pessoalmente?

— Em geral é mais sutil, mas você ficaria espantado com o que acontece nas festas de faculdade, quando a turminha erudita pensa que ninguém está ouvindo.

— Imagino se Issa fala dessa maneira pomposa em Harvard. Os colegas não odeiam regras de discurso?

— As regras são impostas seletivamente.

Eles procuram chifre em cabeça de cavalo... é, é um mundo doce. Mas chega desse papo, é hora de nos focalizarmos no malvado Dr. Larsen. Descobriu alguma coisa a respeito de qualquer fraude local?

— Ainda não. Pedi a Olivia para se concentrar nisso. Dei a ela o programa das Sentinelas como ponto de partida, porque descobri por acaso que está surfando na internet.

— Sentinelas da Justiça... Olivia é boa nisso... Aliás, Franco Gull finalmente saiu da rotina e foi a uma academia. Puxou ferro, ignorou as mulheres e voltou para casa. Talvez então ele saiba sobre a fraude e quais são as apostas. O cara tende a ser emocional. Talvez ele possa ser apertado e abrir o jogo. Faz sentido?

— Você está mostrando suas cartas.

— É, mas se eu não fizer qualquer progresso em breve, que escolha tenho? — Ele esfregou o rosto. — Está certo, esperarei até ouvir Olivia, mas no fim vou ter que tomar uma decisão... — Seu celular tocou e ele o pôs no ouvido. — Sturgis falando... quando? Realmente. Tudo bem, dê-me o número.

Seu bloco e lápis ressurgiram e ele anotou rapidamente. Fechou o celular com um estranho sorriso no rosto.

— Bem, bem, bem.

— Quem era?

— O detetive Binchy. Cara obediente. Ele está na mesa dele destrinchando aquela papelada antes de dar outra olhada em Gull. Um telefonema acabou de chegar para mim, e ele anotou. Sonny Koppel, querendo conversar. Ele está jantando numa cafeteria em Pico e me convidou.

— Estou incluído?

— Claro. Eu o estou incluindo.

Capítulo 35

A cafeteria chamava-se Gene's, e era um dos poucos pontos iluminados num quarteirão escuro e silencioso. O lado sul de Pico, a apenas uns poucos metros do tráfego em La Cienega. Um curto trajeto desde a divisa oriental do distrito de Milo.

Eram 22h40 quando chegamos lá, e o local estava plenamente iluminado. Um comprido e esquelético salão com pisos encardidos de vinil, um balcão de fórmica e sete mesas clareadas de tanta limpeza. Um letreiro na porta dizia ABERTO ATÉ MEIA-NOITE. Lá dentro, dois caras jovens com óculos de tamanho exagerado sussurravam de modo conspiratório sobre seus cafés, torta e um roteiro de cinema colocado equidistante entre eles. Uma mulher idosa mastigava um sanduíche de salada de ovo. Atrás dela, um homem musculoso lia notícias velhas de um jornal e traçava um hambúrguer.

Envolto numa flácida capa de chuva cinzenta, Sonny Koppel sentava-se ao balcão, comendo ovos com bacon. O balconista ignorava Koppel e limpava uma fritadeira funda. Quando nos aproximamos, ele virou-se brevemente e depois retomou sua tarefa.

Koppel limpou a boca, desceu da banquetta e carregou o prato, o guardanapo e os talheres até uma mesa da frente. Perto da porta mas longe dos outros clientes.

Debaixo da capa ele usava um suéter marrom debruado de branco. Tênis com cadarços afrouxados cobriam pés um tanto pequenos e largos. Ele se barbeara recentemente, havia se cortado várias vezes.

Sua xícara de café ficara sobre o balcão e Milo a trouxe até a mesa. O balconista virou-se e perguntou:

— Vão querer alguma coisa, senhores?

— Não, obrigado.

Koppel ainda estava de pé quando Milo chegou com a xícara de café.

— Obrigado. Um segundo. — Ele retornou ao balcão, pegou ketchup e molho de pimenta.

Finalmente, trouxe uma cadeira, sentou-se e limpou os lábios. Bateu com o garfo na borda do prato e sorriu. Comida de café-da-manhã. Gosto disso no jantar.

— Cada louco com sua mania — disse Milo. — O que podemos fazer por você?

— Aquela fotografia... daquela garota. Ainda a tem com você? Milo procurou no bolso do paletó, tirou a foto e entregou a Koppel.

Koppel a estudou e assentiu.

— Quando me mostraram pela primeira vez, havia alguma coisa. Mas eu não podia situá-la, realmente não havia nada que pudesse contar a vocês, então falei que nunca a vi. De fato não tinha certeza. — Ele lambeu os lábios. — Mas ficou na minha mente.

— Agora você acha que a conhecia — concluiu Milo.

— Não posso afirmar com certeza. Se é a mesma garota. Só a vi duas vezes... literalmente. Duas vezes. — Ele olhou para a foto de novo. — Do jeito que está aqui fica difícil de dizer...

— A morte faz isso com a gente.

Koppel engoliu ar. Espetou com o garfo uma tira de bacon, que caiu e pousou no prato. Pegou-a entre os dedos e colocou-a em cima dos ovos, lambeu a gordura na ponta dos dedos.

— Onde acha que poderia tê-la visto, Sr. Koppel? — indagou Milo.

— Poderia ser uma garota que vi no escritório de Jerry Quick. Batendo papo com a secretária de Jerry.

— A secretária de Jerry...

— Angie Paul.

— Conhece Angie pessoalmente?

— Conheço de ir lá para falar com Jerry sobre o aluguel. — Koppel coçou o lado do nariz. — Também está interessado nela? Ela sempre me deixa intrigado.

— Sobre o quê?

— Ela não parece fazer muita coisa. Não é alguém que eu contrataria como secretária. E, além disso, ela não era de causar grande impressão.

— Por quê?

— Não havia muito movimento no escritório de Jerry. Nunca vi ninguém lá exceto eles dois.

— E possivelmente essa garota?

— Talvez — disse Koppel. — Apenas talvez.

— Você não ia com muita frequência ao escritório do Sr. Quick, mas essa garota esteve lá duas vezes — comentou Milo.

Koppel enrubesceu.

— Eu não... tudo que estou dizendo... o que sei eu? Se os fiz perder tempo, me desculpem.

Milo pôs o dedo indicador num dos cantos da foto do necrotério.

— Deve ter-lhe parecido estranho — continuou Sonny Koppel.

— Primeiro eu disse que não a conhecia, depois liguei para você.

Milo sorriu.

— Estou apenas tentando fazer a coisa certa, tenente.

— Apreciamos isso, senhor. O que mais pode nos contar sobre a garota?

— Só isso Koppel examinou a foto por vários segundos mais.

— Poderia ser ela.

— Uma garota batendo papo com Angie no escritório de fachada do Sr. Quick.

— Essa foi a primeira vez. Dois, três meses atrás. A segunda vez foi mais recente... há seis semanas. Vi as duas... ela e Angie... enquanto saíam juntas do prédio. Era hora do almoço, e presumi que estavam indo almoçar.

— Onde elas foram almoçar?

— Não as segui, tenente. Estava lá para ver Jerry.

— Acerca do aluguel.

— Sim. — Koppel coçou atrás da orelha. — Estou sentindo a sensação de que, tentando fazer o certo, estou é complicando minha vida.

— De que maneira, senhor?

— Como eu disse, deve parecer engraçado para você. — Koppel empurrou a foto na direção de Milo. — De qualquer modo, isso é tudo que sei.

Milo passava a foto de uma mão para a outra, como um artista do carteadado.

— Batendo papo com Angie.

— Conversando. Como as garotas fazem.

— Garotas querem se divertir — completou.

— Elas não pareciam estar se divertindo muito. O que quero dizer é que não estavam rindo. Na hora em que as vi saindo juntas, imaginei que estivessem tendo uma discussão séria, porque se calaram rápido ao me ver.

— Discussão séria a caminho do almoço.

— Talvez não estivessem indo almoçar. Só presumi isso porque era a hora do almoço.

— Angie chamou a outra garota pelo nome?

— Não.

— O que mais pode me dizer sobre ela? Fisicamente.

— Não era alta... altura mediana. Esguia. Tinha uma boa estampa. Mas estava um pouco... ela não parecia alguém que nasceu em berço de ouro.

— Uma nova-rica? — perguntou Milo.

— Não. Mais... suas roupas eram bonitas mas talvez um pouco...

— óbvias? Como se quisesse ser notada?

— Talvez exagerasse demais na maquiagem, não posso realmente lembrar... não quero contar-lhe coisas que não sejam acuradas.

— Um tanto espalhafatosa. Koppel sacudiu a cabeça.

— Não era isso. Não quero ser cruel... ela parecia... um tanto inferior. Como o cabelo dela. Nenhum cabelo tem aquele tom louro natural a menos que a pessoa tenha cinco anos de idade, concorda?

— Parece que você deu uma boa olhada na garota.

— Eu reparei nela. Era bonita. E bem-feita de corpo. Sou homem. Você sabe como é isso.

Milo sorriu debilmente.

— Algo mais?

— Não, só isso — Koppel pegou o garfo. Os ovos tinham endurecido. Ele espetou um grande naco e pôs na boca. Os dois caras que debatiam o roteiro levantaram-se da mesa, parecendo irritados, e saíram da lanchonete em silêncio.

— Da última vez que conversamos, você mencionou que sua ex-esposa queria usar o térreo dos fundos de seu prédio para fazer terapia de grupo — disse Milo.

— Ela ia me dar uma resposta definitiva antes... antes de sua morte.

— Ela lhe deu detalhes sobre a natureza da terapia?

— Não. Por que deveria?

— Nenhum motivo em especial. Estou ainda reunindo fatos.

— Fez algum progresso?

Milo deu de ombros e Sonny disse.

— Seja o que for essa coisa de terapia de grupo, não vai mais acontecer Albin Larsen me ligou ontem, disse que não quer alugar o andar térreo. Mary era a cola que os mantinha unidos. Com a partida dela, não me surpreenderia se Larsen e Gull tentassem romper o arrendamento.

— Eles não gostam do prédio?

— Não tenho certeza se eles estariam dispostos a assumir o encargo financeiro. Mary me conseguiu um excelente acordo de aluguel. Não há nada de arrendamento, é mês a mês.

— Você vai aumentar o aluguel?

— Ei, negócio é negócio.

— Teve algum problema com eles?

— Tive muito pouco a ver com eles. Como disse. Mary juntava muitas coisas. Sempre que havia alguma coisa a discutir... um conserto, algo assim.. Mary era a única que telefonava. — Koppel sorriu.

— Eu não me importava. Era uma chance de conversarmos. Agora...

Ele levantou as mãos.

— Ela era uma mulher de negócios, mas foi Larsen quem a fez interessar-se pelas casas de ressocialização — Milo concluiu.

— Ele me surpreendeu como um homem de ideias — disse Koppel.

— Mas quando se tratava de detalhes práticos era tudo com Mary.

— Mary e você,

— Eu não tinha nada a ver com as operações do dia-a-dia. Apenas conhecia alguma coisa sobre o ramo imobiliário.

— Como obter financiamento do governo — comentou Milo. Koppel assentiu. Sem piscar, sem tremer, sem mover um único músculo.

— Sua ex-mulher algum dia lhe pediu ajuda para obter financiamento do governo para o grupo de terapia que ela planejava criar no andar térreo?

— Por que ela faria isso? O que saberia eu sobre terapia?

— Você é uma pessoa que sabe das coisas.

— Na minha limitada esfera. Já lhe contei que Mary nunca me consultava em questões profissionais. — Koppel girou o garfo. — Essa me deixou abalado. A morte de Mary. Muito estúpida, não? Não estivemos juntos por anos. Com que frequência nos falávamos? Uma vez por mês, quando muito. Mas me descobri pensando a respeito. Por alguém que a gente sabe que gosta disso. — Ele acariciou sua volumosa barriga. — Este é meu segundo jantar. Exagero na comida quando as coisas começam a se avolumar.

Como se para ilustrar, ele comeu duas tiras de bacon.

— Mary foi uma pessoa poderosa — disse ele, de boca cheia. — É uma grande perda.

Milo andou jogando uns verdes sobre a questão de reabilitação prisional, mas Koppel não estava mordendo a isca. Quando Koppel chamou o balconista e fez um pedido duplo de torrada de centeio com geleia e chá com mel, nós o deixamos abrindo os pacotinhos de geleia e voltamos para o Seville.

— Então, qual é o jogo dele? — perguntou Milo.

— Sondar você. E deixá-lo saber que ele nada sabia sobre os acordos profissionais de Mary

Lou.

— Nos cutucando para mais perto da loura.

— Mais perto de Jerry Quick — falei. — Desviar a atenção de si mesmo.

— Um homem corpulento que dança rápido. Um telefonema de Larsen acerca de não necessitar do espaço... acha que ele está levantando acampamento?

— Provavelmente.

— A loura se encontrando com Angie. Imagine se isso realmente aconteceu.

— Há um meio de descobrir — eu disse.

O último endereço conhecido de Angela Paul era um conjunto de apartamentos de cinquenta unidades logo a oeste do Laurel Canyon Boulevard e a norte de Victory, num setor indistinto de North Hollywood. A via expressa ficava quase dois quilômetros ao sul, perto de Riverside Drive, mas já se podia ouvir o som retumbante e insistente do tráfego.

O ar era dez graus mais quente do que na cidade. Um letreiro em frente ao conjunto dizia que dois meses grátis de TV por satélite estavam incluídos com as novas locações e que aquele era um prédio seguro. Segurança significava garagem subterrânea por cartão eletrônico e duas entradas de portão baixo. Tudo isso não produzia nenhum efeito sobre o lixo nas sarjetas ou nos borrões que maculavam a fachada repleta de pichações.

Nenhum lugar para estacionar. Milo me disse para parar numa área proibida perto da esquina, que ele pagaria a multa.

Os portões gêmeos significavam dois grupos de fendas de correspondência. Um botão com o nome A. Paul estava na extremidade norte do prédio. Apartamento 43. Nenhuma resposta. Ninguém listado na unidade gerencial. De volta ao portão sul.

Apartamento 1, nenhum nome, apenas Mgr.

Eram 11h40 da noite. Milo apertou o botão.

— Vamos torcer por uma coruja noturna — falei.

— O que é uma pequena interrupção do sono a serviço da justiça?

— Sim? — disse uma voz masculina.

Polícia.

Esperem aí.

— Ele não demonstrou surpresa — comentei. — Talvez os inquilinos sejam interessantes.

Uma campainha soou quando atravessamos o portão.

As cinquenta unidades eram disponibilizadas em duas fileiras que davam para um pátio longo e retangular que deveria ter abrigado uma piscina. Agora só havia mato, espreguiçadeiras e um guarda-sol caído. Duas portas de serviço no andar térreo diziam PARA A GARAGEM. Três antenas parabólicas estavam sobre o telhado plano. Sons de TV se espalhavam através do pátio. E depois: música, um borrão de voz humana, vidro quebrando.

A unidade gerencial ficava logo à direita, e um homem estava de pé na porta aberta. Jovem, baixo, talvez 30 anos, com a cabeça raspada e um pequeno encrespado de barba no queixo. Usava shorts de ginástica, uma camiseta branca folgada com a inscrição WOLF TRAP 2001 e sandálias de borracha.

Quando o alcançamos, ele disse:

— Eu estava esperando patrulheiros.

— Recebem muitas radiopatrulhas?

— Sabem como é, barulheira noturna e coisas do tipo. Milo mostrou o distintivo.

Tenente? É algo sério?

— Ainda não, Sr...

— Chad Bailou. — Ele estendeu a mão para um aperto unindo os polegares, pensou melhor e virou a mão na posição convencional.

— Muitas chamadas por causa de barulho? — perguntou Milo. Os olhos de Bailou tracejaram as fileiras.

Não mais do que o esperado com todas essas pessoas. Digo aos inquilinos para me avisarem primeiro se houver um problema, mas às vezes eles não o fazem. O que é bom, não desejo realmente lidar com os problemas deles.

— Gerencia as unidades em tempo integral?

— Relativamente sim. Meus pais são os donos disso aqui. Estou estudando guitarra clássica na universidade. Meus pais acham que eu devia estudar informática. O acordo é eu fazer isso, eu fazer isso em vez de eles apenas me darem o dinheiro. — Ele nos lançou um sorriso caloroso. — E aí, o que há?

— Estamos procurando por Angela Paul.

Bailou tocou o queixo barbado com a mão direita. Tinha unhas longas e lustrosas. As da mão esquerda eram cortadas curtas. -Paul... do 43?

— Essa mesmo.

— A stripper.

— Tem certeza disso?

— Ela pôs no seu requerimento de locação — contou Bailou. Trouxe recibos de pagamento de um clube para provar. Meus pais não teriam aprovado, mas pensei: ei, por que não? A renda dela é maior do que a de um monte de perdedores que tentam entrar. Bailou sorriu. — Eles me puseram como encarregado. Imagino que caiba a mim decidir. De qualquer modo, ela não tem sido um problema, paga em dia o aluguel. Do que se trata?

— Queremos interrogá-la sobre uma investigação em andamento.

— Já tentaram interfonar para o apartamento dela?

— Ninguém atende.

— Acho que ela saiu.

— Ela sai muito?

— Não saberia dizer.

— Você tem uma visão privilegiada do seu posto — observou Milo.

— Quando estou aqui, fico principalmente praticando ou estudando. A não ser que haja uma queixa. E ela nunca se queixou de coisa alguma.

— Ela recebe visitas?

— Também não poderia dizer. Na verdade, não a vejo muito. O fica no fundo da ala norte, lá em cima. Ela pode descer pela escada até a porta da garagem, entrar e sair sem ser notada.

— Algum dia já a viu com outra pessoa?

— Nada registrado.

Milo mostrou-lhe a foto da garota loura. Os olhos de Bailou se arregalaram.

— Ela parece morta.

— Está.

— Uau... então é realmente sério. Isto vai botá-la numa encrenca... a stripper? Tudo que me falta é uma merda que aporrinhe meus pais.

Milo sacudiu a foto.

— Nunca a viu?

— Nunca. O que aconteceu com ela?

— Alguém a matou.

— Meu Deus... não está me dizendo que tenho alguma coisa com que me preocupar...

— Se o corpo de Angie Paul estiver jazendo decomposto no apartamento, você poderia ter.

Chad Bailou empalideceu.

— Merda... fala sério?

— Importa-se de dar uma olhada?

— Darei a chave a vocês — concordou Bailou. — Vocês olham.

— Legalmente — retrucou Milo —, isso causaria um problema. Como síndico, você tem todo o direito de fazer inspeções razoáveis. Digamos, se houver uma suspeita de vazamento de gás, ou um curto-circuito. Algum problema de manutenção.

Bailou olhou para ele.

— Decomposto... claro, claro. Posso apenas abrir a porta e vocês olham?

— Tudo bem.

— Deveríamos fazer isso agora?

— Num segundo — disse Milo. — Primeiro me diga onde a Srta. Paul faz strip-tease.

— Isso eu posso fazer. Definitivamente posso.

Seguimos Bailou até o apartamento dele. Arrumado, esparso, carente de personalidade, com uma TV digital de 60 polegadas na sala da frente junto com três guitarras sobre estrados. A televisão estava sintonizada na MTV. Uma banda de heavy metal, em alto volume. Bailou baixou o som, dizendo que era eclético.

Na cozinha junto à geladeira, estava um arquivo de três gavetas. Bailou abriu a gaveta do centro e pescou uma pasta preta. Abriu-a, e deu uma olhada nos papéis:

— Aqui vamos nós. — Ele extraiu uma folha.

Era o requerimento de locação de Angie Paul. Ela alegara uma renda de três mil por mês e uma anotação na margem dizia “verificado. Sob o local de trabalho ela escrevera: “The Hungry Bull Club, filial WLA (dançarina exótica)” Meus olhos baixaram para o fundo do formulário. Referências pessoais.. Rick Savarin (gerente, THB). Christina Marsh (colega de trabalho)

Christa ou Crestal

Você sempre confere as referências?

— Ela mostrou os recibos de pagamento.

— E quanto a senhorios anteriores? — perguntou Milo. — É praxe consultá-los?

— Acho que ela falou que era de fora da cidade.

— De onde?

— Isso vai ter importância? Ai, meu Deus,

— Fora da cidade onde? — insistiu Milo.

— Não me lembro. Ela ganhava bastante dinheiro para bancar o aluguel com facilidade e chegou com os depósitos de praxe e o de danos eventuais. Por isso, tirar a roupa é um bom negócio. Ela tem sido uma boa inquilina.

Milo dobrou o requerimento e o pôs no bolso.

— Vamos ter que dar uma olhada no apartamento.

O apartamento de Angie Paul era de tamanho similar ao de Bailou. Também arrumado com capricho, com uma TV menor, mobília barata, duas gravuras de rosas e gatos nas paredes. O cheiro pesado de perfume almiscarado alcançava a porta onde eu esperava ao lado de Chad Bailou.

Milo desapareceu no quarto. Bailou bateu com o pé.

— Até aqui tudo bem? Sorri, o que não o consolou.

Um minuto depois, Milo chegou, dizendo:

— Nada em decomposição. Quando a Srta. Paul aparecer, não lhe diga que estivemos aqui, mas ligue para mim. — Ele estendeu um cartão a Chad.

— Claro... posso fechar?

— Pode.

Nós três descemos as escadas. Milo pediu a Bailou que apontasse a vaga do carro de Angie.

Vazia.

— Ela ainda está dirigindo um Camaro 95?

— Acho que sim — respondeu Bailou. — É, azul reluzente.

Voltamos ao Seville. Meia-noite e meia. Nenhuma multa.

— Dona Sorte está sorrindo para nós — disse Milo. — Finalmente.

— Christina Marsh — comentei.

— É, poderia ser.

Dei partida no motor e ele batucou um chachachá maluco no painel. Três uísques e Deus sabia quantas horas consecutivas de trabalho, e ele estava conduzindo uma maratona mental

Bom-dia — falei.

— Está cansado?

— Nem um pouco.

— Nem eu. Quando foi a última vez em que estive numa espelunca de striptease?

— Nunca estive.

— Eu fui algumas vezes — confessou com um grande sorriso. Também vi mulheres sem roupa.

Capítulo 36

A filial do The Hungry Bull era em West L. A. Ficava no Cotner, depois do Olympic Boulevard, numa zona industrial que cheirava a borracha queimada. Ao lado do clube havia um ferro-velho de Rolls-Royce, refugos de chassis uma vez gloriosos e vísceras de automóveis numa pilha alta atrás do alambrado.

Não muito distante havia uma galeria de arte em cooperativa, onde um talentoso pintor havia sido estrangulado num banheiro. O último caso em que eu e Milo trabalhamos juntos. Se ele estava pensando nisso, não demonstrou.

O clube estava abrigado num hangar sem janelas pintado de preto metalizado. As portas duplas cromadas pareciam pregadas. Um letreiro em néon prometia drinks fortes e belas mulheres.

A localização em área industrial era perfeita: nenhum vizinho de hábitos diurnos se queixando do som alto da batida em com passo dois-por-quatro martelando através das paredes.

A espelunca se autodenomina como um “clube de cavalheiros”. O estacionamento estava cheio de veículos compactos e picapes empoeiradas. Os dois caras de cabelo preto guarnecendo as portas eram parrudos e tatuados. De algum modo, duvidei que encontraríamos robustos cavalheiros bochechudos saboreando conhaque e charutos finos em meio àquele esplendor forrado de mogno.

Milo exibiu seu distintivo para o primeiro parrudo e recebeu uma medida exagerada.

Em que posso servi-lo, senhor?

— Rick Savarin está aí esta noite?

O rosto de melão do leão-de-chácara era dividido por uma velha cicatriz cinzenta de ferimento a faca que ia do meio de sua testa, mudava de direção no cavalete do nariz, abria caminho através dos lábios e terminava na dobra de um queixo que podia servir de apoio.

— Sim, ele está no escritório. Alguém o acompanhará até lá, senhor.

— Obrigado.

— Seja bem-vindo, senhor.

O segundo parrudo, até mesmo maior e usando óculos escuros, segurava a porta. Tão logo entramos, outro grandalhão, este um caribenho de cabelo longo e escorrido, nos conduziu à esquerda, por um curto corredor que terminava em portas de vaivém, também cromadas em vinil preto.

A decoração do cômodo principal era preto com remates escarlates. Três degraus levavam a um poço rebaixado onde homens de olhar lascivo circundavam um palco redondo. Duas mulheres dançavam nuas executando movimentos de ginástica muito bons, simulando o ato sexual com postes de aço inoxidável. Ambas eram exageradamente louras, cabelos compridos, com peitos inflados bem mais do que mandava a biologia. Cada uma usava uma liga vermelha na coxa esquerda. A garota com a tatuagem de raio de sol ocupando as costas por completo tinha mais dinheiro enfiado na liga.

Alcançamos as portas de vinil preto. O gigante de cabelo escorrido as empurrou, abrindo-as. Ele permaneceu atrás de nós enquanto entramos num pequeno vestíbulo com duas portas de madeira sem identificação e uma com um letreiro de alumínio que dizia GERENTE.

Antes que Milo pudesse bater, a porta se abriu e um homem jovem, usando uma extravagante peruca preta, sorriu e estendeu a mão.

— Rick Savarin. Entrem.

Savarin vestia um terno azul suavemente drapejado com colarinho alto, camiseta preta de seda, mocassins Gucci sem meias, uma corrente de ouro em volta do pescoço bem bronzeado. Seu escritório era pequeno e funcional e cheirava a cereja. Na sua escrivaninha havia uma foto emoldurada de uma mulher de aparência simples e um bebê confuso.

Minha irmã, de Iowa — Savarin nos informou. — Sentem-se, fiquem à vontade. Querem beber alguma coisa?

— Não, obrigado — disse Milo. — Você também é de Iowa?

— Fui, muito tempo atrás. — Ele sorriu.

Garoto de fazenda?

— Isso foi realmente muito tempo atrás. — Savarin foi para detrás de sua mesa, sentou-se, deslizou a cadeira de rodízios até a parede e preparou-se, com um mocassin apoiado num puxador de

gaveta. Na parede estavam vários calendários de nus com o logotipo do Hungry Bull e um outro de uma distribuidora de bebidas.

— Bem. — Ele uniu as mãos em forma de tenda. Savarin parecia ter uns 35 anos, era bem constituído, com olhos azuis inchados e uma boca tensa. Quando a boca se abriu, uma faixa de denteição cintilante apareceu, jaquetas brancas como a neve. A jaqueta parecia emprestada.

— Angie Paul — disse Milo.

Angie? — repetiu Savarin. — Ela trabalhou aqui um tempo atrás. Seu nome artístico era Angie Blue.

— As unhas.

— As unhas, o ponto G. Ela dirigia um carro azul. E um ambiente competitivo, e as garotas imaginam que precisam ter alguma coisa diferente. No caso de Angie, sua bela aparência ajudaria, mas ela estava convencida de que azul era um grande negócio. — Savarin riu. — Bem, o que foi que ela aprontou?

— Estamos procurando por ela como uma testemunha importante — explicou Milo. — Quando ela parou de trabalhar aqui?

— Quatro meses.

— Ela saiu ou foi despedida?

— Ela quis sair — respondeu Savarin. — Um dos clientes... um dos clientes de Angie... fez a cabeça dela.

— Transando com os clientes?

— É contra o regulamento, e damos o melhor de nós para que seja cumprido. Mas as garotas que trabalham aqui não seguem exatamente as regras.

— Quem era o cliente?

— Um cara de meia-idade que costumava aparecer duas ou três vezes por semana, sumia por algum tempo, depois voltava.

— Para ver Angie?

— Sempre. Sorte dela. — Savarin passou a mão sobre o peito. Alguns caras gostam da aparência natural. Com todo esse silicone que vejo todos os dias, francamente prefiro uma garota com um rosto doce e um corpo natural. Mas e a maioria dos clientes? — Ele sacudiu a cabeça. — Até mesmo caras que apreciam a beleza natural querem algo mais, e Angie era quase sem curvas. Eu não queria contratá-la, mas ela tinha bons quadris e uma boa bunda, movimentou-se bem durante o teste. E ela também apareceu numa época em que eu estava precisando de garotas.

— Esse cliente vinha realmente por causa dela.

— Só vinha nos dias em que ela estava dançando, sentava-se bem na frente, com os olhos fixos nela. Angie começou a fazer seu número para ele, que a gratificava generosamente. Creio que eles desenvolveram um relacionamento. — Savarin coçou a cabeça. — Nunca a vi fazer uma dança do ventre para ele. Isso me daria uma dica.

— Como assim?

— Ele não precisava, porque já estava obtendo isso depois do expediente.

— Descreva o cara.

— De meia-idade, bastante comum. Nunca soube seu nome porque ele sempre pagava em dinheiro, sentava-se, e uma vez, quando fui perguntar-lhe se havia alguma coisa que precisasse, ele me esnobou.

— O que ele disse?

— Ele apenas acenou com a mão, tipo não me incomode, estou me concentrando. Comigo tudo bem, ele estava pagando. Ele bebia principalmente refrigerantes, cinco ou seis Cocas por noite, com limão. Vez por outra ele pedia com um pouco de rum.

— De meia-idade — repetiu Milo.

— Eu diria uns 60. Cerca de 1,80 m, meio magro... tipo que emagreceu de repente.

— Emagreceu de repente.

— Ficava meio curvado, sabe? Como se tivesse alguma coisa sentada nos seus ombros.

Milo assentiu.

— O que mais?

— Deixe-me ver... cabelo grisalho.

— Grisalho penteado para cima? Savarin hesitou.

— Eu não chamaria de penteado. Não um penteado formal. Era mais como se ele estivesse

empurrando o cabelo que tinha para um lado e esquecesse o assunto.

— E quanto às roupas dele?

— Esportivas... suéteres. Posso lhe dizer qual era o carro que dirigia. Um Mercedes Little Baby, preto, ou talvez cinza. Escuro. O típico homem de negócios. Talvez um profissional liberal, um advogado ou algo assim.

— Ele sempre vinha sozinho?

— Sempre. E ficava sozinho também.

— Angie alguma vez mencionou o nome dele?

— Estou pensando. Talvez Larry? Ela só o mencionou uma vez, e foi quando avisou que ia embora. Para ser franco, não lamentei a partida de Angie.

— Sem curvas — comentou Milo.

Isso e não a melhor atitude. Lá, no palco, tudo se resume à garota colocar-se em um lugar especial. Um lugar de entrega. Ela tem de convencer os clientes de que se preocupa com eles. Angie tinha uma coisa sombria nela. Alguns caras estão atrás disso, a emoção da caça, entendem? Mas a maioria quer grandes sorrisos, esta grande demonstração de boas-vindas. É disso que estamos falando.

— Recepcionar a clientela.

— Hospitalidade — explicou Savarin. — Quando alguma garota mais enérgica aparecesse, provavelmente teria que mandar Angie embora. É possível ensinar os movimentos às garotas, mas se elas não querem aprender hospitalidade, não se pode ensiná-las.

— Então ela veio aqui e comunicou que estava indo embora com Larry.

— Acho que era “Larry”. Não vou jurar que era.

— O que ela disse sobre ele?

— Disse que conseguira uma proposta melhor de um dos seus clientes. Fazendo parecer como se fosse algum tipo de emprego importante, mas achei que ele a estava jogando para escanteio.

— Por que isso?

— Um cara como aquele. Dinheiro para torrar, ela trinta anos mais nova do que ele. Ninguém vem aqui procurar secretárias executivas.

— Ela disse que ele tinha um escritório?

— Talvez... isto foi meses atrás.

— O nome do cliente não poderia ter sido “Jerry”? — perguntou Milo.

Savarin se iluminou. — Você sabe, acho que era Larry. Jerry... quem é ele?

— Um cara.

— Ele a machucou?

Milo sacudiu a cabeça.

— E quanto a Christina Marsh?

— Christi ? Amiga de Angie. Foi ela quem nos recomendou Angie. Também foi embora, talvez um mês depois de Angie. Essa eu lamentei que fosse. Não era uma campeã no quesito peitos, mas os tinha bem grandes, e com um belo formato... como peras, estão sabendo? Doces mamilos rosadinhos, ela não

precisava passar ruje neles. Todo o seu corpo tinha aquele cheiro leitoso. Maleável também. Ela sabia realmente trepar no poste.

— Por que ela saiu? Savarin sacudiu a cabeça.

— Ela eu não sei. Simplesmente deixou de aparecer. Liguei para ela uma ou duas vezes, não tive retorno, e aí desisti. — Ele remexeu as mãos. — Esse negócio tem tudo para ser filosófico.

Tem o número do telefone dela?

— Talvez em algum lugar. Os proprietários aparecem de tempos em tempos e limpam a papelada, mas talvez tenha sobrado alguma coisa.

— Quem são os proprietários?

— Um consórcio de empresários chineses e americanos. Caras sortudos.

— O negócio é bom — disse Milo.

— O negócio é ótimo, gostaria de ser sócio. Tenho umas bonificações, porém.

— Onde fica a sede da corporação? — perguntou Milo.

— Monterey Park. A matriz do clube fica lá, foi projetada para uma clientela oriental. Há outras sete filiais além desta. Ontario, San Bernardino, Riverside. Todo o caminho até o condado de San Diego. Meu fluxo de caixa está entre os melhores.

— Outros proprietários além dos caras de Monterey Park?

— Nenhum.

— Quem é o dono do imóvel? Savarin sorriu.

Uma gentil senhora de oitenta anos de Palm Springs, que o herdou do marido. Grace Baumgarten. Ela veio aqui uma vez, viu as garotas dançarem, disse que se lembrou do tempo em que podia se mexer daquele jeito.

— Alguém mais envolvido no negócio?

— Além dos empregados?

— Quaisquer outros sócios?

— Não.

— E quanto aos seguranças? Tem mais além dos que estão aqui esta noite?

— De tempos em tempos uso jogadores do time de futebol da universidade.

— Alguma vez usou um cara chamado Ray Degussa?

— Não. Quem é?

— Um cara.

— Tudo bem, não vou perguntar. Mas posso perguntar por que quer saber sobre Angie, Christi e esse tal Jerry? O que quero dizer é: trata-se de alguma coisa que possa afetar o negócio?

Milo mostrou-lhe a foto da morte. O bronzeado de Savarin perdeu alguma cor.

— Essa é Christi. Meu Deus. O que aconteceu com ela?

— É o que estamos tentando descobrir.

— Christi — repetiu Savarin. — Cara, ela era basicamente uma boa garota. Não muito esperta, mas boa. Pense numa garota criada em fazenda. Acho que era de Minnesota ou algum lugar por aquelas bandas. Loura natural. Ah, cara. Isso é uma vergonha.

— Uma grande vergonha — concordou Milo.

— Deixe-me ver se posso encontrar algo para vocês na papelada.

No vestíbulo, Savarin abriu uma das portas sem identificação num closet cheio de caixas e material de limpeza. Vasculhou nas caixas de arquivo. Voltou com uma única folha de papel rosa rotulada DADOS DO EMPREGADO, que listava um número de seguro social, um endereço de correspondência para Christina Marsh e nada mais.

Vanowen Boulevard, North Hollywood. Não muito distante do endereço de Angie Paul. Christina Marsh havia começado a trabalhar no clube oito meses antes, e parou de aparecer após seis meses. Tão

Logo Gavin tinha começado a terapia.

— Não tem nenhum número de telefone aqui — Milo comentou.

Savarin deu uma olhada na folha.

— Receio que não. Ela disse que ainda não havia conseguido um. Tinha acabado de se mudar, algo assim.

— De Minnesota.

— Acho que era Minnesota. Ela tinha pinta de Minnesota, cheirando a leite. Boa garota.

— Não muito esperta.

— Levou muito tempo para preencher este formulário, e estava mordendo os lábios. Mas era uma boa profissional.

— Desinibida — falei.

— Ela se agachava para pegar uma gorjeta de um dólar, mostrando tudo. Mas não havia nada... de esperteza nisso.

— Sexy porque não era esperteza — corrigiu Savarin. — O que estou tentando dizer é que não havia nada de provocante em relação a ela. Era como se foder com o poste e exibir tudo fosse apenas um meio de mostrar o que a natureza lhe deu. Muita saúde, entendeu? Os caras gostam disso.

— Ela disse onde trabalhou antes? Savarin sacudiu a cabeça.

— Depois que vi como ela se mexia, não fiz mais perguntas.

— Ela mantinha clientes?

— Não, ela não era desse tipo, ela circulava.

— Ao contrário de Angie.

— Angie sabia que não podia competir fisicamente, por isso se concentrava em encontrar um cara, realmente o manipulava. Christi era popular, corria atrás de gorjetas gordas. E por isso que fiquei surpreso quando ela não apareceu mais. Quanto tempo faz que ela... quando isso aconteceu?

— Duas semanas atrás — respondeu Milo.

— Oh. Então ela estava fazendo um bico

— Alguma ideia do quê?

— Eu diria que dançando em outro clube. Mas eu teria descoberto.

— Troca de informação entre os clubes. Savarin assentiu.

— É um mundo pequeno. As garotas vão para a concorrência, a gente ouve falar sobre isso.

— Quem é a concorrência?

Savarin citou uma lista de clubes e Milo anotou.

— As garotas que trabalham esta noite — disse Milo. — Alguma delas conheceu Christi ou Angie?

— Duvido. Nenhuma delas tem mais de dois meses. Não nesta filial, de qualquer modo. A nossa grande jogada é essa. Renovação de talentos.

— Ajuda a evitar excesso de “Jerrys” — comentei.

— Mantém tudo fresco — corrigiu Savarin.

— E um mundo pequeno — comentou Milo. — Talvez uma das garotas conhecesse Angie e Christi de alguma ocasião anterior.

— Você pode ir ao camarim e falar com elas, mas acho que vai perder seu tempo.

— Bem — disse Milo. — Já estou acostumado com isso.

O camarim era um corredor abarrotado de roupas penduradas em araras e mesas com produtos de maquiagem, frascos de aspirina e Mydol, loções e grampos de cabelo e perucas pretensiosas em suportes de plástico. Três garotas descansavam, fumando. Uma quarta, esguia e negra, sentava-se nua com uma perna apoiada numa mesa, raspando os pêlos pubianos com uma gilete. Mais adiante, pó compacto se empastava. E, logo em seguida, as garotas pareciam adolescentes experimentando roupas.

Nenhuma delas conhecia Angela Paul ou Christina Marsh, e quando Milo mostrou-lhes a foto, seus olhos se arregalaram assustados e consternados. A garota com a gilete começou a chorar.

Murmuramos algumas palavras de consolo e deixamos o clube.

A sala dos detetives estava vazia. Fomos para o escritório de Milo, que deixou a porta aberta e desabou na sua cadeira. Eram quase duas da manhã.

— Então o que fazem lá em Minnesota? Ordenham vacas ? Ceifam arroz selvagem? — Milo sacudiu a cabeça. — Alimentados à base de leite.

— Muito cedo para ligar para os tiras locais? — perguntei.

Ele esfregou os olhos. — Quer café?

— Não, obrigado.

Ele pegou a foto de Christi Marsh e olhou fixamente para ela.

— Finalmente um nome. — Ligando o computador, ele passou o nome dela através dos bancos de dados locais. Nada. Nem mesmo uma carteira de motorista, e nenhum registro de emprego no seu número do Seguro Social.

— Garota fantasma — atestou Milo.

— Se ela era freelancer, paga em espécie, haveria necessidade de manter registros? — perguntei.

— Uma profissional, como você suspeitava. Então, onde foi que ela conheceu Angie?

— Trabalhando num clube que não faz registro. Ou Angie também estava fazendo programas. O pessoal da Costumes não conhecia Christi porque ela era nova na cidade, nunca tinha sido presa,

— Minnesota — disse ele. — Começarei ligando para lá dentro de duas horas. Montes de telefonemas para dar. Tem certeza de que não quer café? Vou querer um pouco.

— Nenhum sono para o fatigado?

— Já perdi o hábito. — Ele se pôs de pé, saiu e voltou com um copo de plástico. Com um som ruidoso, ele bebeu e esfregou os olhos mais um pouco.

— Quando dormiu pela última vez? — perguntei.

— Não consigo lembrar. O que é? Está entregando os pontos?

Ainda aguento mais um pouco. Ele pousou o copo.

— É como se houvesse duas coisas paralelas acontecendo, do lado de Jerry Quick e do lado de Albin Larsen-Sonny Koppel. Estou tendo dificuldade em reuni-las. Vamos começar com Jerry: reputação duvidosa, sexualmente inadequado, usa celulares pré-pagos, viaja muito, alegadamente para negociar metais, mas não fatura muito com isso. Não paga o aluguel em dia, corre atrás de rabos-de-saia e não se preocupa em esconder isso da esposa. Quando está na cidade, abandona a mulher sozinha à noite para curtir sua stripper favorita. Finalmente ele a contrata para ser sua secretária, embora tenha unhas compridas demais para digitar. Savarin talvez estivesse certo. Jerry mantinha Angie a seu lado, colocava-a no escritório como um meio de dar legitimidade ao negócio. Desse modo, ela ficava próxima caso ele quisesse um pouco de exercício. Agora ele se foi, Angie também.

— Os dois devem estar se escondendo juntos — comentei.

— A questão é: se escondendo de quê?

— As coisas estão se desintegrando, a fraude deu errado. Jerry e Angie sabem por que Gavin foi assassinado. Sabem que poderiam ser os próximos.

Milo considerou isso.

— Ainda não consigo ver qualquer papel para Quick na fraude, mas quem sabe que diabo ele está realmente... tudo bem, talvez ele até mesmo se sinta culpado sobre Gavin, porém, acima de tudo, não quer que a verdade aflore porque apontará o dedo para ele como a causa que ajudou na morte do filho. Ele limpa o quarto de Gavin, esconde Sheila na casa da irmã dela, planeja voltar para casa e terminar a limpeza, mas fica assustado e se manda, levando Angie. Ela tem de estar assustada também... perdendo sua amiga Christi. A garota que ela e Jerry arranjaram para Gavin, a fim de manter o rapaz feliz.

— Angie não parecia assustada quando falamos com ela — observei. — Ela piscou quando você lhe mostrou a foto... mas ainda assim muito friamente.

— É verdade — concordou ele. — Uma garota fria. Uma profissional.

— Em termos do papel de Jerry na fraude, talvez ele trabalhasse para Sonny como um faz-tudo, alguma espécie de procurador. E se ele tirou Angie do clube por algo mais do que sexo? Uma prostituta/strip-ter poderia conhecer alguns condenados, e essa gente é a matéria-prima para a fraude.

— Jerry é um cafetão... Eles têm Bennett Hacker e Degussa para fornecer condenados.

— Por tudo que sabemos — falei —, foi Jerry quem pôs Hacker e Degussa em contato com os outros. Degussa é um leão-de-chácara, e um cara como Jerry, que frequenta clubes de strip, deveria conhecer leões-de-chácara. Jerry conheceu Hacker através de Degussa. Ele apresentou os dois a Sonny Koppel, que por acaso tem um interesse em algumas casas de ressocialização.

— Jerry como inquilino de Sonny era uma fachada, e Sonny nos enrolou com aquela história de Jerry atrasar os aluguéis só para nos impressionar.

— E para se distanciar de Jerry. Um cara empreendedor como Sonny teria visto a oportunidade. Ele obteve as casas de ressocialização e os contratos por causa de Jerry Quick. Ponha nisso uma ex-esposa com interesse em reforma prisional e o sócio dela, um sujeito com vinte anos de história ganhando dinheiro à custa da miséria, e o esquema pareceria perfeito.

— Uma união de pequenas mentes asquerosas. Perfeito até deixar de ser.

Dei minha opinião.

— O acidente de Gavin deu início à descida da ladeira. Ele sofreu mudanças de personalidade, tornou-se um assediador, surtou e necessitou de terapia ordenada pelo tribunal. Sonny podia ajeitar isso, mandando Gavin para alguém com quem pudesse contar para dizer as coisas certas à corte. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro, porque Gavin passou a pensar em si mesmo como um caçador de corruptos. Ele investigou e descobriu uma grave corrupção.

Milo fechou os olhos e sentou-se imóvel. Por um momento achei que tivesse caído no sono. Então olhou apático para mim, como se estivesse sonhando.

— Ainda está comigo? — perguntei. Ele assentiu lentamente.

— Jerry mentiu para nós acerca do encaminhamento, inventou a história de ser parceiro de golfe do Dr. Silver exatamente porque queria esconder suas ligações com o grupo. Ele sugeriu que foi um crime sexual. Outra tentativa de embromar você.

— O velho e querido papai — disse Milo. — Alega ser negociante de metais, mas é, na verdade, um cafetão.

— Com Gavin se tornando um problema, Jerry provavelmente achou que estava sendo um grande pai ao aproximá-lo de Christi. E Gavin parecia feliz, gabando-se com Kayla acerca de sua vida sexual com a nova namorada. A única dificuldade foi que sua lesão cerebral continuou a afetar o raciocínio. Ele anotava as placas de carros, inclusive do pai. Alguém descobriu e tratou de matá-lo junto com a pobre Christi. Mary Lou imaginou isso, o que a deixou apavorada. Fraudar o Departamento Correccional é uma coisa, lidar com assassinato é outra. Talvez ela tenha pressionado Sonny e Larsen a acabar com todo o esquema. Sabia que Sonny era gamado por ela, embora o tivesse sob controle. Mas Sonny não era inofensivo quando encurralado. E tampouco Albin Larsen.

— A se crer no que Bumaya disse sobre Larsen, estamos falando de um monstro.

— Monstro com doutorado — comentei. — Esperto, calculista, perigoso. Mary Lou superestimou seu próprio carisma.

— E quanto a Sheila? Ignorando tudo isso?

— Sheila tem sérios problemas emocionais. Ela e Jerry ficaram indisponíveis um para o outro durante anos, mas ele continua com ela para manter as aparências. Agora um dos filhos está ausente de casa e o outro morto. Bote aí um pouco de pânico e seria a época perfeita para ele se separar.

— Aparências — observou Milo. — A casa, o Mercedes, escola em Beverly Hills para os filhos. Então Gavin surta e tudo desmorona. E quanto à empalação? O ângulo sexual? Para execução pura e simples, uns tiros seriam o suficiente.

— A empalação é o glacê sobre o bolo — repliquei. — Alguém que sente prazer em matar. Alguém que já fez isso antes.

— Ray Degussa. — Milo se levantou, foi até a porta, olhou o corredor vazio e acrescentou: — Então Mary Lou era trambiqueira, mas não conseguia lidar com assassinato?

— Ela podia ter racionalizado a fraude, dito a si mesma que estavam se saindo bem, simplesmente aumentando a conta um pouco. Quem era a vítima, de qualquer modo? Uma burocracia prisional corrupta.

— E exatamente a linha de babaquice que um escroto como Larsen teria incutido nela. — Milo franziu o cenho. — O problema é que todo esse castelo de cartas está assentado numa fraude, e nem sequer sabemos que existe uma.

— Verificarei com Olivia em poucas horas.

— Você realmente acha que Mary Lou seria tola o bastante para ameaçar Larsen e os outros? Estaria cega para o tipo de gente com quem estava lidando?

— Acreditar em seu próprio relações públicas pode ser muito perigoso.

— E quanto a Gull?

— Ou está envolvido ou não.

Fico pensando por que Gavin o dispensou.

Eu também.

— Garoto louco — disse ele. — Garoto louco, idiota. Família louca.

— E quanto à filha? — falei. — Que não veio para casa depois que o irmão morreu? Às vezes são as pessoas afastadas que têm coisas mais interessantes a dizer.

— Kelly, a estudante de direito na Universidade de Boston.

Seu primeiro ano na faculdade de direito estaria terminando agora. Mas ela permaneceu em Boston

— Outro item para o velho faça-uma-lista. Um monte de coisas a anotar. Preciso dormir.

— Nós dois precisamos — falei.

Ele pelejou para se pôr de pé. As beiradas dos olhos estavam vermelhas, o rosto cinzento.

— Chega — disse ele. — Vamos cair fora daqui.

Capítulo 37

O telefone me acordou. Eu tinha ido para a cama às três e meia da madrugada.

Enquanto meus olhos se abriam, verifiquei no relógio. Seis horas tinham se passado.

Peguei o telefone, desajeitado, e atendi.

— Achei — disse Olivia Brickerman. — A chave foi divergência de opiniões.

— Bom-dia — falei.

— Você parece meio grogue.

— Noite longa demais.

— Pobre bebê. Quer ir escovar os dentes e me ligar de volta? Gargalhei.

— Não, conte-me.

— O problema — disse ela — foi que eu estava sendo muito limitada, concentrando-me em prêmios e outorgas. Como se fosse o único meio da coisa ser financiada. Finalmente mudei o comando e voilà! Esta coisa foi legislada, Alex. Aditada como cláusula a uma dura lei de condenação por delito grave. O deputado Reynard Bird, o D-Oakland... você o conhece, aquele ex-Pantera Negra?

— Claro.

— Bird conseguiu enfiar a cláusula na conta como parte do velho “é dando que se recebe”. Portanto agora se pode mandar criminosos para a prisão por longos períodos, mas, quando são libertados, têm a terapia grátis.

— Quaisquer criminosos?

— Qualquer criminoso em condicional que solicitar tratamento o obtém. Até um ano de terapia individual ou em grupo para cada criminoso, sem restrição de horas, e o dinheiro vem direto da Medi-Cal. Eis por que não consegui achar o rastro do dinheiro. É uma gota no oceano na folha de pagamento médico geral.

— Uma mamata para os criminosos — eu disse. — E para os provedores.

— Claro que é, mas poucos provedores assumiram a tarefa. Ou desconhecem a lei, ou não querem criminosos se amontoando nas suas salas de espera. Mais provável a última hipótese. Bird nunca divulgou a lei, e em geral ele é o primeiro a convocar uma entrevista coletiva. Descobri que sua terceira mulher é uma psicóloga, e sabe o que mais? Ela está dirigindo dois dos maiores programas, em Oakland e Berkeley. Quase toda a atividade está no norte. Há outro programa em Redwood City, e alguns grupos em Santa Cruz que são dirigidos por um psicólogo de 85 anos que tinha consultório em Los Angeles e se aposentou. O único programa em que você está provavelmente interessado é o da Pacífica Serviços Psicológicos, Beverly Hills, Califórnia. Certo?

— Como sabe?

— É o único programa no sul da Califórnia.

— Pagamento direto da lata de biscoito da Medi-Cal — falei. O que há no nível de reembolso?

— Calma, ainda tem mais, querido. Estamos falando da MediCal plus. A conta autoriza sobretaxas por causa de uma cláusula de “exigência”. O financiamento vem de alguma brecha proposital na legislação, mas a administração é através da Medi-Cal.

— Significando que são pacientes, que não é qualquer médico que gostaria de querer tratar, portanto o estado fornece um incentivo. De quanto?

— Reembolso em dobro — respondeu ela. — Na verdade, um pouco mais que o dobro. A Medi-Cal paga 14 dólares por terapia de grupo feita por um Ph.D., 15 feita por um doutor em medicina.

Provedores sob esta conta ganham 35. O mesmo vale para terapia individual. De 20 a 45 por hora. Setenta paus pela sessão inicial e pelas conferências de caso.

— Trinta e cinco a hora por grupo — recalculei minha estimativa anterior. Um monte de zeros. — Nada mau.

— Não pude descobrir nenhuma supervisão fiscal, apenas o estado pagando e o recebimento.

— Algum meio de descobrir quanto cada programa cobrou? -Não eu, mas Milo talvez pudesse fazer isso. Se ele quiser ir mais fundo, sugiro ligar para Sacramento. Pedir para falar com Dwight Zevonsky. Ele é um bom sujeito que investiga fraudes. Anotei o número.

— Qual é o nome oficial do programa? — perguntei.

— Nenhum nome. Apenas conta do Legislativo 5678930-CRP-M. Emenda F. Subtítulo “Desmarginalização psicossocial de criminosos libertados”. Esta era uma das nossas expressões incomuns. Encontrei mais duas no texto da cláusula: “Mudança de atitude” e “ênfase holística”. Os programas individuais são livres para assumir seus próprios nomes. O único de Beverly Hills é chamado...

— Sentinelas da Justiça.

— É, tal como você disse. Então o quê? Isto foi feito antes?

— Oh, sim.

— Onde?

— Você não vai querer saber.

Encontrei o nome da terceira mulher do deputado Reynard Bird e a procurei na internet.

Dra. Michelle Harrington-Bird. Uma ruiva alta nascida na Escócia de seus 40 e poucos anos que vestia mantos africanos e falava frequentemente sobre questões políticas. O deputado tinha uns 70 anos, um veterano conhecido pelo discurso apaixonado e a capacidade de consertar ruas esburacadas no seu distrito.

Em uma das muitas fotos que encontrei, Harrington-Bird posava com um grupo de colegas psicólogos que incluía Albin Larsen. Um bando de terapeutas participando de uma convenção.

Larsen estava perto de Harrington-Bird, de cavanhaque, óculos, usando terno de tweed sobre uma suéter e parecendo uma encarnação hollywoodiana de Freud. Sua linguagem corporal não implicava nenhuma intimidade com a atual esposa do deputado.

Todo negócios. Repleto de incentivos para isso.

Harrington-Bird tomara emprestada a terminologia de Larsen para o programa. Sem dúvida, Larsen a impressionara com as descrições de seu trabalho com direitos humanos na África. Imaginei o que ela acharia do papel desempenhado por ele no genocídio africano. Acerca de dois garotos deixados em suas camas com as gargantas cortadas.

Encontrei Larsen e Harrington-Bird juntos mais três vezes, como signatários de propaganda política. Após imprimir o que achava relevante, peguei o telefone.

— Oh, cara Olivia. Ela deveria governar o mundo — comentou Milo.

— Ela é superqualificada — falei. — Agora sabemos que o financiamento é real e que Larsen entrou nessa primeiro.

— Reynard Bird. Fico imaginando até onde isso vai.

— Não há nenhuma evidência de Bird ou sua esposa envolvidos em qualquer fraude. Larsen a conhecia profissionalmente e eles partilhavam a mesma visão política. Ele poderia tê-la usado, também.

— Ela está metida em direitos humanos?

— Ela entra com petições. Protestando contra o envolvimento dos Estados Unidos no Afeganistão e no Iraque, e assim por diante. Larsen assinava as mesmas petições.

Ele grunhiu.

— Então quando o financiamento começou?

— Um ano e meio atrás. Os reembolsos começaram há 16 meses. A Pacífica estava na boca de espera.

— Trinta e cinco paus por cada condenado-hora — disse ele. Mais até do que calculamos.

— Um incentivo enorme para ir em frente. E como cobertura quando houver ameaça de exposição. Se Mary representou algum tipo de ameaça, a solução óbvia seria eliminá-la.

— Tiro e empalação. E por falar nisso, aqui está minha contribuição para o banco de dados. Através de manobras extravagantes de detetive, localizei um agente penitenciário de Quentin, aposentado, que realmente conheceu Degussa. Ele tem certeza de que Degussa foi responsável não por dois, mas três contratos de morte de detentos e talvez uns cinco outros. As gangues contratam matadores encarcerados para manter sua barra limpa. Mesmo com isso tudo, eles simplesmente não conseguiram obter qualquer prova contra o escroto. Quando Degussa não estava apagando gente, ele fazia as coisas que deixam as juntas de condicional salivando. ia à missa, servia como assistente do pastor, se oferecia para fazer brinquedos de Natal para as crianças pobres, trabalhava como atendente voluntário na biblioteca. E veja isto: apresentava-se regularmente para aconselhamento. Este é um cara que aprecia o valor da terapia.

— Pode apostar.

— E aqui vem a parte engraçada, Alex. Este agente contou-me que todas as mortes apresentaram algum tipo de empalação e uma combinação de *modus operandi*, o que é incomum em mortes na prisão, é principalmente cortar e correr. Degussa cortava, certo... o corte básico na garganta e talhos múltiplos pelo corpo com caco de vidro. Mas ele acompanhava isso com um golpe de misericórdia através do pescoço ou peito com algum tipo de objeto pontiagudo. Em dois casos, os objetos foram encontrados: caneta-tinteiro afiada e um espeto de carne afanado da cozinha da prisão. Raymond é definitivamente o nosso matador.

— Ele não tem nenhum registro de crimes sexuais?

— Seu prontuário é aquilo que lhe contei: furto, drogas, assalto à mão armada. Mas são apenas os delitos em que ele foi apanhado. Quem sabe o que ele faz no tempo que lhe sobra? A começar por esta noite, vou trocar a tarefa de Sean Binch: parar de observar Gull para vigiar Degussa. Estarei lá no começo, para me certificar de que ele não se meta em encrenca. Vigiar um médico de cuca suando é uma coisa, ficar de olho num bandidão é bem diferente.

— Gull sai de cena?

— Pelo contrário. Agora que sabemos que o trambique é real, temos alguma coisa para usar contra ele. Presumindo que você ainda o veja como o elo mais fraco.

— Se você quer se inclinar para alguém, ele seria minha escolha.

— Não quero me inclinar erradamente — retrucou ele. — Mais duas coisas. O endereço que Christi Marsh deu é uma caixa postal desativada, grande surpresa. Ela alugou a caixa só por dois meses, e o funcionário não tem nenhuma lembrança dela. Deu uma olhada no jornal esta manhã?

Ainda não.

— Eles finalmente publicaram a foto. Página 32, ao fundo, junto com três frases pedindo que qualquer pessoa que a reconhecer me ligue. Nenhum ligação ainda. No que se refere à família Quick, rastreei a irmã de Gavin, Kelly. Ela continua em Boston trabalhando para uma firma de advocacia. Mas acabou de tirar uma súbita licença, supostamente para cuidar da avó doente em Michigan.

— Você acha que ela poderia estar bem a oeste de Michigan.

— Telefonei para a casa dela, mas ninguém atendeu. Dei um telefonema para Eileen Paxton só para o caso de ela estar cuidando da irmã outra vez. O que acha de nos encontrarmos, mais cedo ou mais tarde, para falar sobre Franco Gull? Tenho algumas ideias sobre a fina arte da pressão social.

Capítulo 38

Franco Gull tinha requerido os serviços de um advogado de defesa criminal chamado Armand Moss, que havia passado a missão para uma associada, uma estonteante morena de uns 40 anos chamada Myrna Wimmer.

O encontro se deu no escritório de Wimmer, uma sala envidraçada no último andar de um edifício comercial no Wilshire Boulevard perto da Barrington. Era um dia lindo, e o vidro servia a seu propósito.

Myrna Wimmer trajava um terninho grená e tinha uma pele impecável cor de marfim, seu corte de cabelo era lustroso e eficiente. Um diploma de Yale estava exibido como o ícone que era. As fotos no seu pequeno aparador diziam que tinha um marido apaixonado e cinco filhos adoráveis. Ela se movia como

uma dançarina, sua saudação foi calorosa. Olhos cinzentos oblíquos sob sobrancelhas artisticamente modeladas pareciam uma pintura.

Ela começou:

— Para que fique registrado, o Dr. Gull está aqui por livre e espontânea vontade e isento de responder a quaisquer perguntas, sem contar aquelas consideradas inadequadas.

— Sim, madame, será assim como diz — assentiu Milo. Wimmer fitou-o, divertida, voltou-se para Gull, que estava sentado numa cadeira perto da parede de vidro mais comprida, os pés plantados no carpete, parecendo drenado e mais magro.

A cadeira se apoiava em rodízios e os movimentos de Gull a faziam tremer.

Ele usava um terno preto, gola rulê branca, mocassins de couro de bezerro vermelho-escuros. Pequenas listras vermelhas nas meias pretas. Segurava um lenço de linho dobrado em uma de suas grandes mãos. Nada de suor ainda, mas preparando-se? Ou talvez sua advogada tivesse fornecido o lenço.

Milo tomou o assento mais afastado de Gull. Fiquei mais perto.

— Bom dia — falei. Eram onze da manhã, e a visão das paredes de vidro de Myrna Wimmer merecia alguma meditação séria. Eu estava lá por algum motivo, trajando o meu terno azul-marinho, uma camisa branca com colarinho apertado e punhos franceses e uma gravata com um prendedor de ouro.

Dois dias tinham se passado desde que a foto de Christina Marsh havia saído no jornal. Dois esquizofrênicos tinham telefonado para Milo, cada qual com histórias estranhamente congruentes acerca de abduções alienígenas, cada qual certo de que Christina procedia realmente de Vênus. Alívio cômico; com a agenda repleta que vinha mantendo, Milo precisava descontraí-lo.

Duas noites tentando vigiar Raymond Degussa resultaram infrutíferas quando o leão-de-chácara deixara de aparecer para seu serviço no clube. Uma verificação no seu último endereço conhecido revelou que estava 18 meses desatualizado, e agora Milo tinha mais coisas a procurar.

Antes que fôssemos para o escritório de Myrna Wimmer, ele me mostrara fotos do arquivo policial de Degussa e outra da licença de motorista de Bennett Hacker. As de Degussa davam-lhe 1,82m de altura, com múltiplas tatuagens. Rosto comprido e vincado, pescoço rijo, feições duras, cabelo preto engomado e escovado para trás. Em uma das fotos Degussa usava um bigode de pontas caídas. Nas outras estava sem o bigode. Pequenos olhos fendidos projetavam um tédio profundo.

Hacker tinha 1,75m, o cabelo rareando e um queixo que tinha bem pouco de agressivo. Usava camisa social e gravata, sorria debilmente para a câmera do Departamento de Veículos Motorizados.

Segundo o investigador da Medi-Cal, Dwight Zevonsky, o agente de condicional era um homem rico. Os dois eram.

Franco Gull não tinha retribuído minha saudação, portanto a repeti.

— Bom-dia — disse ele, seco.

Mantive meu paletó abotoado e conservei minha postura autoritária.

— Bastante superficial — comentei. — Mas isso é irrelevante para você.

Nenhuma resposta.

— Toda essa dissonância deve ser dura, Franco. Myrna Wimmer interveio:

— Como disse?

— Dissonância. Quando a auto-imagem se choca com a realidade áspera. — Cheguei mais perto de Gull. Ele se pressionou contra as costas da cadeira de braços, que rolou alguns centímetros para trás.

— O que é isso? — perguntou Wimmer. — Cancelei compromissos para ouvir blablablá psicológico?

Dirigi-me a Gull:

— Em primeiro lugar, você precisa saber que não sou um policial. Sou seu colega.

O olho esquerdo de Gull se retorceu e ele relanceou para Wimmer.

— O que está havendo? — perguntou ela. Foi Milo quem explicou:

— O Dr. Delaware é um psicólogo clínico que presta consultoria ao departamento.

Gull olhou para mim.

— Você nunca pensou em mencionar isso.

— Não havia razão — repliquei. — Agora há. Wimmer cruzou os braços.

— Bem, isso é diferente.

— Algum problema nisso? — indagou Milo.

Ela ergueu um dedo.

— Nenhuma conversa, estou pensando.

— Talvez seja mais agradável para o seu cliente — disse Milo. Nada de cassetete, apenas um pouco de coleguismo.

— Que ainda precisa ser visto. — E para mim. — Qual é sua especialidade... antes de mais nada, qual é mesmo o seu nome?

Eu lhe respondi, e ela fez uma exibição de anotar minhas palavras.

— Certo, agora qual é sua especialidade?

— Psicólogo clínico. — Virei-me para Gull. — Estive tentando entender como você se meteu nessa lastimável situação.

Gull desviou o olhar e continuei:

— Fiz uma pequena pesquisa sobre você, mas só resultou em mais peças para o quebra-cabeça. - Cheguei mais perto. Gull tentou impelir a cadeira para trás, mas as rodinhas encailharam no carpete.

— Franco... posso chamá-lo de Franco? Franco, o hiato entre a pessoa que descobri e o que está acontecendo com você é um tanto extenso.

Gull lambeu os lábios. Myrna Wimmer riu.

— Oh, não. Psicologia de botequim. Voltei-me para ela.

— Está tudo bem com você? A pergunta a surpreendeu.

— Está pedindo minha opinião?

— O que quero dizer — repliquei — é que, se estou adotando a abordagem errada, se tiver uma alternativa melhor para eu me comunicar com o Dr. Gull, é só me dizer qual é — falei suavemente, de modo que ela teve de inclinar a cabeça para ouvir.

Ela respondeu:

— Eu... eu apenas quero terminar com isso. Tenho outro compromisso dentro de 45 minutos.

Voltei-me de novo para Gull.

— Você se formou summa cum laude Phi Beta Kappa da Universidade do Kansas, em Lawrence. Consegui nesse meio-tempo jogar beisebol por quatro anos no time da universidade.

Não apenas um beisebol mediano. No seu último ano você chegou perto de bater o recorde de home runs da universidade. Acho isso mais do que impressionante, Franco. Fale sobre sua bem-sucedida vida acadêmica, Franco. Uma espécie de ideal grego, não? Você sabe sobre isso, você mudou de letras para psicologia no segundo ano da universidade.

Myrna Wimmer circulou por detrás de sua mesa e sentou-se. Parecia furiosa e fascinada.

Franco não se moveu nem falou.

Continuei:

— Dois anos jogando na segunda divisão e todos lá só têm elogios para você. Uma pena que um currículo assim vá pelos ares.

As coisas acontecem — Gull começou a suar.

— O mesmo vale para Berkeley — eu disse. — Ambos sabemos como é duro entrar num lugar desses, mas você esteve no topo da lista deles. Como estudante manteve um bom desempenho. Seu orientador de tese, o professor Albright, está idoso, mas sua memória continua bem aguçada. Ele me

contou que você se empenhou na tarefa, sua pesquisa era sólida, você realmente sabia como focar na resolução de problemas. Ele esperava que tivesse ido para a academia, mas essa é outra história.

Gull enxugou o pescoço e continuei:

Então há todas as suas boas ações. Além de todas as horas clínicas exigidas para seu doutorado. Você ofereceu seus serviços para um lar de crianças vítimas de abuso. No mesmo ano estava escrevendo sua tese, que é impressionante. Como encontrava tempo?

— E preciso dar conta do serviço.

— Você fez mais do que isso, Franco. Muito mais. E sua pesquisa: “Reações de garotos em idade lactente vindas de lares divorciados para um espaço de desafio pessoal”. Bom trabalho, e tê-lo publicado em *Clinical and Consult Psych* não é pouca coisa para um estudante. Depois de formado, você não seguiu este rumo. É uma pena. Seus achados eram instigantes.

— História antiga — Gull cruzou as pernas, forçou um sorriso para Wimmer. — Isso é relevante, Myrna?

Winner tocou seu relógio e deu de ombros. Continuei:

— Sua orientadora de pós-doutorado, a Dra. Ryan, também lembra de você como brilhante e esforçado. Naquele ano inteiro, você nunca chegou nem perto de qualquer ruptura ética. O estranho é que ela se lembra de você como excepcionalmente respeitoso com as mulheres.

Os lábios de Gull cerraram-se. Fiquei em silêncio.

— Ainda sou — disse ele.

— No ano em que se formou, os empregos no campo acadêmico eram disputados, e as propostas que recebeu foram todas no Meio-Oeste. Foi por isso que optou pela clínica particular? Como se pode voltar para a roça depois de conhecer Beverly Hills?

— Já estive no Kansas? — Ele mudou o lenço para a outra mão.

— Eu me formei seriamente endividado. Ninguém me dava nada de graça.

Não precisa se desculpar por ter entrado na clínica particular — falei. — Quem diz que os acadêmicos realizam tanto para a sociedade?

— É verdade.

— Veja Albin Larsen, por exemplo. Conferências acadêmicas em dois continentes, viagens ao redor do mundo, ideais de angariar fundos. Mas ambos sabemos de onde vem a maior parte do dinheiro dele.

— Não faço a menor ideia do que está falando — retrucou Gull.

— Tudo bem, então voltemos ao tema de sua relação com as mulheres. Quando exatamente isso começou, Franco? Você foi capaz de enganar a Dra. Ryan, ou foi alguma coisa a que se aferrou depois que percebeu quanto poder tinha como terapeuta?

Gull enrubesceu.

— Não pode — ele embrulhou os dedos no lenço. — Myrna, termine com isso.

— É claro — concordou Wimmer. — Estamos passando do tempo,

— Não tem problema — disse Milo.

— Essa foi rude demais. — Gull levantou-se.

— Certamente foi — reforçou Wimmer. Continuamos sentados.

— Senhores, tenho uma agenda cheia — Myrna comunicou.

— Entendo, madame — retrucou Milo. Ele ficou de pé, tirou alguns papéis dobrados do bolso.

— Irei o mais rápido possível executar um mandado de prisão contra o Dr. Gull.

Gull estivera brincando com a gola rulê do suéter. Sua mão desceu como se escaldada, a cabeça voou para trás. -O quê?! Milo chegou mais perto dele.

— Doutor, isso é um mandado de pri... Winner interrompeu.

— Qual é a acusação, tenente?

— Acusações — retrucou Milo. — Múltiplas suspeitas de assassinato, conspiração para cometer assassinato, fraude em prêmio de seguro. E mais outras coisas. Seu cliente deveria ser...

Os olhos de Gull se inflamaram.

— Do que diabo está falando? Myrna interveio:

— Deixe-me cuidar disso, Franco. — E para Milo: — Dê-me isso. Milo entregou-lhe o mandado. Ele fora à promotoria e paparicara uma promotora-assistente para expedir o mandado. As digitais de Gull achadas na casa de Mary Lou Koppel tinham ajudado, bem como um telefonema a Dwight Zevonsky, o investigador de fraudes do estado. O toque final tinha sido uma garrafa de Glenlivet envelhecido por vinte anos, entregue nas mãos de um intransigente promotor na casa dos 60 anos, Eben Marovitich, às vésperas de se aposentar, cuja esposa o abandonara por um psiquiatra.

— Orgulhoso de mim? — Milo perguntara enquanto subíamos no elevador para o escritório de Wimmer. — Psicologia aplicada e tudo mais.

Enquanto Wimmer lia os detalhes do mandado, Franco Gull afastou-se de Milo, mantendo suas costas contra a vidraça. Atrás dele, um céu azul resplandecente e os contornos acobreados do centro da cidade iluminado pelo sol.

Ele permanecia tão imóvel como uma peça de escultura. Escultura ao vivo. Terror na Califórnia com vista panorâmica.

Wimmer acabou de ler, retornou para a primeira página, revisando-a. Sua boca se franziu.

— O quê? O quê? — perguntou Franco Gull. Nenhuma resposta.

— Myrna...

— Psiu, deixe-me terminar.

— Acabar o quê? Isso é ridículo, é...

Wimmer o silenciou, completou sua leitura cuidadosa e dobrou novamente o mandado.

— É totalmente ridículo, Franco, mas parece válido.

— O que isso significa, Myrna? Que porra significa isso? — O lenço estava fortemente amassado em sua mão, e os nós dos dedos estavam brancos como marfim. O suor gotejava do contorno do couro cabeludo, mas ele não fez qualquer tentativa para enxugá-lo.

— Myrna?

Milo pegou as algemas. O som metálico fez Gull pular. Myrna Wimmer pediu:

— Ah, por favor.

— Você leu as acusações — replicou Milo.

— Myrna... — suplicou Gull.

— O que isso significa, Franco, é que você terá que ir com eles.

— Desaprovação em sua voz. Como se Gull a tivesse desapontado.

— Onde você vai autuá-lo, tenente?

— Acusações como essas? — questionou Milo. — Direto para a cadeia.

— Cadeia? — repetiu Gull. — Meu Deus, não. Wimmer sorriu para Milo.

— Poderia fazer o favor de autuá-lo em West Los Angeles? Para me poupar a viagem?

— Autuar-me? — disse Gull. — Myrna, como pode simplesmente...

— Nada posso fazer, advogada — retrucou Milo. — Sinto muito. Wimmer parecia pronta para cuspir.

Os olhos de Gull se encheram de lágrimas.

— Myrna, não posso fazer isso. Ela disse:

— Sua esposa tem acesso às suas finanças? Se tiver, ligarei para ela e iremos correr atrás da fiança. Se não tiver...

— Fiança? Isso é uma insanidade...

— Isso é um diagnóstico oficial, doutor? — perguntou Milo.

— Por favor — Gull recuou mais um pouco e pressionou o corpo contra a vidraça. — Você não sabe o que está fazendo. Nunca fiz nada do que você diz. Por favor. — Retomando o fôlego. — Por favor.

Milo disse:

— Vire-se e coloque as mãos sobre a mesa da Sra. Wimmer. Doutor, se estiver portando alguma arma ou drogas ilícitas, seria a hora de me contar.

— Assassinato? — gritava Gull. — Do que diabo está falando? Assassirato? Perdeu o juízo? — Ele abriu a mão e o lenço caiu no carpete. Enquanto o observava cair, os joelhos vergaram, mas ele conseguiu se manter ereto.

— Fique calmo, Franco — pediu Myrna Wimmer.

Calmo? Para você é fácil dizer. Não é você quem..

— Como sua advogada, Franco, aconselho-o a não dizer nada...

— Tudo que estou dizendo é que nunca fiz nada O que há de errado em dizer que nunca fiz nada!

— Mãos sobre a mesa, por favor — insistiu Milo. Ele começou a caminhar na direção de Gull.

— Franco Gull, você tem o direito de ficar calado...

A poderosa psique de Gull ficou tensa. Ele se vergou, começou a chorar.

— Oh, Deus, como isso pode estar acontecendo

Myrna Wimmer me disparou um olhar de “espero que agora esteja feliz”.

Milo sacudiu as algemas. Gull deu um passo à frente, colocou as mãos sobre a mesa. Chorou mais um pouco.

Milo puxou um dos braços de Gull para trás das costas e o algemou. Gull gritou.

— Está machucando meu cliente? — perguntou Wimmer.

— Talvez psicologicamente — disse Milo. — Está apertado demais, doutor?

— Meu Deus — clamou Gull — O que posso fazer para ajeitar isso? Milo não respondeu.

— Por que está dizendo que matei alguém? Quem? Mary? Isso é loucura. Mary era minha amiga, éramos... eu nunca iria...

Milo puxou para trás o outro braço. Gull gritou:

— O que é que você quer!

— Que você seja acessível.

— Acessível para quê?

— Fique calado, Franco — insistiu Myrna.

— O quê?! E deixá-los botar a culpa em mim e me levar para a cadeia?

— Franco, tenho certeza de que isso será...

— Do que eu tenho certeza é que nunca matei ninguém, nem conspirei ou fiz qualquer daquelas coisas — Gull virou-se para fazer contato visual comigo. — O que você está fazendo vai contra a ética. Devia se envergonhar.

— Sinta-se à vontade para apresentar uma queixa — repliquei. Embora eu imagine que não vai querer fazê-lo.

— O que lhe dá o direito de me julgar?

— Acessível — eu disse — não significa manipulação em vantagem própria. — E para Milo: — Minha opinião é de que devíamos encerrar por aqui.

Milo colocou a mão na nuca de Gull, fê-lo virar-se e pôs sua palma no pequeno dorso da mão dele.

— Hora de ir para a cadeia, doutor — disse.

— Pare! — gritou Gull. — Por favor! Serei acessível. Sim, corri atrás de rabos-de-saia. Quer falar sobre isso? Tudo bem, estou pronto para falar a respeito. Ganhei um pequeno problema, é isso que queria ouvir? Dei prazer a mulheres, recebi prazer em troca. Isso nada tem a ver com cadeia, assassinato, ou qualquer outra babaquice que pudesse me mandar para a cadeia! E, sim, isso é um diagnóstico oficial,

estou qualificado para diagnosticar. Sou um bom psicólogo, um tremendo psicólogo, e meus pacientes melhoram!

— Como Gavin Quick? — perguntei. Gull gaguejou.

— Ele... ele... não era realmente um paciente meu.

— Não?

— Eu o atendi por quatro ou cinco sessões. E acabou.

— Por quê?

— Tirem essas algemas de mim e lhes direi.

— Diga-nos agora. Wimmer interveio:

— Franco, meu conselho é que não diga a eles qualquer... Gull replicou:

— O garoto idiota não quis mais se consultar comigo porque descobriu que eu estava dormindo com uma paciente. É isso? Estão satisfeitos? Sou humilhado, sou agora oficial e publicamente humilhado. Mas nunca matei ninguém! Tirem essa coisa de mim!

— Preciso de um calmante — disse Myrna.

Milo retirou as algemas e sentou Gull na mesma cadeira de braços.

— Podemos todos nos acalmar e ser racionais aqui? — O rosto de Gull estava encharcado.

— Se continuar a demonstrar a mesma honestidade — comentou Milo — poderíamos ajeitar alguma coisa.

— Quero que seja gravado — disse Myrna.

— Não, lamento — retrucou Milo.

— Então me recuso a deixar meu cliente...

— Myrna, pare de complicar as coisas, pare de ser uma maldita advogada! — pediu Gull. —

Não se trata da sua vida!

Wimmer franziu o cenho para ele e engoliu em seco os dois analgésicos que estavam na palma de uma de suas mãos.

— Você foi avisado, Franco — disse ela. Gull virou-se para mim.

— Honestidade sobre o quê? Eu lhes disse, dormi com uma paciente.

— Só uma? — insisti.

Seus olhos buscaram os meus. Tentando descobrir o quanto eu sabia.

— Mais de uma — confessou ele. — Porém não tantas, e sempre foi consensual. O garoto idiota descobriu, ficou puto e disse que não podia mais confiar em mim, queria me descartar. Então ameaçou me denunciar. Logo quem.

— O que quer dizer? — perguntei.

— O motivo principal para ele estar lá era para resolver seus próprios problemas sexuais. Ele era um assediador. Portanto, quem era ele para bancar o moralista?

— Não entendo uma coisa: por que ele pensaria que você não era o terapeuta ideal, Franco?

— Eu entendo, entendo — disse Gull. — Não deveria ter acontecido, mas aconteceu. Mas ele estava investigando, não é como se eu o estivesse embromando ou algo parecido. A questão é: o garoto tinha lesão cerebral, sua mente estava distorcida.

— Não pensando de forma coerente — comentei para Milo.

— Além disso — continuou Gull —, ele era patologicamente compulsivo... perseverante em excesso, em comportamento e percepção.

— Desde que se apoderasse de alguma coisa não deixava escapar.

— Exatamente — disse Gull. — Como se isso resolvesse a coisa.

— Como ele descobriu? — perguntei.

— Como eu lhe disse, xeretando. — Gull deu um riso áspero. Me seguindo.

— Onde?

— Ele ficava rondando o edifício depois das sessões, voltava depois do expediente e esperava em seu carro, parado na rua.

— Que rua?

— Palm Drive. Nos fundos, atrás do estacionamento. Quando ele me confrontou é que me dei conta de que estava sentado lá.

— Que carro era?

— Um Mustang.

— Cor?

— Vermelho. Vermelho conversível. Mas ele sempre mantinha a capota levantada e os vidros tinham insulfilme, de modo que não vi se havia alguém lá dentro.

— É o carro em que ele foi morto — falei.

— Bem, lamento saber, é uma infelicidade — comentou Gull. Mas eu nada tive a ver com isso.

— Ele o confrontou e ameaçou denunciá-lo.

— Não se mata ninguém por isso.

— Você mata por que motivo?

Nenhum. Violência é sempre errado. — Gull procurou o lenço. Eu o vi, no chão atrás dele, mas não avisei.

Ele continuou:

— Não se mata ninguém por motivo algum. Creio firmemente na não-violência.

— Faça amor, não faça a guerra.

— Você está me fazendo soar falastrão e devasso. Não é assim. Algumas mulheres precisam de ternura.

As mãos de Wimmer se apertaram.

— Então Gavin ficava rondando o prédio — comentei.

— Sim, ficava.

— Com que frequência?

— Não sei. Só o flagrei uma vez.

— Quando ele abordou você. Silêncio.

— Como aconteceu?

— Está querendo usar isso contra mim?

— Violações éticas são o menor de seus problemas.

— O que você quer?

— Tudo que souber acerca de tudo que eu perguntar.

— O Grande Inquisidor — zombou ele. — Como pode justificar isso profissionalmente?

— Nós todos fazemos ajustes — falei. Milo sacudiu as algemas.

— Claro. Ótimo. Que assim seja — Gull assentiu.

— Tudo bem com você? — perguntei a Myrna Wimmer. — Com agenda cheia e tudo?

Ela hesitou. Gull gemeu.

— Myrna?

Ela olhou para o relógio, suspirou, sentou-se de volta na sua cadeira.

— Claro. Fiquem à vontade, rapazes

Capítulo 39

Franco Gull começou.

— Eu deveria ter seguido meus instintos. Nunca desejei tratá-lo.

— Não era o seu tipo de paciente — comentei. Ele não respondeu.

Poucos minutos atrás, ele havia pigarreado diversas vezes, e Milo sugerira a Myrna que alguém arranjasse água para seu cliente. Parecendo envergonhada, ela telefonou pedindo uma jarra e copos, mas quando a água chegou, Gull se recusou a beber.

Agarrando-se à menor escolha.

— Por que você não quis tratar Gavin Quick? — insisti.

— Não gosto de adolescentes — disse Gull. — Crises demais, correria demais.

— Acrescente a isso o dano cerebral.

— Isso também. Detesto neuropsicologia. É tedioso. Nada criativo.

— Adolescente com dano cerebral — eu disse. — E também paciente masculino.

— Eu atendo homens.

— Não muitos.

— Como você poderia saber?

— Estou errado?

— Não vou divulgar informações pessoais sobre meus pacientes

— replicou Gull. — Não importa a pressão que exerça sobre mim.

— Ética e tudo mais — falei. Gull ficou em silêncio.

— Gavin observava o prédio. Como ele descobriu que você estava dormindo com uma paciente?

— perguntei.

Gull piscou.

— Isso é necessário?

— Muito.

— Ele estava lá no estacionamento quando saímos.

— Você e a paciente.

— Sim. Uma pessoa adorável. Ofereci-lhe uma carona. Era tarde, estava escuro, ela era minha última paciente, e eu estava indo embora também.

— Cavalheiresco. O que Gavin viu? Gull hesitou.

Milo esticou as pernas. Myrna Wimmer polia o mostrador do relógio com a manga da blusa.

— Nós nos beijando. Sim, fui estúpido ao dar esse vacilo. Mas quem sabia que alguém estava observando? O garoto estava estacionado no meio-fio, pelo amor de Deus!

— Abelhudo — comentei.

— Você precisa entender, eu não estava me aproveitando. Era adorável. Mútuo e adorável.

Aquela mulher havia passado por graves perdas em sua vida e precisava de consolo.

— Consolo profundo — completou Milo.

— O que fiz foi errado. Num sentido formal... num sentido normativo. Mas a especificidade da situação exigia um certo grau de intimidade.

— Bondade terapêutica.

— Você parece saber.

Myrna pegou um bloco e fingiu que lia alguma anotação. Parecia que ela engolira uma xícara de água de esgoto. Gull virou-se para mim, enrubescido.

— Não espero que você compreenda.

— Então você fez no consultório. Num sofá? Em cima da mesa?

— Isso é vulgar...

— Sua conduta foi vulgar.

Eu lhe disse. Ela se sentia solitária...

E tinha sofrido graves perdas. Myrna Wimmer sacudiu a cabeça.

— Muito bem — disse Gull. — Sou um escroto. É isso que você quer ouvir?

— Voltando ao começo — repliquei. — Você não gosta de adolescentes homens, mas concordou em tratar Gavin Quick.

— Como um favor para Mary. O encaminhamento chegou para ela, mas Mary estava com a agenda lotada e eu tinha acabado de dar alta a um paciente... um caso muito bem-sucedido, deveria acrescentar. Portanto, uma vaga se abriu, o que é extremamente raro.

— Por que Mary pediu a você e não a Albin Larsen para atender Gavin?

— Albin só trabalha em meio expediente.

— Ocupado demais com suas boas obras — comentei. Gull deu de ombros.

— Mary lhe contou como o encaminhamento chegou a ela?

— Através do seu ex-marido. Ele é o nosso senhorio, de fato... e o pai de Gavin era inquilino dele. Ele havia mencionado os problemas legais de Gavin. O verdadeiro encaminhamento veio de um neurologista de quem nunca ouvi falar. Gavin estava alegando que a lesão cerebral tinha causado o assédio.

— Você não acredita nisso.

Gull deu de ombros para a pergunta.

— Uma lesão cerebral não torna um cara sexualmente agressivo insisti.

Gull bufou.

— Isso está me cansando.

— Sinto muito. Wimmer interveio:

Há algo mais?

— Teve muitos contatos com os pais de Gavin? — continuei.

— Só com o pai e apenas uma vez. Achei que isso era incomum, em geral é a mãe. Perguntei a respeito ao pai e ele disse que sua mulher não estava se sentindo bem.

— O que descobriu através do Sr. Quick?

Não muito. Assumi que era um pai de família que parecia muito preocupado com o filho.

— De início Mary não tinha tempo para Gavin, mas uma vez que Gavin dispensou você, ela o assumiu — repliquei.

— Suponho que ela arranjou tempo. Como um favor para mim.

— Assim Gavin não faria barulho. Silêncio.

— O que deu a ela em troca?

Concordei em atender chamadas à noite por dois meses. Milo interveio:

— Isso incluía atender às chamadas noturnas dela? Gull olhou para ele.

A pergunta permanece, doutor.

— Mary era uma pessoa altamente sexual. Tinha fortes necessidades e eu era capaz de supri-las. Apreciávamos um ao outro. Não vejo isso como um pecado. Mas, para responder à sua pergunta: não. Mary e eu éramos perfeitamente competentes em separar nossa vida profissional da pessoal.

— Quem a matou? — perguntei.

Não faço a mínima ideia. Por essas perguntas, você obviamente acha que teve algo a ver com Gavin Quick.

— Você não?

— Não acho nada.

— Uma terapeuta e seu paciente assassinados no espaço de dias. Você nunca especulou sobre isso?

— Espelho — concordou Gull. — Só que não tenho respostas.

— Algum palpite? Ele sacudiu a cabeça.

— A garota assassinada junto com Gavin. Já tinha visto ela antes? — perguntei.

— Eu lhe disse da primeira vez em que mostrou a foto. Não.

A foto saiu no jornal de ontem. Reavivou alguma lembrança?

— Não li o jornal de ontem.

— Nenhum interesse por assuntos mundanos.

— Não muito — Gull assentiu. — Não sou uma pessoa política.

— Ao contrário de Albin Larsen.

Você continua citando ele.

— Eu também. — Olhei para Milo. Ele parecia sereno. Myrna Wimmer moveu-se à frente, empoleirando-se na beirada da cadeira. A boca estava tensa, os ombros rígidos.

— Gavin Quick e agora Albin. Você está me deixando perdido

— disse Gull.

Repliquei:

— Por que Albin simplesmente informou a Sonny Koppel que vocês não tinham mais interesse em arrendar o andar térreo?

— Não tínhamos mais interesse? Por que precisaríamos do térreo? Já está arrendado, não está?

Para algum tipo de fundação filantrópica.

— Charitable Planning. Ele assentiu.

— Do que trata ela? — perguntei.

— Não sei.

— Vocês foram vizinhos por um tempo.

— Nunca vi ninguém entrar lá, exceto Sonny Koppel. E não era com muita frequência.

— Que frequência?

— Uma, duas vezes por mês. Talvez seja um de seus negócios. Ele possui vários.

— Um magnata?

— Aparentemente.

— Como sabe disso?

— Mary me contou. Ela nos conseguiu o grupo de salas por intermédio dele. Cuidou de toda a papelada de nosso arrendamento.

— A garota encarregada — comentei.

— Mary era muito ativa. Albin e eu somos mais cerebrais. Ela nos conseguiu um grande acordo no arrendamento porque Sonny ainda gostava dela.

— Ela lhe contou isso?

— Ela me contou aos risos — afirmou Gull.

— Zombando de Sonny.

— Para ser franco, ela não pensava muito nele. Mary podia ser... mordaz. Não era típico dela, mas podia agir assim.

— E Sonny trazia à tona o lado mordaz de Mary.

— Sabe como são os ex.

— O que exatamente Mary lhe contava sobre Sonny?

— Que logo depois de se casarem ele se tornou um porcalhão gordo. Que ela nunca o achou atraente, para começar, mas se iludiu acreditando que ele pudesse ser moldado. Ela gostou do fato de ele ser estudante de direito. Depois não passou no exame para a ordem dos advogados, e ela começou a vê-lo como a quintessência do perdedor. Frase dela.

— Um perdedor que se tornou magnata.

— Isso a surpreendeu. Disse que Sonny rico era um desperdício. Ele não sabia como gastar dinheiro, não sabia gozar a vida.

— Parece uma paixão de mão única — comentei.

— Vocês acham que ele a matou?

— Por que acharíamos isso?

— Ex-marido — disse ele. — Amor não-correspondido. Talvez tivesse descoberto o que Mary realmente sentia por ele. Talvez isso lhe tenha subido à cabeça.

— Mary algum dia deu-lhe alguma indicação de que as coisas ficaram hostis entre ela e Sonny?

— Não, mas ela não teria mencionado isso para mim.

— Mesmo sendo amigos... mesmo com toda a intimidade.

— Tudo que posso lhes dizer é o que aconteceu.

— Agrada-lhe ver Sonny como suspeito?

— Estou dizendo isso dada a situação. Eu teria investigado.

— Em vez de investigar você. Gull rilhou os dentes.

— Eu nunca matei ninguém.

— De quantos pacientes está cuidando atualmente? — perguntei. A mudança de assunto surpreendeu Gull. Ele ficou de pé, passou os dedos pelo cabelo, sacudiu a cabeça.

— Já lhe disse, não posso falar sobre os pacientes

— Não estou lhe pedindo nomes, apenas uma estimativa do número de pacientes.

Gull olhou para Myrna Wimmer. Ela o ignorou.

— Você as fodia mas não quer falar sobre elas. Me poupe — disse Milo.

— Ei, espere aí...

— Não, espere você, doutor. — A voz de Milo tinha assumido aquele rosnado de urso. — Estar acessível significa que não precisamos mais de nenhuma babaquice. A pergunta foi quantas pacientes está consultando, não seus trejeitos ou o tamanho de seus sutiãs.

O rosto de Gull perdeu a cor.

— Certo, tudo bem, deixem-me ver... eu trabalho... 38 horas por semana com pacientes regulares, tenho outros... talvez uns 25, que aparecem para sessões ocasionais.

— Para uma retífica.

— Não dirijo uma oficina mecânica.

— Sessenta e cinco no total — calculei.

Essa é uma estimativa.

— Você lembra dos nomes desses 65 ?

Claro.

Puxei do bolso uma página impressa de computador e desdobrei-a no meu colo.

— O nome “Gaylord Woodrow” significa alguma coisa para você ?

— Não.

— E “James Leroy Craig”?

Mesma resposta — disse Gull.

— Carl Philip Russo — insisti. — Ludovico Montez, Daniel Lee Barendo, Schendley Paul, Orlando Jones.

Gull sacudiu a cabeça.

— Roland Kristof, Lamar Roytster Collins, Antonio Ortega.

Quem são essas pessoas?

— Pacientes pelos quais você cobrou uma boa grana da Medi’ Cal ao longo dos últimos 16 meses.

Gull parecia atônito.

— Isso é ridículo. Para começar, eu não aceito pacientes da MediCal.

Em segundo lugar, esses são todos homens, e minha clientela se compõe quase exclusivamente de mulheres. Em terceiro, eu saberia se tivesse tratado algum deles.

— E foi pago por isso.

Isso é absolutamente psicótico, Peguei a lista e li um pouco mais.

— Akumo Williams, Salvador Paz, Mattias Soldovar, Juan Jorge Montoya, Juan Eduardo Lunares, Baylor Hawkins, Paul Andrew McCloskey...

— Não, nenhum deles — afirmou Gull. — E um equívoco.

— Nunca tratou nenhum deles? Nem uma única vez?

— Nem uma vez.

— Portanto, não atende pacientes da Medi-Cal,

— Por que deveria? O reembolso é patético, e estou atolado de pacientes que pagam na hora.

— Então por que se incomodou em obter um número de convênio com a Medi-Cal?

— Quem disse que fiz isso?

Caminhei até ele e segurei a folha diante de seus olhos.

— E esta a sua assinatura num requerimento para ser provedor? Ele gaguejou.

— Parece com... posso ter obtido um número, mas realmente nunca o utilizei,

— Ao longo dos últimos 16 meses você recebeu mais de 300 mil dólares de reembolso da Medi-Cal. Para ser exato, 343 mil dólares e 52 centavos.

Ele tentou pegar a folha. Afastei-a.

— Deixe-me ver isso!

— Você recebeu um número de provedor, mas realmente não o usa.

Silêncio.

— E aqui onde “ser acessível” entra na parada. Gull continuou:

Está bem, está bem, fiz requerimento para obter um número, mas apenas... para manter minhas opções abertas. Numa época de vacas magras, eu poderia preencher meu tempo. Mas 300 mil paus? Vocês devem estar pirados!

— Os pagamentos do Estado foram para um endereço na Marina Del Rey.

— E isso aí. Não tenho um endereço na Marina Del Rey. Não consigo me lembrar da última vez em que estive lá. Alguém obviamente fez alguma merda... e a pretensa investigação de vocês está uma merda. — Um sorriso se espalhou lentamente pelos seus lábios.

— Sugiro que façam seu dever de casa. Vocês dois.

— Nada da Marina para você? Nunca jantou à beira-mar com a patroa?

Gull voltou-se para Wimmer.

— Acredita nisso, Myrna? Mostrei que estão totalmente perdidos, e eles não querem admitir.

Está pensando o mesmo que eu... uma comitiva de tormento?

Winner não respondeu. Fiz chocalhar a folha.

— Nenhum desses nomes significa nada para você?

— Nenhum. Não mesmo.

— E quanto a este nome, então: Sentinelas da Justiça?

Gull parou de sorrir. Uma das mãos se agitou espasmodicamente e agarrou o lábio superior.

Retorcendo-se. Como um garoto brincando com uma máscara de borracha.

Uma máscara triste.

— Você conhece este nome — afirmei.

— Isso — disse ele. — Meu Deus.

Capítulo 40

Gull apontou para a jarra de água na mesa de Myrna Wimmer.

— Pensei que ganharia um gole.

Wimmer lançou-lhe um frio sorriso. Gull levantou-se e encheu um copo. Bebeu parado junto à mesa e serviu-se de outro.

— Estou precisando — explicou ele —, para pôr tudo no contexto.

— Vai fundo — incentivei — se a agenda da Srta. Wimmer permitir.

— Ah, claro, esta é parte alegre do meu dia — disse Wimmer.

— Sim — continuou Gull. — Eu requeri número de provedor, mas só por insistência de Mary e Albin. Os dois estavam socialmente cientes. Uma das questões em que eles se envolveram foi reabilitação penal.

— Quem deu início?

— Acho que foi ideia de Albin, mas Mary começou tomando a frente.

— Ela era a parte ativa.

— Mary não era a pessoa mais criativa do mundo, mas uma vez que botasse alguma coisa na cabeça, ia fundo. Eles dois tiveram a ideia de estabelecer tratamento para criminosos em liberdade condicional, a fim de combater a reincidência. Admirava o que estavam fazendo, mas preferi ficar de fora.

— Por quê?

— Como lhes disse, estava muito atarefado. E era cético a respeito dessa gente... criminosos. Eles estão entranhados de distúrbios de personalidade. A psicoterapia nunca foi muito eficaz para esse tipo de coisa.

— Mary e Albin discordaram.

— Principalmente Mary. Ela era passional a esse respeito. O dinheiro do Estado ia ser liberado, era mais do que uma simples teoria.

— Como ela descobriu?

— Uma das ligações políticas de Albin... ele está envolvido em um monte de causas progressistas... é a esposa de um político do norte. Ela é psicóloga também, e conseguiu que o marido aprovasse uma lei que autorizava psicoterapia a pedido de criminosos em condicional. Albin ajudou-a com a terminologia. Ele contou a Mary, ela contou a mim.

— Mas você declinou — concluí. — Entranhados de distúrbios de personalidade.

— Sim.

— E também a tabela de reembolso poderia não se equiparar às suas consultas particulares.

— Trabalho para viver — disse Gull. — Não vejo por que deveria me desculpar por isso.

— Qual é seu honorário por hora?

— Isso é relevante?

— É.

— Uso uma escala variável. De 120 a 200 dólares por sessão.

— A Medi-Cal paga vinte e restringe o número de sessões.

— A Medi-Cal é uma piada. Mary falou que o pagamento dobrava graças às taxas... algum tipo de política toma-lá-dá-cá. Mas, ainda assim, 40 dólares é uma piada. Optei por ficar de fora.

E como Mary e Albin reagiram a isso?

— Albin não falou muito. Raramente o faz. Mary ficou chateada comigo, mas não durou muito tempo.

— Sendo amigos íntimos e tudo mais — observou Milo. Gull bufou. E eu disse: Você se negou a participar, mas obteve um número de conveniado da Medi-Cal.

— Em benefício de Albin e Mary. Eles disseram que o Estado preferia convênios com múltiplos provedores. Pareceria melhor se todos nós estivéssemos listados. Mary preencheu a papelada, nós assinamos e foi isso.

Ele estava suando em bicas naquele momento. Procurou de novo pelo lenço de linho. Puxei um lenço de papel numa caixa sobre a mesa de Wimmer e entreguei a ele. Gull limpou o rosto, apressado, e o papel tornou-se uma pequena bola cinzenta.

Você está dizendo que nunca viu realmente quaisquer pacientes do programa?

— Basicamente.

— Basicamente?

— Vi uns poucos... muito poucos. No começo, só para manter a bola rolando.

— Quantos desses poucos?

Ele tirou do bolso um par de óculos de lentes finas e começou a brincar com as hastes.

— Franco?

— Três. Isso é tudo. E nenhum com quaisquer desses nomes que você citou.

— O que achou de tratar ex-condenados?

— Não foi uma boa experiência.

— Por que não?

— Dois deles viviam se atrasando e, quando vinham, pareciam drogados. Era óbvio que estavam apenas matando o tempo.

— Por que faziam isso?

— Como eu ia saber?

— Alguma indicação de que estavam sendo pagos para comparecer?

Gull arqueou as sobrancelhas.

— Nenhum deles mencionou isso. Qualquer que fosse a razão, eles não estavam motivados. Nenhum discernimento, nenhum desejo de adquirir alguma coisa.

— E quanto ao terceiro paciente? — perguntei.

— Aquele — Gull franziu o cenho. — Aquele me incomodava. Não era bêbado, nem bronco, e falava. Falava bastante. Não sobre si mesmo, mas sobre sua namorada. Do que ela precisava, como imaginava que pudesse dar isso a ela.

— E do que ela precisava?

Gull dobrava e desdobrava os óculos.

— Orgasmos. Aparentemente ela não conseguia ter orgasmos, e ele estava determinado a resolver o problema.

— Ele pediu sua ajuda nisso?

— Não. Essa é a questão. Não queria nada de mim, achava que sabia tudo. Muito agressivo, muito... não era um homem agradável. Embora tentasse ser. Tentava falar de modo inteligente.

— Ele não conseguia levar isso a cabo.

— De modo algum. Simulando a coisa... o típico charme antissocial. Se você já teve experiência com sociopatas, sabe o que quero dizer.

— Pretensioso — arrematei.

— Isso mesmo, o protótipo da pretensão anti-social. — O corpo de Gull relaxou. Fingindo que éramos colegas tendo uma conversa clínica. — Uso floreado da linguagem, exageradamente solícito.

Representando ser civilizado e pensando que estava me transmitindo isso. Nada além de fantasias. — Ele bufou.

— Sádico?

— Dominância, cativo e, sim, eu diria que um toque de sadismo. Ele falava sem parar sobre amarrar a mulher e fazer amor com ela de maneira agressiva pelo tempo que levasse para extrair orgasmos do corpo dela. Ele não usou a expressão “fazer amor”.

— Cara durão no sexo — comentei.

— Suas fantasias envolviam múltiplas penetrações, uso de objetos. Tentei fazê-lo direcionar as necessidades daquela mulher, sugeri que talvez ela precisasse de alguma ternura, alguma intimidade, mas ele riu disso. Seu plano era, citação dele: “penetrá-la por todos os meios até que ela gritasse por misericórdia”.

Ele sorriu com fadiga ensaiada. Toda a relutância acerca de falar sobre os pacientes havia desaparecido.

— Eu, por minha vez, não podia ver qualquer dessas coisas ligada a redução de reincidência, e quando ele parou de aparecer, falei a Mary que já estava farto do programa e das pessoas nele envolvidas.

Ele pôs os óculos de volta no bolso, enlaçou as mãos e inclinou-se para a frente.

— Você precisa entender. Eu nunca fiz nada para ferir Mary. Nunca.

— Então você atendeu apenas três pacientes do Sentinelas da Justiça — eu disse. — Por quantas sessões, no total?

— Creio que 12... com certeza não muito mais do que isso. Lembro de ter pensado que, além de ser desagradável e improdutivo, o projeto ia jogar dinheiro fora. Acho que o total cobrado não chegava sequer a 500 dólares. Eis por que sua cifra de 300 mil dólares é absurda. E o dinheiro não ia para a Marina del Rey, ia para Mary no escritório, ela depositava o cheque do Estado e me pagava em dinheiro. Vocês realmente precisam checar seus fatos, senhores.

— Mary era a tesoureira.

— Pode-se dizer que sim.

Milo retirou várias folhas de papel de sua pasta e passou-as para mim. Mostrei a foto do arquivo criminal de Raymond Degussa.

— Sim, é ele, Ray — confirmou Gull.

— O Sr. Dominância. Ele assentiu.

— Ele matou Mary?

— Por que pergunta?

— Porque ele me impressionou como alguém claramente capaz de violência. O modo como se portava, o modo de sentar, caminhar... como um animal mal adestrado. — Ele estudou a foto. — Reparem nesses olhos. Ele me deixava desconfortável. Conte isso a Mary. Ela riu, falou que não havia nada com que se preocupar.

— A namorada de quem ele falava — perguntei. — Ele mencionou o nome dela?

— Não, mas eu a vi. Pelo menos presumo que fosse ela.

Você presume?

— Pouco depois que Ray parou de vir se consultar, eu o vi com uma mulher. Ele a enlaçava com o braço. Ele parecia... hã, proprietário.

— Onde os viu? — perguntei.

— Aconteceu de eu ir à sala de espera para chamar minha paciente, e os dois também estavam sentados lá. De início pensei que fosse algum problema de agenda, que Ray estava aguardando uma sessão. Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Mary saiu e a mulher foi com ela.

— A garota era paciente de Mary.

— Aparentemente.

Mostrei-lhe uma foto de Flora Newsome, viva e sorrindo.

— Sim — concordou ele. — Meu Deus, o que é tudo isso, afinal?

— Você viu essa mulher com Degussa em outras ocasiões?

— Só uma vez, enquanto eu chegava ao prédio e eles saíam da área de estacionamento. Fiquei surpreso com o modo como ela parecia. Dando confiança para a pessoa sobre a qual falamos. Um homem como aquele. Eu teria esperado alguém um pouco mais... óbvio.

Um cafetão — completou Milo.

— Aquela mulher era... ela parecia uma bancária.

— Era professora — informei.

— Era — replicou Gull. — Você está dizendo... Meu Deus, até onde isso vai?

— Sabendo que Degussa era um gangster, você contou a Mary as fantasias dele a respeito da paciente?

— Não, eu não poderia. A confidencialidade. Era uma coisa em que nos mantínhamos inflexíveis. Nós três. Uma vez fechadas nossas portas, era isso. Nenhuma troca de informações sobre os pacientes.

— Você via Degussa como uma ameaça a Flora Newsome?

Flora — repetiu Gull. — Então é esse o nome dela... bom Deus.

— Ele pegou outro lenço de papel. — Não havia nada a alertar ninguém a respeito. Nada que sequer chegasse perto de um nível Tarasoff. Ele nunca disse que queria machucá-la, queria apenas fazê-la gozar.

— Fazê-la gritar por misericórdia — lembrei.

— Tomei isso como uma metáfora.

— Sendo ele um tipo poético — disse Milo.

— Ele a matou? — perguntou Gull. — Estão dizendo que ele realmente a matou?

— Alguém o fez.

— Meu Deus. Este é o meu pior pesadelo.

O dela foi pior — disse Milo.

Ninguém falou por um momento, então Gull indagou:

Ele a atacou sexualmente?

— Nós faremos as perguntas — retrucou Milo.

— Tudo bem, tudo bem. Deus, isso está me drenando. Vou ficar seco. — Gull se levantou de novo, serviu dois copos de água e bebeu ambos. Seu rosto estava lustroso. Líquido que entrava e saía. Um homem de pouca substância.

Quem mais estava envolvido no Sentinelas da Justiça?

Apenas Mary e Albin.

E quanto a Ray Degussa?

— Ele? Vocês estão dizendo que ele era... vocês sabem, agora que mencionaram isso, ele costumava ficar um bocado nas proximidades do escritório, depois que parou com a terapia.

— Onde ele ficava?

— Eu o via caminhando pelo quarteirão, e ele acenava, sorria e erguia o polegar. Como se fôssemos amigos. Presumi que trabalhasse na área.

— Algum dia falou com ele?

— Apenas um olá e tchau.

Um gangster por perto. Isso não o incomodava?

— Mary e Albin estavam tratando criminosos.

— Mas você presumiu que Degussa trabalhasse ali perto. Gull deu de ombros.

— Realmente não presto muita atenção em nada disso.

Quando ocorriam as sessões do Sentinelas?

Acho que depois do expediente.

— De modo a não incomodar a clientela habitual.

Gull assentiu.

— Você, Mary e Albin nunca discutiam detalhes?

— Francamente, eu nem queria saber.

— Por que não?

— Criminosos. Eu os achava insossos. Queria manter distância de qualquer...

— Qualquer o quê? — interrompeu Milo.

— Qualquer coisa desagradável.

— Então você suspeitava de que havia qualquer coisa ilegal em andamento.

Myrna Wimmer interveio:

— Não responda. Poderia estar se incriminando.

— Eu não cometi nenhum ato criminoso — afirmou Gull. Wimmer olhou para ele e calou a boca.

— Advogada — disse Milo —, seu cliente conseguiu um modo interessante de pôr para fora

coisas com que não queria lidar. O objetivo da terapia não é desbloquear toda a negação?

— Tenente, daqui onde estou sentada, vi que meu cliente se mostrou muito cooperativo. Tem

quaisquer outras perguntas que eu considerasse aceitáveis?

Milo fez um aceno de cabeça para mim e mostrei a foto da licença de motorista de Bennett

Hacker.

— E quanto a este homem? Algum dia o viu?

— Eu o vi com Albin umas duas vezes.

— Onde?

— Em Roxbury Park, almoçando com Albin. No mesmo lugar onde vocês se encontraram conosco. Albin vai lá com frequência, disse que o faz lembrar dos parques da Suécia.

— Albin alguma vez o apresentou a este homem?

— Não. Presumi que também fosse um terapeuta.

— Por que isso?

— Não sei, realmente... talvez por seu comportamento.

— Qual era?

— Tranquilo, agradável.

— E quanto a Sonny Koppel? — perguntei. — Qual era o papel dele no Sentinelas da Justiça?

— Sonny? Nenhum, que eu soubesse.

— Mary nunca mencionou algum envolvimento dele? — indagou Milo.

— A única coisa que Mary me contou foi que Sonny era dono de algumas propriedades que ela o convencera a usar como casas de ressociação, e que era onde ela e Albin iam obter seus pacientes. Ela disse que isso tornava tudo fácil.

— Suprimento rápido de pacientes.

— Não acredito que as intenções dela fossem outra coisa que não nobres. Ela sentia que podia fazer algo de bom e ganhar dinheiro.

— Mesmo com as baixas taxas de reembolso. Gull ficou em silêncio. Depois continuou:

— Seja o que for que ocorresse. Optei por não participar. Acho que mereço algum crédito por isso.

— Colocaremos uma estrela dourada na sua ficha, doutor — disse Milo.

— Você está dizendo que Sonny não estava envolvido.

— Duvido que Mary incluisse Sonny em qualquer coisa de vulto. Ele a repugnava. Francamente, Mary estava ciente do que Sonny sentia por ela, e transformou isso numa vantagem. Para obter um

vantajoso arrendamento por nossas salas, para financiar seus próprios investimentos imobiliários.

— Ela pedia dinheiro emprestado a Sonny?

— Emprestado, não. Doação. Ela pedia dinheiro e ele dizia sim. Ela até fazia piada sobre isso.

Dizia: “Eu uso cada parte do porco, exceto os guinchos.”

As unhas de Myrna Wimmer bateram contra a beirada da mesa.

— Não quero pintar um retrato negativo de Mary — disse Gull.

— Ser casada com um homem como Sonny não deve ter sido fácil. Já o conheceram?

— Já — respondi.

— Podem imaginar Mary com um tipo assim?

— Por quê? Sonny era rude com ela?

— Não, nada disso. Pelo contrário. — Gull inquietou-se.

— O quê? — perguntei.

— Para ser franco, Mary gostava de coisas um tanto... ela apreciava ser dominada. De uma maneira amorosa. Desde que chegasse a um ponto de confiança e intimidade.

— Submissão?

— Não, nunca houve uso de cordas, apenas pressão física.

— Subjugando-a.

— A pedido dela — retrucou Gull.

— Sonny não fazia isso.

Sonny não podia fazer. Ela contou que quando estavam casados, sempre que ela pedia para ser dominada, ele ficava impotente na mesma hora. Porque ele precisava ser dominado. Ela via isso como parte do problema geral dele. “Psique fraca, corpo fraco”, era como ela chamava.

Gull bateu no próprio peito.

— Na minha opinião, foi realmente por isso que ela o deixou. Ele não se impunha com ela.

— Portanto ela o usou.

— Ela dizia: “Sonny quer ser controlado, estou fazendo um favor ao manipulá-lo.”

— Mas ela nunca mencionou envolvimento de Sonny no Sentinelas?

— Tudo que mencionou foi que ele era dono dos prédios.

— E quanto a Albin Larsen? — perguntei. — Ele e Mary desenvolveram alguma coisa física?

Gull pareceu ofendido.

— Estou certo que não.

Por quê?

— Albin não faz o tipo de Mary.

Também não-dominante?

— Até onde posso dizer, Albin é assexuado.

— Uma espécie de monge? — indagou Milo.

— Em todo o tempo que conheço Albin, ele nunca expressou qualquer interesse em sexo ou questões sexuais. E faz anos que trabalhamos juntos.

Ocupado demais praticando boas ações — comentei.

— As pessoas canalizam seus ímpetos em várias direções — retrucou Gull. — Eu não o julgo. Sempre vi Albin como alguém que se sentiria confortável num ambiente monástico. Ele vive com muita simplicidade.

Admirável — disse Milo.

— A respeito de todos aqueles nomes — continuou Gull. — Estão dizendo que alguém realmente alega que tratei aqueles homens e cobreis da Medi-Cal?

— O estado da Califórnia alega.

— E ridículo. Isso nunca aconteceu.

A papelada o confirma, doutor.

— Então alguém quer me ferrar, ou está mentindo. Verifiquem minhas contas bancárias... rastreiem o dinheiro ou seja lá como chamam isso. Não vão encontrar quaisquer 300 mil dólares não contabilizados.

Há um monte de maneiras de esconder dinheiro, doutor.

— Bem, eu não saberia quais são.

— A papelada, doutor...

— Alguém está mentindo! — gritou Gull. Milo sorriu.

— Quem poderia ser? Gull ficou em silêncio.

— Algum palpite? — insistiu.

— Tenha cuidado aqui, Franco — aconselhou Myrna Wimmer. Gull inspirou fundo e deixou o ar sair lentamente.

— Vocês estão dizendo que Mary e Albin falsificavam contas em meu nome e embolsavam o dinheiro.

— Você é quem está dizendo isto, doutor. Gull enxugou a testa lustrosa.

— Imagino que esteja. E agora Mary está morta.

— Ela está, doutor.

Gull suave e profundamente não se preocupava mais em enxugar.

— Vocês não podem estar falando sério. — Sua voz tinha mudado. Um registro mais alto, forçado.

— Durante o mesmo período você ostensivamente cobrou 340 mil dólares pela terapia de criminosos, Mary cobrou 380 e Albin Larsen cobrou 440.

— Albin? — repetiu Gull.

— A pergunta é essa — eu disse — Agora vamos trabalhar na resposta.

Capítulo 41

Enquanto descíamos de elevador das alturas do escritório de Myrna Wimmer para o térreo, Milo elogiou:

— Você o espremeu até secar. Parabéns.

— Obrigado — falei.

— Achou desagradável?

— Precisava ser feito.

Enquanto entrávamos no tráfego, ele disse:

— Quando vou à caça e realmente pego alguma coisa, fico faminto. Estou pensando em carne vermelha.

— Tudo bem.

— Não tem nada contra?

— Carne vermelha está bom.

— Tomou um café-da-manhã reforçado?

— Não tomei nada.

— Achou repugnante representar o papel de inquisidor-mor?

— Um pouco fora do meu treinamento.

— Ei — disse ele. — Isso é guerra psicológica. No Vietnã, o exército mandava a gente escrever panfletos.

— Onde vamos comer a carne vermelha? — perguntei.

— Tá certo, vamos mudar de assunto. Wilshire, perto da praia. Tem uma nova churrascaria lá com uma carne maturada deliciosa, mas se você achar repugnante a ideia de um banquete depois de arrasar outro ser humano, eu entendo. Muito embora digam que o ser humano não vale nada.

Agora é você quem está dizendo.

— Gull pode não estar envolvido diretamente na fraude ou nos assassinatos, mas não embarco nessa encenação de inocente útil. Acho que o acordo autorizado pelo promotor-assistente foi um presente. Dois anos de suspensão da licença profissional de Gull em troca de cooperação plena em todos os assuntos civis e criminais concernentes a...

— Mais do que justo — concordei. — Vamos comer.

A churrascaria tinha microchopeiras de torneira e uma sala onde a carne era maturada diante dos clientes, cuja janela panorâmica dava para o bulevar. Uma família de turistas parou para admirar peças de carne pendendo de ganchos reluzentes, e Milo aproveitou o momento para juntar-se a eles. Dois garotos apontavam e riam, e o pai deles disse: “Maneiro.” A mãe opinou: “Eu acho brutal.”

Lá dentro, sentamos num reservado ao fundo e Milo disse:

— Deterioração controlada apura o gosto. Mais ou menos como na vida real.

— A vida real é difícil de controlar. Ele bateu no meu ombro.

— Mais razão ainda para se empanturrar.

Encarando duas montanhas de Steak Delmonico, batatas assadas do tamanho de tênis e uma garrafa de vinho tinto, revisamos o que tínhamos conseguido de Gull.

— Sonny está aparecendo como uma vítima, não como bandido — Milo começou.

— Nenhuma razão para Gull mentir sobre isso. Pelo contrário. Se houvesse um meio de dividir a culpa, ele o teria feito.

— Então talvez Gull não esteja a par da armação, ou Sonny realmente seja apenas um pobre babaca, ainda gamado pela ex. Que por acaso ganhava um monte de dinheiro.

— E não sabia como gastá-lo — acrescentei.

— É, pela bondade de seu coração, Mary o ajudava nisso. Ela certamente gostava das verdinhas, não é? Consultório bem lucrativo, dinheiro extra do ex, e ela ainda arrisca tudo isso participando de uma fraude.

— Talvez houvesse mais do que a atração pelo dinheiro — retruquei. — Talvez fosse a emoção de praticar alguma coisa ilegal. Como dissemos, ela provavelmente racionalizou isso como penalizar um sistema corrupto.

Devorando o bife, ele disse:

— Mulher interessante, a nossa Mary. Cultivava uma identidade como profissional ética e de muita sabedoria, mas não tinha nenhum remorso em enganar Sonny por um subsídio aumentado. Acima de tudo, ela gostava de ser oprimida.

— O poder é uma droga estranha. Às vezes pessoas em cargos de autoridade gostam de ser controladas sexualmente.

— Onde você ouviu isso?

— Eu vi isso.

— Oh. — Ele ensopou de molho uma fatia de pão. — Você acredita que Gull nunca falou com Mary acerca das fantasias de Degussa em relação a Flora?

— Mesmo que não o tivesse feito, Mary tinha que ter alguma ideia do que estava ocorrendo. Flora a procurou para tratamento de falta de reação sexual, e Mary conhecia Degussa da maracutaia.

Sabia que tipo de pessoa ele era. Por tudo que sabemos, Degussa mandou Flora para a terapia. Para resolver a sexualidade dela.

— Brian van Dyne disse que Flora ouvia Mary no rádio.

— Há um monte de coisas que Van Dyne não sabia.

— Noiva com uma vida secreta — concluiu Milo. — Flora enganava os dois?

— Flora conheceu Degussa enquanto trabalhava no escritório de condicional. Ele jogou em cima dela um pouco daquele charme de machão sociopata e ela dispensou Roy Nichols por um cara ainda mais durão. A emoção era um fruto proibido. Então conheceu Van Dyne e começou a pensar em casamento, mas não queria desistir do jogo.

Uma imagem de respeitável professora para exibir à mãe, uma vida torta do outro lado.

— É possível que o assassinato não tenha nada a ver com a fraude — sugeri. — A cena do crime dela foi um bocado mais sangrenta do que todas as outras, e não houve entrada forçada. Para mim, parece como se paixão e sexo tivessem se confundido. Quando falamos com Roy Nichols, você especulou sobre ciúme como motivação. Por que não atribuir isso a Degussa?

— Degussa descobriu sobre Van Dyne e ficou puto — disse ele.

— O cara errado para trair. Bote nisso a incapacidade de Flora para o clímax, e estamos falando de alimentar a raiva. Um cara como Ray Degussa consideraria falta de reação sexual como um insulto pessoal.

— Metendo nela de cada maneira possível. É uma maldita fotocópia do que ele acabou fazendo com ela. E Mary Koppel nunca a preveniu.

— Confidencialidade — mencionei. Ela era excelente nisso. Milo cortou o bife.

— Então eu deveria tirar Flora da lista de fraudadores?

— Não há nenhuma evidência de que ela estivesse envolvida.

— E a mãe dela é uma velhinha adorável.

— Isso também.

— Confidencialidade... Mary não queria pôr em risco o fluxo de caixa. Trezentos e cinquenta mil a mais de uma cobrança superfaturada, e ela e Larsen embolsaram mais 300 que vieram em nome de Gull. O que dá mais de meio milhão para cada um, além do que eles estavam ganhando legitimamente. E Mary tinha uma concessão.

— Mary desprezava Sonny porque ele não sabia aproveitar a vida.

— Ela sabia, tudo bem. Até que não aproveitou mais. A chave é descobrir todo esse dinheiro.

Zevonsky está fazendo a bola rolar com base em intimações financeiras.

— Saber sobre as ligações africanas de Larsen poderia ajudar.

— Aqui há uma esperança. — Ele saudou, acabando com um naco enorme de bife, mastigando lentamente e engolindo. — Como você vê o assassinato de Mary? Ela faz barulho para Larsen, que se sente ameaçado e despacha Degussa para acabar com ela.

— É exatamente o que penso.

Reenchi minha taça de vinho e dei um prolongado gole. Excelente cabernet. A novidade mais recente dos especialistas em saúde foi a de que a bebida faz bem, desde que não se exagere.

Essa era a chave: conhecer os limites.

— Todas essas informações batem, mas ainda estou carente de provas — disse Mílo. — Não consigo sequer obter um endereço de Degussa. O clube em que ele trabalha o paga em dinheiro por debaixo do pano.

— Tente a Marina sugeri. — Flora levava Van Dyne lá para o brunch. Talvez porque estivesse lá com Degussa.

— Bobby J's... é mesmo. Gosto disso, se ela estava fazendo um jogo, seria divertido para ela. Passarei de novo por lá, para mostrar o retrato de Degussa.

Ele puxou suas calças e saímos da churrascaria. Ele devia ter deixado uma gorjeta enorme — gorjeta de policial —, porque o garçom nos seguiu até a calçada, agradeceu-lhe e apertou sua mão.

— Aproveite disse Milo a ele e retornamos ao carro.

— Com o que sabemos agora — começou ele —, eu seria também capaz de obter algum extra pessoal por vigilância perigosa. Isso é bom. Não chega nem perto de um gol de placa, mas é bom.

— É ótimo ver você feliz.

— Eu? Sou sempre um raio de sol. — Como para ilustrar, ele esticou os lábios no que poderia ter sido um sorriso e ligou o rádio na frequência da polícia enquanto seguíamos. O costumeiro recital de ultraje e desgraça, acompanhado de zumbidos atonais

A meio caminho da delegacia, ele lembrou:

— Tem ainda a questão de como Jerry Quick se enquadra na fraude.

— Talvez não se enquadre — repliquei. — Gull o conhece apenas como pai de Gavin, e talvez seja esta a questão. Jerry começou a seguir Gavin Porque Gavin vinha agindo de modo estranho. Gavin não sabia disso, aí viu o pai e anotou a placa do carro. Na mente perturbada de Gavin, todo mundo fazia parte da conspiração.

Gavin estava paranoico?

— Uma lesão pré-frontal pode causar isso.

— Um pai preocupado poderia estar nos ajudando, Alex, não destruindo evidências nem se escondendo. Jerry Quick sumiu... o quê, faz cinco dias? Do que diabo se trata tudo isso?

— Boa pergunta — falei.

— Apenas porque Gull não estava ciente do envolvimento de Quick, isso não significa que Quick fosse virgem. Conseguimos um cara que contrata uma stripper como secretária de fachada, usa celulares pré-pagos, deixa camisinhas em sua bagagem para pôr sal nas feridas da própria esposa, fala mal da cunhada, não paga suas contas em dia. Para mim é exatamente o tipo de cidadão maculado que da adorar algo como o Sentinelas da Justiça. Aceitarei o pai preocupado até certo ponto... o ponto em que Jerry Quick abasteceu Gavin com Christi Marsh. Que acabou morta também. Jerry Quick sabe que se isso vier à tona vai ficar numa grande encrenca com sua família, sem mencionar a lei. Assim, ele se manda e deixa Sheila por sua própria conta. Isso não é Ward Cleaver.

— Fico imaginando como Sheila está se saindo — falei.

— Sempre o médico de cuca. Sinta-se livre para pular fora e fazer alguma terapia. Deus sabe que ela está precisando. Enquanto isso, vou fazer jus ao salário que a cidade me paga.

Um quarteirão depois:

— Devo agradecer por toda a sua ajuda?

— Mais de uma vez.

— Bom, vou voltar a ser civilizado.

Capítulo 42

South Camden Drive às duas da tarde era um bonito cenário.

O clima temperado de Beverly Hills, inalterado pelas estações, belas casas, belos carros, belos jardineiros aparando belos gramados. Acima do quarteirão da residência Quick, um homem idoso

caminhava pela calçada com um grande andador e uma enfermeira filipina magra. Enquanto passávamos, ele sorriu e acenou.

A felicidade tinha muito pouco a ver com o estado dos ossos.

A porta para o branco tradicional estava aberta, e a minivan de Sheila Quick estava ligada na entrada de carros, o cano de descarga soprando delicados bafos de fumaça que se dissipavam rapidamente no ar quente e sereno.

Silhueta de mulher no assento do passageiro. Saltei e me aproximei da van. Vi Sheila Quick sentada rigidamente, parecendo hipnotizada, com a janela levantada.

Ela não me notou. Eu estava a ponto de bater na janela quando uma jovem saiu da casa levantando uma mochila azul de tamanho exagerado.

Congelou ao me ver.

Alta, magra, cabelo escuro puxado para trás num descuidado rabo-de-cavalo. Rosto agradável, menos comum do que na foto de família. Usava uma suéter azul com capuz sobre jeans e tênis brancos. Olhos inclinados para baixo, a mandíbula pronunciada do pai.

Também a postura levemente curvada dele; isso dava-lhe uma aparência fatigada. Talvez estivesse mesmo exausta.

— Kelly? -Sim?

— Meu nome é Alex Delaware. Trabalho para a polícia de Los Angeles...

— Para a polícia? O que isso significa?

Primeiro ano de faculdade de direito, treinada para analisar? Ou havia escolhido a carreira porque se adequava à sua natureza?

— Sou um psicólogo que presta consultoria ao departamento de polícia — expliquei. — Estive trabalhando no assassinato do seu...

Ao ouvir “psicólogo”, ela virou a cabeça na direção da mãe.

— Acabei de chegar à cidade. Nada sei sobre isso. Ouvi uma voz calorosa atrás de mim.

— Oi!

Sheila Quick havia baixado o vidro, acenando e sorrindo.

— Olá, de novo!

Kelly Quick ergueu sua mochila, adiantou-se e se colocou entre mim e a mãe.

— Ele trabalha para a polícia, Kell.

— Eu sei, mãe. — E para mim: — Desculpe-me, mas estamos com alguma pressa.

— Dando o fora por uns tempos? Nenhuma resposta.

— Para onde, Kelly?

Preferia não dizer.

— Para a casa da tia Eileen?

— Preferia não dizer. — Kelly desviou-se de mim, foi até a traseira da van, ergueu a porta da mala, e jogou a mochila. Duas malas enormes já estavam lá.

— Nenhum sinal de Jerry ainda? — perguntou Sheila Quick — Pelo que sei, ele está morto! Ainda calorosa. Mãe.

— Não há necessidade de ser desonesta, Kelly. Já tive desonestidade demais para durar até...

— Mãe! Por favor!

— Pelo menos você disse “por favor”. — E para mim: — Eu os criei para que fossem bem-educados.

— Para onde estão indo?

Kelly Quick se colocou entre nós de novo.

— Estamos com pressa. — Sua boca se retorceu. — Por favor.

— Esta aqui é esperta, nada de errado com seu cérebro — disse Sheila Quick. — Ela sempre foi ótima aluna. Gavin tinha o charme e a boa aparência, mas Kelly passava de ano.

Os olhos de Kelly se enevoaram.

— Podíamos conversar, Kelly? — pedi. — Só por um momento. Cílios adejaram. Um empinar de quadris. Um indício da adolescência que ela mal deixara.

Tudo bem, mas só por um momento.

Caminhamos alguns metros para trás da van. Sheila gritou:

— Para onde estão indo?

— Só um segundo, mãe. — E para mim: — O que é?

— Se estiverem indo para a casa de sua tia Eileen, será bastante fácil de descobrir.

— Não estamos... podemos ir para qualquer lugar que quisermos.

— Claro que podem. Não estou aqui para impedi-las.

— Então o quê?

— Teve notícias de seu pai? Nenhuma resposta.

— Kelly, se ele entrou em contato e lhe deu instruções...

— Ele não o fez. Satisfeito?

— Tenho certeza de que ele a instruiu para não falar. Tenho certeza de que você acha que o está ajudando ao obedecer.

— Não obedeco a ninguém. Penso com independência. Precisamos ir.

— Não pode dizer para onde?

— Não é importante... realmente não é. Meu irmão foi assassinado e minha mãe... ela está tendo problemas. Preciso cuidar dela, é simples assim.

— E quanto a seu pai? Ela olhou para a calçada.

— Kelly, ele poderia estar em uma séria encrenca. As pessoas com quem está lidando não deveriam ser subestimadas.

Ela ergueu a vista, mas olhou para trás de mim.

— Ninguém sabe melhor que você sobre a vulnerabilidade de sua mãe. Por quanto tempo acha que pode cuidar dela?

Sua cabeça girou em direção a mim.

— Você pensa que sabe.

— Tenho certeza de que não.

— Por favor — pediu ela. — Não piore as coisas.

Lágrimas brotaram de seus olhos. Olhos velhos num rosto jovem.

Dei um passo para o lado e ela voltou para a van, assumiu o volante e fechou a porta. Enquanto ela começava a ligar o motor, Sheila balbuciou e gesticulou.

Ânimo festivo. Kelly estava inflexível, as mãos segurando o volante. Não foi a lugar nenhum até que o fiz. Recuei do meio-fio.

Quando cheguei à esquina, olhei pelo retrovisor e a van ainda estava lá.

Milo estava fora, por isso perguntei pelo detetive Sean Binchy.

— Então você acha que o Sr. Quick telefonou para a filha? — ele perguntou.

Seria meu palpite.

— Então ela provavelmente sabe onde ele está. Acha que eu deveria pôr um rastreador na van?

— Verificarei isso com Milo. Quando ele estará de volta?

Ele não disse — informou Binchy. — Falou algo acerca de ir à Marina para almoçar. Acho que há mais do que isso, mas foi o que disse. Em geral ele acaba explicando.

Uma hora mais tarde, Milo apareceu em minha casa e explicou.

— Tomei um drinque legal no Bobby J's. — Ele coçou a barriga.

— Descobri uma garçonete que lembra de Flora e Degussa comendo lá várias vezes. Iam para o brunch e para o jantar. Ela lembra deles porque os achava um casal estranho.

— A professora e o gangster.

— Ela disse que Degussa flertava descaradamente com ela, e Flora apenas ficava sentada lá e aceitava a situação. Ela disse também que Degussa comia engraçado... todo debruçado sobre a comida, como se alguém fosse roubá-la dele.

— Etiqueta da prisão — comentei. — Alguma vez ela viu Flora com Van Dyne?

Não. Ou não era no seu turno de trabalho ou o velho Brian não causava grande impressão. Pontos extras pra você pela dica da Marina. Descobri um endereço lá para Bennett Hacker.

— Pensei que ele morasse na Franklin.

— Uns sete meses atrás ele tinha dois endereços: apartamento na Franklin, condomínio na Marina. Talvez seu refúgio de fim de semana.

— Imagino o que pagava por isso. Deve ter recebido muita propina do Sentinelas.

— O total da conta foi de mais de 1,25 milhão durante o período de 16 meses, de modo que havia bastante grana para todos. Larsen e Mary poderiam ter pago a ele e Degussa um terço e ainda assim ficado com muita grana.

— Talvez fosse por isso que usavam Gull como laranja.

— É trabalho de Zevonsky destrinchar isso. Estou me concentrando em quatro homicídios, significando que quando Bennett Hacker deixar o escritório de condicional hoje, vai ser seguido. Descobri um carro ótimo e discreto na garagem do departamento, pronto para estar no centro em meia hora. Binchy fará contato pelo rádio. Quer ir junto e talvez tirar algumas fotos, se eu estiver com as mãos ocupadas?

— Sorrio e digo xis, como as modelos — respondi.

O carro “ótimo e discreto” era uma caminhonete Volvo cinza-escuro com insulfilme nos vidros e um adesivo com I LOVE L.A. colado no para-choque. O interior cheirava a tabaco e incenso. No assento do carona havia uma câmera Polaroid e cinco rolos de filme. Coloquei-os no colo.

— Carro quente.

— Confiscado de um traficante — explicou ele. — Por mais potente que pareça, ele instalou um turbo compressor.

— Traficantes dirigem caminhonetes?

— A vida é cheia de surpresas. Este era um universitário, vendendo drogas para seus colegas. O pai é cirurgião e a mãe, juíza. Este era o carro dela.

Enquanto seguíamos para o centro da cidade, eu o pus a par do meu encontro com Kelly e Sheila Quick.

— A filha bem-sucedida — observou Milo. — Quick a chamou para casa a fim de ajudar.

— Ele sabe que está em apuros, e quer sua família fora do caminho. E precisa de alguém para cuidar de Sheila.

— Outra estada na casa de Eileen Paxton?

— Quando mencionei isso, Kelly recusou-se a falar.

No sinal vermelho, ele procurou o número de Paxton e ligou para o escritório dela, falou muito pouco, ouviu muito, desligou e trincou os dentes.

— Sheila e Kelly deveriam de fato aparecer na casa dela esta noite, mas Kelly apenas telefonou, disse que houve uma mudança de planos, sem especificar quais eram. Eileen tentou argumentar com Kelly, mas ela desligou e quando a tia ligou de volta, o telefone do carro estava desligado. Eileen contou que Kelly sempre foi teimosa. Segundo ela, Kelly nunca considerou muito grave a deterioração psicológica da mãe. Ela estava a ponto de ligar para mim. Como Sheila lhe pareceu?

— Muito frágil. Tudo que ela achava que tinha está lhe escapulindo. Sean imaginou se deveria pôr um rastreador na van.

— Sean anda vendo muitos seriados na TV. Sheila e Kelly não são suspeitas, são duas mulheres assustadas. E por uma boa razão. Um rastreador iria deixá-las de cabelo em pé. O cacete que vou fazer isso.

Ele pegou a 405, passou para a 10 Leste. Duas saídas mais tarde, disse:

— Fico imaginando se os Quick têm passaporte.

— Fuga da família? Se Jerry poupou dinheiro suficiente, podia ser.

— O que me faz lamentar por ele — disse Milo. — Até pensar em todos aqueles corpos empalados. Por tudo que sabemos, ele já fugiu para algum lugar e está querendo que a mulher e a filha se juntem a ele. Ou ele simplesmente cruzou a fronteira do México.

— Mulher, filha e Angie Paul? — perguntei. Ele estalou a língua.

— É, haveria esse pequeno problema... Mandarei Sean verificar nos aeroportos e patrulhas de fronteira, e depois outra olhada na casa de Angie.

Ele mudou para a faixa de alta velocidade e ligou para Binchy a mais de 100 km/h.

— Sean, tenho algumas tarefas para você... é mesmo? Acha isso? Está bem, certo, pode me passar. — E para mim: — Poderia anotar?

Encontrei um Post-it no porta-luvas e anotei o nome e o número 805 que ele ditou.

Milo deu suas ordens a Binchy e desligou.

— Quando chove, é por causa do El Niño. O que pode ser simplesmente uma dica sólida sobre Christina Marsh acabou de surgir. Tem um cara que alega ser irmão dela, viu sua foto no jornal. Formado na Universidade da Califórnia em Santa Barbara, ele mora em Isla Vista. Quando encerrarmos com Hacker, iremos conferir isso.

O Departamento Correccional da Califórnia, Divisão de Condicional, Região III, situava-se na South Broadway perto da Primeira Avenida, no coração do centro da cidade. Pegamos a 110, saímos da via expressa na Quarta, seguimos para o sul e nos enfiamos na agulha perto da Segunda. Milo me mandara ligar para o escritório de condicional e perguntar por Bennett Hacker.

— Você pode se fazer passar por um condenado?

— Ei — repliquei, aprofundando minha voz. — Não me misture com a multidão, cara.

Ele riu. Acabei me deparando com um correio de voz. Insisti até ser atendido por uma mulher brusca e apressada. Quantos criminosos teriam toda essa paciência?

Ela latiu:

Você é um dos indicados?

— Foi o que me disseram.

— Tem hora marcada?

— Não, mas...

— Vai ter que marcar hora. Ele não está aqui.

Oh, não. Alguma ideia de quando ele estará de volta?

— Ele saiu. Coisa de um minuto atrás. Desisti.

Milo praguejou.

— Três horas e o cara já caiu fora.

— A mulher falou que faz um minuto — eu disse. — Se ele estaciona fora do prédio, talvez possamos vê-lo saindo.

O tráfego não andava. Então se arrastou. Parou de novo. Quatro carros à nossa frente. As sombras do centro da cidade transformavam a calçada em carvão.

— Que diabo. — Milo estacionou a caminhonete. Ele saltou e olhou a Broadway de cima a baixo. A pista da direita estava fechada, bloqueada por cones de cor laranja. Os cones demarcavam

escavações oblongas. O ar cheirava a asfalto, mas nenhuma turma de operários estava à vista.

Milo exibiu seu distintivo para quatro espantados motoristas, guardou-o, observou-os se desviar para a direita, perigosamente perto dos cones. Milo voltou, deu partida e dirigiu através da divisória.

— O poder — disse ele, acenando em agradecimento — é embriagador. — Ele costeu mais dez metros, descobriu um ponto de estacionamento proibido junto a um hidrante circundado por cones, bem diante do prédio da condicional. As calçadas estavam cheias de gente, mas ninguém prestava atenção.

Segundos depois, uma robusta guarda de trânsito se aproximou, bloco na mão. Quando ela chegou junto à janela, o distintivo de Milo apareceu. Ele falou rápido, não dando a ela a mínima chance de réplica. Ela se afastou resmungando.

— Eu a escalaria no elenco de um filme de presídio — comentou Milo. — E a típica matrona implacável e sem coração.

Esperamos. Nenhum sinal de Bennett Hacker.

— Um minuto atrás, hein?

— Talvez haja uma saída nos fundos — sugeri.

Só faltava essa.

Mais cinco minutos. O grande e cinzento prédio governamental, uma multidão entrando e saindo.

Três minutos mais tarde, Bennett Hacker despontou na porta da frente, em meio a outros funcionários.

Era fácil perdê-lo de vista, quando ele se afastou da multidão para acender um cigarro.

Mas quando a visão clareou, ele ainda estava fumando. Usava casaco esporte cinza sobre calça de sarja azul-marinho, camisa azul-escura, gravata listrada de cor de prata e verde-água. Ainda fumando, ele caminhou até um quiosque de cachorro quente.

Milo dirigiu devagar à frente e bati uma foto de Hacker, com a boca cheia de mostarda.

Hacker caminhou mais uma quadra, comendo e fumando. Sem pressa. Sem ligar para o mundo.

Seguir lentamente de modo a não sermos notados era um desafio. O tráfego ou ficava imóvel ou se arrastava à frente. Milo violou um monte de leis de trânsito e conseguiu terminar a tarefa. Eu batia fotos quando tinha o campo de visão desimpedido. Elas revelaram o definitivo homem esquecível: alto, magro, sem cor ou feições marcantes. Um traço a se notar: pés levemente voltados para dentro. Isto lhe dava um caminhar instável, quase de bêbado.

Na esquina seguinte, Hacker terminou o cachorro-quente, jogou o guardanapo de papel engordurado numa cesta de lixo e errou a pontaria. Virou-se sem parar para catá-lo.

— Você conseguiu — eu disse. — Pode detê-lo por jogar lixo na rua.

— Estou mantendo a vantagem. — Milo dobrou a esquina. Hacker entrou num estacionamento externo do município.

— Vamos ficar aqui e esperar até ele sair. Estamos procurando por um Explorer 99. O registro diz que é preto, mas poderia ter mudado.

— Ele tem dois endereços, mas apenas um carro?

— É isso aí.

— Ele não gasta em carros mais incrementados — comentei. Nem em roupas. O condomínio na Marina é o seu prêmio.

— Tem de ser. O cafofo dele na Franklin é um lixo. Um conjugado num edifício antigo de três andares. Fui até lá a noite passada, imaginando ter um lampejo dele, talvez com Degussa. Nada. A caixa de correspondência está cheia. Agora sei por quê. Ele prefere a brisa do mar.

O Explorer era preto tornado cinza por semanas de poeira. Cocô de passarinho se acumulava no teto e no capô.

Bennett Hacker evitou a via expressa e tomou ruas laterais para oeste: através do centro apinhado, para Figueroa, depois rumou para o sul para o Olympic, passando pelo Staples Center e todo o

caminho para a Robertson. Depois à direita na Pico, rumo à Motor, e ao sul para a Washington, onde dava num beco sem saída nos terrenos dos estúdios da Sony. Outra curva à direita, e estávamos a caminho da Marina.

Um caminho tortuoso; levou quase uma hora. Hacker não fez quaisquer tentativas de tomar atalhos ou fazer manobras ousadas. Ele dirigiu devagar, tranquilo, sem sequer mudar de faixa, a não ser que fosse essencial. Ele fumou constantemente, baixando o vidro da janela para se livrar das guimbas.

Milo permaneceu três carros atrás dele, e não houve nenhum sinal de Hacker ter nos notado. Em Palms, Milo telefonou para Sean Binchy e mandou-o esquecer a ideia de juntar-se à perseguição, que não parecia complicada. Binchy era vidrado na burocracia e gostava dela: registros de companhias aéreas, patrulha de fronteira, examinar minuciosamente as declarações de imposto de renda de Jerome Quick.

— Fico contente que goste disso, Sean — Milo lhe falou.

Na Washington, logo a leste de Palawan Way, Bennett parou num 7-Eleven e comprou um Slurpee, e tirei uma foto dele bebericando através de dois canudinhos.

Ainda bebendo, ele voltou para o Explorer, dobrou na Via Marina e passou direto pelo seu apartamento. Jogou a embalagem vazia pela janela, onde ela rodopiou ao longo do meio-fio.

Continuou pela Marina, passou pelo Bobby J's e uma enxurrada de outros restaurantes à beira-mar, e parou num pequeno shopping na extremidade sul.

Lojas de lavanderia automática, de bebidas, de grades para janela, de apetrechos náuticos.

HOG TRAIL MOTOS

Letras gordas, bandeiras fluorescentes acima da entrada da loja anunciavam que uma liquidação estava em andamento. Grandes motos reluzentes, muitas delas remontadas e customizadas, estavam arrumadas à frente como um perfilado coral de teatro.

— Aqui vamos nós — disse Milo. — Um brinquedo novo para nosso funcionário civil.

Fotografei Hacker entrando na loja e continuei clicando enquanto ele saía pouco depois, conversando com outro homem.

Seu acompanhante filou um cigarro. Um cara grande e robusto de camiseta branca e jeans apertados. Botas pesadas. Suas mãos, braços e a camiseta estavam manchadas de óleo.

Múltiplas tatuagens, cabelo preto esticado para trás. Raymond Degussa parecia mais gordo e mais velho do que na sua mais recente foto criminal. Ele havia aparado o bigode, agora grisalho, que enfatizava um pesado lábio superior.

— Muito bem — disse Milo. — O Sr. Ray não tem um emprego regular. Provavelmente outra situação de dinheiro por debaixo do pano, como no clube. Nada de papelada, nada de impostos.

— Olhe o que está no chão a sua direita — falei.

Três rolos de lona preta. Neoprene. Um farrapo tinha sido encontrado na cena do crime de Flora Newsome. O queixo de Milo caiu.

— Não quero forçar a boa sorte — falei —, mas aquela firma ali de grades de janela deve manter muitas barras de ferro em estoque. Pense num shopping de parada eventual.

— Oh, sim — concordou Milo. — Que tal mais algumas fotos? E fui clicando.

Degussa encontrou um pano e limpou as mãos. Bennett Hacker falava, e os dois sopravam a fumaça que desaparecia no ar praiano. Nenhuma expressão no rosto comprido e duro de Degussa.

Depois ele acenou com a cabeça, riu e, a três metros de distância, encestou o pano numa lata de lixo logo depois dos rolos de Neoprene. Cesta de dois pontos. Esse aí sabia arremessar.

Ele tirou a camiseta suada, revelando peitorais musculosos, uma barriga rija e protuberante, ombros, braços e pescoço hirsutos e avantajados, e uma cintura grossa amaciada por algumas pregas. Alguma definição, mas principalmente tamanho. As prisões tinham pesos para malhação, mas nada de máquinas sofisticadas para tonicidade.

Amarfanhando a camiseta, ele voltou para dentro da loja e saiu usando uma camisa de seda preta de mangas curtas que pendia, frouxa, sobre os jeans e as mesmas botas de antes.

— Cara parrudo — comentei. — Imagino se está armado.

O que não me espantaria.

Recarreguei a câmera e bati mais fotos de Degussa e Hacker enquanto eles embarcavam no Explorer. O utilitário fez um contorno em Vilegal, voltou para a Washington, virou ao sul na Inglewood e encostou no meio-fio do Culver Boulevard, diante de um bar chamado Winner.

Uma daquelas obras-primas cor de argila feita de bloco de concreto com um letreiro da Budweiser na única janela com sujeira de mosca e um anúncio acima da porta que informava desconto em bebidas durante a happy hour.

Milo divisou uma vaga do outro lado da rua a dez metros dali. Fez sua própria bandalha em U e estacionou.

Fotografei a fachada do bar.

— Pequeno demais para entrarmos sem ser notados — disse Milo —, de modo que vamos simplesmente esperar.

Uma hora depois, Hacker e Degussa ainda não tinham saído. Mais meia hora. Milo tinha arriscado uma caminhada quarteirão abaixo e dado uma olhada nos fundos do bar.

— A saída dos fundos está aparafusada. Eles terão que sair pela frente.

Enquanto ficamos sentados lá, Milo ligou para Sean Binchy mais duas vezes. Nenhum registro, até então, de que Jerome Quick ou Angela tivessem fugido para algum lugar.

Jerry e Angie.

Gavin e Christi.

Tal pai, tal filho tinham gerado um pesadelo, e vi-me sentindo simpatia por Quick, não importa o que mais ele houvesse feito.

Milo resmungou.

— Nenhum registro na fronteira mexicana, mas que diabo isso significa? Depois do 11 de Setembro, supõe-se que eles registrem cada maldito carro. Mas não o fazem, é ainda aquele estúpido lixo por amostragem. Deixando um buraco enorme por onde Quick passar.

Eu estava ao ponto da comiseração quando um movimento na porta do Winners captou meu olhar.

— A festa começa — falei.

Hacker, Degussa e duas mulheres pararam na calçada enquanto suas pupilas se ajustavam à luz.

Uma loura e uma morena, ambas no final da casa dos 30 anos. Cabelo grande, quadris e busto largos. A loura usava um top preto sobre jeans epidérmicos. O top da morena era vermelho. Sandálias de salto alto davam a ambas um andar afetado que sacudia o traseiro. O álcool acrescentava um pouco de rebolado.

Os rostos uma vez bonitos tinham ficado empedrados por decisões erradas.

Hacker parou para acender um cigarro, e Degussa estendeu os braços em torno das duas mulheres. Agarrou seus peitos. A loura jogou a cabeça para trás e riu. A morena fingiu agarrá-lo pela virilha.

— Classudas — comentou Milo.

Os quatro entraram no Explorer e retornaram ao apartamento de Hacker, entrando na garagem subterrânea através de um portão elétrico.

— Hora da festa — disse Milo —, e mais uma vez não fui convidado.

Capítulo 43

O síndico do prédio era um homem na casa dos 60 anos chamado Stan Parks. Usava camisa branca de mangas curtas e calça cinza. Um diploma em engenharia da Caltech, de trinta anos atrás, pendia atrás de sua mesa. Seu escritório ficava no térreo, perto do elevador, e o estrondo do maquinário sacudia a sala a intervalos.

— Hacker não tem contrato de aluguel, paga mês a mês — informou ele. — Ele e seu colega de quarto.

— Raymond Degussa?

— Raymond alguma coisa. Deixe-me verificar. — Parks bateu nas teclas de um laptop. — Isso mesmo. Degussa.

— Ele se mudou na mesma época em que Hacker?

— Dois meses depois. Hacker esclareceu tudo comigo. Eu falei que não era permitido sublocações, o pagamento tinha que vir dele, nada de despesas repartidas.

— Como eles são como inquilinos?

— São legais. Esses inquilinos mês a mês são os que mais causam encrenca, prefiro os fixos. Mas a deles não é uma das melhores unidades, ficou vaga por um bom tempo.

— O que há de errado com o apartamento?

— Não há nada de errado, simplesmente não é uma das nossas melhores unidades. Não tem vista para a praia, e do jeito como as árvores crescem nessa altura específica do prédio, não se pode ver nada do outro lado.

— Que encrenca ele lhe causou?

Parks franziu o cenho e brincou com um lápis, pontilhando três pontas dos dedos, depois passando a haste entre o polegar e o indicador.

— Olhe, não sou apenas o síndico. Sou semiproprietário. Portanto, se estiver acontecendo algo que afete o prédio, preciso saber.

— Quem é o outro proprietário, senhor?

— Meus cunhados, os dentistas. — O elevador fez a sala vibrar. Parks sentava-se ali, estoico. — Dependo desse negócio. Há alguma coisa com que eu devesse me preocupar?

— No momento não — respondeu Milo. — Que tipo de problemas Hacker e Degussa lhe causaram?

— Neste momento? — disse Parks.

— Quais os problemas, senhor?

— No começo algumas reclamações sobre barulho. Falei com Hacker e o barulho parou.

— Que tipo de barulho?

— Música alta, vozes. Aparentemente eles traziam mulheres, davam festas.

— Aparentemente?

— Fico principalmente sentado aqui — explicou Parks.

— Algum dia viu as mulheres?

— Umás duas vezes.

— As mesmas mulheres? Parks sacudiu a cabeça.

— Você sabe.

— Sei o quê, senhor?

— O tipo.

— De que tipo está falando? — indagou Milo.

— Não exatamente... alta sociedade.

— Garotas de programa. Parks revirou os olhos.

— Hacker paga seu aluguel. Não me envolvo nas vidas pessoais dos inquilinos. Depois daquelas primeiras queixas, eles têm se comportado.

— Quanto é o aluguel do apartamento?

Essa é uma questão de dinheiro. Algum tipo de crime financeiro?

— O aluguel, por favor.

— Hacker paga 2 mil e 200 por mês. A unidade tem dois dormitórios completos e um escritório, dois banheiros e um bar embutido. Do lado da praia custaria mais de 3 mil.

— As mulheres que viu. Reconheceria alguma delas? Parks sacudiu a cabeça.

Todo mundo aqui se ocupa com seus próprios assuntos. Essa é a meta da Marina. Gente divorciada, viúva. Pessoas que querem privacidade.

— Todo mundo cuidando da própria vida — observou Milo.

— Como você, tenente. Você faz todas essas perguntas, não me conta nada. Parece muito bom em cuidar dos seus assuntos.

Milo sorriu.

Parks sorriu de volta.

Milo pediu para ver a vaga de Hacker na garagem. Parks nos conduziu para uma garagem subterrânea que cheirava a óleo lubrificante e cimento úmido. Metade das vagas estavam vazias, mas o Explorer preto se encontrava lá. Milo e eu olhamos através das janelas. Embalagens de comida, uma jaqueta de couro, mapas, papéis espalhados.

— Isso tem algo a ver com drogas? — perguntou Stan Parks.

Por que seria? — disse Milo.

— Vocês estão examinando o carro. Parks se aproximou e espiou através das janelas. — Não vejo nada de incriminador.

— Onde fica a vaga do Sr. Degussa?

Parks nos conduziu pelas vagas até um Lincoln Town Car, grande, quadrado, o modelo antigo. Aros de roda cromados, pintura reluzente, serviço feito por encomenda, um pesado castanho-avermelhado.

— Cor muito feia, não acham? — comentou Parks. — Gastar um dinheirão em reforma e terminar com uma coisa dessas. Posso alguns carros de colecionador, mas de jeito nenhum aceitaria um com esta cor.

“Esta cor” era a coloração exata de sangue seco.

— Feio — concordei. — Quais os carros que tem?

— Um Cadillac 48, um Jaguar tipo-E 62 e um Mini-Cooper 64. Tenho treinamento como mecânico. Eu mesmo faço o serviço.

Assenti.

Parks continuou:

— Por falar nisso, Degussa também pilota uma motocicleta. Guarda ela ali. — Indicou um setor à direita, vagas menores para veículos de duas rodas.

Nenhuma moto à vista.

— Ele paga um extra pela vaga — informou Parks. — Queria que fosse grátis, mas eu disse que custava vinte paus por mês.

— Uma bagatela — observou Milo. Parks deu de ombros.

— Não é uma das melhores unidades, como expliquei.

Deixamos a Marina e Milo pediu pelo serviço de telefonista o número que eu havia anotado e o nome que o acompanhava.

Cody Marsh.

O Volvo era equipado com um sistema telefônico viva-voz, e Milo o utilizou enquanto dirigia, a fim de ligar para o número de Cody Marsh. Dois toques e uma voz informou que ele estava sendo redirecionado para uma unidade móvel. Dois toques adicionais e um homem disse:

— Alô?

— Sr. Marsh?

— Sim...

— Aqui fala o tenente Sturgis.

— Oh, oi. — Recepção de quem bebeu. — Espere, deixe-me desligar o rádio... certo, voltei, obrigado por ligar. Estou no meu carro, descendo para Los Angeles. Tem como me encontrar?

— Onde está?

— Na via expressa 110, voltando de Balboa. O tráfego não parece pesado, mas posso estar em Los Angeles dentro de meia hora.

— Christina Marsh é sua irmã?

— Ela é... era... pode arranjar tempo para me ver? Eu realmente gostaria de descobrir a respeito dela.

— Claro. Encontre-me num restaurante perto da delegacia. Café Moghul. — Milo soletrou o nome e recitou o endereço.

Cody Marsh agradeceu e desligou.

Seguimos direto para o restaurante, chegamos em 25 minutos. Cody Marsh já estava sentado numa mesa de canto, bebendo um chai misturado com leite.

Fácil de distinguir; era o único cliente.

Na hora em que passamos pela cortina de contas de vidro, ele já estava de pé. Parecendo exatamente como se alguém tivesse morrido.

— Sr. Marsh?

— Obrigado por vir, tenente. Quando poderei ver minha irmã... para identificar o corpo?

— Está certo de querer passar por isso, senhor?

— Acho que é minha obrigação. Christi não tem ninguém mais. Ele parecia estar na casa dos 30 anos, com o cabelo castanho ondulado e longo repartido ao meio, vestia uma camisa cinza sob uma jaqueta marrom de couro tornada branca nos pontos de atrito, calça cargo bege amarrotada e tênis brancos. Rosto quadrado rosado, lábios grossos e olhos azuis cansados por trás de óculos com aros de tartaruga. Um cara de 1,80 m com uma incipiente barriga de cerveja. O único indício de parentesco com a garota morta: um queixo com covinha.

— Na verdade, senhor — informou Milo —, não precisa fazer isso pessoalmente. Pode olhar uma foto.

— Ah. Tudo bem. Aonde devo ir para ver essa foto?

— Tenho uma bem aqui, mas devo avisá-lo...

— Olharei a foto.

— O que acha de nos sentarmos? — sugeriu Milo.

Cody Marsh examinou a foto da menina morta. Seus olhos se abriam e fechavam. Ele dobrou os lábios para dentro.

— É Christi. — Ele ergueu o punho, como se para socar a mesa, mas no momento em que o arco se completou, a mão parou, imóvel. Droga!

A simpática dama vestida de sári que dirigia o restaurante voltou-se para olhar. Milo nunca trocou confidências com ela, mas a mulher sabia qual era a profissão dele.

Milo sorriu para ela, que se limitou a dobrar guardanapos.

— Sinto muito por sua perda, senhor.

— Christi — repetiu Cody Marsh. — O que aconteceu Milo pegou a foto e a pôs de lado.

— Sua irmã foi morta dentro de um carro em Mulholland Drive, junto com um rapaz.

— Esse rapaz era um amigo?

— Parecia ser-disse Milo. -Chamava-se Gavin Quick. Conhece ? Cody Marsh fez que não com a cabeça.

— Alguma ideia de por que aconteceu?

— É o que estamos procurando descobrir. Então Christi jamais lhe mencionou Gavin Quick?

— Não, mas Christi e eu não nos... comunicávamos com frequência.

A mulher de sári se aproximou de nossa mesa.

— Apenas chá nesse momento, por favor — pediu Milo. Provavelmente voltarei amanhã para almoçar.

— Seria adorável — disse a mulher. — Teremos sag paneer e o salmão tandoori no especial.

Quando ela se foi, Cody Marsh perguntou:

— Ela pode... Christi pode ser liberada? Para um funeral?

— Isso é com o escritório do legista — disse Milo.

— Tem o telefone dele?

— Ligarei para você. Provavelmente levará alguns dias para pôr a papelada em ordem.

— Obrigado. — Marsh deu um piparote em sua xícara de chá com a ponta de uma unha. — Isso é horrível.

— Tem alguma coisa de útil que possa nos dizer sobre sua irmã? Outro piparote.

— O que gostaria de saber?

— Para começar, quando Christi se mudou para Los Angeles?

— Não posso dizer exatamente, mas ela me ligou cerca de um ano atrás para me contar que estava aqui.

— Vocês são de Minnesota?

— Baudette, Minnesota — confirmou Marsh. — Capital Mundial do Walleye. Pessoas que de algum modo aparecem lá tiram retrato junto com o Willie Walleye.

— Um peixe.

— Um modelo de peixe de 12 metros. Tirei um retrato tão logo pude. Eu me formei na Oregon State, lecionei em escolas primarias por alguns anos em Portland, de modo que pude economizar dinheiro suficiente para me formar em história.

— História — repetiu Milo.

— Aqueles que esquecem o passado estão condenados, e tudo mais.

— Sua estada em Santa Barbara influenciou a vinda de sua irmã para a Califórnia?

— Eu adoraria dizer que sim, mas duvido seriamente. Durante o ano todo só nos vimos exatamente duas vezes. Falamos por telefone três ou quatro vezes. E não mantivemos contato por um longo tempo, bem antes de Christi deixar Minnesota.

— Aquelas duas ocasiões — falei.

— Aqui, em Los Angeles, eu estava participando de um simpósio e liguei para ela. Na verdade, liguei para ela três vezes, mas uma vez ela estava ocupada.

— Fazendo o quê? — perguntou Milo.

Ela não disse.

— Onde vocês se encontravam?

— Jantávamos nos meus hotéis.

— Quais hotéis?

— Isso é importante? — replicou Marsh.

— Qualquer coisa pode ser importante, senhor.

— Bem, o especialista é você. Vejamos, uma vez foi num Holliday Inn em Pasadena, a outra num Holliday Inn em Westwood. Christi me encontrava na cafeteria e chegava vestida de modo totalmente inadequado.

Para um encontro acadêmico. Quero dizer, não é que ela estivesse assistindo às palestras, mas o... o lugar estava repleto de acadêmicos.

— E ela não parecia acadêmica — concluiu Milo.

— De modo algum.

— Inadequado como? — perguntei.

— Na verdade não quero falar mal de minha irmã.

— Entendo.

Marsh deu mais um piparote na xícara.

— Nas duas vezes ela usava blusa frente-única, minissaia, salto agulha, maquiagem excessiva. — Ele suspirou. — Havia docentes por toda a volta, as pessoas ficavam olhando. Da primeira vez deixei passar, imaginando que ela não soubesse o que esperar. Na segunda ocasião, eu disse alguma coisa a ela e foi uma refeição um tanto tensa. Ela foi curta e grossa, anunciou que precisava ir embora e simplesmente saiu sem se despedir. Não tentei segui-la. Depois, percebi que eu havia sido um tanto brusco e liguei para me desculpar, mas ela não retornou a chamada. Tentei de novo, mas o número já estava desativado. Um mês depois ela deu sinal de vida, mas nada mencionou sobre ir embora. Pedi seu novo número, mas ela disse que estava usando celulares pré-pagos... descartáveis, portanto não fazia nenhum sentido anotar o número. Eu nunca tinha ouvido falar disso.

— Ela contou por que estava usando pré-pagos?

— Explicou que era mais simples. Concluí que não tinha uma história de crédito suficiente para conseguir uma linha de telefone fixo. Ou não tinha domicílio permanente.

— A não ser as ruas?

— Não. Acho que estava morando em algum lugar, mas nada permanente. Tentei descobrir, mas ela se recusou a me dizer. Presumi que isto significava que ela achava que eu iria desaprovar.

Outro piparote.

— Provavelmente eu desaprovava. Eu e Christi éramos muito diferentes.

— Ela ligava para você para reatar o contato.

— Ela conseguiu me achar no Departamento de História. Fui até lá um dia e encontrei um recado no meu escaninho dizendo que minha irmã havia ligado. De início, achei que era engano. — Ele piscou. — Não pensava em mim como tendo uma irmã. Christi e eu tivemos o mesmo pai, porém mães diferentes, e não havíamos crescido juntos. Christi era bem mais nova do que eu... estou com 33 e ela tem... tinha... 23. Na época em que ela teve idade o bastante para se relacionar, eu estava na Oregon, de modo que realmente não tivemos um relacionamento.

— Os pais dela estão vivos?

Nosso pai morreu. E também minha mãe. A mãe de Christi está viva, mas tem graves problemas mentais, esteve internada por anos.

Quantos anos? — perguntei.

Desde que Christi tinha 4 anos. Nosso pai era um alcoólatra violento. Até onde me diz respeito, ele matou minha mãe. Fumando na cama, completamente bêbado. Minha mãe também bebia, mas o cigarro era dele. A casa foi tomada pelas chamas, ele conseguiu escapar. Perdeu um braço e parte do rosto, mas isso não pôs um freio em sua bebedeira. Eu tinha 7 anos, fui morar com meus avós maternos. Logo depois, ele conheceu a mãe de Christi num bar e começou uma nova família.

— Graves problemas mentais — comentei.

Carlene é esquizofrênica — informou Marsh. — É por isso que se envolveu com um bêbado com a cara cheia de cicatrizes. Estou certo de que a bebida era tudo que tinham em comum. Estou certo de que beber e viver com meu pai não melhoraria seu estado mental. Fui o sortudo, meus avós eram instruídos, ambos professores, religiosos. Minha mãe recebeu treinamento para ser assistente social. Casar com meu pai foi a sua grande rebelião.

E ele criou Christi depois que a mãe dela foi internada?

— Não poderia ser muito uma criação. Não conheço os detalhes, estava morando em Baudette, e ele levou Christi para St. Paul. Ouvei dizer que ela foi expulsa da escola no ensino médio, mas não sei exatamente em que série. Mais tarde, ela foi para Duluth com ele...

ele estava trabalhando em algum tipo de obra de estrada. Depois voltaram para St. Paul. Uma vizinhança realmente perniciososa.

— Parece que você mantinha uma certa vigilância — observou Milo. I

— Não. Ouvia coisas de meus avós. Filtrava através de seus preconceitos. — Marsh lutou com vários fios de cabelo no rosto, jogou-os para trás e sacudiu a cabeça. — Eles odiavam meu pai, culpavam-no pela morte de minha mãe e por tudo mais que houvesse de errado no mundo. Eles adoravam contar os infortúnios dele em detalhes. A vizinhança decrépita em que era forçado a viver, o fracasso de Christi na escola, sendo expulsa. Christi se metendo em confusão. Estamos falando aqui de opinião formada, não de relato direto. Eles viam Christi como extensão do pai... a semente ruim. Não queriam vê-la nem pintada, não era o sangue deles. Assim Christi e eu ficamos afastados.

— Em que tipo de confusão Christi se meteu? — perguntei.

— A habitual: drogas, más companhias, furtos em lojas. Meus avós contaram que ela foi mandada para um daqueles acampamentos no meio da selva, depois para um reformatório juvenil. Parte disso era a schadenfreude deles: deleitar-se com a desgraça alheia. A outra parte era que no fundo eles se preocupavam comigo, tendo eu os genes do meu pai. Portanto usavam papai e Christi como exemplos negativos. Eles estavam pregando para o convertido, porque Christi representava tudo que eu desprezava acerca de minhas raízes. O lado lixo, como meus avós chamavam. Eu era um bom estudante, bem-comportado, destinado a coisas melhores. E eu embarquei nessa. Foi só depois do meu divórcio... — Ele sorriu. — Esqueci de dizer que em algum lugar ao longo do caminho eu me casei. Durou 19 meses. Logo após o divórcio, meus avós morreram, e me senti inteiramente só. Aí me dei conta de que tinha uma meia-irmã que mal conhecia e talvez eu pudesse parar de ser um babaca virtuoso. Assim tentei entrar em contato com Christi. Apertei minha tia-avó, a irmã de minha avó, até ela me contar que Christi ainda estava vivendo em St. Paul, “fazendo shows burlescos”.

Telefonei para alguns clubes de strip... eu estava motivado, com toda aquela fantasia de reaproximação. Finalmente consegui localizar o lugar onde Christi trabalhava. Ela não se mostrou feliz em me ouvir, muito distante. Então eu a subornei enviando-lhe cem paus de presente. Depois disso, ela começou a me telefonar a cada dois meses. Às vezes para conversar, às vezes para pedir mais dinheiro. Isso parecia incomodá-la... ter que pedir. Havia um lado tímido nela, fingia ser durona, mas podia ser doce.

— Ela lhe deu quaisquer outros detalhes sobre seu estilo de vida? -Só que estava dançando, nunca entramos em detalhes. Quando ela ligava, era sempre de um clube, eu podia ouvir a música ao fundo. Às vezes eu achava que ela soava como se estivesse drogada. Eu não queria fazer nada que pusesse distância entre nós. Ela gostou do fato de eu ser professor. Às vezes ela me chamava de “Fessor. Marsh tirou os óculos e limpou as lentes com um guardanapo. Sem os óculos, seus olhos eram pequenos e fracos.

— Então suas ligações cessaram. No clube disseram que ela tinha ido embora, sem avisar. Não tive notícias dela por mais de um ano, até que peguei a mensagem no meu escaninho na escola.

— Nenhuma ideia do que ela esteve fazendo durante esse tempo? Marsh sacudiu a cabeça.

— Ela disse que já tinha dançado o suficiente para permitir-se relaxar um pouco, mas eu imaginava.

— Imaginava o quê?

— Se ela havia se metido em outras coisas. Tirei isso da cabeça porque não tinha nenhum fato comprovado.

Outras coisas tipo...

— Vender seu corpo — disse Marsh. — Isso era outra coisa que meus avós viviam me repetindo acerca de Christi. Que ela era promíscua. Eles usavam palavras pouco gentis que eu não queria ouvir.

Ele segurou sua xícara e conseguiu tomar mais um pouco de chá.

— Christi tinha criado problemas, mas acho que uma coisa com que ela podia sempre contar era com sua aparência. Foi uma criança extremamente bonita. Magra como um graveto quando pequena, cabelo louro claro caindo abaixo da cintura.

Ele nunca era lavado ou penteado e ela usava roupas descombinadas. Papai não dava uma pista. Às vezes aparecia sem avisar. Meu avô sempre se refugiava em seu quarto e não descia. Vovó chamava Christi de “ouriço de rua”. Como por exemplo: “Chegaram o vagabundo e o ouriço de rua para uma visita. É melhor desinfetar depois as xícaras e os copos.” Em geral eu também escapava para meu quarto. Uma vez... Christi não poderia ter mais que 4 anos e eu portanto tinha 14... ela subiu as escadas, escancarou a porta e lançou-se sobre mim.

Marsh repuxou a pele em volta da mandíbula.

— Abraçando-me, fazendo cócegas, rindo. Um idiota poderia ter visto que ela buscava aproximação. Mas isso me aborrecia. Gritei com ela para parar. Berrei. E ela se afastou de mim, fitou-me com aquele aspecto nos olhos. E escapuliu. Eu realmente a arrasei.

Seus olhos estavam úmidos, mas ele os enxugou.

— Eu estava com 14 anos, o que sabia?

— O que sabe sobre a vida dela em Los Angeles? — perguntei.

— Em Los Angeles ela não me pedia dinheiro, isso posso lhes dizer. — Ele empurrou sua xícara para o lado. — Acho que eu me sentia incomodado. Por causa do que ela poderia estar fazendo para ganhá-lo. Ela estava envolvida com gente má?

— Ela dava a entender? Marsh hesitou.

— Senhor?

— Ela me contava histórias turbulentas — disse Marsh. — A última vez em que nos falamos, pelo telefone...

— Há quanto tempo foi isso? — quis saber Milo.

— Faz três, quatro meses.

— Que tipo de histórias turbulentas?

— Para lá de turbulentas — continuou Marsh. — Ela falava extremamente rápido e imaginei que estivesse se drogando... anfetaminas, cocaína, alguma coisa a estava agitando. Ou pior, poderia estar seguindo o caminho da mãe.

— Conte-nos sobre as histórias — pedi.

— Ela alegava estar trabalhando com agências secretas, fazendo trabalho clandestino, espionando gângsteres ligados com terroristas. Ganhando bastante dinheiro, usando roupas caras... sapatos caros, ela falava um bocado sobre sapatos. As coisas que ela falava realmente não estavam fazendo muito sentido, mas deixei que continuasse. Então ela simplesmente se calou, disse que tinha de ir e desligou.

Ele puxou sua cadeira.

— Foi a última vez que nos falamos.

— Agências secretas — comentou Milo.

— Como eu disse, uma história para lá de turbulenta — replicou Marsh.

— E sapatos eram a fixação dela — eu disse.

— Espionando e usando bons sapatos — continuou Marsh. — Ela até mencionou uma grife, algo meio chinês.

— Jimmy Choo.

— Isso mesmo. — Marsh olhou para nós. — O quê? Era verdade?

— Ela estava usando sapatos Jimmy Choo na noite em que morreu.

— Oh, Deus. E o resto...

— O resto era fantasia — disse Milo.

— Pobre Christi — lamentou Marsh. — Fantasia como doença mental?

Milo relanceou para mim.

— Não — falei. — Ela estava mal orientada.

— Pela pessoa que a matou?

— É possível.

Marsh gemeu, cobriu o rosto com as mãos. Observamos seus ombros se erguerem.

— Pelo menos — disse ele —, ela não estava ficando louca.

— Isso é importante para você?

— Meus avós... eles me criaram bem, num sentido pseudomoral. Mas vim a perceber que eles não eram moralistas. O modo como desprezavam Christi e a mãe dela. Até mesmo papai. Eu o odiava, mas vim a perceber que todo mundo merece perdão e caridade.

Vovô e vovó sempre diziam que Christi ia acabar como a mãe. Faziam piadas sobre isso. “Louca como uma idiota. Tecendo cestos em Bedlam.” Estavam falando de uma criança. Minha irmã. Eu não gostava de ouvir, mas nunca objetei.

Ele agrupou um punhado de cabelo e o torceu firme o bastante para franzir o topo da testa.

— Eles estavam errados. Isso é bom.

— Christi mencionou nomes de pessoas com quem estava trabalhando nas agências secretas? — perguntei.

— Ela disse que não podia. “Isso é segredo, Fessor. É o verdadeiro e tremendo feitiço do poder da mente, Fessor.”

Marsh deslizou a xícara para mais perto.

— Alguém a desorientou... quem?

— Não se pode dizer mais nada a essa altura, senhor — respondeu Milo

O sorriso de Marsh foi resignado, mas acalorou sua face. Um homem tranquilo sendo desapontado.

— Conduzindo sua própria operação secreta?

— Alguma coisa assim.

— Pode pelo menos me dizer o seguinte? Está sentindo algum otimismo acerca de descobrir quem a matou?

— Estamos fazendo progressos.

— Acho que tenho de me satisfazer com isso — disse Cody Marsh. Tem mais alguma coisa?

— Não a essa altura, senhor. — Milo anotou seu telefone e Marsh se levantou.

— Então você ligaria para o legista por mim? Realmente quero ver minha irmãzinha.

Nós o observamos ir embora. Milo comentou:

— Agente secreta, feitiço. Acha que ela poderia ter ficado pirada de repente?

Acho que alguém convenceu uma garota inculta de que ela estava fazendo jogos de espionagem.

Pense nos telefones pré-pagos

Terapia 459

Jerry Quick.

— Ele a juntou com Gavin — opinei. — Talvez ele tivesse decidido a dar-lhe outra missão: espionar seus comparsas de fraude. E se ele estivesse usando um condenado fantasma e sido descoberto, isso explicaria o fato de estar foragido?

Usando Christi como infiltrada.

Ela seria perfeita para a missão. Formação cultural deficiente, simplória, baixa auto-estima, vivendo à margem. Criada por um pai alcoólatra negligente, ela deveria ansiar pela atenção de um homem mais velho. Jerry era um especulador que não pagava o aluguel em dia, mas dirigia um Mercedes e morava em Beverly Hills. Para garotas como Angie Paul e Christi, ele seria um papai com açúcar.

— Christi seria perfeita para algo mais — disse Milo. — Indo a festinhas com Hacker e Degussa e levando informação para Jerry. Comparada com aquelas piranhas que acabamos de ver com eles, Christi teria sido um prêmio.

A mulher de sári se aproximou e perguntou se precisávamos de mais alguma coisa.

— Que tal uns tira-gostos mistos? — pediu Milo. Ela se afastou, bufando.

— O sacana compra Jimmy Choos para Christi — continuou Milo.

— E perfume Armani e vários outros brinquedos — acrescentei.

— Parks alega que não reconheceria nenhuma das mulheres que Hacker e Degussa levavam, mas eu poderia mostrar-lhe a foto de Christi morta. O problema com isso é que ele ficaria meio assustado e iria querer se livrar de Hacker e Degussa, portanto não posso confiar em que fique calado,

Uma bandeja com coisas fritas foi posta em nossa mesa.

Vai nessa?

— Não, obrigado.

— Tudo para mim então. — Ele mergulhou alguma coisa num iogurte coberto de salsa. — Christi não foi morta só porque aconteceu de estar com Gavin. Sua cobertura tinha ido pro brejo. Diabo, talvez fosse ela o alvo, não Gavin, como pensamos no começo. Isso explicaria as implicações sexuais.

Pensei a respeito.

— Degussa empalou homens na prisão, e fez o mesmo com pelo menos três mulheres. Ele não empalou Gavin. Você poderia estar certo, ele concentrou sua raiva em Christi. Mesmo com esse cenário, porém, Gavin foi mais do que uma vítima acidental. Sendo filho de Jerry Quick, ele era um alvo para vingança. Ou Degussa estava repetindo Flora Newsome.

— O que quer dizer?

— O cenário do ciúme — eu disse. — Se Degussa tinha transado com Christi, vê-la fazer amor com Gavin não o teria deixado feliz.

— Degussa estava namorando Flora. Christi era uma garota de programa. Aquele escroto pega vadias em bares, não tem envolvimento emocional.

— Talvez seja ele. Não romanticamente, mas em termos de propriedade. Você mesmo disse: Christi estaria um degrau acima. Jovem, boa aparência, submissa. E se Degussa a quisesse para si? Pense na cena do crime em Mulholland Drive, no modo como os corpos foram achados: o zíper de Gavin estava aberto e a blusa de Christi levantada. Degussa os seguiu, observou-os estacionar, observou-os nas preliminares. Se tudo que queria era uma execução rápida, poderia ter se aproximado antes e feito o serviço. Em vez disso, esperou. Observou-os. A cronometragem foi importante: nenhuma consumação. A mensagem foi: você pode tentar, mas não vai ter sucesso. Ao atirar em Gavin na frente de Christi, ele demonstrou a ela ser o macho dominante. Ela ficou chocada, aterrorizada. Talvez tivesse tentado escapar. Degussa atirou nela também, depois se divertiu com a haste de ferro.

Milo largou o garfo. Parecia que comer era a última coisa que desejasse.

— Quanto mais eu penso sobre isso, mais faz sentido — continuei.

— É uma ação premeditada de um supermachista psicopata que não aceita bem uma rejeição.

Ele pôs o dinheiro na mesa, ligou para Sean Binchy e ordenou-lhe que enviasse mais dois policiais e que fizesse uma vigilância cuidadosa em cima de Hacker e Degussa.

— Não os perca de vista, Sean. — Desligou e esfregou seu rosto. — Se você estiver certo sobre Jerry Quick entregando Christi para Gavin e para Degussa, ele a usou de maneiras que ela não podia imaginar.

Ele pegou um tira-gosto, engoliu, franziu o cenho.

— Porção ruim? perguntei.

— Não. O mundo é que é ruim.

Capítulo 44

Roxbury Park, quatro da tarde.

As mesas de piquenique. Sombra dos olmos chineses e um sol poente tornando a sequoia da cor de asfalto velho.

Naquele fim de tarde, apenas quatro crianças ocupavam a área de recreação. Dois garotinhos, correndo e gritando agitados, uma garota começando a andar, de mãos dadas com a mãe, subindo as escadas de um escorrega de corcova dupla e deslizando para baixo. Várias vezes. Outro garoto, pensativo, sozinho, pegando areia com as mãos em concha e deixando-a escorrer por entre seus dedos finos. Três babás de uniforme discutiam alguma coisa com prazer e animação. Dois gaios grasnavam e tordos os imitavam. O tráfego no Olympic estava distante e abafado.

O furgão de sorvete de dez anos de uso, que do branco original passara a cinza, estava estacionado diante da cerca. Os flancos do furgão eram decorados com anúncios pintados à mão das delícias açucaradas em cores improváveis. Uma declaração de propriedade em caligrafia elaborada dizia:

GLO-GLO SOBREMESAS CONGELADAS, PROP RAMON HERNANDEZ, COMPTON CALIFÓRNIA.

Diante do assento do passageiro estava um refrigerador, estocado com sacolés, sanduíches de sorvete, e picolés. Caso alguém pedisse.

Até então ninguém tinha. As poucas crianças e a hora tardia combinavam-se para desestimular o comércio. E também a posição do furgão, fora da vista da área de recreação.

Estacionado perto o bastante para ter uma visão nítida das mesas de piquenique.

No assento do motorista posicionava-se um detetive chamado Sam Diaz, um técnico especializado do Parker Center. Com anos, encorpado, bigodudo, Diaz usava suéter branca sobre calças baggy brancas de algodão. Uma bolsinha de moedas pendia de sua cintura. No seu bolso tinha uma licença para comerciar alimentos identificando-o como Ramon Hernandez e uma carteira cheia de notas pequenas. Sob a suéter repousava sua 9mm no coldre subaxilar.

Embutido no painel do veículo havia 40 mil dólares de equipamento de gravação externa a longa distância. Do tipo que a National Geographic usa para registrar cantos de pássaros. O som dos microfones foi baixado e a sinfonia dos gaios e tordos reduziu-se a pios. O mesmo se deu com o barulho da área de recreação: gritos estridentes de alegria e o murmúrio de vozes adultas baixaram.

O equipamento era difícil de localizar, a não ser que alguém entrasse no furgão e visse todos os botões e os fios que corriam debaixo da divisória que separava os assentos da área de estocagem na traseira. Um buraco tinha sido cortado na divisória, coberto por uma porta de correr, agora aberta. As portas do furgão estavam trancadas, e as janelas cobertas por várias camadas de insulfilme mais escuro

que o limite legal. Serviço apressado, porque parte do insulfilme tinha se franzido nas beiradas. Por que alguém se daria ao trabalho de disfarçar um furgão de sorvete era a pergunta óbvia, mas ninguém estava perguntando.

Milo e eu sentávamos atrás, em dois assentos de vinil tirados de um Toyota apreendido e pregados no chão. Outro serviço apressado; o estofamento rígido balançava e rangia quando nos movíamos, e ficar imóvel estava enlouquecendo Milo. Ele acabou com dois sanduíches de sorvete e um saquinho de amendoim, fez uma bola com as embalagens e jogou-a num canto, resmungando.

— A gulodice comanda.

Atrás do furgão, havia uma alameda, e além desta os pátios dos fundos com cercas altas das belas residências de South Spalding Drive. Através de uma minúscula abertura em forma de coração cortada no insulfilme das portas traseiras do furgão, podíamos ver 15 metros de cada lado. Durante a hora em que estivemos ali, oito carros haviam passado. Nenhum movimento nas casas, como já era de esperar, em se tratando de Beverly Hills.

Aparafusado do nosso lado da divisória estava um pequeno monitor de TV em cores com um leitor digital que marcava a passagem do tempo. Não havia insulfilme. O verde brilhante de Beverly Hills tinha desvanecido para verde-oliva, os troncos das árvores estavam cinzentos, o céu com um tom amarelo-manteiga.

Um alto-falante que pendia de um gancho metálico à direita do monitor fornecia os efeitos sonoros.

O único som, agora, era o de Franco Gull mudando sua posição no banco de sequoia. Ele brincou com o cabelo, deixou o olhar se perder na distância, examinou o tampo da mesa. Pelejando para parecer desinteressado, enquanto tentava bebericar café numa xícara da Starbucks. Xícara grande, grande wegfe gigante, ou seja lá como eles chamem.

Durante nosso segundo encontro, ele se esforçara para ser amigável. Dizendo-me que compreendia que eu tinha boas intenções. Deixou escapar que havia suspeitado de que “alguma coisa não estava correta” com o programa Sentinelas da Justiça, mas que não sabia o que fazer a respeito.

Grato por seu acordo. E este foi o seu pagamento.

O microfone em miniatura que transmitia seus ocasionais suspiros estava afixado debaixo da mesa de piquenique.

Grampear a mesa foi a maneira óbvia de prosseguir. Sam Diaz deu uma olhada em Gull e disse:

— Do modo como ele sua, se eu o grampeasse ele poderia ser eletrocutado

A parte isso, a ansiedade de Gull não era nenhum problema. Era esperado que ficasse nervoso. Agora, ele esperava. Todos nós esperamos.

Às 17h05, Diaz disse:

— Peguei alguém se aproximando do lado de Roxbury... do outro lado do campo de bocha.

Uma figura masculina, anônima podia ser vista no quadrante superior direito do monitor. Depois mais baixa, mais larga, à medida que avançava. Enquanto o homem se aproximava do banco de Gull, Albin Larsen ganhou forma. Naquele dia usava um casaco esporte cor de trigo, camisa e calça bege. Pelo menos foi o que presumi no monitor embotado.

— É ele — afirmou Milo.

— O Sr. Bege — disse Diaz. — Eu poderia ter usado preto e branco.

— É, ele é um tumulto.

Quando chegou ao banco, Larsen cumprimentou Gull com um leve aceno. Sentou-se sem dizer nada.

Diaz girou um botão e os sons de pássaros ficaram mais altos.

Gull disse: “Obrigado por vir me encontrar, Albin.” — O alto-falante tornava a voz de Gull metálica.

Larsen disse: “Você parece inquieto.”

Gull: “Estou, Albin.”

Larsen cruzou as pernas e relanceou para as crianças. Só restavam dois garotos e uma babá.

Diaz girou outro botão e sua câmera deu um zoom enquadrando o rosto de Larsen. Passivo.

Insensível.

Diaz recuou o zoom, enquadrando os dois.

Gull: “A polícia andou me interrogando, Albin.”

Larsen: “Sério?”

Gull: “Você não parece surpreso.”

Larsen: “Presumo que seja sobre Mary.”

Gull: “Começaram perguntando sobre Mary, mas agora eles estão fazendo perguntas que me confundem, Albin. Sobre nós... nosso grupo, nossas cobranças.”

Silêncio.

Gull: “Albin?”

Larsen: “Prossiga.”

Gull: “Sobre o Sentinelas da Justiça, Albin.”

— O cara pensa que é um ator — disse Milo.

— Hoje, ele é.

Albin Larsen ainda não havia respondido.

Ouvimos os cantos dos pássaros, um grito de alguém com 3 anos de idade.

Gull: “Albin?”

Larsen: “Realmente?”

Gull: “Realmente.”

Larsen: “Que tipo de perguntas?”

Gull: “Qual era a ideia do programa, como ouvimos falar dele, quanto tempo ele esteve em andamento, e sobre a participação de nós três. Depois passaram para o lado pessoal, e é isso que está me incomodando. Quanto eu cobrei, se podia verificar as cifras. Se Mary ou você algum dia me falaram sobre superfaturamento intencional. Eles realmente pegaram firme, Albin. De modo fascista. Parece-me que suspeitam de algum tipo de fraude. Tem alguma coisa que você e Mary nunca me contaram?”

Silêncio. Onze segundos.

Larsen: “Quem fez essas perguntas?”

Gull: “Os mesmos caras que estiveram aqui da primeira vez, junto com algum idiota da Medical.”

Silêncio. Gull chegou mais perto de Larsen, que não se moveu.

— Esse aí é malandro — observou Sam Diaz. — Aposto que é frio como gelo.

Catorze segundos, 15, 16.

Gull: “Alguma coisa está acontecendo, Albin? Porque, se estiver, preciso saber. Sou o único que estão perturbando, e não sei o que contar a eles. Existe algo que eu deveria saber?”

Larsen: “Por que deveria?”

Gull: “Eles... eles dizem que estou muito confiante. Como se realmente por dentro de alguma coisa. Sei que você e Mary queriam que eu atendesse mais pacientes do programa, mas lhes disse que realmente não estava a fim. Então por que estão incomodando a mim! Não tive nada a ver com o programa.”

Silêncio. Nove segundos.

Gull: “Certo, Albin?”

Larsen: “Talvez eles pensem que você soubesse mais a respeito.”

Gull: “Não sei.”

Larsen: “Então não deveria ter nada com que se preocupar.”

Gull: “Albin, existe alguma coisa com que eu devesse me preocupar?”

Larsen: “O que disse a eles sobre suas faturas?”

Gull: “Que cobreí pelos poucos pacientes que atendi, e foi só isso. Não acreditaram, pude ver no rosto deles. Chamaram-me de mentiroso e disseram que achavam difícil acreditar no que eu estava contando. Muito embora fosse verdade... você sabe disso, Albin.”

Onze segundos.

Gull: “Vamos lá, Albin, existe alguma cobrança de que eu não tenha conhecimento?”

Larsen: “Isso realmente o está incomodando.”

Gull: “Não venha bancar o psicólogo comigo, Albin.”

Larsen pôs a palma de uma das mãos sobre o coração e sorriu debilmente.

Gull: “Faço uma pergunta direta a você, que responde com ‘Isto realmente o está incomodando’ . Passei um aperto com aqueles fascistas. Esta não é hora de babaquice psicológica, Albin.”

Dezesseis segundos. Então Albin Larsen se levantou.

— Epa — disse Sam Diaz.

Larsen se afastou vários metros da mesa, as mãos unidas às costas. Mais perto da área de recreação. Um professor imerso em profundos pensamentos.

Franco Gull olhou para trás na direção do furgão. Uma expressão desamparada tomou conta de seu rosto úmido. Olhando direto para nós.

— Idiota! — xingou Milo.

Larsen voltou à mesa e sentou-se.

Larsen: “Você está obviamente perturbado, Franco. A morte de Mary e o que ela significa para nós são perturbadoras.”

Gull: “É isso aí, Albin. Tive a sensação de que eles, a polícia, acham que a morte de Mary teve algo a ver com o programa Sentinelas. Sei que parece loucura, mas se é o que eles pensam, quem sabe até onde isso vai levar?”

Quatro segundos.

Larsen: “Por que acha que imaginam isso?”

Gull: “Você é que deve me dizer. Se sabe alguma coisa que eu deveria saber, você precisa me dizer, é mais do que justo. Meu rabo está assando. Você faz alguma ideia de como tratam você quando é suspeito de alguma coisa? Eles me telefonam sem parar, me fazem cancelar consultas e chegam do nada para me interrogar. Já estive algum dia numa delegacia policial, Albin?”

Larsen, sorrindo: “De vez em quando.”

Gull: “É, provavelmente em algum lugar da África, ou seja lá onde for. Mas você não era um suspeito. Posso lhe dizer. Não é nada agradável.”

Treze segundos.

Gull: “Eles chamam isso de entrevistas, mas é interrogatório. Juro, Albin, eu me senti como um personagem da porra de um filme. Uma daquelas coisas kafkianas, hitchcockianas, tudo acontecendo com um tolo inocente, como eu.”

Larsen: “Isso soa pavoroso.”

Gull: “É horrendo. É dilacerante... está começando a afetar meu trabalho. Como diabos posso me concentrar nos pacientes quando a próxima mensagem na secretária eletrônica pode ser deles? E se eles começarem a me mandar papelada... intimações, ou coisa parecida? E se tentarem passar um pente fino através de meus registros?”

Larsen: “Eles usaram a palavra intimação?”

Gull: “Como vou lembrar? A questão é que eles estão fuçando como porcos no lixo.”

Larsen: “Fuçando. E disso que se trata.”

Gull: “Albin, sinto que não estou me comunicando com você.” Ele agarrou os ombros de Larsen. Este não se moveu e as mãos de Gull o soltaram. “Por que eles estão se referindo ao Sentinelas? Conte-me a verdade: o que você e Mary fizeram?”

Silêncio. Seis segundos.

Larsen: “Estávamos tentando injetar um pouco de compaixão no sistema de justiça criminal americano.”

Gull: “É, é, sei de tudo isso. Refiro-me a detalhes práticos. As contas. É a isso que estão se agarrando. Eles simplesmente chegaram e disseram que suspeitam de fraude na Medi-Cal, Albin. Vocês estiveram adulterando as contas?”

Larsen: “Por que eu faria isso?”

— Vigarista escroto — disse Milo.

Gull: “Não sei. Mas eles suspeitam de alguma coisa. Antes que isso escape de controle, preciso saber se há algum fundo de verdade nas suspeitas deles. Mesmo se houver algum tipo de erro com a papelada. Você ou Mary fizeram alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse servir de combustível para eles? Porque acho que estão atrás de sangue, Albin. Realmente acho. Creio que a morte de Mary os levou a pensar numa direção totalmente bizarra. Obsessiva. Como aquele paciente de Mary que morreu... você sabe... aquele que tratei. Gavin Quick. O garoto era um obsessivo-compulsivo de mão cheia, além de todos os seus outros problemas. Fiquei feliz em passá-lo para Mary, mas juro, Albin, ao lidar com esses tipos comecei a sentir que estava entrando à força em algum dramalhão sobre distúrbio obsessivo-compulsivo. As mesmas perguntas, vezes sem conta, como se estivessem tentando me quebrar.”

Dezoito segundos.

Gull: “Você não está dizendo nada.”

Larsen: “Estou ouvindo.”

Gull: “Ótimo... você sabe como é com a obsessão. O paciente mete uma coisa na cabeça e continua insistindo nisso. Tudo bem quando você é o terapeuta e pode estabelecer limites. Mas sendo a parte receptora... eles não são nada sofisticados, Albin, mas são persistentes. Percebem o mundo em termos de caçador e presa, e não tenho nenhum respeito pela profissão deles.

Estou me sentindo como se fosse a presa e não quero isso. E acho que você também não quer.”

Larsen: “Quem haveria de querer?”

— Quanta empatia — comentou Milo.

— Se este cara passasse pelo detector de mentiras, as agulhas nem iam tremer — observou Sam Diaz. — Gull, bem, ele faria a máquina explodir.

Gull sacudia as mãos. Diaz recuou a câmera alguns metros, estabelecendo o contexto postural.

Larsen ficou simplesmente ali sentado.

Trinta e dois segundos de silêncio até que:

Gull: “Preciso dizer que estou me sentindo um pouco... descartado, Albin. Eu lhe fiz perguntas substantivas e você não me deu nada além de reafirmações brandas.”

Larsen pôs a mão no ombro de Gull.

Larsen, com voz gentil: “Não há nada que eu possa lhe dizer, meu amigo.”

Gull: “Nada?”

Larsen: “Nada que mereça preocupação. Nada que o faça perder o sono.”

Gull: “É fácil para você dizer isto, não é você quem está sendo...”

Larsen: “Você se sentiria melhor se eu falasse com eles?”

Gull: “Com a polícia?”

Larsen: “Com a polícia, com o pessoal da Medi-Cal. Com quem você quiser. Isso o faria se sentir melhor?”

Gull olhou para trás na direção do furgão, depois voltou sua atenção para Larsen, que estava de novo observando as crianças.

Gull: “Sim, a bem da verdade, faria. da me fazer sentir um bocado melhor, Albin.”

Larsen: “Então farei isso.”

Seis segundos.

Gull: “O que dirá a eles?”

Larsen: “Que nada... que nada de errado ocorreu.”

Gull: “E isso é verdade?”

Larsen deu outra batida no ombro de Gull.

Larsen: “Não estou preocupado, Franco.”

Gull: “Você realmente acha que pode esclarecer as coisas.”

Larsen: “Não há nada a esclarecer.”

Gull: “Nada?”

Larsen: “Nada.”

— Sacana frio — reclamou Milo. — Ele não vai revelar nada, ainda mais depois de tudo isso.

A cadeira de Sam Diaz estalou.

— Quer outro amendoim?

— Não, obrigado.

— Talvez eu experimente um daqueles sacolés de laranja. A mista de baunilha parece bem cremosa.

No monitor, Franco Gull passou a mão pelo cabelo. Gull: “Certo, assim espero. Obrigado, Albin.” Ele se levantou para ir embora.

— Não, não, não — disse Milo. — Fique aí, seu idiota.

A única babá que restava recolheu seus pimpolhos e se foi.

Larsen deteve Gull com uma das mãos no seu punho.

Larsen: “Vamos sentar por um instante, Franco”

Gull: “Porquê?”

Larsen: “Para apreciar o ar. Este lindo parque. Apreciar a vida.”

Gull: “Já terminou com seus pacientes por hoje?”

Larsen: “Sim, terminei.”

Nove segundos. Nenhum deles falou.

Com 139 segundos, Sam Diaz informou:

— Homem se aproximando. Do lado de Roxbury, novamente. Outra figura, bem nítida a distância, estava cruzando o parque

em diagonal, vindo do lado leste. Passando pelo gramado, ultrapassando a área de recreação e continuando à sombra dos olmos chineses.

Diaz apontou a câmera para ele, enquadrando-o num zoom.

Homem grandalhão, de ombros largos, peito parecendo um barril. Camisa de seda azul transformada em verde desbotado pelo monitor, usada para fora da calça jeans.

Cabelo preto penteado reto para trás. Bigode ficando grisalho, mas Raymond Degussa tinha raspado o bigode.

— Bandido. Esteja pronto para qualquer coisa, Sam — avisou Milo.

Ele soltou seu coldre, mas não sacou a arma. Abrindo uma das portas traseiras do furgão, saiu e bateu a porta silenciosamente.

Voltei-me para o monitor. Gull e Larsen permaneciam em silêncio. Às costas de Gull estava Degussa, caminhando rumo à mesa de piquenique. Larsen o viu, mas não teve nenhuma reação.

Então Franco Gull virou-se.

Gull: “O que ele está fazendo aqui?”

Nenhuma resposta de Larsen.

Gull: “O que está havendo, Albin... ei, solte minha manga. Por que está me agarrando? Vamos, que diabo está acon...”

Degussa contornou a mesa. Estava a dois metros de distância, alcançando algo debaixo da camisa, quando Gull livrou-se do aperto de Larsen.

Larsen continuou sentado.

Degussa sacou uma pequena arma, parecendo de brinquedo, e apontou-a para Gull. Provavelmente uma calibre 22 barata. Podia jogá-la fora e comprar outra na rua por alguns trocados.

A um metro e meio de Gull, um alvo fácil. Pensei em Jack Ruby abatendo Lee Oswald. Onde estava Milo?

Gull se abaixou, empurrou Larsen na mira da arma de Degussa e gritou por socorro, enquanto se jogava na grama e rolava. A câmera de Diaz continuava estreitamente focalizada.

Degussa contornou Larsen para dar um bom disparo em Gull. Larsen se abaixou, facilitando a tarefa. Gull tentara se levantar, mas estava preso — as pernas enfiadas debaixo do banco de piquenique, o torso retorcido.

Ele colocou as mãos em cima da cabeça, criando um escudo inútil.

Degussa inclinou-se por cima do banco.

Mirou.

Clap. O som de um único par de mãos batendo palmas uma vez.

Um buraco apareceu na testa de Degussa — preto, tingido de marrom-escuro pelo monitor, o mesmo tom de seu Lincoln personalizado. A boca escancarou-se. Ele franziu o cenho, irritado.

Ergueu a arma, ainda tentando disparar. Deixou-a cair e tombou de cara contra a mesa. A 22 voou de sua mão e foi pousar na terra. Albin mergulhou para pegá-la. O homem podia ser bem ágil quando necessário.

— Ah, cara, eu devia estar lá — disse Sam Diaz.

— Onde está Milo?

— Não estou vendo... Estou pedindo reforços e depois caio fora daqui. Você fica aqui dentro, doutor.

Ele entrou na frequência de rádio da polícia. Observei Albin Larsen se apoderar da arma de Degussa. Gull conseguira livrar suas pernas e girou-as na direção de Larsen, errou, pulou para ficar de pé e voltou-se para fugir.

Larsen examinou a arma, depois mirou, dando as costas para a câmera.

Clap. Clap. Dois aplausos. Dois buracos se abriram nas costas do casaco esporte de Larsen, a 2,5cm um do outro, logo à direita da costura central.

Diaz estava dizendo:

— Mais um que se foi. Este é o Código Três-Mais, meu chapa. Larsen se aprumou. Espichou o pescoço, como se afligido por um súbito beliscão. O ponto em seu casaco ganhou uma mancha castanha. A mão direita procurou as costas, coçando uma comichão.

Ele mudou de ideia. Girou, exibindo à câmera um perfil parcial. Sem expressão. Mais um aplauso pavoroso e alguma coisa surgiu no centro do pescoço de Larsen. Na junção da carne rosada do pescoço com a camisa marrom.

Larsen também procurou por aquilo. Seus braços se abriram espasmodicamente e caíram frouxos nos flancos.

Seu corpo cambaleou à frente, na grama.

Gull estava a uns seis metros de distância, olhando fixamente, gritando.

Canto de pássaros no alto-falante.

Vida ainda no monitor.

A xícara de café sequer se movera.

A porta traseira do furgão se abriu e Milo apareceu. Branco como um fantasma, respiração difícil.

— Alguém lá — ele ofegou. — Tem de ser uma das casas na Spalding, de um pátio dos fundos. Tem de ser rifle, eu estava grudado na van.

Diaz voltou para a cabine, abriu a divisória.

— O reforço está a caminho. Vai ser uma parada de longo alcance. Você está bem?

— Sim, estou ótimo.

Segundos depois — 17 segundos, dizia o monitor — ouvimos as sirenes.

Capítulo 45

Bennett Hacker foi dobrado facilmente.

Confrontado com uma montanha de evidências compiladas por Dwight Zevonsky, o investigador de fraudes da Medi-Cal — um cara de 39 anos com a aparência de um estudante de graduação hippie e as maneiras de um grão-inquisidor —, o agente de condicional negociou a revelação plena por uma confissão de culpa de fraude e furto de larga escala que o levou a uma sentença de seis anos numa prisão federal. Na Califórnia, sob isolamento protegido, pois Hacker já havia sido patrulheiro em Barstow e ex-policiais nunca ficavam seguros atrás das grades, mesmo aqueles que faziam amizade com condenados.

A fraude havia ocorrido tal como a teorizamos: Hacker e Degussa procurando residentes das casas de ressocialização cujos nomes pudessem ser registrados como pacientes do Sentinelas. Os condenados eram recompensados com pequenas quantias em dinheiro ou com drogas, podendo, às vezes, não ganhar absolutamente nada. De início, os condenados apareciam para sessões de abertura e um acompanhamento, na sala desocupada no andar térreo. Depois, até mesmo essa etapa foi descartada.

Mais tarde, a população de pacientes havia extrapolado as casas de ressocialização, com Degussa sendo incumbido de encontrar novos recrutas.

— Às vezes usávamos drogas, outras vezes Ray simplesmente assustava os sacanas — explicou Hacker. — Um simples olhar de Ray podia ser o suficiente.

Ele sorriu e fumou. Sabia que fizera um bom acordo. Provavelmente planejava novos trambiques por seis anos.

Milo e Zevonsky sentavam-se diante dele na sala de entrevista. Eu observava através do espelho falso. Antes de ser autuado, as lentes de contato de Hacker tinham sido removidas e ele ganhara óculos baratos de prisão com armação de plástico claro. Grandes demais, os óculos deslizavam pelo seu nariz e faziam seu queixo parecer ainda menor. A gestalt era arrepiante: o nerd malicioso em traje de presidiário.

Hacker tentava contar a história como se ele não fosse um dos protagonistas. Degussa e “seu sócio” recebiam dois terços das contas emitidas em nome de Franco Gull — dividindo aproximadamente mais de 200 mil dólares num período de 16 meses.

— Ray estava insatisfeito — contou Hacker. — Imaginava que se os outros estavam ganhando milhões, ele deveria ganhar mais.

— O que fez ele quanto a isso? — perguntou Milo.

— Ray estava planejando falar com eles a respeito.

— Eles — disse Zevonsky —, referindo-se...

— Aos doutores: Koppel e Larsen.

— Eles estavam encarregados.

— Era tudo deles. Eles prepararam a coisa, me procuraram.

— Como os conheceu?

— Koppel costumava me ver na casa de ressocialização que lhe pertencia. Verificando meu trabalho.

— Ela o procurou — incentivou Zevonsky.

— Isso mesmo.

— E sua tarefa era...

— Assinar meu nome em alguns formulários da terapia. E também indicar bons candidatos.

— Significando?

— Drogados, perdedores, caras que não dessem problemas. — Hacker sorriu. — Ela era uma empresária.

— Ela possuía as casas de ressocialização em sociedade com seu ex — disse Milo.

— É?

— E quanto a ele?

— O gordão? Era dono das casas, mas ele não teve nada a ver com isso.

— Tem certeza de que quer ser gravado dizendo isso? — indagou Zevonsky.

— Estou sendo gravado porque é verdade. Por que mentiria para vocês? — Uma tragada. — Diabo, se pudesse botar mais alguém na parada, o faria. Espalhar a riqueza, fazer algum bem a mim mesmo.

— Talvez você mentisse só por diversão? — perguntou Milo.

— Isso não é divertido. Não chega nem perto de ser divertido.

— E quanto a Jerome Quick? — quis saber Milo.

— Outra vez com isso? O único Quick que conheço é Gavin, e já lhes falei sobre ele. Quem é esse? Irmão do garoto?

Já lhes falei sobre ele.

Contou isso de novo friamente. Gavin rondando o prédio tarde da noite, vendo homens rudes entrando e saindo em visitas de cinco minutos, entreouvindo coisas. Conversas sobre faturas.

Gavin, o pretenso repórter investigativo com lesão cerebral deparando-se com uma história real. E morrendo por causa disso.

— Louco idiota — xingou Hacker.

— Louco idiota porque bisbilhotou constatou Milo.

— E abriu aquela boca imensa. Ele foi e contou a Koppel sobre suas suspeitas. Durante a terapia. Ele nunca tinha visto Koppel com os condenados, de modo que presumiu que ela não estava na parada.

Ela contou a Larsen, disse que cuidaria disso. Larsen não acreditou nela e Ray fez o serviço.

Confidencialidade.

— Quem Gavin viu com os condenados? — perguntou Milo.

— Ray e Larsen.

— Não está deixando alguma coisa de fora? — indagou Dwight Zevonsky.

Hacker tragou o cigarro e assentiu.

— Estive lá ocasionalmente. Meu trabalho era principalmente obter nomes, me certificar de que os condenados eram estáveis.

— Para passar propinas — completou Zevonsky.

— Qualquer coisa.

— Koppel sabia que Gavin ia ser apagado? — disse Milo.

— Não. Como falei, ela achava que podia cuidar disso.

Larsen não acreditou nela.

Larsen não quis esperar.

— Por isso chamou Ray.

— Ray já tinha feito isso antes,

— Matado para Larsen?

Não, para si mesmo.

Quem?

— Caras na prisão.

— E quanto à outra mulher? Pausa.

— Talvez isso, também.

Talvez? — repetiu Milo.

— Não sei com certeza. Ray era assim. Dizia que, quando as mulheres o esnobavam, iam ser perfuradas com a vara. Quando dizia isso, brincava com uma faca. Limpava as unhas.

— Ser perfuradas. Ele usava essas palavras?

— Era... uma espécie de figura de linguagem dele. Quando alguém dava um vacilo, era perfurado com a vara. Ray sabia ser generoso. Quando dividíamos a grana, ele dava às mulheres tudo que elas quisessem. Desde que não o desapontassem.

— Desapontassem como?

— Não fazendo o que ele queria.

— Cara mandão — comentou Milo.

Às vezes era — disse Hacker.

— Então Koppel não se envolveu no assassinato de Gavin.

— Eu lhes disse. Não. Quando ela descobriu, imaginou o que havia acontecido, ficou pirada. Ameaçou acabar com todo o esquema. Larsen tentou acalmá-la, mas ela estava muito perturbada. Acho que o que a deixou mais puta foi o fato de um de seus pacientes ter sido apagado. Ela assumiu isso como uma coisa pessoal.

— Então Ray apagou ela também. Hacker assentiu.

— Ele disse a você que ia fazer isso. Contou-lhe sobre Gavin, também.

— Ei, de modo algum. Se ele me dissesse, eu teria tentado impedir.

— Sendo um cara honrado e tudo o mais — disse Milo.

— Ei — Hacker, piscou. — Eu era o agente de condicional dele,

E quanto a Christina Marsh?

— Ela andava com a gente, uma puta. Ray estava comendo ela. Era stripper e Ray gostava dela porque era idiota e tinha um corpo firme. Ele comprava presentes caros para ela.

— Como o quê?

— Roupas, perfumes. Como eu disse, Ray podia ser generoso.

— Com todo o dinheiro que vocês estavam ganhando, ele podia dar-se a esse luxo.

— O dinheiro corria por entre seus dedos — disse Hacker — O condenado típico,

— Ray comprava sapatos para ela?

— Não me surpreenderia,

— Ele gostava dela.

— Ele gostava do que ela fazia por ele.

— Até...

— Até o quê? — quis saber Hacker.

— Ela também estava lá em Mulholland, Bennett.

— Verdade — concordou Hacker.

— Isto é revelação plena? O acordo ainda pode ser revertido. Hacker empurrou os óculos para cima do nariz,

— O acordo já foi assinado.

— Se distorcer as coisas para se manter de fora disso, rasgaremos os papéis e o enquadraremos num processo.

— Estou me colocando fora disso porque não estava incluído. retrucou Hacker. — Na questão do Sentinelas, sim. Na da ajuda com a papelada, sim. Mas não em Mulholland.

— Você sabia que Ray ia matar Gavin?

Ele nunca me disse isso.

— Deu uma dica — insistiu Milo. — Disse que alguém ia ser perfurado com a vara.

Hacker hesitou. Assentiu.

— Ele contou-lhe a respeito, depois?

— Quem disse?

— Vocês dividiam um quarto.

— Não éramos bichas.

Milo fingiu rasgar uma folha de papel.

— O que ele disse foi: “Resolvi nosso problema.” Não perguntei qual. Mais tarde, dois dias depois, a gente estava se drogando no apartamento, ele estava numa boa e me contou os detalhes. Disse que foi fácil. O garoto ficou surpreso, não opôs nenhuma resistência.

— Por que ele matou Christina Marsh?

— Porque ela estava lá.

— Alguma outra motivação?

— Ele disse que ela o irritou por estar com o garoto.

— Irritou.

— Foi a palavra que ele usou. Ray tinha um jeito... de usar palavras menores para grandes sentimentos. Sei que Christina o irritava outras vezes, porque ele me contou.

— O que ela fez?

— É o que ela não fez. Não estando lá quando a queria. Uma vez, ele conseguiu um pó de primeira, queria dividir com ela, mas Christina não estava disponível. Depois ela fez isso de novo. Disse que estava ocupada. Ray não gostava de receber um não.

— Como Ray a conheceu?

— Em algum bar. Onde ele a pegou.

— Um bar onde?

— Playa Del Rey. O Whale Watch. É um bar onde íamos bastante.

— Christi estava lá — disse Milo.

— Lá mesmo — concordou Hacker. — Pronta para ser pega... palavras de Ray.

— Você transava com ela também?

Hacker riu e fumou, levantou seus óculos de novo, por fim, tirou-os.

— Estou precisando de um tamanho menor.

— Você transava com Christi Marsh, Bennett?

— Não mesmo.

— Por quê?

— Ray não a estava compartilhando.

— Ray algum dia falou sobre alguém chamado Flora Newsome?

— Ela? — Hacker pareceu surpreso. — Sim, ela estagiou num escritório onde eu trabalhava.

— Ray aparecia nesse escritório?

— Sim. Aliás, Ray a conhecia também. Namoraram por algum tempo.

— Aliás — disse Milo.

— Por quê? O que ela teve a ver com qualquer coisa?

— Ela foi perfurada também.

Os olhos míopes de Hacker se arregalaram.

— Está brincando?

— Você não sabia?

— Fui transferido daquele escritório. Era um escritório satélite. Talvez depois de duas semanas.

Flora? Eu gostava dela. Boa garota, tranquila. Pensei até em namorá-la, mas Ray chegou primeiro.

— E Ray não gostava de dividir.

— E ele a dividiu

— Ah, sim — confirmou Milo.

— Muito ruim. — A voz de Hacker baixou de tom. Essa parecia ser a intenção dele.

— Alguma coisa o incomoda, Bennett?

— O que ela fez para emputecer Ray?

— Você não sabe?

— Juro que não.

— Você disse que Ray se achava dono das mulheres.

— Sim, mas, como eu disse, ele apenas ficava insinuando... você está dizendo foi ela? Merda.

— Isso o incomoda, Bennett?

— Claro que sim, eu gostava dela. Boa garota. Depois que Ray disse que não a estava mais namorando, eu lhe disse que talvez lhe desse uma chance. Ele ficou irritado comigo, disse que tapaburacos era coisa de perdedores. — Hacker lambeu os lábios. — Pensei em tentar assim mesmo. Eu gostava de Fora. Mas ninguém quer deixar Ray irritado. Isso saiu nos jornais?

— Não — respondeu Milo. — Um caso que não rendia manchetes.

— Flora — disse Hacker. — Mal consigo acreditar.

— Vocês levavam mulheres para a Marina?

Ideia dele, não minha. Ele devia dividir o aluguel, então pensei: por que não? Temos nossas vidas separadas. Ele pagou um mês.

— Não diga — disse Milo. — E você não reclamou.

— Como eu disse.

— Ray era um bom companheiro de quarto?

— Realmente era. Arrumava sua cama, passava o aspirador. Você conhece detentos, eles podem ser muito asseados. Achava que isso poderia me poupar algum dinheiro. Meu plano era comprar a casa, não ficar pagando aluguel. Meu apartamento era um chiqueiro, você viu. Gosto de água... tem certeza de que essa prisão federal é segura? Não quero ficar perto de ninguém com quem trabalhei na Califórnia. Não quero ter de ficar olhando para trás o tempo todo.

— É bem segura.

Hacker tragou, sorriu. Todos os pensamentos em Flora Newsome desapareceram.

— Algo engraçado, Bennett? — perguntou Milo.

— Estava pensando — respondeu Hacker. — Quando terminarem esses seis anos, vou ser designado para alguém como eu.

Capítulo 46

Passaria um longo tempo antes que toda a história de Jerry Quick fosse contada.

— Talvez nunca — disse Milo.

Havia uma pontinha de falsa esperança. Uma semana depois de eu ter visto Kelly Quick e sua mãe, Kelly cometeu o erro de usar um telefone convencional, não um celular pré-pago, quando ligou de São Paulo. Milo conseguiu uma intimação para a conta de Kelly e rastreou a ligação.

— Staybridge Suites Hotel, São Paulo, Brasil.

— O Brasil não tem tratado de extradição com os Estados Unidos

— comentei.

— Engraçado. Quick se registrou quatro dias atrás com uma mulher, pagou em dinheiro, saiu ontem sem dizer para onde ia. O registro do hotel os lista como Sr. e Sra. Jack Schnell, de Englewood,

Nova Jersey, e tinham passaportes para provar. O funcionário o descreveu como válido de maio a dezembro. Homem grisalho, mulher mais nova, morena, magra.

— Ela tem unhas azuis?

— Acertou na mosca. O funcionário disse que pareciam muito apaixonados. Disse que o Sr. Schnell comprou para a Sra. Schnell um biquíni de tiras e várias outras bugigangas.

— Schnell em alemão significa “rápido” — observei.

— É, eu sei. Ha, ha, ha!

Erro número dois: Um MasterCard pertencente a Sheila Quick foi usado para alugar um quarto num motel Days Inn em Pasadena. Milo e eu dirigimos até lá, vimos Sheila lendo uma brochura junto à piscina, coberta por um robe pesado; nada de biquíni de tiras. Ela parecia pálida e miúda. Nós a evitamos e fomos até seu quarto.

A batida de Milo foi respondida por uma voz jovem feminina.

— Sim?

— Camareiro.

Kelly Quick abriu a porta. Viu Milo, depois a mim.

— Ah, não.

Ela estava descalça, tinha o cabelo preso e usava óculos, e uma camiseta larga cor de oliva com a inscrição FORÇAS ESPECIAIS DO EXÉRCITO DOS EUA. NÓS FAZEMOS O SERVIÇO. Na sua mão estava um volumoso livro jurídico.

— Oi, Kelly — Milo exibiu seu distintivo.

— Eu não fiz nada — disse ela.

— Como estava o tempo em São Paulo? Ela se vergou.

— Ferrei tudo, devia ter usado um pré-pago. Ele vai... — Ela se calou.

— Ele vai o quê, Srta. Quick? Lágrimas inundaram seus olhos.

— Vai ficar desapontado comigo.

Milo a conduziu de volta ao quarto. Duas camas de solteiro bem arrumadas. Latas de refrigerante, embalagens de comida para viagem e roupas femininas por todo lado. Mais livros jurídicos empilhados numa mesa-de-cabeceira.

Milo sentou-se numa das camas.

— Como vão os estudos?

— Está difícil me concentrar.

— Descendo a ladeira?

— Quem sabe?

— Ninguém precisa tornar as coisas difíceis, Kelly.

— Você acha? Deixe-me rir.

— Por quanto tempo planeja viver assim? Tomando conta de sua mãe?

Os olhos de Kelly reluziram.

— Não tomo conta dela. Ela é... não se pode tomar conta dela, pode-se apenas ficar de olho nela.

— Para que não se machuque.

— Seja o que for.

— Ela precisa mesmo de ajuda, Kelly — falei. — E você precisa retomar sua vida.

Ela olhou para mim. Espuma se formou nos cantos de sua boca.

— Você é tremendamente esperto. Diga-me como fazer isto.

— Vamos ligar para sua tia...

— Eileen é uma escrota.

— E também adulta, e mora na Califórnia. Você precisa voltar para Boston.

Seja o que for. — Ela piscou.

— Podemos ajudar você nisso tudo — sugeri.

Claro que podem.

— Para onde foi seu pai? — perguntou Milo

Hã-hã, foda-se a ajuda de vocês... me deixem em paz.

— Essa camiseta — observou Milo. — Foi presente do papai? Nenhuma resposta.

— Pesquisei um pouco, Kelly. Descobri um site onde ele mantinha contato com veteranos do exército. O que o site não disse foi que ele esteve nas Forças Especiais. Qualificado como atirador de elite.

Kelly fechou os olhos.

— Eu mesmo estive no Vietnã, conheço a unidade — continuou Milo. — Ele enfrentou situações muito barra pesada.

— Eu não sabia.

— Aposto que sabia, Kelly. Aposto que o papai lhe contou tudo.

Então você perdeu sua aposta.

— A outra coisa em que minha pesquisa resultou foi que ninguém teve nenhuma evidência de que seu pai algum dia comercializou metais. Você sabe qual era o verdadeiro meio de vida de seu pai, Kelly. Seu mais recente serviço autônomo foi para um cavaleiro da África. Ele lhe contou? Disse o que fez para pagar as contas?

Ela nos deu as costas.

— Ele é empresário. Ele nos sustentou.

— Então, onde ele está agora? Ela sacudiu a cabeça.

— No Brasil — respondeu Milo. — Com uma garota não muito mais velha do que você.

— Ele tem o direito — replicou Kelly. — Deu o melhor de si por... ela. Minha mãe. Você não sabe o que é isso.

— A mamãe é difícil.

— Mamãe... — Ela colocou as mãos para o alto. — Mamãe é quem ela é.

É exatamente por isso que você não deveria ser forçada a ser enfermeira dela.

— Não sou enfermeira dela. Você não sabe do que está falando.

— Olhe — disse Milo —, é só uma questão de tempo. Nós vamos escavar fundo, e vamos descobrir onde ele consegue dinheiro e onde o guarda. Isso acontecendo, qualquer ajuda financeira para sua mãe vai pro brejo.

Kelly o encarou.

— Por que está fazendo isso? Meu irmão está morto, minha mãe, doente e ele se foi. Eu não mereço ter vida?

Você merece. Merece de verdade.

— Então me deixe em paz! — gritou ela. Kelly deitou na cama, enrodilhou-se, enrugou a face e começou a socar o colchão.

Milo deu-me um olhar desamparado.

— Vamos — eu disse.

Paramos no Colorado Boulevard para tomar café e teorizar.

— Portais Bumaya existiu — começou Milo. — Você o viu, eu o vi. Mas ninguém obteve qualquer registro dele entrando ou saindo do país, e aqueles nomes que ele nos deu... de seus supostos amigos? Falsos. Nunca me preocupei em checar. O cara me enrolou direitinho.

— Ele provavelmente foi designado para algum tipo de missão diplomática.

Milo apontou um dedo indicador para mim.

— Outro tiro na mosca. Aliás, no mês passado, uma delegação comercial de Ruanda fez um giro pelo país. O nome de Bumaya não constava da lista, mas que diabo isso significa? Enquanto isso, o Sr.

McKenzie, o cônsul de Ruanda em São Francisco, é atencioso mas não está sendo muito útil.

Tapei meus olhos, depois os ouvidos e a boca.

— Os técnicos foram até aquele pátio de fundos na Spalding. Os proprietários estiveram fora da cidade por um mês, os portões estavam trancados, mas era bem fácil de se pular. Visão perfeita do banco do parque e esconderijo fácil detrás de um grande bananal. Solo úmido, você pensaria em achar pegadas, porém nada. Nem uma simples pegada, nada de cápsulas de projéteis, nenhuma guimba de cigarro.

— Jerry é um profissional — falei. — Prestando serviços para governos estrangeiros. Perfeita transição civil para um veterano inquieto das Forças Especiais.

— Mandei peritos de Beverly Hills vasculharem a casa dele. Acharam resíduo de pólvora e limalha de ferro em um armário na garagem, mas nada de armas. Armário grande, porém, o suficiente para um esconderijo de bom tamanho. Rifles, escopetas, tudo da melhor qualidade.

— Bumaya contratou Quick para vingar os garotos assassinados opinei —, e talvez outras pessoas também. Quick ficou de olho em Larsen, descobriu sobre o esquema, alugou seu tempo. Talvez ele estivesse tentando imaginar um meio de meter a mão no dinheiro fraudulento de Larsen. Como uma abdução, onde ele pudesse forçar Larsen a dar números de senha ou acesso a contas no exterior. Ele ligou Larsen a Mary Lou e Mary Lou a Koppel. Tornou-se inquilino de Sonny como um meio de se aproximar. Então Gavin sofreu o acidente e deu-lhe outra oportunidade: ele sabia que Mary Lou estava envolvida na fraude, mas não tinha nenhuma querela com ela. Ele conversou com Sonny, conseguiu que o recomendasse a Mary Lou. Ao enviar o filho para terapia, isto tornaria sua presença no prédio fácil de explicar. Mary Lou indicou Gull, mas isso não era um bom negócio para Jerry. Você lembra como Gull nos contou que foi Jerry, e não Sheila, quem levou Gavin para a primeira consulta.

— Pai preocupado — disse Milo. — Profissional treinado nas Forças Especiais. E não pagava o aluguel em dia.

— Todo mundo tem suas vulnerabilidades — repliquei. — O dinheiro era dele, bancando um estilo de vida em Beverly Hills com serviços autônomos esporádicos que poderiam ter sido uma forçação de barra. Assim ele estava aparentando respeitabilidade e mantendo uma amante a seu lado. Um pagamento grande lhe teria permitido um tempo para respirar. E por isso que se manteve de olho na fraude. Então Gavin embolou as coisas ao representar seu próprio jogo de espionagem. Anotando placas de carros, inclusive o do pai. Naquela noite, Jerry talvez tivesse seguido Gavin. Ou talvez estivesse fazendo sua própria vigilância sem ter a menor ideia de que Gavin o vira. Talvez Gavin sequer lhe tivesse contado, e Jerry atenuou isso, admoestando o filho. Mas Gavin era obsessivo. Persistiu, foi morto e Jerry sabia por quê, tendo agora outra razão para livrar-se de Larsen. E de um segundo alvo: Degussa. Ele limpou o quarto de Gavin para ver exatamente o que seu filho sabia, bem como para destruir qualquer vínculo com ele. E depois foi se esconder.

— Larsen e Degussa. E eu o levei direto a eles.

— Isso o incomoda?

— Nem um pouco. Você acha que Gavin realmente colocou seu velho contra a parede?

— É difícil saber o quanto eles se comunicavam, a não ser nas tentativas de Jerry para fazer Gavin trepar. Na primeira vez em que encontramos Jerry, ele nos disse que ele e o filho eram íntimos, mas lembro de ter pensado que não soava verdadeiro. Ele parecia distante. O fato de Kelly não ter fugido de imediato também foi estranho. Essa família finalmente se separou, mas foi demorado. O acidente de Gavin não deve ter sido fácil para nenhum deles, incluindo Jerry.

— Você simpatiza com o cara — observou Milo. — Vamos começar dando uma olhada nas rotas de viagem de Jerry e você sabe que encontraremos um monte de gente morta.

— Se for gente como Albin Larsen, eu não verteria uma lágrima Milo sorriu.

— Nós dois estamos julgando valores.

Terapia 489

— É uma qualidade humana.

— Você está dizendo que eu não deveria verificar os registros de viagens dele.

— Estou dizendo que Kelly Quick é uma boa garota. E que pecado ela cometeu além de ser leal aos pais?

— É — concordou ele. — Talvez a garota volte à faculdade e se torne advogada. Seja lá o que for que isso venha a significar no futuro.

E esta foi a última vez em que falamos da família Quick.

Capítulo 47

Sexta-feira, dez da manhã. Allison e eu íamos voar para Vegas em oito horas. Que tal não fazer nada, Alex? (“Que tal algum barulho luz, e perder no jogo dinheiro ganho com muito suor?”)

Pensei em terminar alguma papelada há longo tempo negligenciada e partir com a cabeça leve.

As 11h14 Milo ligou e disse:

— Preciso de um favor, mas, se você estiver ocupado, é só dizer não.

— O que é?

Pelo seu tom de voz, estou chateando você,

— Do que é que você precisa?

— Levei algum tempo para liberar o corpo de Christi Marsh para o funeral. Cody Marsh voltou para Minnesota, descobriu uma trama, e agora está de volta e a caminho do necrotério. Ele tem mais perguntas acerca dos motivos pelo qual ela morreu, e quer me encontrar lá. Eu queria ir, mas, com todo o trabalho sobre Gavin-ChristiMary Lou-Flora e um caso novo... dois traficantes baleados em Mar Vista, estou superatarefado.

— Quando você pegou esse novo caso?

— Três horas atrás. Não tem nada de esquisito, não se preocupe, nada que o incomode.

Resumindo, realmente não tenho tempo para lidar com o velho Cody e dar-lhe a atenção que merece.

— O que devo dizer a ele?

— Não toda a verdade. Enfatize os aspectos positivos de Christi. Deixarei por conta da sua sábia discricção.

— Quando ele estará no necrotério?

— Em duas horas.

— Deixe comigo.

— Obrigado — disse ele. — Como sempre.

Dirigi até Boyle Heights e encontrei uma vaga no terreno em frente ao escritório do legista. Enquanto saltava do Seville, um velho Chevrolet entrou fumegando e encostou ali por perto.

Sonny Koppel saltou, protegeu os olhos da claridade, olhou para o letreiro acima da porta e piscou. Usava camisa amarela de mangas curtas, calça cinza de algodão e tênis brancos. Seu cabelo estava lustroso e o rosto apresentava um rubor não muito saudável.

Ele seguiu para a porta. Parou, me viu e prendeu a respiração.

— Oi — disse ele. — O que o traz aqui?

— Vou encontrar alguém.

— Algo a ver com Mary?

— Não — falei.

— Um monte de gente morrendo — disse ele. — Estou aqui para reclamar o corpo de Mary. Há semanas que venho tentando. Não tenho nenhuma autoridade legal porque não éramos mais casados.

Finalmente consegui vencer as barreiras.

— Isso pode ser difícil.

— O que importa é que me deram permissão. — Ele suspirou. Mary nunca disse o que queria numa situação como essa. Imagino que ficaria contente com a cremação.

Ele olhou para mim, querendo um conselho.

— Você devia saber — eu disse.

— Devia? Não acho. Não creio que saiba muita coisa.

— Você fez o melhor por ela.

— Muito gentil em dizer isso.

— Acho que é a verdade.

Ele bufou por entre os lábios.

— Espero que tenha razão.

Alcançamos as portas de vidro. Segurei uma delas aberta para Koppel passar.

— Obrigado — ele agradeceu. — Tenha um bom dia.

— Você também.

— E um desafio — retrucou —, mas estou tentando.

FIM

Este livro foi composto na tipologia Goudy, em corpo 11/14,
e impresso em papel offwhite 80gmv no
Sistema Cameron da
Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

